

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Dissertação de Mestrado**

Volume 1

**“Eles não têm nada na cabeça...”:**  
**jovens do sertão mineiro entre a tradição e a mudança**

**Vanda Aparecida da Silva**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por VANDA APARECIDA DA SILVA e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 09/02/2000

---

Orientadora  
Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão

**COMISSÃO JULGADORA:**

---

---

---

---

2000

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Si38e Silva, Vanda Aparecida da.  
“Eles não têm nada na a cabeça...” : jovens do sertão mineiro  
entre a tradição e a mudança / Vanda Aparecida da Silva. --  
Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador : Neusa Maria Mendes de Gusmão.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Faculdade de Educação.

1. Juventude. 2. Gênero. 3. Educação. 4. Evasão escolar.  
I. Gusmão, Neusa Maria Mendes de. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

**Resumo:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa sobre a construção das identidades dos jovens de Chapada do Norte – MG, tal como elas se mostram com suas articulações nos “modos de ser, de sentir e de representar-se” visando fornecer pistas para os projetos que pretendam diminuir a evasão escolar e/ou repetência escolar e o analfabetismo na região do Vale do Jequitinhonha – MG; bem como, contribuir para o conhecimento destes jovens do sertão mineiro. Através dos depoimentos, esta pesquisa investiga rapazes e moças entre 15 e 25 anos de idade para descobrir como estes jovens atribuem sentido às suas vidas mediante os cruzamentos de expectativas e frustrações e os conflitos originados por influências culturais externas, tais como TV, rádio, migração sazonal, etc. que comunicam outros significados.

**Abstract:** This is a qualitative research about the construction of identities of youngsters who live in the Chapada do Norte in the state of Minas Gerais; how they show and express themselves in their “way of being, feeling and presenting themselves”, intending to find means to develop projects which diminish school drop-out and/or repeating classes and illiteracy in the region of the valley of Jequitinhonha, MG; as well as to contribute to the knowledge of young people from the sertão. Making use of statements, this research investigates females and males between 15 and 25 years old to find out how they give sense to their lives proceeding from their expectations and frustrations and the conflicts which are rooted in external cultural influences like television, radio, seasonal migration etc which express other meanings.

## AGRADECIMENTOS

Nestas minhas peregrinações pelo Vale do Jequitinhonha (MG) pude contar com o apoio de inúmeras pessoas, às quais gostaria de expressar o meu sincero agradecimento.

Inicialmente à professora Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão, a Neusinha, pela orientação, confiança, pela amizade, pelas sugestões e críticas pertinentes, mas acima de tudo pelo respeito e estímulo. Junto à professora Neusa, encontrei espaço para incorporar a objetividade sem perder a ternura, “esse sentimento do outro”, a possibilidade de experimentar, de refletir sobre os diferentes ângulos que a pesquisa nos impõe.

Agradeço à professora Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini que me influenciou na definição dos sujeitos-investigados neste trabalho e me forneceu sugestões/orientações que se mostraram imprescindíveis.

Este projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, **FAPESP**. Sem esse apoio, este trabalho não teria sido possível. Por isto expresso aqui o meu mais sincero agradecimento, assim como àquele (a) que acompanhou todas as etapas desta pesquisa, o(a) assessor(a), através das análises de meus relatórios, sugerindo, criticando, apontando os problemas, mas também me incentivando, na dose exata, fundamental para que o trabalho frutificasse.

Agradeço às professoras que compuseram a Banca Examinadora do Exame de Qualificação, pelas críticas e sugestões: Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini, FE-UNICAMP e Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi, IFCH- UNICAMP. Também agradeço aos integrantes do GAIA (Grupo de Antropologia Jurídica, Agrária e Ambiental da USP) pelas sugestões, pelo incentivo, principalmente à professora Dra. Margarida Maria Moura. Aos funcionários da secretaria de Pós-graduação da Faculdade de Educação, sobretudo à Nadir; à Lídia, secretária do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação da F.E. e aos funcionários da Biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP. Ao LEIA (Laboratório de Educação e Informática Aplicada) agradeço pela colaboração, principalmente a Eneida Baccaro e professora Afira Vianna Ripper. Aos funcionários do Multimeios e do Setor de Informática da F.E.

Num trabalho cuja pesquisa empírica tem papel fundamental, é imprescindível a presença e colaboração das pessoas. Em cada página escrita há um pouco de alguém com

quem tive contato, conversei, estabeleci amizades e que, de certa forma, colaboraram direta ou indiretamente para que chegasse até aqui. Enfim, há tanto de tantas pessoas gravado em minha memória, que as palavras não darão conta... Por isto lembrá-las é o mínimo a ser feito. Portanto, meu agradecimento à professora Maria Aparecida da Silva Moraes, Rosane Carvalho Messias Monteiro, Fabília Honorato, Paulo Porto, professora Olga von Simson, professora Ana Lúcia Goulart de Faria, Patrícia Dias Prado, Mairise, João Evangelista Rodrigues, Rubens Pinheiro Espíndola, Cláudio Bento, Carlos Figueiredo, Patrícia Guerrero.

Agradeço também aos funcionários da Codevale (Companhia de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha); do setor de Audiências Públicas Regionais da Assembléia Legislativa de Minas Gerais que colaboraram como fontes de informação.

Alguns agradecimentos especiais: em Araraquara-SP sou devedora a Marilda da Silva, amiga competente e grande incentivadora que colaborou na gestação do projeto para o mestrado; em Jundiaí-SP, à Elisabete Cassimiro da Silva, minha irmã, e Célia Rodrigues; em Campinas-SP, à Maria Rita de Assis César, Antonia Donizete Daniel (Tuca), Cristiane Sátiro (Cris), Maria Amália de Almeida Cunha e Maurício Roberto da Silva; em Belo Horizonte-MG, à Rosane Moreira Magalhães, Dona Valdinha e Mônica Miriam Sanches Santos; em Juiz de Fora, à professora Leila Amaral; em Chapada do Norte-MG, à Sonia de Fátima Costa, Zé de Tusia, Zé de Nilza, Dr. Nilton, Paulo e Marta, Dona Conceição, Seu Manoelzinho do Padre (in memoriam), aos funcionários da Achanti (Janete, Leila, Elma, Roberto, Lia, Bubu), professores da Escola Estadual “Monsenhor Mendes” e demais professores na zona rural, funcionários da Prefeitura Municipal de Chapada do Norte, Pedrelina Fabiano Matos, Anísio Reis Lemos Soares, Diná, Simone, Pedro, Rosinha, Valdirene, Suzana, enfim a todos os jovens e adultos que me concederam entrevista, fotos, esperando que eles se reconheçam neste trabalho; assim como, aos demais moradores de Chapada, da cidade ou da roça que tão gentilmente me receberam em suas casas, obrigada.

Finalmente expresso minha gratidão ao apoio emocional de minha família.

*Dedico este trabalho à Antonio Cassimiro da Silva, meu pai (in memoriam), à dona Jardelina, minha avó materna, à Neusinha e ao Odilon – por tudo.*

## SUMÁRIO

### VOLUME 1

<b>NOTAS SOBRE A CAMINHADA</b> .....	01
<b>I – EM BUSCA DA TERCEIRA MARGEM DO RIO</b> .....	10
1.1. Olhares teóricos: o diálogo entre a Antropologia e Educação .....	10
1.1.1. Considerações sobre os conceitos de Cultura, Educação e Identidade.....	12
1.2. Olhares do campo: mergulhos na história, olhos no presente .....	21
1.2.1. A “grande família”, o estranho parente .....	34
1.2.2. “... Por que é que separação é dever tão forte? (...)” .....	39
1.3. Olhares sobre o espaço: a importância da casa e da rua .....	42
1.3.1. A Festa anunciada: o cartaz.....	43
1.3.2. Quando é o dia da Festa .....	49
<b>II – JOVENS DO RURAL NO URBANO, DO URBANO NO RURAL</b> .....	59
2. Rural e Urbano: os entrelaçamentos.....	59
2.1. Socialização, educação e assistência .....	63
2.1.1. Os “rurbanos” e a escola .....	63
2.1.2. O descompasso do passo .....	69
2.1.3. “O pouco com deus é muito...?” .....	75
2.2. Sociabilidade, lazer e experiência .....	81
2.2.1. Olhares enviesados .....	81
2.2.2. O novo e o velho: eterno conflito.....	91
2.2.3. O baile do Pó. Outros bailes: lazer e sociabilidade .....	94
2.3. <i>Culturas juvenis</i> sertanejas ? .....	98
<b>III – SOB OS OLHOS DA FAMÍLIA</b> .....	104
3. “... Minha família é o centro de tudo” .....	104
3.1. Mulher, terra e trabalho .....	107
<b>IV – DA BRINCADEIRA AO SÉRIO</b> .....	116
4. Brincar de seduzir.....	116
4.1. Quando ela chega de surpresa... ..	117

4.2. Casamento com sol quente .....	127
4.3. Relações de gênero, ontem e hoje: as uniões .....	130
<b>V – DE SONHOS E FRUSTAÇÕES: PADECENDO NO PARAÍSO.....</b>	<b>139</b>
5.1. O jovem e seus espaços .....	139
5.1.1. República: a casa provisória.....	139
5.1.2. Dos jovens que estudam fora, de uma mãe que se empenha o máximo .....	142
5.1.3. De campo a campo: jovens migrantes sazonais.....	145
5.1.4. Achanti: cartas, substantivo generoso, “generoso”... ..	152
5.1.5. O teatro: instrumento de transformação, de recuperação da auto-estima .....	159
5.1.6. Ser jovem é... ..	164
<b>VI - DO “ATÉ AQUI...” DA TRAVESSIA.....</b>	<b>174</b>
<b>VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>180</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>190</b>

## **VOLUME 2**

Caderno de Imagens

*“Vou dobrar-me  
à regra nova de viver.  
Ser outro que não eu, até agora  
musicalmente agasalhado  
na voz de minha mãe, que cura doenças,  
escorado  
no bronze de meu pai, que afasta os raios.*

*Ou vou ser – talvez isso – apenas eu  
unicamente eu, a revelar-me  
na sozinha aventura em terra estranha?  
Agora me retalha  
o canivete desta descoberta:  
eu não quero ser eu, prefiro continuar  
objeto de família.”*

[Carlos Drummond de Andrade, *Fim da Casa Paterna*]

## Notas sobre a caminhada

“A gozosa vertigem dos começos –  
esse friozinho bom no estômago –  
aqui encontra lastro, ainda que tênue,  
na realidade tão incômoda.”

(Paulo Henriques Britto, “Trovar Claro”, 1997:11)

Neste trabalho existe um movimento que vem se configurando no ir e vir, tanto na história, quanto na memória da pesquisadora e dos seus sujeitos investigados. O conhecimento do passado tem me reportado para as raízes e, portanto, para sentimentos que muitas vezes serão revividos através do resgate da memória, dos costumes, das práticas de um determinado grupo, dessa história que em nada pode ter sido homogênea, passiva ou mesmo pacífica no que diz respeito aos caminhos percorridos, sejam eles, individuais ou coletivos.

Assim, a minha caminhada nessa investigação, com suas idas e vindas, teve início lá atrás... O primeiro contato com a região do Vale do Jequitinhonha, nordeste do estado de Minas Gerais, foi em julho de 1992, na cidade de Bocaiúva. Nesse período cursava o primeiro semestre do bacharelado em Ciências Sociais no Campus da Unesp de Araraquara, interior de São Paulo.

Desse contato com a região surgiu a vontade de pesquisá-la. Um ano depois, nasceu o projeto de iniciação científica<sup>1</sup> com o título “Jequitinhonha: vale, vida, verde, verso e viola”. Este, propunha investigar o Movimento de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, enfocando o *Festivale* (Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha).

O próprio título era uma homenagem ao Movimento de Cultura Popular que tinha por lema “*Vale, Vida, Verso e Viola*”. Depois o lema teve o acréscimo da palavra “*Verde*” que fazia referência às causas ecológicas, principalmente às questões ligadas ao

---

<sup>1</sup> [ Cf. pesquisa de campo nos anos de 1992, 1993; Projeto de Iniciação Científica, bolsa CNPq/PIBIC de 1993-1995. Faculdade de Ciências Sociais – Departamento de Sociologia – UNESP – Campus de Araraquara-S.P. ]

assoreamento do rio Jequitinhonha, construções de barragens e outras. Atualmente o lema está diretamente ligado ao *Festivale*.

Portanto, neste período que foi de 1992 a 1995, pude obter muitas informações sobre a região; bem como, conhecer alguns municípios do Vale por ocasião das realizações do *Festivale* que, a cada ano, todo mês de julho, acontece numa cidade diferente. Assim, tive contato com jovens do Vale e de outros lugares: da capital mineira, municípios mineiros do interior, outros estados, alguns estrangeiros que por lá apareceram... Durante as realizações dos *Festivales*, cuja duração, em média, era de 10 a 15 dias, observei a mistura de pessoas de várias partes; bem como, de diversas profissões e graus de escolaridade, dos semi-alfabetizados aos com curso superior .

Contudo, o caráter educativo das oficinas chamavam-me atenção, mesmo observando que sua abrangência limitava-se àqueles que estavam, em sua maioria, ligados a atividades artístico-culturais de suas respectivas localidades; ou seja, pessoas jovens ou não, moradores das cidades do Vale. Constatei que o *Festivale*, portanto, é um evento genuinamente urbano<sup>2</sup> mas que acaba trazendo componentes do universo rural, já que as participações dos grupos folclóricos, dependendo do município, são, na maioria de participantes do rural ou que vieram dele. Ponto importante, porque pude perceber pela primeira vez, então, os entrelaçamentos do rural e do urbano.

Assim sendo, e não fugindo à tentação de todo principiante<sup>3</sup>, fiz uma proposta ampla de, no mestrado, investigar o papel e o significado dessas manifestações artístico-culturais (de grupos folclóricos, artesãos, poetas e demais artistas) na ou nas diferentes formas de organização popular - *FECAJE* (Federação das Entidades Artístico-Culturais do Vale do Jequitinhonha), o *Festivale* (Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha), Associações de Artesãos - considerando as relações entre poder e cultura; bem como, as relações formais e informais de educação<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Inclusive, a maioria dos *oficineiros* (professores das oficinas) eram pessoas da capital mineira, Belo Horizonte.

<sup>3</sup> Cf. ressalta ROMANELLI, O. de O., "Introdução". In **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis-R.J.: Editora Vozes, 20ª Edição, 1998, p. 14.

<sup>4</sup> A justificativa e inquietação da pesquisa estava no fato de que se a região do Jequitinhonha apresenta uma expressiva organização popular, representada por estas entidades artístico-culturais, Fecaje, Festivale que atuam no fomento da cultura local, bem como, para a preservação do meio ambiente e outras causas, como compreender o paradoxo da região ser recordista em analfabetismo e evasão escolar?

Minhas inquietações, portanto, sempre estiveram imantadas por uma questão mais ampla: a problemática socioeconômica do Vale do Jequitinhonha que, por mais que tentasse, não poderia desconsiderar. Toda ênfase dada, principalmente pelas manchetes de jornais, revistas e televisão, sobre a pobreza material do lugar, o analfabetismo, a evasão escolar, a seca, as migrações... Enfim, questões que se confrontam com a riqueza cultural de seu povo. Isto colocou-me também, a intenção de superar este discurso da pobreza que, na maior parte das vezes, é representado pelos dados estatísticos, não que eles não sejam relevantes, infelizmente são, mas para compreendê-los em seu cotidiano sem estigmatizá-los.

Por isto, desde o primeiro contato com a região, adultos, jovens adultos, jovens e crianças foram fontes de observação, investigação para então chegar à conclusão de que a mediação seria o melhor caminho. Como? Se não queria tratá-los em sua pobreza material, queria o quê? Queria retratá-los na riqueza de seu cotidiano, desde dentro, a partir do que eles me mostravam. Mas eles quem? Outra questão primordial a ser resolvida.

Com este ponto crucial para o desenvolvimento da pesquisa, retornei ao campo com várias idéias na cabeça. Já percebia a impossibilidade de percorrer alguns municípios do Vale, pois o tempo do mestrado é curto. Depois percebi que a proposta de dar continuidade ao projeto de iniciação científica, também deveria ser repensada. A intenção de acompanhar o Movimento de Cultura Popular e sua ação no interior da região do Vale, era inviável dada a sua imprecisão enquanto grupo organizado, sem terem sede fixa, assim como seus participantes e organizadores estarem dispersos, morando em municípios diferentes e distantes.

Fato é que tinha muitos dados sobre a região, mas pouca precisão sobre os sujeitos que pretendia pesquisar. Tive que rever a trajetória e delimitá-la. Disto, o que resultou foi um giro ao contrário. Olhando para trás, para a minha porta de entrada no Vale do Jequitinhonha, o *Festivale*, percebi que havia tido contato com muitas das faces desta região e que, no momento da realização deste evento, configuravam-se numa visão panorâmica dos seus feitos artísticos-culturais. Por outro lado, o *Festivale* é um momento de festa e de reencontros; momento em que muitos filhos do Vale voltam para “casa”.

Percebi que neste evento apenas uma parte, talvez uma minoria do Vale estivesse presente. Então resolvi olhar para aqueles que não fizeram, não fazem e, quem sabe se um dia farão, o *Festivale*; aqueles que fazem um outro Vale. Mas quem são eles?

Efetivamente, pessoas do cotidiano da região, que migram, que sofrem com a seca, que esperam maridos, que vão à escola; que abandonam a escola... Adultos, jovens e crianças. Assim, por já ter tido este contato com jovens participando destes festivais, foi que aceitei o desafio de pesquisá-los. Contrariando meu percurso de inserção no Vale, escolhi um município que estivesse fora da rota dos festivais de que participei: Chapada do Norte<sup>5</sup>.

Nesta longa caminhada, às vezes quase que tateando no escuro, lancei-me com ímpeto na aventura de investigar sujeitos tão próximos, mas ao mesmo tempo tão longe de mim. Tão próximos, se levarmos em consideração, a estreiteza da faixa etária entre a pesquisadora e seus investigados; porém, tão diversa a realidade, tão distantes nossas experiências.

Mas, é inegável que esta escolha esteve marcada pela minha própria história de vida, pois como diz Queiróz os procedimentos de investigação, a metodologia, adquirem outra definição quando “...busca-se o desvendamento do significado profundo que existe em seus objetivos e em seus procedimentos, inclusive na própria linguagem por ele utilizada (1983: 11)”. Isto significa que o pesquisador ao escolher seu objeto de pesquisa, o faz tomando por base sua história de vida, sua subjetividade.

Depois de muito escreve-apaga-escreve-apaga, viaja-volta, escrevi. Finalmente, consegui elaborar, clarear os objetivos, bem como, a delimitação dos sujeitos com os quais trabalharia. Nesta empreitada, porém, a orientação de Tavares por uma “antropofágica pluralidade teórica”, foi muito importante pois “pensar o trabalho sociológico, deste modo, implica assumir o questionamento da prática do sociólogo, e, no que se refere à interrogação permanente sobre as condições e limites do emprego das noções e conceitos, da validade de seu uso, e da utilização dos métodos e técnicas de

---

<sup>5</sup> Já havia passado por este município em 1993, quando ia para Minas Novas para participar de um *Festivale*. O município ficou gravado em minha mente, principalmente, pelo fato de ser um dos municípios do Vale de maior concentração de população negra; depois havia a questão dos altos índices de analfabetismo e evasão escolar e migração sazonal. Isto foi divulgado durante este *Festivale* pelo grupo de teatro da cidade, *Curutuba*.

*investigação em função de cada objeto de pesquisa (1991:56)*”. Penso, às Ciências Sociais de maneira geral.

Portanto, através de uma pesquisa qualitativa com análise de documentos, fontes primárias, entrevistas, utilizando recursos do gravador, de questionários e da fotografia, quando possível, conciliando dados quantitativos, esta pesquisa pretende demonstrar como os jovens de Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha, atribuem sentido às suas vidas mediante os cruzamentos de expectativas e frustrações e os conflitos originados por influências culturais externas, tais como TV, rádio, migração sazonal, etc., que comunicam outros significados. Para tanto, busquei cruzar depoimentos de jovens - rapazes e moças entre 15 e 25 anos de idade -, e adultos - pais, professores (ambos os sexos) -, do rural e do urbano, ressaltando também a presença e influência da mulher-mãe na formação destes jovens. O intuito foi o de confrontar o que estes jovens pensam e desejam com o quê estes adultos pensam e desejam destes ou para estes jovens.

Estes objetivos corresponderam a jovens que estão inseridos num contexto marcado pela confluência de vários processos: a) o confronto da zona urbana com a zona rural; b) uma escolarização precária; c) a presença dos meios de comunicação, especialmente TV e rádio; d) os padrões familiares que estão fortemente ligados a religiosidade que buscam manter a memória e os rituais religiosos; e) o trabalho rural que é frustrado pelo fenômeno da seca; f) a migração sazonal.

Ou seja, os jovens dentro desta faixa etária, dos 15 aos 25 anos, são: 1º, da zona rural e da cidade; 2º, migrantes e não-migrantes; 3º, estudantes e não-estudantes; 4º, moças e rapazes; 5º, atuantes ou não em alguma atividade cultural. Assim foi possível me aproximar da construção dessas identidades juvenis; dessas possíveis “culturas juvenis”<sup>6</sup>, tal como elas se mostram com suas articulações nos “modos de ser, de sentir e de representar-se”, visando fornecer pistas para os projetos que pretendam diminuir a evasão escolar e/ou repetência escolar e o analfabetismo na região do Vale do Jequitinhonha; bem como, contribuir para o conhecimento destes jovens do sertão mineiro.

---

<sup>6</sup> Cf. MACHADO PAIS, J.: “(...) *Porque se movem em diferentes ‘contextos sociais’, os jovens partilham linguagens diferentes, valores diferentes, vestem de maneira diferente, comportam-se de maneira diferente. As suas diferentes maneiras de pensar, de sentir e de agir resultam de diferentes ‘mapas de significação’ que orientam as suas condutas, as suas relações interindividuais, as suas trajetórias. (...)*”. In “*Culturas Juvenis, cursos de vida e contextos sociais*”. **Culturas Juvenis**, Imprensa Nacional Casa da

Assim sendo, esta pesquisa com abordagem qualitativa colocou-me o desafio da “flexibilidade”<sup>7</sup>. Por isto utilizei-me de meios de investigação junto ao campo de pesquisa correspondentes às técnicas de “*observação indireta*” (Fernandes, 1967:09), tais como entrevistas-conversas com o uso de gravador<sup>8</sup>, questionários, diário de campo. Também utilizei “documentos pessoais”: cartas e redações escolares; cartas de jovens apadrinhadas no Programa de Apadrinhamentos pela Achanti (Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância) em convênio com o Fundo Cristão Para Crianças; carta de padrinho estrangeiro. Fiz uso do recurso da fotografia que, inicialmente, era para o registro de imagens dos jovens nos seus mais variados momentos. No entanto, já na reta final deste trabalho consegui viabilizar a idéia de transformar as imagens num videotexto.

Esta idéia surgiu da intenção de melhor divulgar os resultados desta investigação, tanto no âmbito acadêmico como para o próprio lugar onde o trabalho se realizou. O uso deste recurso da fotografia além de ter o caráter de registro imagético do campo, tinha para a pesquisadora, o lado do aprendido, uma vez que, ao iniciar esta pesquisa nunca havia manipulado qualquer equipamento fotográfico semi-profissional, se assim posso chamar uma Pentax K-1000, manual (objetiva 50mm); sem contar com a paradoxal timidez que tinha diante do próprio equipamento e dos sujeitos investigados, no momento de fotografá-los; assim como eles de mim. Mas fomos nos vencendo, nos aproximando – pesquisadora e pesquisado.

Assim, é importante ressaltar que nesta busca de construir um “novo” objeto de investigação, pois (apenas para recordar) após ter ingressado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação com uma proposta, resolvo mudar completamente o enfoque da pesquisa, foi necessário fazer o caminho das pedras, tanto empiricamente

---

Moeda, 1993, p.60.

<sup>7</sup> Cf. Heloisa Martins: “*flexibilidade quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita; e heterodoxia no momento da análise dos dados, na medida em que o acúmulo de material obtido por meio dessa metodologia exige capacidade integrativa criadora e intuitiva do pesquisador*”. “Técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa: oposição ou convergências?” In **Cadernos CERU – nº 03** – série II, 1991, p. 167.

<sup>8</sup> Cf. QUEIRÓZ, M. I. P. de, : “*o relato oral está, pois, na base da obtenção de toda sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber; a palavra parece ter sido a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal.*” In VON SIMSON, O. de M. (org.) **Experimentos com Histórias de Vida** (Itália - Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 16.

quanto teoricamente para me aproximar dos sujeitos investigados: vencer bloqueios, ir me despidendo das pré-noções – se é que foi possível fazê-lo – para, no meio do processo, considerando o prazo de dois anos e meio do Mestrado, conseguir chegar aos sujeitos, os jovens do sertão.

Então, o(a) leitor(a) irá se deparar com uma representação parcial dos jovens abordados nesta investigação. Encontrará depoimentos de jovens da cidade que, poderá sugerir uma maior ênfase dada aos mesmos. Entretanto, nesta etapa da pesquisa, estes foram de mais fácil acesso para a pesquisadora, tanto para a observação, quanto para as conversas-entrevistas; assim como, o espaço, uma vez que as roças (num total de cinquenta e nem era intenção percorrê-las) não são muito próximas da cidade.

Aparecem, portanto, depoimentos de jovens da cidade: (01) moça, 19-20anos, do grupo de teatro que, por sua vez, é estudante, participou do Projeto “Acertando o Passo” – um projeto da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais - e também trabalha; (01) rapaz, 21anos, que estuda fora fazendo cursinho; (01) moça, 23 anos, que faz faculdade em outra cidade; (01) rapaz, 23 anos, com o Ensino Médio completo, empregado; (01) moça mãe-solteira, 23 anos, com o Ensino Médio completo, desempregada; (02) moças, 20 e 22 anos, empregadas e com o Ensino Médio completos que trabalham na Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância (Achanti).

Da zona rural foi possível conhecer e entrevistar, sem me prender a uma roça específica, (05) jovens, dois rapazes com 18 anos, um com 19 anos e duas moças, uma com 21 e a outra com 22 anos, que moram em repúblicas na cidade para estudar. Com eles pude conviver durante o período de uma semana ao ficar hospedada em sua casa. Também foi possível conversar com (01) moça, 16 anos, apadrinhada pelo Programa de Apadrinhamentos do Fundo Cristão para Crianças, trabalha e estuda na cidade, faz parte do Projeto “Acertando o Passo”; (01) moça, 24 anos, migrante sazonal na *panha* do café no sul do estado de Minas Gerais; (01) rapaz, 17 anos, Ensino Fundamental incompleto.

Não aparecem depoimentos de jovens da cidade que não estudam, desempregados e/ou migrantes sazonais; outros jovens que estão estudando fora, em outros municípios (inclusive jovens da zona rural); jovens mães-solteiras da zona rural; assim como rapazes pais-solteiros, tanto da cidade como da roça. Deste modo, demonstro com as falas e as

não-falas destes jovens da cidade e da roça, um panorama que representa a diversidade juvenil do sertão. Com a ausência de muitos outros jovens que nesta pesquisa não puderam aparecer, reafirmo a necessidade de ir à sua busca como quem garimpa em terreno pouco explorado, com sujeitos, talvez, pouco investigados.

Portanto, o Capítulo I – Em Busca da Terceira Margem do Rio... aborda a possibilidade do diálogo entre as Ciências Sociais – Antropologia e a Educação visando a compreensão da “cultura juvenil”, esta que se constrói no cotidiano de Chapada do Norte: os olhares teóricos. Os olhares campo pretendem inserir o leitor no universo da região do Vale do Jequitinhonha, bem como, no município de Chapada do Norte através da História, ziguezagueando pelo regional e o local, abordando questões como “atraso”, migração, seca tão contrastantes com sua riqueza cultural, mais os olhares que os moradores do lugar lançam sobre o pesquisador, o “estranho parente”, assim como olhares do pesquisador sobre os espaços.

O Capítulo II – Jovens do Rural no Urbano, do Urbano no Rural - demonstra os entrelaçamentos entre rural e urbano, através do trânsito do jovem por estes dois universos, sobretudo os que estão na escola; versa sobre o Projeto da Secretaria de Educação do Estado “Acertando o Passo” para o Ensino Fundamental e a experiência de jovens que dele participam e o Programa de Apadrinhamento do Fundo Cristão Para Crianças junto à Achanti (Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância) com os jovens que ainda são apadrinhados, para demonstrar os descompassos dos programas assistencialistas e educacionais frente a realidade que atuam. Fala sobre os olhares enviesados destes jovens sobre os seus modos de ser, numa demonstração de que há tensão e conflito nesta dinâmica do ir e vir, pois que vão além do controle sobre o outro. Assim sendo, o novo e o velho aparecem na discussão emergindo do “confronto” entre pais e filhos, jovens e adultos neste cotidiano, assim como as relações de gênero. Portanto, problematizando o contexto e a teoria, aborda a possibilidade de se falar em “culturas juvenis” sertanejas.

O Capítulo III – Sob os olhos da família - avalia qual o papel da família, com enfoque na presença e influência da mulher na formação do jovem; os valores da família presentes no cotidiano das relações. Problematiza sobre o familiar dos mais velhos que parece ameaçado pelos jovens e sua sexualidade, alinhavado pelo ontem e o hoje.

Em seguida, o Capítulo IV – Da Brincadeira ao Sério - fala sobre as descobertas da sexualidade dos jovens, tanto da cidade quanto do rural, através das paqueras, namoros... a gravidez inesperada; o casamento de jovens da zona rural; os conflitos e as relações de gênero demarcados pelo ontem e o hoje, entre mudar ou ser como os seus pais, como versa a tradição local.

O Capítulo V – De sonhos e frustrações...- trata-se de quais os sonhos-desejos dos jovens de Chapada do Norte e a possibilidade ou impossibilidade de vê-los realizados; seus espaços: as repúblicas, a Achanti (Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância) através das correspondências trocadas com seus padrinhos, uma forma de migrar sem sair do lugar... a migração sazonal (nos canaviais, no café), o teatro como instrumento de transformação e recuperação da autoestima, e por fim, fala sobre o que é ser jovem para estes entrevistados de Chapada do Norte.

Finalmente, mais do que concluir, o “até aqui...” da travessia traz mais perguntas. No Apêndice, o roteiro em prosa poética narra as imagens que foram tiradas pela pesquisadora durante as idas ao campo. Trata-se da espinha dorsal do trabalho em fotografias que viraram videotexto, com o tempo de duração de nove minutos e trinta segundos (09:30s). O segundo volume desta dissertação repete as imagens impressas tal como no videotexto. Assim se poderá ver, ler, tocar, manusear a imagens.

## I

## EM BUSCA DA TERCEIRA MARGEM DO RIO...

**1.1. Olhares teóricos: o diálogo entre Antropologia e Educação**

Ao se pensar a Educação no seu sentido amplo, seria interessante que se fizesse a partir do Outro e dos seus diferentes universos, considerando o contexto histórico, político e cultural em que se encontra e sua relação com o tempo e o espaço.

A necessidade de recuperar ou valorizar o diálogo, mais especificamente, entre Antropologia e Educação torna-se imprescindível neste processo. Como demonstra Gusmão (1997), falar do diálogo entre Antropologia e Educação não é nenhuma novidade, visto que este reporta-se ao momento crucial da História da Ciência Antropológica. Portanto, diz a autora:

*"O diálogo revela como ponto comum, a Cultura entendida como instrumento necessário para o homem viver a vida, distinguir os mundos da natureza e da cultura e, ainda, como lugar a partir do qual o homem constrói um Saber que envolve processos de Socialização e Aprendizagem. No primeiro caso trata-se de diferentes formas de transmissão de conhecimento, de habilidades e aspirações sociais; no segundo, trata-se das formas de transmissão de herança cultural, através de gerações implicando processos de apropriação de conhecimentos, técnicas, tradições e valores. Tudo em acordo com a criação dos homens em situações sociais, concretas e historicamente determinadas" (p. 17).*

Por outro lado, Valente (1997) chama atenção para o que supostamente seria chamado de diferença entre Antropologia e Educação no que diz respeito às questões metodológicas de cunho conceitual ou de problemas de investigação da Antropologia, alertando para a necessidade de compreensão de que o *"marcador de águas entre todos os pesquisadores sociais e não apenas entre antropólogos e pedagogos"* é de outra ordem, pois:

*"Tudo indica que a matriz teórica da qual partimos, enquanto estudiosos das Ciências Sociais, é o nó górdio da questão. Em outras palavras, a partir dela pode-se promover,*

*de fato, um ensaio de diferenciação. É ela que define preocupações, forma e conteúdo das análises...*" (p.60).

Neste sentido, é interessante pensar o diálogo entre Antropologia, Ciências Sociais de maneira geral e Educação tendo como ponto comum a cultura, como fala Gusmão (1997), e, ainda, pensar na questão proposta por Santos (1996) ao dizer que *"o objetivo último de uma educação transformadora é transformar a educação, convertendo-a no processo de aquisição daquilo que se aprende, mas não se ensina, o senso comum. O conhecimento só suscita o inconformismo na medida em que se torna senso comum, o saber evidente que não existe separado das práticas que o confirmam"* (p.18).

Portanto, talvez seja possível pensar na cultura como o meio, a *terceira margem do rio*, cuja terceira margem seria o próprio rio que, por sua vez, seria ela mesma, a cultura que corre e enlaça suas margens, aqui compreendidas como a Antropologia e a Educação. Como metáfora, esta também compreende o que está no meio, entre a infância e a velhice: a juventude. Sendo assim, este rio é a cultura e também a cultura dos jovens que fala-nos com inúmeras e mutáveis vozes, pois são: brancos e na maioria negros, negros-mestiços-sertanejos de Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha; suas ações humanas que precisam ser ouvidas e observadas pelas margens, pelos ouvidos e olhos atentos de um bom barqueiro - o pesquisador -; porém, como todo bom barqueiro é preciso, antes de mais nada, aprender a remar em busca dessa terceira margem do rio... Buscar a superação do que as separa.

Esta superação não está, nos dias de hoje, isenta do conflito, tão pouco do debate que coloca em discussão *"práticas científicas e as práticas educativas no tocante ao 'trabalho de campo e ao fazer etnográfico' que, desenvolvidos na trajetória da Antropologia como ciência, são hoje, década de 1990, campos comuns e conflitivos no diálogo entre Antropologia e Educação"*<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Cf. GUSMÃO, N. M. M. de, "Antropologia e Educação: origens de um diálogo". In **CADERNOS CEDES 43 – Antropologia e Educação: Interfaces do Ensino e da Pesquisa**, 1997, p.23.

### 1.1.1. Considerações sobre os conceitos de Cultura, Educação e Identidade

Antropologia é a ciência que se ocupa de compreender indivíduos vivendo em sociedades diferentes da sua e seus costumes. Como coloca Benedict (s.d., p.13) “*a Antropologia ocupa-se dos seres humanos como produtos da vida em sociedade. Fixa a sua atenção nas características físicas e nas técnicas industriais, nas convenções e valores que distinguem uma comunidade de todas as outras que pertencem a uma tradição diferente*”. Deste modo, a Antropologia sempre teve os olhos voltados para a cultura.

Embora reconheça a complexidade e as longas caminhadas percorridas por pesquisadores nos estudos em torno do conceito de cultura, é importante fazer um parêntese sobre as considerações seguintes, pois, se não obedecem a reflexões mais detalhadas é devido ao fato de, nesta investigação, apenas tratar de conceitos que mais se aproximem da realidade investigada.

Assim sendo, com base na constatação de que a Antropologia esteve com os olhos voltados para a cultura, Oliveira (1988) diz que “... *o conceito de cultura é a moeda mais corrente – e provavelmente a mais gasta – no interior da ‘sociedade dos antropólogos’, particularmente daqueles que se filiam à antropologia cultural norte-americana ou são por ela influenciados*” (p.189). Por outro lado, o autor chama atenção para as outras vertentes da disciplina que deram novos enfoques ao conceito, traduzindo-o por outros termos. Assim foi o termo “*civilização*” utilizado pela vertente “*francesa durkheimiana*” e o de “*estrutura social*” pela vertente “*estrutural-funcional britânica*”; porém, sejam quais forem as correntes, a noção de “*tradição, a saber, continuidade e persistência de hábitos, idéias e valores partilhados por coletividades, ...*”, sempre esteve presente.

Gusmão (1997), por sua vez ressalta que a corrente americana preocupou-se com questões educacionais. Questões estas que foram levadas adiante por alunos de Boas. Dentre eles, Ruth Benedict e Margaret Mead foram pesquisadoras que construíram suas obras sobre a investigação educacional. Foram elas que trouxeram à comunidade científica

“(...) *questões da diversidade das culturas, vista por diferentes ângulos: as formas operativas da cultura dentro dos processos educativos nos primeiros anos de vida; os*

*ciclos de desenvolvimento da infância à idade adulta e o papel da educação formal e informal; a questão do controle social e o campo das emoções e do sexo; as dificuldades educativas e os relacionamentos entre grupos dentro dos estados nacionais e deles com os outros, como por exemplo, a América e a África, o mundo ocidental e o oriental; a adolescência e a formação da personalidade, entre tantos outros temas que se podem elencar na produção culturalista do início do século até os anos 50” ( p. 20).*

Portanto, discorrer sobre o conceito de cultura é cair neste vasto campo de teorizações ou, como colocou E.B. Tylor no “ *todo mais complexo*”( apud Geertz, 1989:14). Mas é esta palavra *cultura*, como diz Brandão (s.d., p. 20) “*que, tal como a palavra história, a tudo amarra e dá sentido. (...)*”. E como tal, a palavra *sentido* abrange um vasto universo das ações humanas, pois que está imantado do sentir-vivido, da ação que, por sua vez, oriundas do humano transforma e dá *significados*. Assim,

*“O trabalho de transformar e significar o mundo é o mesmo que transforma e significa o homem; é uma prática coletiva. É uma ação socialmente necessária e motivada e a própria sociedade em que o homem se converte para ser humano é parte da cultura, no sentido mais amplo que é possível atribuir a esta palavra. (...)”<sup>10</sup>*

A Antropologia em busca dos significados, dos costumes, modos de vida de outras sociedades diferentes da sua, chegou ao emaranhado de pluralidade que aparentemente se poderia tomar por um caos, mas reconhecer o caráter plural da cultura é, antes de mais nada, dar um passo rumo à compreensão do seu “*efeito de sentido*” que, por sua vez, é “*resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço*” (Bosi, 1987:07). Ou seja, para o grupo que se investiga existe um “*significado presente*” que ordena as ações das pessoas através do costume.

Assim, “*(...) desse ponto de vista, o componente simbólico da ação humana, mais que parte integrante, é elemento constitutivo da vida social*” (Durham, 1984: 72). Um social, portanto não destituído de uma “*razão prática*” que objetiva as ações para

---

<sup>10</sup> BRANDÃO, C. R. “A descoberta da cultura na educação: cultura popular, movimentos de cultura popular no Brasil dos anos sessenta”. In **A Educação como Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, s./d., p. 23.

resolver necessidades imediatas. Estas ações, por sua vez, estão entrelaçadas a uma “razão cultural”, uma “razão simbólica” que a tudo dá sentido; para então, reabastecer o cotidiano de significados (Sahlins, 1974). Como diz Durham “*a dimensão simbólica constitutiva da ação humana pode ser verbalizada no discurso, cristalizada no mito, no rito, no dogma ou incorporada aos objetos, aos gestos, à postura corporal, e está sempre presente em qualquer prática social*” (1984:73).

Para Geertz “*a cultura é pública porque o significado o é*” (Op. cit.); porque está acontecendo em todos os espaços por onde circulam pessoas, seres humanos com suas ações sociais. Diz ele: “*deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação.(...)*”(idem, p.27). Portanto,

*“... o conceito de cultura que eu defendo, (...) é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”* (1989:15).

Neste sentido, se a cultura está diretamente ligada a construção de significados de um determinado grupo, também neste emaranhado se dará a construção da identidade, individual e coletiva. Oliveira (1976) diz que “*...o conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações. (...)*” (p. 05).

Para o autor existe um “*sistema de ‘oposições’ ou contrastes*” que se dá como um código abrangendo as “*relações interétnicas*”. Assim, para compreender o “*processo de identificação étnica*”, elabora a “*noção de ‘identidade contrastiva’* que, segundo ele, “*... parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação do nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou*

*grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. (...)*(idem).

Assim sendo, tomando por base a noção de “*identidade contrastiva*” de Oliveira (1976) o faço para pensá-la, objetivamente, com relação aos jovens de Chapada do Norte. Deste modo, tal noção apontaria para a “*afirmação*” de uma determinada população, portanto, “... *do nós, diante dos outros*”; porém, o autor diz que esta “*afirmação*” da identidade acontece justamente “*por oposição*”. Neste caso, ainda é prematuro afirmar que a identidade destes jovens se afirmam “*por oposição*” ao adulto, por exemplo. Também não enfatizarei sobre o “*processo de identificação étnica*”, mesmo que o contexto possa sugerir este caminho que, talvez, poderia me levar para uma abordagem muito mais ampla desaguando em comparações com outros municípios da região.

Chapada do Norte, na região do Vale do Jequitinhonha, reflete o contraste da construção da identidade de seus moradores, não menos de seus jovens. Trata-se de um município, cuja cultura se expressa por meio da “*tradição*”, portanto, através de um “*modelo cultural*” oriundo das articulações dos vários grupos humanos expressos por um conjunto de categorias que, por sua vez, são interligadas por códigos de significados. Este “*modelo cultural*” é o que lhes atribui uma identidade, que os diferencia de um outro grupo, um outro povo (Amaral, Op. cit.).

Isto significa dizer que tecendo e resignificando este cotidiano, os jovens negros, negros-mestiços-sertanejos vêm-se imersos numa realidade estigmatizada pelo discurso do “*atraso*” e da “*pobreza*” que, por sua vez, abala seu orgulho. Em contraposição, no plano coletivo, afirmam sua identidade através da festa “*tradicional*” de *Nossa Senhora do Rosário* que, entre outras, esta é a que ilumina as falas dos moradores do lugar para dizerem sobre o que a cidade tem de melhor. Festa que inspira a organização de moradores em torno de uma irmandade que é secular; que mobiliza a população a participar; que projeta a cidade na região. Portanto, cultura e “*tradição*” são fontes que jorram conteúdos valiosos que serão passados através dos costumes e práticas vividas pelo grupo, transmitidas para os mais novos pelos adultos e pelos pais através da educação informal.

Neste sentido, sem maiores pretensões e reconhecendo a complexidade e os vários enfoques sobre a Educação, trabalharei com as definições que parecem mais apropriadas ao tema em estudo. Assim, Durkheim pensando a Educação diz que é:

*"... a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina" (1978).*

Esta definição dá ênfase ao caráter amplo da educação enquanto processo mas, é restrita quando diz do seu público alvo; ou seja, "...a criança...", os "imatuross" (Demartini & Lang, 1983:13). Limitar aos "imatuross", neste caso, pensando nos jovens denota uma possível tensão entre gerações. Sendo assim, chamo atenção para o fato de que é preciso pensar que os adultos de cada grupo, de cada localidade têm expectativas com relação aos seus "imatuross" e que, portanto, utilizam-se de mecanismos e poderes para encaminhá-los; porém, em se tratando dos jovens, não mais poderemos pensar que estas influências serão aceitas tão passivamente...

As pesquisadoras Demartini & Lang (1983) usam de um conceito muito mais amplo de educação que não se restringe a faixa etária específica; bem como, a escolarização. Citando Mannheim, dizem que a educação é definida "como uma técnica social cujo objetivo é influenciar o comportamento humano de maneira a enquadrá-lo nos padrões vigentes de interação e organização social. A educação surge como uma categoria histórica ligada às transformações estruturais do sistema social global" (p.13-14).

Ou seja, quando estão falando que este conceito mais amplo de educação supera faixa etária e escolarização, dizem que este para superá-los, antes, considera a "educação formal" na qual o ensino é visto como o "recurso direto para proporcionar ao indivíduo o tipo de formação socialmente requerido"; assim como, a "educação informal ou difusa" que por vezes é confundida com "socialização", mas que "(...) envolve de maneira indireta, o controle das necessidades coletivas, tais como se reproduzem nas

*situações cotidianas de convivência”* (Foracchi, M.: 1960 apud Demartini & Lang, op. cit.).

Portanto, este conceito amplo de educação não é “compartimentado”, ele é integral no que abre para a compreensão “(...) *da ação educativa proposta e realizada por diversas instituições, cuja ação, enquanto educativa, visaria influenciar o comportamento humano no sentido de sua adequação aos objetivos e valores da sociedade*” (op.cit.).

Todavia, considerar o jovem como aquele que tem mais liberdade para escolher os caminhos ou um grupo que começa fazer suas opções culturais, talvez diferentemente da criança, coloca-nos algumas questões à serem investigadas: o que pensam e o que desejam estes jovens de Chapada do Norte? Qual a escola que têm? O que pensam sobre as práticas "tradicionais" do lugar? Enfim, como se dá a construção dessa identidade jovem, nos seus modos de ser, sentir e representar-se? Como se dá a construção dessas "culturas juvenis" sertanejas?

Na presente pesquisa, procurei conhecer este jovem de uma parte do sertão mineiro onde as dificuldades sócio-econômicas , acabam determinando, muito cedo, a sua inserção no trabalho para ajudar a família. Campos (1993) diz que:

*"Numa sociedade que se moderniza, as condições de vida associadas a baixos níveis de instrução tendem a se agravar, o que faz prever que esses jovens, ao se tornarem pais, também encontrarão dificuldades para manter seus filhos estudando por mais tempo."*<sup>11</sup>

Mas será que numa realidade como esta, do município de Chapada do Norte, não se tem situações em que os pais preferem retardar o período dos filhos numa determinada fase escolar, justamente para mantê-los por muito mais tempo na escola e perto da família? Ou será que o "não estudo dos pais", reproduz o que disse Campos?

Será que no caso das famílias que têm filhos apadrinhados pelo projeto da ACHANTI (Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância), a preocupação com a conclusão da escolaridade dos filhos diminui porque se sentem

amparadas pelas doações (dinheiro) que vêm recebendo, sendo que umas das condições para o recebimento dessa doação é justamente que a criança ou jovem estude? Ou seja, cobra-se a permanência na escola, mas e o aproveitamento? Como diz Amaral (1988):

*"A ACHANTI é uma entidade de natureza civil, sem fins lucrativos, filantrópica, mantida financeiramente pelo Fundo Cristão, cujos recursos são obtidos através de donativos de família americana - pelo sistema de apadrinhamento - com a finalidade de amparar a criança carente em áreas subdesenvolvidas e promover o bem estar de suas famílias"* (p.213 ).

As informações sobre esta associação demonstram que, inicialmente, visa-se à criança, porém o apadrinhamento não é limitado. Ele pode acompanhar o crescimento da criança; portanto, existem casos de jovens apadrinhados. Por outro lado, muitos desses jovens partem para a migração sazonal<sup>12</sup>. A questão é: a migração passou a fazer parte de suas vidas porque o apadrinhamento terminou? Ou porque o que recebiam do padrinho não era mais suficiente para as despesas? Ou ainda, porque pretende-se continuar uma prática que é familiar, a migração?

Amaral (1988) diz que a *"supervisão técnica e social, a cargo da Codevale (Comissão para o Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha) em convênio com o Fundo Cristão, (...) pensava-se em solucionar alguns problemas da região através de uma ação pedagógica que levasse os moradores locais, a partir de uma análise e detecção de suas necessidades, sob orientação dos técnicos da área social e agrícola, a elaborar propostas, projetos, e encaminhá-los aos órgãos competentes"* ( p.214)

A pesquisadora citada demonstra que um dos objetivos principais dessa associação é o trabalho junto aos moradores da zona rural para que possam permanecer no campo. Por sua vez, a prioridade dos projetos são aqueles que *"venham implementar as forças produtivas da pequena propriedade"*.

---

<sup>11</sup> CAMPOS, M. M. M., "Infância abandonada - o piedoso disfarce do trabalho precoce". In MARTINS, J. de S. (coord.) **O Massacre dos Inocentes - A criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 148-151.

<sup>12</sup> Cf. SILVA, M.A.M., "Em busca de um tempo e de um lugar perdido". In **Revista Trimestral da Central Única dos Trabalhadores**. Ano 2. n. 3. São Paulo: março/abril, 1994, p. 55-56; Vídeo

Em estudos realizados sobre o processo de migração<sup>13</sup> constatou-se o predomínio da população jovem que, por sua vez, constitui, basicamente, a população do Vale do Jequitinhonha - 56% do total na faixa etária de 0 a 19 anos -. Contribuindo, portanto, para que essa região seja a que apresenta a segunda maior taxa percentual (31,93% ) dos que migraram, segundo um balanço realizado na década de 1970/80, entre os que chegaram e os que partiram do Estado<sup>14</sup>. Chapada do Norte aparece, portanto, como um dos municípios “bolsões” dessa mão-de-obra migrante.

Novas questões se colocam: como será que este jovem que migrou retorna ao seu meio de origem? Como ele é visto pelos outros jovens (os que não migraram), pelo grupo? Como ele reelabora as informações apreendidas no "mundo de fora" no interior do seu próprio grupo? Qual o significado dos festejos tradicionais para aquele que saiu, que migrou?

Por outro lado, também fica uma pergunta: e os que "migram" sem sair do lugar, os jovens apadrinhados? Se a forma de estreitamento dos laços afetivos proposto pelo programa de apadrinhamento do Fundo Cristão através da ACHANTI (Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância) é a carta, como este jovem elabora as fantasias, os vãos e sonhos com outras terras, outros universos que não o seu, que vão se formando no ir e vir dessas correspondências? Até que ponto esta sutil subordinação - entre padrinho e apadrinhado, hierarquizados por este instrumento da filantropia, a doação (aquele que dá , aquele que recebe) -, não alimenta o sentimento de inferioridade que pode vir a ser constitutivo da identidade desse jovem rural sertanejo?

Entretanto, esta associação aparece como um instrumento de educação não-formal no interior das roças às quais assiste pois seus programas estão voltados à educação, oferecendo treinamentos, cursos para as mães e jovens; porém, o que se vê é o

---

documentário(VHS): "As Andorinhas, Nem lá Nem cá". Produção: Unesp/ Araraquara. Auxílio: CNPq/FUNDUNESP, 1991, 40 minutos.

<sup>13</sup> Cf. SILVA, M. A. M.,: *"é um processo social, possuindo condicionantes sociais, políticos, econômicos, culturais que atingem os indivíduos independentemente de sua vontade. Há vários tipos de migrações: rural-urbana, urbana-urbana, urbana-rural"*. In "A Migração de Mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas à proletárias". **Travessia - Revista do Migrante**. Publicação do CEM - ano 1, n. 01, maio/agosto, 1988, p. 10.

“efeito perverso” da subordinação, ao invés de sujeitos mais independentes. O “efeito perverso” é aquilo que subordina famílias através de suas crianças e jovens às doações de padrinhos estrangeiros sob a visão de que estes, estão acima deles, enfatizando assim, mais uma vez, sua condição de carentes e dependentes, mesmo que seu discurso seja para a manutenção do homem no campo.

O programa de apadrinhamentos do Fundo Cristão “discrimina” os que devem ser apadrinhados: através de fotos, o padrinho escolhe o/a afilhado (a). As fotos dos futuros apadrinhados são divulgadas na Internet, na televisão e revistas do tipo *Marie Claire*<sup>15</sup> e, conseqüentemente, as imagens das crianças devem corresponder a um certo padrão estético; ou seja, não devem ser daqueles que tenham manchas e/ou defeitos físicos, sob o argumento de que não se trata de um programa que beneficie crianças deficientes. Quando uma jovem apadrinhada fica grávida ela deixa o programa; porém, fica a critério do padrinho se vai querer apadrinhar a criança da ex-apadrinhada.

Contudo, em busca dessa terceira margem do rio, vi emergir categorias de jovens que, no cotidiano, mostram-se diferenciadas nos seus modos de representar-se, ser e sentir. São eles, jovens estudantes e não-estudantes: filhos de pequenos proprietários-migrantes sazonais; jovens filhos de "gatos"<sup>16</sup> ou como dizem, encarregados de turma; filhos de fazendeiros decadentes, jovens da zona rural.

Na cidade, estão estudantes e não estudantes: jovens do grupo de teatro (filhos de pequenos comerciantes, trabalhadores autônomos - artesãos, aposentados...); jovens que estudam fora - fazendo faculdade, cursinho ou colegial – (filhos de pai empregado em repartições públicas, aposentado); jovens que trabalham; jovens migrantes filhos de pais que deixaram ou que ainda estão no campo.

---

<sup>14</sup> Cf. documento da **Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais - Departamento de Consultoria e Pesquisa**. Audiências Públicas, Diagnóstico Preliminar. Vol. 01. Belo Horizonte: abril/1993, p.15.

<sup>15</sup> E outras nos mais variados seguimentos, esportes, beleza... enfim, ao que tudo indica o interesse é divulgar as imagens das crianças àqueles que tenham possibilidades de apadrinhá-las: um público da classe média alta para frente.

<sup>16</sup> Cf. SILVA, M. A. M. : “(...) *Aos poucos, com a regularidade dessa migração, surge a figura do ‘gato’, do intermediário entre os patrões e os migrantes. Atualmente, dentro da estrutura organizacional da Usina, a figura do ‘gato’ metamorfoseou-se na do ‘agenciador’, do ‘encarregado’ da Usina para agenciar força de trabalho*”. In **Travessia – Revista do Migrante** . Publicação do C.E.M. – ano III. nº 08, setembro/dezembro, 1990, p.08.

Assim, diante do que foi exposto e para os objetivos do presente trabalho, a educação é considerada como um processo amplo que engloba a ação educativa escolar ou formal sobre estes jovens, delimitados pela faixa etária dos 15 aos 25 anos de idade, portanto, múltiplos em suas histórias e posições; bem como, a educação informal e não-formal. Sobre a educação não-formal Afonso (1992) define que:

*"(...) embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém das escolares) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa sua finalidade), diverge ainda da educação formal, no que respeita a não fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto."*<sup>17</sup>

A educação informal<sup>18</sup>, por sua vez, compreende os atos de transmissão de valores, representações correspondentes aos processos espontâneos de aprendizado, na família, no cotidiano, nos festejos "tradicionais", nos grupos folclóricos. A ACHANTI e também, o grupo de Teatro Curutuba (que mais adiante retomarei), teriam então, o papel da educação não-formal, pois compreendem atividades de fundo educativo com organização e sistematização, que ocorrem fora do ambiente formal de ensino e, possivelmente de mediação entre o jovem e o mundo em que está e vive.

Portanto, atrás disso tudo, um dia parti para Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha, nas Minas Gerais...

## **1.2. Olhares do campo: mergulhos na história, olhos no presente**

*"(...) Sim, do sertão essa vaga ficção geográfica que sempre foge a localização precisa. Pode-se entrar pelo sertão, que sempre haverá um sertão a mais para o interior do país".*

(Aires da Mata Machado Filho, 1985:33)

<sup>17</sup> - Nota do autor: "*cf. Documentos Prepartórios III. C.R.S.E., 1988, pp. 237-246. Ver também a este propósito o interessante artigo de Adrian Blunt (1988)*".

<sup>18</sup> Cf. AFONSO, A.J.: "... *abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado.*" In "Sociologia da Educação não-escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática?" ESTEVES, A. J. e STOER, S. R. (orgs.) **A Sociologia na escola - professores, educação e desenvolvimento**. Biblioteca das Ciências do Homem. Edições Aprimoramento. Porto, 1992.

Cinco horas da manhã do dia 06 de abril de 1998. Estava na rodoviária da cidade de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Após ter viajado umas doze horas da capital, Belo Horizonte, até a respectiva cidade, aguardava o ônibus da Viação Rio Doce que me levaria para a cidade de Chapada do Norte. Este, só chegaria às seis...

O vendedor de passagens encostado no balcão virou-se para mim e disse: *ô moça, se você tivesse vindo ontem..., teve um monte de carro que foi lá prá sua cidade...* Olhei para ele e disse: *mas eu não sou de lá, não.* E o vendedor insistiu: *então veio visitar algum parente?...* Respondi que não, que só estava conhecendo a cidade e o vendedor fez um *hãamm* e não insistiu mais em puxar conversa.

Às seis em ponto, o ônibus da Viação Rio Doce chegou. Dentro do ônibus, depois de tomar assento, uma mulher me perguntou: *vai para Chapada?* Eu respondi que sim e ela então continuou: *veio visitar sua mãe?* Eu disse que não, que iria conhecer a cidade para fazer um trabalho. Ela calou-se. A estrada que me levaria até Chapada não é asfaltada, isto eu já sabia, e, como já conheço o Vale com uma certa intimidade<sup>19</sup>, estava preparada para o poeirão. Mês de abril, quase sempre, já é prenúncio da seca. As estradas ficam secas e os pneus dos carros, o vento dão à paisagem a cor da terra. O mato, as folhas das árvores que, não tardam, perdem seu verde original porque vão secando e ganham um marrom avermelhado pela poeira. A terra vira pó, a estrada pó e pedregulhos.

O ônibus obedecia à sinuosidade das curvas e a subida constante até Chapada do Norte: nome atual, que teve sua emancipação pela lei nº. 2.764, de 30 de dezembro de 1962, desmembrando-se oficialmente do território de Minas Novas<sup>20</sup>.

Está escrito que o município <sup>21</sup>, atualmente chamado de Chapada do Norte, já fora conhecido com o nome de Santa Cruz da Chapada. Pesquisadores pioneiros como Pizarro e Araújo, ambos historiadores; o viajante e naturalista francês, Saint-Hilaire deixaram

<sup>19</sup> Pois desde 1992 que passeio, visito, ando pelo Vale atrás de Festivales, amigos. Durante o período de minha graduação em Ciências Sociais, fiz minha iniciação científica cujo tema era o Festivale e o Movimento de Cultura popular. Daí para frente, muda-se o tema, mas permanece a região.

<sup>20</sup> Cf. **Fundação João Pinheiro**. Belo Horizonte, 9(2): 81-116, jul. 1980, p. 102.

<sup>21</sup> Os dados utilizados são extraídos do trabalho de pesquisa da pesquisadora: PORTO, L. de M., “O Povoado de Santa Cruz da Chapada”. In **A Reapropriação da Tradição a partir do Presente: um estudo sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada do Norte – MG**. Dissertação (mestrado).- Inst. de Ciências Sociais - Departamento de Antropologia - UnB, 1997 e do documento: **Fundação João**

seus registros e impressões sobre estas terras. O surgimento de Chapada está diretamente ligado a descoberta e exploração do ouro na margem esquerda do rio Capivari. Sebastião Leme do Prado aparece como o bandeirante paulista, fundador de Santa Cruz da Chapada.

Foi por volta de 1728, segundo Pizarro e Araújo, que dois povoados formados recentemente com os nomes de Paiol e Itaipaba, desmembrados do então Ribeirão do Bom Sucesso, que é atualmente o município de Minas Novas a 22 Km aproximadamente de Chapada do Norte, deram origem ao aglomerado. O motivo? Os moradores desses dois povoados, Paiol e Itaipaba, ficaram sabendo da descoberta do ouro à margem do Capivari e para lá se deslocaram.

O ouro brotou por quase um século das águas do rio Capivari. Foi, neste período, a principal atividade da região até que começou o seu declínio. Isto levou Saint-Hilaire a registrar em 1817 que *“Chapada não fornece atualmente tanto ouro como antigamente, e vários dos seus habitantes se retiraram para outra parte. Entretanto, existem ainda na região algumas lavagens bastante produtivas”*.

Neste período, portanto, é criada a freguesia de Santa Cruz da Chapada que mais tarde vai ser extinta e restaurada em 1850. Esta freguesia desde 1929 esteve subordinada, militar e administrativamente à Capitania da Bahia.

A pesquisadora Porto (1997) ressalta que o fato da região estar subordinada à Bahia provocava algumas dificuldades para os moradores, mas a causa central era a distância. Os longos caminhos que os moradores tinham que percorrer para resolverem os seus problemas acabou na transferência de Santa Cruz da Chapada à Província de Minas Gerais através do decreto de 10 de maio de 1757, porém, continuou pertencendo eclesiasticamente ao arcebispado baiano. Outra fonte, a Fundação João Pinheiro registra que os problemas também estavam ligados a extração diamantífera e possivelmente ao controle do mesmo.

É interessante demonstrar, e Porto (1997) chama atenção para isto, que este município originou-se de uma migração interna originada pela descoberta do ouro que surgiu como melhor oportunidade para aquela população. Ou seja, a permanência dos

moradores no local estava assegurada até que não aparecesse melhores condições de vida em um outro lugar. A pergunta é: quem eram estes moradores? A pesquisadora diz que eram, sobretudo, negros, escravos. Esta presença física e cultural é um traço da população que predomina até os dias atuais.

Contudo, chegar em Chapada do Norte<sup>22</sup> foi (re)encontrar o conhecido-desconhecido. Já havia passado pela cidade antes. Isto foi no ano de 1993 quando ia para Minas Novas para participar do Festivale (Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha). O lugar jamais saiu de minha memória porque atravessando a cidade pude olhar através da janela do ônibus, um cortejo funerário que jamais havia visto: estava impregnado de sentimento e solenidade.

As pessoas conduziam um caixão: negras eram suas faces e suas vestes. Alguém batia num bumbo que marcava o ritmo solene e anunciava aquela morte. De quem era? Não sabia... até o dia em que numa de minhas conversas com uma jovem [19 anos, estudante, membro do grupo de teatro, da cidade] descobri que o cortejo funerário que vi tratava-se de um encenação do Grupo de Teatro Curutuba.

Sete horas. O ônibus pára na cidade ainda sonolenta. Alguns senhores já estavam de pé; homens e mulheres se preparando para mais um dia; crianças carregando cadernos, livros e lápis rumo à escola. Mas mesmo sonolenta a cidade me olhava tal como eu a ela. Desci do ônibus e dei de cara com alguns olhares indagadores do tipo: quem é? de onde ela veio? Mas também eram olhares muito discretos, quase de esquelha.

Procurei saber se havia na cidade um lugar onde eu pudesse me hospedar. Quando olhei para a praça, lugar de onde os ônibus chegam e partem, logo percebi que não havia muita infra-estrutura para quem não é do lugar. Quem procurar eu já sabia<sup>23</sup>, mas onde ficar? Com uma mala pesada nas costas caminhei por uma rua olhando para as

---

<sup>22</sup> Devido a imprecisão geográfica sobre a sua localização, ora encontro documentos que dizem ser pertencente ao Médio Jequitinhonha, ora, ao Alto Jequitinhonha tomarei emprestada a denominação que ouvi de um informante de dentro do Vale: “*Chapada é divisora de águas*”. Também a imprecisão me remete para outra questão: Chapada do Norte é sertão? Como o que coloca Luís da Câmara Cascudo: “*sertão é o interior... melhor, e folcloricamente, é dizer anterior, mais ligado ao ciclo do gado e com a permanência de costumes e tradições antigas. (...) E continua o debate.*” in **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1993, p.170. Portanto, é esta “*vaga ficção geográfica...*”, como no dizer de Aires da Mata Machado Filho (1985).

<sup>23</sup> Pois havia conhecido Paulo (ex-padre da cidade) que me deu os nomes das pessoas que poderia procurar assim que chegasse em Chapada, uma delas era sua esposa, Marta.

casas, todas muito juntinhas umas das outras. Janelas e portas dando para rua. Aos poucos a cidade ia se desvendando, lenta e desconfiadamente.

Fui informada por um senhor que passava que eu poderia me hospedar numa casa que dava pensão – indicou-me o caminho. A casa que funciona como pensão, recebe àqueles que, inicialmente, não conhecem ninguém na cidade ou são destes viajantes que comercializam com as vendas, bares e pequenos mercados no interior do Vale ou prestam serviços de assessorias às prefeituras. Este tipo de comércio, oferecendo pouso àqueles que vêm de fora, remete-nos ao período da mineração no Brasil no tempo da Colônia.

Naquele período, quando a atividade da mineração começou a declinar, a pequena agricultura tomou a cena. Dentre os aproximados 600 habitantes que na época se dedicavam à prática agrícola, os cultivos eram: arroz, feijão e milho que era de subsistência. Depois aproveitou-se a posição geográfica do povoado, à margem da estrada que atendia às áreas de maior plantio de algodão, os viajantes que iam para o Rio de Janeiro e que paravam no povoado para descanso. Nos dias de hoje pude observar a continuidade, pois muitos viajantes (que vêm para vender ou estão apenas de passagem) tomam o município de Chapada como lugar para pouso – hospedam-se na pensão que oferece cama, banho e café com *quitanda*<sup>24</sup> -.

Saí pelas ruas da cidade, com a dona da pensão que foi me ensinar como chegar até a Achanti (Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância)<sup>25</sup>, onde era a prefeitura... Esta senhora, discretamente me apresentava a cidade. As pessoas me olhavam. Quando, eventualmente, alguém a parava para cumprimentá-la ou fazer-lhe alguma pergunta, logo emendavam uma para mim: “*veio visitar algum parente?*”

Assim foi minha chegada à Chapada do Norte. Segundo os dados do IBGE (1996), o município conta com 14.481 habitantes. Mas causou-me curiosidade, o que poderia estar lhes inspirando essa possível “familiaridade”: seria por causa do meu fenótipo negra-mestiça; ou porque juntamente com isto, tem a questão de minha

---

<sup>24</sup> Em Chapada do Norte café com *quitanda* quer dizer café (preto, quase sempre ralo e doce, bem doce) servido com bolo ou biscoito de goma.

<sup>25</sup> Mais para frente abordarei melhor sobre esta associação e suas atuações, implicações.

juventude e o fato de que muitos jovens moram fora, ou estão fora (provisoriamente) e, vez ou outra, retornam para visitar parentes e isto, portanto, é familiar?

Foi impondo-se à percepção a tríade jovem<sup>26</sup>, negro e “parente”. Porém, das primeiras conversas, principalmente com aqueles que gozam de um certo status no lugar, eu já era, de antemão, inquirida:

“\_ Você não veio aqui acreditando nessa história de que aqui foi um quilombo, não?  
\_ Eu vim saber que história é essa”<sup>27</sup>.

Mas se havia no meu inconsciente alguma indagação sobre Chapada do Norte ter sido ou não ter sido um quilombo, esta pode ter nascido de um impresso-informativo distribuído numa das apresentações do Grupo de Teatro Curutuba – desta cidade, portanto -, num dos Festivais (Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha) de que participei no ano de 1993, na cidade de Minas Novas. Muito embora não fosse este o objetivo norteador do trabalho e tampouco, o que me trouxera até esta cidade.

Num trecho do impresso-informativo do grupo de Teatro Curutuba diz que a cidade originou-se de uma “antiga aldeia dos índios Curutubas – Quilombos de escravos negros fugidos dos maus tratos dos ‘Senhores das minas de ouro da cidade de Minas Novas. *Época do ciclo do ouro em Minas Gerais. (...)*”<sup>28</sup>.

Por serem “todos pretos, quase todos pretos” – 80/90% da população – o município tem sido identificado como uma área de remanescentes de quilombo, antigo quilombo. A questão é que não existe, até o momento, documentação ou estudo que comprove que Chapada do Norte foi um quilombo. A explicação mais plausível é que os primeiros moradores tenham vindo, possivelmente, de um quilombo importante nos arredores da *Fazenda Bandeira Grande*, atraídos justamente pela descoberta do ouro<sup>29</sup>.

<sup>26</sup> Porque era o sujeito que pretendia investigar, mas não foi o que primeiro se revelou e, sim, os adultos do lugar.

<sup>27</sup> Trata-se do trecho de uma conversa com um dentista e também professor da cidade.

<sup>28</sup> Mantive a forma do texto do impresso.

<sup>29</sup> Cf. SAINT-HILAIRE, A. **Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. 2 Tomos. Coleção Brasileira (26), Tomo 2. Cia. Ed. Nacional, SP, 1993, p. 15. apud SILVA, M. A. M. **Fome: a marca de uma História** (mimeo), p. 04-05

É importante ressaltar que muitos dos primeiros aglomerados surgidos na região do Vale do Jequitinhonha foram de negros. Aires da Mata diz que no ano de 1833, na cidade de São João da Chapada, pertencente a Diamantina, outras lavras foram sendo descobertas e atraindo garimpeiros e trabalhadores. No mesmo ano eles levantaram as primeiras choupanas:

*“(...)Foram de negros as primeiras casas do arraial. (...) Eram todos pretos livres, senhores de escravaria”<sup>30</sup>.*

As pesquisas de Scarano(1994) demonstram ainda, que pouco se pode levantar sobre as características dos quilombos nas Minas Gerais no período colonial, principalmente por causa dos habitantes das áreas das minas, que, em fúria na perseguição aos negros fugitivos acabaram por destruí-los por completo.

No ir e vir na História constatou-se que os escravos, forros, negros e mulatos nos documentos oficiais eram todos chamados de “*gente de cor*” nas Minas Gerais do século XVIII, como aponta Scarano (1994). Porém, segundo os estudos da autora os escravos que foram trazidos com os primeiros exploradores do estado mineiro, eram chamados de “*nação*”, isto porque vinham da África, que, por sua vez, faziam parte de um determinado grupo ou nação africana.

---

<sup>30</sup> Cf. MACHADO FILHO, A. da Mata. “Advertência, Cap. I e Cap. II”. In.: **O Negro e o Garimpo em Minas Gerais**. Belo Horizonte: ed. Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1985, p. 13-23.

Mais recentemente, o trecho de uma palestra de CARVALHO, José Murilo de, proferida no Ciclo de Debates Brasileiro: Cidadão? (1991). In **Pontos e bordados: escritos de História e Política**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998 chamou-me atenção para questões que estão intimamente ligadas aos direitos civis e à ausência de cultura cívica que, mais para frente pretendo ressaltar neste trabalho, e que, comprovadamente têm raízes muito mais profundas, pois que repousam na regulação das ações do “cidadão político” através das ações do “cidadão civil” que, por sua vez, deverá ser um sujeito “consciente” de seus direitos e deveres. Entra em questão a escravidão. Diz Carvalho: “*A referência é apropriada, pois não há dúvida de que a falta de espírito cívico é uma das heranças da escravidão, esta antítese do espírito de liberdade. A escravidão permeou de tal modo a sociedade que muitos escravos, ao conseguirem a alforria, se para tanto tivessem recursos, compravam para si um escravo. E houve mesmo casos de escravos que possuíam escravos. Os valores da escravidão invadem tudo, todas as classes sociais. Dentro de nosso cidadão sobrevivia a mentalidade do senhor e do escravo. Este fenômeno gerava o que Joaquim Nabuco chamou de mestiçagem política. Se eliminarmos da expressão a conotação racista – até mesmo Nabuco era vítima dos males da escravidão -, se tomarmos mestiçagem no sentido de cidadão incompletos, fragmentados, a expressão traduz muito bem o argumento que vimos tentando desenvolver até agora*”.

Uma parte dos negros foi distribuída em algumas regiões do país, tais como Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro. Mas, a grande maioria veio da África para o trabalho nas minas. Essa maioria era formada pelos *“minas, seguida pelos congos, cabindas, angolas, cabo-verdes, ‘masenganos’, monjolos e outros”* (Scarano, Op. Cit.).

É interessante observar que Holanda fala da *“gente de cor”*, dos *“homens de cor”* e de *“um povo de mestiços”* já em Portugal<sup>31</sup>. Daí para as Minas Gerais foi só uma transposição de valores e modelos no que diz respeito aos negros<sup>32</sup>.

Certo dia, logo da minha primeira viagem para Chapada, sentei-me com uma mulher dos seus quarenta e três anos, moradora na zona rural, uma liderança no grupo de Congada que me falou:

*“E: \_ ...tem um senhor aqui, até um tal é... (...) ele não gosta de contar que ele disse assim: ‘olha eu não vou ficar contando história, não, porque fico contando história que eles não vai me pagar!’ (ri) Mas ele conta assim que Chapada tinha uns... pessoal assim.. que veio uns africano... depois veio os índios... é depois não sei que altura que eles falô que ficou... que eles arrumaram uns canto que falaram dos quilombolas guerreiros, porque o pessoal que veio da África, né... eles ficou assim... é com medo, depois veio os índios ainda venceu. Depois dos índios veio os brancos, então eu sei que no fim ele conta uma música que os africano cantava falando sobre os quilombolas guerreiro, não sei como é que faz... Eu sei até qu’eu tenho um livrinho até essa música, ô justamente eu não sei ela bem toda porque ele que já me contou essa história assim, né dos quilombos...”*

Perguntei se ele é negro e ela me disse:

---

<sup>31</sup> “Neste caso o Brasil não foi teatro de nenhuma grande novidade. A mistura com gente de cor tinha começado amplamente na própria metrópole. Já antes de 1500, graças ao trabalho de pretos trazidos das possessões ultramarinas, fora possível, no reino, estender a porção do solo cultivado, desbravar matos, dessangrar pântanos e transformar charnecas em lavouras, com o que se abriu passo à fundação de povoados novos”. In **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p.22.

<sup>32</sup> Cf. HOLANDA, S. B. de, : *“(…) compreende-se, assim, que já fosse exíguo o sentimento de distância entre os dominadores, aqui, e a massa trabalhadora constituída de homens de cor. O escravo das plantações e das minas não era um simples manancial de energia, um carvão humano à espera de que a época industrial o substituísse pelo combustível. Com freqüência as suas relações com os donos oscilavam da situação de dependente para a de protegido, e até de solidário e afim”*. In Op. cit., p.24.

*“E: \_ ...é, justamente, negro... negro. Mas ele cansa de me contar essa história dos quilombos, dos guerreiros, dos brancos, dos negro... dos escravo... Ele conta tanta história dos negro, né... dos negro que tinha aqui que até prá comer tinha de ser amarrado as mão, os pé e aí botava o prato no chão como se fosse porco ou cachorro prá comer assim sem segurar bocando assim... igual porco. Bom, ele conta muita história. Ele quando não gosta de contar assim ele diz: ‘que não gosta de contar os caso, não que ninguém tem que pagar à ele’. Mas ele tem umas histórias séria”.*

Por este caminho de uma lembrança fragmentada<sup>33</sup>, de uma história que lhe foi contada, começa a delinear-se como descoberta e referência o imenso contingente de homens e mulheres negras que vieram para este território sob as mais duras penas e perdas; os povos indígenas que não foram trazidos mas tiveram e ainda têm a perseguição dos que se dizem *donos das terras*... Cabe, portanto, pensar sobre as múltiplas referências culturais, presentes na realidade brasileira e em particular, na região do Vale do Jequitinhonha: terra de e para índio, negro e branco.

Localizada no nordeste do estado mineiro, cujo território está banhado pelas bacias hidrográficas dos rios Jequitinhonha, Pardo, Jurucuçu e Banharém. O rio Jequitinhonha empresta seu nome ao Vale. O seu significado é de origem indígena, herança dos Maxacali, que quer dizer “*rio largo cheio de peixes*” que vem de *jequi* (= *cesto utilizado para pegar peixes*) e *onha* (= *peixe*).

Atualmente, a região do Vale do Jequitinhonha está composta por oitenta municípios, embora apareça em muitos mapas e documentos com cinquenta e seis<sup>34</sup>. O Vale conta com uma área de aproximadamente 85.027 km<sup>2</sup> correspondendo a 14,5% do território mineiro. A população está em torno de 1.060.925 habitantes, 6,9% da população do Estado (Costa, 1998).

Esses fatos fazem-se necessários porque é inegável o papel das Minas Gerais na História, não menos da região do Vale do Jequitinhonha: um papel de geradora de riquezas, um ventre aberto à Coroa Portuguesa para exploração do ouro, pedras preciosas e atualmente, minérios, carvão e mão-de-obra barata.

<sup>33</sup> Cf. HALBWACHS, M. “A lembrança individual como limite das interferências coletivas”. In **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 47-48.

<sup>34</sup> Cf. constatei junto a CODEVALE (Comissão para o Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha).

Alguns registros da história de formação da região do Vale demonstram que no século XVI já havia a aparição das primeiras expedições portuguesas no território mineiro, que partiram da Bahia rumo ao Vale do Jequitinhonha<sup>35</sup>. Possivelmente, estas entradas pela Bahia tenham resultado nas denominações divisórias da região do Vale em sub-regiões, baixo, médio e alto<sup>36</sup>. Ou seja, baixo, tendo como referência, possivelmente, a nascente do rio Jequitinhonha que fica nos altos do município do Serro – alto Jequitinhonha -, e o seu desaguar (o estado Baiano) donde deu-se uma das penetrações à região.

O desaguar em águas baianas faz dos municípios de fronteira com este outro Estado, alvo de muitas confusões e disputas quanto a extensão da região do Vale e/ou mesmo, quanto ao pertencimento do município de fronteira a um desses dois Estados.

Os primeiros povoados aparecerão no século XVII e XVIII com a Expansão Bandeirante no ciclo de Bandeira de Busca ao Ouro. O sucesso dessa empreitada fez com que os sertanistas iniciassem o povoamento da região e exploração das riquezas encontradas<sup>37</sup>. Portanto, esta região teve influências diretas dos portugueses, dos escravos que lá trabalhavam nas minas, sem contar dos índios<sup>38</sup> que já eram habitantes dessas terras muito antes dos portugueses e escravos.

---

<sup>35</sup> Cf. RIBEIRO, R. F.: “(...) expedições de Espinhosa-Navarro de 1553/54, a de Sebastião Fernandes Tourinho de 1573 e mais tarde a de Antônio Dias Adorno (Vianna – 1935, Vasconcelos – 1974). (...) Nos séculos seguintes, a região vai ser ocupada a partir de três frentes distintas, que têm sido chamadas de baiana (que se dirigiu principalmente para o sertão do Vale), paulista (que penetrou a região das minas) e militar (responsável pela colonização do médio Jequitinhonha) (Moura – 1980) (...)”. In **Campesinato: resistência e mudança – o caso dos atingidos por barragens do Vale do Jequitinhonha**. Tese de Mestrado. FAFICH/ Belo Horizonte, 1993, p. 31.

<sup>36</sup> Cf. BARROS, F. B. de.: “(...) João Amaro trouxe um corpo de adestrados caçadores de homens, sendo a maior parte índios ensinados e encaminhou-se para os sertões a dar caça aos Guereus. Percorreu a costa sul, atravessou as matas de Ilhéus, os rios Pardo, Jequitinhona, Salsa e foi ao S. Francisco, matando selvagens, destruindo aldeias e abrindo estradas. (...)” In **Confederação dos Índios Guereus – 1568**. Anais do Arquivo Público e Museu do e Estado da Bahia. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, (4-5) : 173-182/232-235.

<sup>37</sup> “O povoado surgia à margem do ribeirão em minerais, à beira dos caminhos que se estendem para os extremos de Minas, em torno da capela erigida no topo do morro a balizar as distâncias e a atrair os centros que sentiam necessidades inelutáveis de orar. O povoado crescia, estabelecia-se o comércio e os lavradores para lá afluíam aos domingos e dias santificados. Essa vida de relações passava a exigir a autoridade administrativa e a judiciária”. In **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros do estado de Minas Gerais. Introdução**. Vol. XXIV. IBGE de Araraquara – SP.

<sup>38</sup> Cf. RIBEIRO, R. F. : “(...) a região era habitada por várias tribos de índios: maxacali, makuni, nakarene, naminikim, tupinikim, tocoiós, aranã, imburu, katiguçu, xã e outras (CEDEFES – 1987)”. In Op. cit., 1993, p. 31.

De toda essa história, resultam, no presente, discursos que encaram positivamente a condição negra. Exemplar é o caso da fala da mesma mulher (já referida antes), membro do grupo de congada que falou-me de um incentivador da cultura local, de curso superior – médico – fundador do grupo de teatro da cidade:

*“E: \_ (...) me arrumava e ainda fazia trançar o cabelo igual a negra, mesmo, trazia um turbante muito forte e que marra aquilo... deixa diferente!”<sup>39</sup>*

Ser diferente aqui denota de forma positiva a incorporação pelo grupo da cor dos habitantes de Chapada, ou pelo menos daqueles que se sentiram valorizados pela sua cor. Deve ter havido um momento no interior do grupo, tanto na cidade quanto na zona rural, que dizer que ali foi um quilombo passou a ser um dado que lhes confere uma certa importância (ou identidade?), logo, mesmo não sabendo absolutamente nada sobre, muitas pessoas confirmam dizendo: *“é, dizem que aqui foi um quilombo, sim”<sup>40</sup>*.

O estar em Chapada com fatos como esse e outros foi trazendo para mim indagações à respeito da minha presença enquanto pessoa, mulher, pesquisadora negra-mestiça e, agora, junto às pessoas que embora me tratassem como alguém familiar, ao saberem do real motivo de minha presença no lugar silenciavam-se e continuavam a observar-me.

O que me alertou para isto, foi quando uma mãe que recebeu-me em sua casa e fizemos amizade disse-me que seu filho, um *rapazim* de quatorze anos, quase para completar quinze, havia lhe dito que *“eu era engraçada porque eu andava pelas ruas da cidade e parecia que não estava vendo eles, mas eu estava, sim”*. Com isto, cheguei à conclusão de que até os jovens e as crianças me observavam. Geertz relata situação semelhante vivida na Ilha de Bali, pois se por um certo tempo julgava que aquelas

<sup>39</sup> Atualmente a pessoa que a entrevistada cita, não mora mais em Chapada.

<sup>40</sup> Alguns moradores desmitificavam por completo essa idéia e diziam que se você perguntar para as pessoas se elas sabem o que é um quilombo, pouca gente saberá te dizer o que é um. A pesquisadora-mestranda junto ao I.F.C.H. da Unicamp-SP, *Patrícia Guerrero*, que também passou por Chapada, contou-me que quando perguntava para um senhor em *Quebra Bateia* (nome de uma das comunidades rurais de Chapada do Norte) *“se ele já tinha ouvido falar de quilombo...”* A resposta que este senhor lhe deu foi mais ou menos assim, porque, segundo ela, não gravou a conversa e já se passou algum tempo: *“Ah, quilombo, já ouvi falar, sim. Não é assim, por exemplo, daqui até Minas Novas tem 6 léguas, 4 quilombo!”*.

peessoas não o percebiam, num episódio vivido durante a “*briga de galos*” todas as indiferenças vieram por terra...<sup>41</sup>

Outros se diziam ficar à vontade com a minha presença porque “*eu não me importava com nada, não*” ou que “*eu já tinha pegado o jeito do povo daqui*”. As sutilezas e/ou gentilezas nos comentários a meu respeito, direta ou indiretamente, sempre foram minhas bússolas para posicionar-me, para as minhas ações no lugar.

Também é fato, que ao adotar uma postura descontraída, informal a tal ponto de fazer das conversas entrevistas ou vice-versa, fui privilegiada pelos sujeitos investigados, claro que não foram todos, em compartilhar de seus momentos de intimidade, repouso e descontração. Muitas entrevistas-conversas foram realizadas nos espaços da casa: nos quartos, deitados, entrevistadas e eu, sobre a cama; deitadas no sofá da sala... Intimidades estas, compartilhadas com as mulheres do lugar.

As leituras, o gravador, a máquina fotográfica<sup>42</sup> e o diário de campo constituíam-se assim, nos instrumentais da pesquisa. Porém, o uso destes não teriam consistência sem os valiosos momentos da pesquisa de campo quando, ouvir, olhar e, até mesmo, brincar - muito embora, em algumas circunstâncias, cheguei a pensar que só o ouvir e olhar teriam sido melhores -, foram fundamentais. Assim, considero que através das abordagens mais informais, pessoais e descontraídas foi que obtive os resultados mais satisfatórios e proveitosos para a pesquisa<sup>43</sup>.

Incorporar o meu jeito de ser ao jeito de ser do lugar foi um dos desafios. Mas eu já trazia na bagagem um pouco de Vale do Jequitinhonha que é um mundo: é tanto de tantas gentes... Qual foi o desafio então? A escolha do *locus* da pesquisa, que, como já

---

<sup>41</sup> “...Vendo minha mulher e eu, ‘brancos’, lá no pátio, o policial executou a clássica aproximação dúbia. Quando recobrou a voz, ele perguntou, em tradução aproximada que diabo estávamos fazendo ali. Nosso hospedeiro de cinco minutos saltou instantaneamente em nossa defesa, fazendo uma descrição tão apaixonada de quem e do que éramos, com tantos detalhes e tão correta que eu, que mal me havia comunicado com um ser humano vivo, a não ser meu senhorio e o chefe da aldeia, durante mais de uma semana, cheguei a ficar assombrado...”. In “*Notas sobre a Briga de Galos Balinesa*”. Op. cit., 1989, p. 281.

<sup>42</sup> Chamo atenção para estas ferramentas de pesquisa, gravador e máquina fotográfica, que no caso desta pesquisa, muito mais do que facilitar, em muitos momentos, foram bloqueadores para o andamento do trabalho. Percebi que noutros momentos de exposição, como em casos de exposição declarada – momentos de festas – o fotografar, gravar é desejado porque são nestes momentos oficiais de expor-se “belo” o registro imagético, sonoro é “desejado” pelo grupo.

<sup>43</sup> Chamo atenção para o fato de que a dimensão brincalhona é particular e que, não se faz regra para as práticas de pesquisa, mas ajudou-me.

me referi só conhecia de passagem, portanto, Chapada não me conhecia e eu não conhecia as gentes da Chapada. Acrescentei ao desafio os sujeitos a serem investigados: os jovens.

Jovens que como eu, guardadas as devidas proporções, partilham de inúmeras dúvidas e incertezas. Por sua vez, pertencentes a uma realidade sociocultural particular e específica que lhes colocam tantas outras dificuldades. Conforme o que diz Machado Pais (1993):

*“... a necessidade de olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada ‘fase de vida’ mas também como conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens; isto é, vi-me na necessidade de passar do campo semântico da juventude que a toma como ‘unidade’ para o campo semântico que a toma como ‘diversidade’” ( p.36).*

Neste sentido, também havia o questionamento sobre as múltiplas faces destes sujeitos. Por todas as frestas foram se mostrando os novos caminhos a serem percorridos: eu não era a única pesquisadora a querer desenvolver um trabalho científico no lugar, logo, já havia referenciais de pesquisadores postos para aqueles moradores. Quais seriam os seus referenciais? Será que eu me enquadraria na imagem de pesquisadora que já estava construída? Será que a minha juventude me ajudaria nesta investigação sobre os jovens de Chapada do Norte? Tais eram as minhas questões particulares.

O ir à campo, um novo campo, para mim, foi a experiência de vê-lo acontecendo. Aos poucos, mostrando-se: ora recuando, ora revelando. Para tanto, estarei mentindo se não admitir que meu espírito de investigação esteve, o tempo todo, imantado e desarmado pelo espírito da aventura o que me fez não querer enquadrar os sujeitos investigados mas, em contrapartida, tive que desarmar os sujeitos para que estes não me enquadrassem. Neste sentido, pude perceber, no cotidiano, com os moradores do lugar, espelhos refletores e traiçoeiros, que eu estava desconstruindo algumas imagens...<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> À frente falarei melhor sobre esta experiência de trabalhar em um espaço onde imagens de pesquisador já fora, de certa forma, construída, e também a relação sujeito-investigado e sujeito-investigador – essa eterna reconstrução.

### 1.2.1. A “grande família”, o estranho parente<sup>45</sup>

Em entrevista à *Globo News* no ano de 1997, *José Saramago* fez uma reflexão sobre a oposição entre amigo e irmão ao referir-se a Portugal e Brasil, dizendo que quando se diz que Brasil e Portugal são países irmãos isto estaria colocando-os em posição de conflito, porque onde é que se dão os maiores conflitos e atritos? Na família. A família é um gerador de conflitos enquanto que entre amigos você tem as trocas mais significativas e que por isto preferiria ver estes dois países como amigos e não como irmãos.

Fazendo uma analogia, poderíamos pensar que a relação dos moradores de Chapada do Norte, como um todo, passa muito mais como relações entre irmãos pertencentes a uma “grande família”<sup>46</sup>, do que como amigos, vizinhos, habitantes de uma mesma localidade.

“E: \_ *Em Chapada, aqui é tudo parente. Aqui divide entre duas famílias: os Soares e os Oliveira*” [ 38 anos, sexo feminino, 1º grau completo, empregada, moradora na cidade]

Nesta fala, a moradora mencionou o sobrenome de duas famílias tradicionais que são, quase sempre, os que alternam-se no comando político, mas há também a família dos *Lourenço*, que, segundo outros moradores, é grande e de influência no lugar.

---

<sup>45</sup> Em alusão ao texto de Radcliffe-Brown em que discute sobre “*Os Parentescos por Brincadeira*” pois diz que “... é a relação entre duas pessoas, na qual uma é, por costume lícito, e, em alguns casos, obrigatório, levada a importunar ou a zombar de outra que, por sua vez, não pode ficar aborrecida. É importante distinguir duas variedades principais. Numa, a relação é simétrica; cada uma das duas pessoas importuna ou zomba da outra. Na outra variedade a relação é assimétrica; fulano se diverte às custas de sicrano, e sicrano suporta de bom humor ser escarnecido e sem ir à forra; ou A importuna B à vontade e B retribui a zombaria apenas em parte. Há muitas variedades na forma deste relacionamento em diversas sociedades. (...)”. In RADCLIFFE-BROWN, A.R., 1881 – **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Trad.: Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis, Vozes, 1973, p. 115.

Neste sentido, não se trata de um parentesco entre a pesquisadora e seus sujeitos investigados, que implique em relações familiares ou de sangue; mas que, pela associação, pode estar ligada “*a uma aliança surgida pela troca de mercadorias e serviços ...*” (idem, p.129) ou, neste caso, pela identificação da cor, por parte dos sujeitos para com a pesquisadora (e vice-versa).

<sup>46</sup> Cf. ALMEIDA, M. B. de, p.79: “... *O grupo cooperativo e de reciprocidade imbrica assim um plano local e um plano de parentesco, cuja intersecção é ideologicamente assimilada a uma grande família. A construção simbólica desse grupo é enfatizada pelo fato de que mesmo pais, irmãos e cunhados são convertidos em compadres, afilhados e padrinhos, fechando-se assim uma teia de relações sob uma linguagem ritual (Arantes, 1975)*”. In **Redescobrimo a família rural**. Revista Brasileira de CIÊNCIAS SOCIAIS. Nº 1. Vol. 1, CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos – SP), junho de 1986, págs. 66-83.

A prática religiosa predominante é a católica, porém, existem outras que, por eles são denominadas de “crente”: “*Adventista do Sétimo Dia*”; “*Assembléia de Deus*”; “*Congregação Cristã*”; “*Batista*” e outras. Chapada é herdeira de um patrimônio religioso católico construído nos períodos de apogeu com a descoberta do ouro. Deixado de herança para as gerações presentes constam as seguintes igrejas: *matriz de Santa Cruz*; *capelas de Nossa Senhora do Rosário, Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora da Saúde*. Houve a *capela de Sant’Ana* anexa ao *Recolhimento de Mulheres* que foi fundado no século XVIII e que existiu até meados do século XIX<sup>47</sup>. A Capela e o Recolhimento já não existem mais.

A Igreja Católica e algumas das outras igrejas de “crentes” usam chamar aos seus fiéis, irmãos<sup>48</sup>. Os encontros na Igreja católica Matriz de *Santa Cruz*, marcam as condutas dos moradores, irmãos entre si, seus procedimentos no dia-a-dia porque será através das palavras do padre, do seu discurso, muitas vezes, sermões em que os moradores terão suas “orelhas puxadas” por suas “condutas indevidas” e bênçãos por suas “condutas devidas”. Condutas estas que deverão estar dentro dos padrões morais do lugar. Estes sermões são quase sempre realizados indiretamente, mesmo que por trás fique implícito para a comunidade à quem se destina determinado comentário ou à que/quais situações se destinam. Ou seja, enquanto instituição traz consigo um legado prático e teórico que legitima as ações dos moradores do lugar, e também, daquele que é seu porta-voz: o padre. Portanto, esta cidade está envolvida pelos regimentos de um catolicismo popular:

“... que se transplantou para o Brasil com a Igreja lusitana. Paulatinamente esse catolicismo foi sofrendo influência indígena e africana. (...) o catolicismo foi utilizado

---

<sup>47</sup> **Annuario de Minas Gerais, 1918:942**: “o primeiro Convento de monjas que se fundou em Minas foi o de Chapada. Já seus tectos e paredes desabaram. Resta de pé entregue ao culto o seo templo. Nas loisas de suas sepultura não se deletria nome de ninguem. A derradeira monja egressa morreo em Minas Novas, aos cem anos de sua idade”. apud PORTO, L. de M., in. Op. cit., 1997, p. 76.

<sup>48</sup> Cf. SALLES, F. T. de, apud BOSCHI, C. C.: “o que também caracteriza a feição grupal e de defesa dos interesses dos diversos estamentos sociais é a ligação que as irmandades estabeleciam, como se fosse uma rede através das cidades de Minas. Um irmão de determinada corporação, digamos, de Mariana, ao chegar a São João Del Rei ou Sabará, era recebido pelos locais como ‘irmão’”. In “Urbanização e irmandades em Minas Gerais”. **Os Leigos e o Poder – (Irmandades leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais)**. São Paulo: Ed. Ática, 1986, p. 34.

*amplamente pelo sistema colonial como legitimador prático e teórico da ordem estabelecida*<sup>49</sup>.

Numa camada mais profunda desta sociedade, podemos pensar na fofoca como um dado presente, freqüente no dia-a-dia destes. A fofoca se mostra portanto, como um regulador social que tem a função de “vigiar” e “punir” àqueles que saem do que é moralmente permitido pelo grupo<sup>50</sup>, mas que também, de certa forma, diverte. Tem um caráter pessoal e social: dupla face capaz de destilar todos os conflitos gestados.

Na dimensão social parece-me que a fofoca é também um instrumento utilizado para resgatar a “pureza perdida”<sup>51</sup>,

*“porque o sertão é o terreno da eternidade, da solidão, onde ‘Inneres und Ausseres sind nicht mehr zu trennen’ [ ‘O interior e o exterior já não podem ser separados’ ] (...). No sertão, o homem é o eu que ainda não encontrou o tu: por isso ali os anjos ou o diabo ainda manuseiam a língua. O sertanejo, (...) ‘perdeu a inocência no dia da criação e não conheceu ainda a força que produz o pecado original’. Ele está ainda além do céu e do inferno. ‘Er ist der Mensch, der Gott verloren und den Teufel gefunden hat’ [ ‘É o homem que perdeu Deus e encontrou o diabo’ ] (...).”*<sup>52</sup>

Neste sentido, pude observar que novamente, o conteúdo moral-religioso coloca-se presente no cotidiano dos moradores da cidade com mais intensidade, principalmente porque na cidade se tem uma maior concentração de habitantes num espaço único, enquanto que nas comunidades rurais existe, entre elas, uma relativa distância. Assim como, entre as casas dentro de uma mesma comunidade.

---

<sup>49</sup> VALENTE, A . L. E. F. “Catolicismo Popular e o Processo de Romanização”. In **O Negro e a Igreja Católica – o espaço concedido, um espaço reivindicado**. Campo Grande – MS: CECITEC/UFMS, 1994, p. 56.

<sup>50</sup> O filme iraniano “*O Jarro*” (1992), sob a direção de Ebrahim Foruzesh, demonstra numa cena, a fofoca, em uma pequena aldeia do deserto. Esta, é desencadeada por moradores que ficam em dúvida sobre o caráter de uma mulher e de um jovem. A primeira, arrecada dinheiro para comprar um jarro novo para a escola, que servirá para as crianças matarem a sede; o segundo, é encarregado de ir até a cidade comprá-lo. Devido a demora do jovem, os moradores então, iniciam os mais variados boatos, gerando brigas, mágoas que só terminam quando este volta com o jarro.

<sup>51</sup> Esta abordagem sobre a “pureza perdida” me foi sugerida pelo sociólogo Odilon Vargas Toledo numa de nossas conversas.

Para compreendermos melhor sobre a “pureza perdida”, basta tomarmos os conteúdos das fofocas que, em vários momentos de minha permanência em Chapada pude ouvir. Estes estavam, na maioria das vezes, relacionados aos namoricos de moças e rapazes; quem estava “dando” para quem; traição entre casais; quem ficou até tarde na casa de quem...; quem ficou até tarde no “trailer” bebendo... Dando origem às classificações de “pessoas que prestam” e “pessoas que não prestam”.

Portanto, pode-se levantar como hipótese a fofoca como um instrumento que serve para resgatar, recuperar a “pureza perdida” servindo para coagir aqueles que ousam enveredar-se pelos caminhos da não-castidade, do não-casamento, do adultério, da bebida, enfim, do prazer contra uma certa ordem estabelecida pelo grupo nos processos de socialização.

Neste sentido, parece-me que aspectos considerados de sociabilidade entram em choque com os aspectos desta socialização local, assegurada, na maioria das vezes, pelos adultos novos e velhos. Entram em choque porque a vida social dos jovens, de maneira geral, passam a ser mais vigiadas, bem como, a vida das mulheres, solteiras e casadas. Assim como, daqueles que são “filhos adotivos”, os que vêm de fora e assumem morada.

Por isto mesmo é que as relações, sejam elas boas ou más, são muito importantes. Estas, na maior parte do tempo, se dão basicamente na rua porque é na rua que as pessoas se reúnem em pequenos grupos: duas ou três pessoas em volta da praça; na frente da igreja; numa calçada qualquer para então falar o que se pensa ou o que se cria em suas mentes a partir do que se viu ou se imaginou ver... Conforme conversa informal com um morador de uma comunidade rural:

*“E: \_ ... a rua é o espaço das relações, é onde as pessoas atacam e defendem e se mantém no anonimato.” [(+ ou -) 56 anos, sexo masculino, autônomo, curso superior, morador da zona rural].*

Por outro lado, fica a pergunta: quem é amigo, então? Talvez o amigo seja aquele que está distante, o que vem de fora, o estrangeiro, o visitante. É aquele que não fixa

---

<sup>52</sup> ROSA, J.G., “Diálogo com Guimarães Rosa” – Günter Lorenz. In **Ficção Completa**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1995, p. 50.

morada, que permanece por um certo tempo no lugar sem assumir-se como morador, porque isto já o colocaria como membro da família; um filho adotivo e por isso, desencadeador de novos conflitos. O amigo é também, o “estranho parente” porque é como nos diálogos dos personagens rosianos cujo cenário é o sertão. Tomemos como exemplo o diálogo em *“A Hora e a Vez de Augusto Matraga”*, de Nhô Augusto e seu Joãozinho Bem-Bem em que este, despedindo-se do primeiro, agradece ao pouso oferecido e convida-o para seguir com seu bando de jagunços. Nhô Augusto recusa, mas em contrapartida, confirma sua simpatia, recíproca amizade e parentesco pelo estranho, chefe do bando:

“\_ Ah, não posso! Não me tenta, que eu não posso, seu Joãozinho Bem-Bem...  
 \_ Pois então, mano velho, paciência.  
 \_ Mas nunca que eu hei de me esquecer dessa sua bizarria, meu amigo, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem (...).” (1967:371).

Justamente a este “estranho” repousa o sentimento de uma amizade<sup>53</sup> possível que, entre os personagens rosianos do sertão, são misto de amizade-amor e que nascem no primeiro olhar. O olho capta a alma daquele com quem se identifica e vice-versa. Da minha primeira visita a Chapada, uma moradora disse-me enquanto me apresentava explicando-lhe sobre os motivos de minha presença na cidade: *“Bem se vê pelo seus olhos que você é boa gente”*.

Em Chapada a amizade pode nascer do primeiro olhar e, portanto, pode “ser dada”; senão, a desconfiança que se tem num primeiro encontro, deverá ser quebrada; ou seja, sabendo-se de onde ele vem, o que ele quer. Sabido isto, inicia-se um enamoramento, ainda um misto de timidez e receio, que vai gradativamente sendo rompido conforme a simpatia ou antipatia causada pelo visitante. Para isto um dos ingredientes imprescindíveis é a simplicidade. Como me disse uma funcionária da

---

<sup>53</sup> Cf. RADCLIFFE-BROWN, A.R.,: *“(...) Mas essas formas especiais de ‘amizade’ só podem, sem dúvida, ser tratadas num estudo sobre as formas de relacionamento social em geral, (...). O costume manda que algumas relações sociais se baseiem no respeito, de graus diferentes e expresso de maneiras diversas; outros são de modo a permitir certos graus de familiaridade, e em casos extremos, de licença.(...)”*. In *“Nota adicional sobre os Parentescos por Brincadeira”*. Cap. V. Op. Cit., p. 136.

prefeitura na minha primeira ida à cidade: “*não adianta querer chegar aqui com nariz empinado, o povo não se abre, não...*”.

A arrogância é uma das posturas que podem sugerir que aquele Outro se vê e se mostra como superior mesmo que isto não seja real. Em geral, os moradores te dizem se você é ou não, merecedor da sua confiança e amizade; porém as mulheres têm especial influência nesta informação. Se se sentem inferiorizados ou se são tratados como inferiores, para muitos a defesa é “silenciar”... Agora se te dão amizade é como o personagem de Guimarães Rosa, *Riobaldo*, diz: “... *amizade dada é amor*”(1986:134).

Nesses ir e vir, tão perto, tão longe do campo foi que, então, se deu o contato pesquisadora/pesquisado como “estranho parente”: esse alguém que vem de fora com ares de quem é de dentro. No convívio, fomos nos conhecendo melhor, nos revelando... Viram que eu era de fora, mesmo: era a pesquisadora. Houve o “estranhamento”, os receios com o que falar para mim: “*será que u vou dar conta?*” “*Ah, não sei se u sei responder isso, não...*”, eram suas indagações envergonhadas quando os abordava. Mas depois de uma brincadeira: *como você não sabe?! Você não sabe me dizer quem é você, quantos anos você tem!* Daí partíamos para o riso<sup>54</sup> e a conversa começava. Passado um tempo... de alguns posso dizer que ganhei amizade, ganhei amor.

Todavia as responsabilidades da pesquisa, o não pertencimento ao lugar me impulsionavam a partir...

### 1.2.2. “...Por que é que separação é dever tão forte? (...)”<sup>55</sup>?

Sendo o “estranho parente” aquele que vem de fora com ares de quem é de dentro, o próprio pesquisador, *a priori* já traz consigo muitos componentes para ser denominado de *amigo*. No caso de Chapada, um destes componentes expressa-se no que eles mesmos denominam de *simplicidade*. Mas antes, esta pode ser a conseqüência de uma empatia por parte daquele que vem para pesquisar aquilo que lhe é “novo”, trazendo portanto, um emaranhado de emoções, expectativas, leituras...

<sup>54</sup> Cf. ALVES, R.: “(...) *No momento em que rimos de nós mesmos o feitiço se quebra*”. In “*Aos (possíveis) sabiás*”. **E AÍ?: cartas aos adolescentes e a seus pais**. Campinas: Papirus: Speculum, 1999, p. 43.

<sup>55</sup> ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986, p. 377.

Estes sentimentos podem ser, muitas vezes, bons e/ou ruins, como aqueles que podemos também estar despertando em nossos sujeitos investigados. À medida que o pesquisador e o campo vão se confrontando, passa-se, então, a viver naquele cotidiano. Cotidiano este que, por um certo tempo, adotamos... Ao adotá-lo com a intenção de melhorar o relacionamento com o grupo, estamos também, correndo o risco de cairmos nas teias de uma rede sutil de conflitos, de *ácidas picuinhas*<sup>56</sup> que podem desviar nosso olhar, mascarando a realidade.

O grau de envolvimento do pesquisador, “estranho parente”, com o campo, com os sujeitos investigados não diz respeito ao tempo cronológico de sua estada no lugar. Diz respeito ao tempo-intensidade das relações. Este, por sua vez, carregado de um duplo sentido: pode ser muito proveitoso mergulhar no oceano das emoções destes sujeitos investigados, porém, corre-se o risco do afogamento... Quando este se aproxima, é chegado o momento de ir embora. Recuar. Voltar ao lugar de origem, mesmo que temporariamente e depois retornar novamente.

Ao mesmo tempo em que gostaríamos que aquele amigo permanecesse morando no lugar, paira o desejo quase inconsciente de que ele parta, porque amigo é aquele que está longe e por isto, não terá tido o tempo de passar pelos julgamentos do grupo, não terá se revelado por completo ou não correspondido às expectativas de virtudes impostas pelo coletivo.

Por isto é que nas vezes em que comuniquei àqueles que me são mais próximos no campo, os amigos-sujeitos investigados-informantes foi que sempre ouvi a reclamação: “*mas ficou tão pouco... não vai agora, não*” e logo em seguida: “*quando vai voltar?*”

Por outro lado, quando também passamos a fazer uso dos nossos juízos de valor, é hora de voltar... é tempo de, mesmo que espacialmente no primeiro instante, nos distanciarmos, para podermos então, fazer o caminho de volta ou como chama atenção Zaluar (1996): “*esta dialética da aproximação-distanciamento, que faz a festa da antropologia...*”, de tal modo que nossas práticas não se percam em tentativas de sair das teias de “pequenas intrigas” que podem ser contumazes no cotidiano investigado.

---

<sup>56</sup> Op. cit. 1986, p. 377.

Parece-me oportuno refletir sobre o que diz Zaluar, principalmente por ter adotado uma prática de rotatividade, tanto no ir e vir ao campo, quanto às minhas hospedagens no lugar que, por cortesia das pessoas acabaram sendo sempre variadas: pensão, república de jovens e casas de família dos jovens investigados.

*“... Ao se negar o posto de observador e ao avaliar (participativamente) ações e pessoas, o pesquisador pode estar inadvertidamente legitimando lideranças locais, tanto de pessoas quanto de grupos, ao mesmo tempo que ajuda a instituir o próprio modo de comunicação entre líderes e liderados. Ao privilegiar o discurso sobre a carência e um certo modo de encaminhar as reivindicações locais, o pesquisador já definiu previamente o campo de sua atenção e seus informantes-agentes principais. Ao fazer isso, pode estar reforçando um tipo de retórica e um tipo de liderança que está longe de ser a única a mobilizar e a organizar o espaço público local. Mesmo que, na sua ética de respeito à autonomia dos agentes, exima-se do papel de educador que outros se imputam, sua mera presença junto a uma associação ou a um grupo de pessoas pode vir a aumentar o prestígio e a força delas em detrimento de outras organizações, neste campo político altamente competitivo de que fazem parte as organizações populares”* (Zaluar, 1996:113).

Portanto, o tempo-intensidade das relações e o ir e vir no campo, tornam-se o termômetro para o desvendar das máscaras. Quanto maior for a abertura dos sujeitos investigados para com o “estranho parente” maiores serão as possibilidades de que este desvendar aconteça mais rapidamente. Mas se por algum motivo esbarramos na confiança destes, teremos a porta abruptamente fechada ou entreaberta. O conteúdo metafórico quer dizer que numa sociedade, e estou me referindo em maior grau à zona urbana de Chapada do Norte cujas relações estão cotidianamente sendo observadas, às vezes até por simples curiosidade pela vida e fazeres do outro, o “estranho parente”, o amigo também é passível da observação e julgamentos do grupo.

### **1.3. Olhares sobre o espaço: a importância da casa e da rua**

Em Chapada o fio de calçada que separa, casa e rua, é muito estreito, de tal modo que portas e janelas, estão face a face com a rua. Não sendo, portanto, uma ou outra,

espaços de maior ou menor privilégio. Mas o cotidiano acentua a ambigüidade e delinea outras faces destes espaços público e privado. Em muitos casos, o que é “maquinado” no interior da casa, revela-se anonimamente nas ruas pelo instrumento da fofoca, dos comentários, e, o que é anônimo nas ruas, dentro de casa, torna-se confesso.

Talvez, esteja presente nesta “vigilância civil”, traços de um período de dominação e controle, exercidos pela Igreja Católica do período colonial, principalmente, pela presença e o desenvolvimento das leigas irmandades mineiras que,

*“... ao se constituírem e se organizarem, extrapolando suas funções espirituais, as irmandades tornaram-se responsáveis diretas pelas diretrizes da nova ordem social que se instalava e, a exemplo dos templos e capelas que construíram, elas espelharam o contexto social de que participavam. Nesse sentido, precederam ao Estado e à própria Igreja, enquanto instituições. (...)”<sup>57</sup>.*

Nos dias atuais, respeitando o contexto histórico e espacial, a irmandade configura-se numa influência religiosa, com componentes particulares e originais que é próprio do “*jeito do lugar*” ou “*sistema do lugar*”<sup>58</sup>. Parece-me que muitos adultos de Chapada do Norte, assumem-se como formadores da conduta dos demais membros do social e estipulam os valores que devem prevalecer, utilizando-se, muitas vezes da “falação”, dos “mexericos”, da “intriga” para confirmar e assegurar o seu poder pessoal de intervenção em nome, talvez, da consciência de pertencentes a uma irmandade ou mesmo “do que eles julgam ser o certo”. Portanto, indiretamente a irmandade atribui um certo “poder” aos adultos que dela participam, de tal maneira que estes vêm-se na “obrigação” de orientar os mais jovens, sobretudo as mulheres sobre as condutas morais a serem seguidas.

---

<sup>57</sup> Cf. BOSCHI, C.C. “Surgimento e desenvolvimento das irmandades mineiras”. In Os Leigos e o Poder (Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais). São paulo: Ed. Ática, 1986, p. 23.

<sup>58</sup> Cf. GODOI, E. P. de, “*é uma expressão tirada da fala de um camponês, quando me explicava a incorporação de ‘gente de fora’ ao grupo, dizendo: ‘eles ficaram porque pegaram o sistema do lugar’.(...)*”. In GODOI, E. P. de, e Niemeyer, A. M. de, (orgs.) “O Sistema do Lugar: história, território e memória no sertão”. **Além dos Territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p.97. Em Chapada do Norte alguns moradores me disseram que eu já tinha pego o “jeito do povo”, o “jeito do lugar”, por isso estarei fazendo referências a “jeito do lugar”, considerando que “jeito” e “sistema” seriam sinônimas quando aplicadas nestes contextos.

Assim sendo, estas relações são demarcadas por um “*espaço-tempo doméstico*” que é o “*espaço-tempo das relações familiares*”. Conforme Santos (1995):

“*As relações sociais familiares estão dominadas por uma forma de poder, o patriarcado, que está na origem da discriminação sexual de que são vítimas as mulheres. Obviamente, tal discriminação não existe apenas no espaço-tempo doméstico e é aliás visível no espaço-tempo da produção ou no espaço-tempo da cidadania, (...)*” (p.301).

Contudo, parece-me que o que é “permitido” nos períodos de festa: namoricos sem compromisso, bebedeiras, dançar até altas horas... sofre durante o dia-a-dia, certa repressão através dos olhares vigilantes daqueles que se apregoam no dever de zelar pela boa conduta dos demais, em particular dos jovens<sup>59</sup>. Por isto, a rua e a casa têm muita importância na vida dos jovens de Chapada do Norte, sobretudo nos períodos da Festa.

### **1.3.1. A Festa anunciada: o cartaz**

Meio-dia, sexta-feira. Após o toque do sino, a Banda de Música Filarmônica de Santa Cruz, inicia, oficialmente, os festejos da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Estouros de fogos de artifício. Por iniciativa da prefeitura, a Banda foi formada no ano de 1991. Esta tem acompanhado vários momentos festivos da cidade, especialmente, na Festa de Rosário quando seus integrantes<sup>60</sup> levam música, executando marchas e clássicos, do início ao fim das comemorações. Partem da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e seguem pelas ruas da cidade alegrando os moradores, despertando-os para a Festa, anunciando que à noite vai ter novena, vai ter leilão. A Banda se reabastece na casa da festeira que lhes oferece, assim como, para quem chegar, biscoitos, doces e licores.

As casas dos festeiros também estarão abertas em todo o período festivo. Se for a festa de Nossa Senhora do Rosário se ouvirá falar: *a banda parou na casa de dona*

<sup>59</sup> Cf. BRANDÃO, C.R.: “... e as mesmas buscas do outro, onde os desejos do amor e do prazer entre homens e mulheres agora se escondem menos e já não se sublimam tanto mais. Narciso muda de roupa mas não de cara”. In **A Cultura na Rua**, Campinas: Papirus, 1989: 16.

<sup>60</sup> Cf. PORTO, L.de M.: “...na atualidade, eles são em sua grande maioria jovens e solteiros – o que faz com que esperem e desejem ‘aproveitar a Festa’ tanto quanto os demais jovens da cidade. A presença da

*Fulana para descansar, comer os biscoitos e tomar licor; as roupas dos cavaleiros estão na casa de dona Sicrana; as casas dos festeiros de Rosário, do rei e da rainha estão com as portas abertas para receber os donativos (Porto, 1997).*

O estouro dos fogos anunciam o início da novena. As pessoas para a Igreja se destinam ao cair da noite. No altar a imagem de Nossa Senhora do Rosário. O padre lendo trechos da bíblia, inicia as orações seguido pelas mulheres mais velhas, experientes na prática das novenas. Também são conhecidas por *novenárias* pois são "...responsáveis pelo fornecimento de velas e fogos para a novenas" (Porto, 1997). A escolha destas *novenárias* é feita pelos festeiros, rei e rainha, antecipadamente. Cada dia de novena, uma *novenária* diferente é encarregada.

Entre um sermão e outro, jovens do teatro encenam o pedido de misericórdia à Nossa Senhora do Rosário. As pessoas saem da igreja. Descem a rua. A barraca para o leilão está armada. Os produtos que serão leiloados estão à mostra aguardando os lances. A Banda toca. Os gritos começam e arremates são feitos pelos participantes.

No dia seguinte, pela manhã, as pessoas seguem para o rio Capivari buscar água para a lavação da Igreja do Rosário. Estas que ajudam na limpeza da igreja são, em sua maioria, mulheres. Porém, alguns homens ajudam, principalmente, nas tarefas mais pesadas. Espontaneamente, lavam a igreja, os objetos de metal, as coroas e varas dos reis. Fazem com alegria e devoção à Santa. Muitas dessas mulheres são moradoras da zona rural e, algumas fazem parte do grupo de Congada.

No período da tarde, após o término da limpeza da igreja do Rosário, estas pessoas são convidadas para o angu na casa da festeira. Fartas bacias cheias do cozido a base de fubá de milho, água e sal. Conforme Porto (1997), muitas dessas mulheres não vão porque não querem dar a entender que estão sendo pagas com comida pelo seu trabalho pois, se o fazem, é por devoção. Usam das mais variadas desculpas. Porém, o angu com caldo de galinha é para todos.

No fim da noite, na Praça da Matriz, uma potente aparelhagem de som convida os moradores para a diversão, com direitos a paqueras, namoros, bebidas. É a *sonorização na Praça*. Com variações, o palco também recebe shows musicais.

---

*banda, no entanto, é necessária na maior parte dos eventos festivos, o que exige uma grande dedicação. (...)*. In Op. cit., 1997, p. 120.

No sábado, os moradores rumam ao Córrego do Rosário para buscar a Santa. Neste trajeto, são acompanhados pelos tambores e pela Congada. Prática recente, a “*buscada da Santa*” incorpora a Congada de maneira mais efetiva no contexto da Festa e faz um contraponto com o *tambor*, que é prática mais antiga dos festejos de Rosário neste município.

Porém, reconhecidamente, a Congada é uma manifestação de origem africana e que, embora, se diga que ela tem pouco tempo, de formação grupal (mais ou menos dez anos) nos festejos de Rosário de Chapada<sup>61</sup>, é importante ressaltar que “(...) *a coroação dos reis de congo, denominação comum que abrangia sudaneses e bantos, já era realizada na igreja de Nossa Senhora do Rosário do Recife, em 1674, Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, aparecendo Antônio Carvalho e Ângela Ribeira sendo rei e rainha de congo (...)*”<sup>62</sup>; portanto, cabendo a indagação sobre a coroação dos festeiros (rei e rainha) de Rosário neste município, se já não seria a emergência de um imaginário mais longínquo e que, não estaria de todo distante, para além das fronteiras entre tempo e espaço, de uma nação banto<sup>63</sup>, constituindo-se num dos elementos de formação da Congada, num sentido mais amplo, pois, “*nos dias de hoje, as congadas do Centro-Sul*

---

<sup>61</sup> Sobre isto também existem controvérsias, conforme depoimento de uma participante do Grupo de Congada da comunidade de Misericórdia: “... *ela, essa Congada faz dez anos que a gente começou de novo, essa Congada já existia, só que não era assim de sair, né (...)* *Aí eu sei que começou logo no início, que já faz mais ou menos um cinquentena anos, o início desse Congado. Eu sei que o avô do meu marido, fazia assim muita lavoura; meu pai, também, e aí mais essas época os trabalho mais era em multirão, ... Daí por diante, eles tomavam banho e se arrumavam e tudo, e depois o dono da roça satisfeito, porque tinha limpado a roça toda, falava com ele assim: ‘d’agora em diante nós vamos brincar outro tipo de brinquedo, (...), nós vamos brincar na sala, não mais na roça’. E aí onde qu’eles começavam era o ‘nove’, era o ‘caboclo’, era a ‘roda morena’, era a ‘roda de sebo’, né e aí tirava a noite. (...)* [43 anos, sexo feminino, primário completo, moradora da zona rural].

<sup>62</sup> Cf. CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia Limitada, 1993, p. 243.

<sup>63</sup> Cf. MACHADO FILHO, A. da M.: “... *A importância dos ‘vissungos’\*, sua difusão no local, desde os primeiros tempos, a necessidade que tinham os brancos de aprender a língua dos negros, a influência africana nos começos do arraial, os vestígios da língua na linguagem corrente, na onomástica e na toponímia, - tudo isso acabou de me convencer, dando corpo à antiga suspeita, de que existia em S. João da Chapada um dialeto crioulo de negros bantos. E, efetivamente, de agora em diante, já não cabe dizer que somente existiu, no Brasil, o dialeto dos negros nagôs na Bahia*”. In “Advertência”. **O Negro e o Garimpo em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985, p. 14.

\* (grifo meu) “vissungos = cantos de trabalho”.

*são, na maior parte das vezes, uma combinação de ritmos e de ternos diferentes, reunidos por ocasião das festas de santos padroeiros*”<sup>64</sup>.

De outro lado, o *tambor* exerce grande influência e atração nesta Festa pois, além de estar diretamente ligado à lenda da Santa que diz que quando encontraram-na nas águas do rio, só conseguiram trazê-la sob a batida do *tambor* nas mãos do negro. Os brancos, por sua vez, não tiveram sucesso nesta empreitada<sup>65</sup>.

Feito com madeira oca e couro, o “*tambor tem... independentemente de seu efeito psicológico, bem conhecido dos indígenas, uma ação mística própria. Ele exerce uma influência sobre as disposições dos seres invisíveis como sobre as dos humanos. (...)*”<sup>66</sup>. Os *tambozeiros* (tocadores do *tambor*) acrescentam outro elemento à sua evolução pelos cortejos da Festa: a cachaça. Dizem que esta é que alimenta o *tambor*, o instrumento e o tocador. Fato que não deixa de causar polêmica entre os católicos, defensores do aspecto sagrado que a manifestação para uma Santa católica possui.

Todavia, se durante o dia os moradores da cidade brincam, dançam, riem com os *tambozeiros*, à noite, aguardam ávidos pelo espetáculo do *Mastro a Cavallo*. Indiscutivelmente, este é o que provoca indignação nas pessoas quando se diz que não ficará para vê-lo. Esta dramatização é considerada o ponto principal da Festa, concorrendo com o *tambor*, mas sem perder sua preferência pois, se não tiver o teatro do hasteamento da bandeira de Nossa Senhora do Rosário, envolvida pela “batalha” entre mouros e cristãos, trazendo elementos simbólicos que são resignificados no interior do grupo, de modo a comprovar a devoção do povo negro, a festa não está completa.

Esta devoção fica personificada nas mãos do “rei mouro”, que é quem leva a bandeira da casa onde estava guardada até o local para seu hasteamento. Ao pé da encenação, mouro e cristão, já são todos cristãos pois, a “batalha”, é suprimida quando unem-se em louvação à Nossa Senhora do Rosário.

Logo após a encenação do *Mastro*, acontecem o *Leilão* e os *Shows musicais na praça da Matriz*. No entanto, muitos dos participantes desses festejos, preferem ficar até mais tarde, pois logo será a hora de participarem da *Alvorada*, às cinco horas da manhã

<sup>64</sup> Cf. BRANDÃO, C.R., “Cortejos, cantos e danças de negros em festas de Igreja”. **Festim dos Bruxos: estudos sobre a Religião no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Ícone, 1987, p. 201.

<sup>65</sup> Cf. PORTO, L.de M., Op. cit. p.110.

<sup>66</sup> Cf. MACHADO FILHO, A. da M. Op. cit., p.70.

do dia seguinte. Anunciando o fechamento do ciclo da Festa, a Banda de música, em frente a Igreja do Rosário executa algumas músicas, com o badalar dos sinos. Descem à rua, param na casa da festeira, comem e tocam. Os demais moradores também aparecem. Saindo, a banda de música percorre as ruas da cidade, tocando suas músicas.

No penúltimo dia, dá-se a *Subida do Reinado* até a Igreja do Rosário. Rei e Rainha saem de suas casas e fazem este trajeto acompanhados pelas pessoas, num grande cortejo. Chegando à Igreja, os festeiros sentam-se em seus tronos e assistem à *Celebração da Santa Missa*.

Após esta celebração, acontece, à tarde, a *Distribuição de doces na casa do rei*. Se a festeira oferece o salgado, o festeiro oferece o doce. Este, também, como o angu, deve ser distribuído fartamente; no caso de falta, é considerado um ponto negativo para aquele festeiro. De mamão, de laranja, de batata-doce, fava, abóbora e outros são os tipos de doces oferecidos à população. Logo, podem ir para a Praça da Matriz saborear seus doces e divertirem-se sob o som que ecoa das potentes caixas sobre o palco.

Ao cair da tarde, todos saem em *Procissão* da Igreja de Nossa Senhora do Rosário carregando o andor com a Santa. Ao retornarem, executam a *Coroação de Nossa Senhora*. Segundo Porto (1997) este é o último evento “tradicional” do *Domingo da Festa*. Observa que a *Coroação* da Santa é feita por crianças entre cinco e dez anos, “brancas” e morenas (negras-mestiças), as negras ficam em segundo plano. Para a pesquisadora, isto evidenciaria a “valorização do padrão de beleza branco adotado pela comunidade”.

Mas que, por outro lado, em se tratando de uma festa religiosa, em comemoração a uma Santa católica, também pode ser plausível a leitura de que esta escolha esteja marcada por um imaginário cristão<sup>67</sup> em que, a pureza, está no branco angelical, na idéia de que anjos são brancos, têm olhos claros e cabelos longos com cachos. Assim foram

---

<sup>67</sup> Cf. BRANDÃO, C.R.: “Muito embora as congadas possam conter elementos genuínos de uma memória africana como parte dos seus gestos, cantos, falas e passos, elas possuem a estrutura de rituais de tradição católica e européia. Sob essas condições, elas incorporam-se ao conjunto de atrações festivas e populares a meio caminho entre o puramente folclórico e o religioso catequético”. In Op. cit., 1987, p. 194.

retratados pelos pintores, nas pinturas das igrejas católicas, nas telas em alusão às passagens bíblicas, tendo por base os seus ensinamentos.<sup>68</sup>

No último dia da Festa, logo pela manhã, novamente tem a *Subida do Reinado* até o local onde se dará a *Abertura do cofre* com os pertences em ouro da Santa e do livro para a *filiação dos novos irmãos*, a Igreja de Rosário. Nesta *Subida do Reinado* já se encontram os novos festeiros. Neste momento, outras pessoas da irmandade vão até a casa do tesoureiro pegar o cofre. Com a conferência dos pertences da Santa, bem como, a leitura da Ata, há o recolhimento dos pagamentos anuais por parte dos irmãos.

No início da noite, a Missa assinala a *Posse dos Novos Reis*, encerrando o ciclo de um *Reinado* e o início de outro. Os moradores, sobretudo aqueles que estão ligados à Irmandade, saem em cortejo pela cidade. A noite reserva mais *sonorização na Praça, o “Thunder Som”, shows musicais*. Estes, vez ou outra, acabam provocando polêmicas entre os mais velhos que reclamam, dizendo que são para os jovens, mas os jovens, de maneira geral, gostam muito e acabam conciliando as “tradições” dos festejos com as inovações musicais até porque, nestes momentos de exaltação da “tradição”, encontram motivações juvenis.

No entanto, ao mesmo tempo que esta festa enfatiza e ressalta a identidade do povo negro de Chapada do Norte, parece-me que ela também é mais um dos instrumentos utilizados pelos adultos e os adultos-mais-velhos para respaldar o seu controle sobre os jovens como detentores da “tradição”, o que lhes assegura, portanto, reconhecimento perante o grupo. Todavia, é pela religiosidade, pela Festa de Nossa Senhora do Rosário que a “tradição”, os costumes do lugar são celebrados, rememorados e transmitidos aos mais novos, aos jovens tanto da zona rural quanto da zona urbana, pois nestes momentos de confraternização religiosa é que se poderá presenciar os encontros e as inúmeras trocas de seus moradores.

---

<sup>68</sup> Cf. reportagem da REVISTA VEJA: “... *Reais ou não, as histórias bíblicas são permeadas por regulamentos morais que moldaram de forma definitiva a civilização ocidental. (...) Não se pode confundir mito com quimera, diz Domingos Zamagna, professor de história e tradutor da Bíblia para o português. A mitologia está ligada às profundezas da alma humana. Todas as civilizações têm sua mitologia. Os seres humanos sempre recorreram aos mitos para se comunicar e tentar entender a realidade*”. in CARDOSO, M. (Religião) “O Mito e A Ciência na Bíblia”. **Revista Veja**, ed. 1610, nº 32, 11 de agosto, 1999, págs. 84; 88.

### 1.3.2. Quando é o dia da Festa...

*“ (...) As mulheres vão seguindo queimando os dedos na cera...”<sup>69</sup>*

A religiosidade é muito importante para os moradores, quase tão importante quanto comer, beber e dormir... Fato que mobiliza a cidade, como os rituais da Semana Santa que são criteriosamente ensaiados e ocupam todos os espaços. A igreja Matriz fica lotada. Os jovens são chamados a participar. Há uma certa inquietação, um misto de respeito com um certo ar de deboche ao ouvirem o sermão do padre. A presença dos jovens demonstra um certo prestígio para a igreja e também para as respectivas famílias dos mesmos que da cerimônia participaram. No entanto, conversando com um rapaz da cidade sobre este período de exaltação religiosa da Igreja católica no município, perguntei-lhe:

*“P: \_ Aqui em Chapada, como você vê a relação dos jovens com a religião, a igreja?*

*E: \_ Muito pouco... o jovem não tem aquela relação de missa, religião, não. Igual antes, aí no final de semana, se convidar um menino prá ir numa missa, não tem aquele... Eu acho que a maioria do jovem aqui procura mais é lazer, essas coisas. Eu, pelo menos, quando eu vou à igreja, participo de alguma coisa, sempre quando é Semana Santa, que assim mesmo me colocam sem eu saber, quando é depois eu tô sabendo que vou participar porque colocam meu nome no cartaz. Aí coloca lá e eu tô sabendo que vou participar. Aí depois eles me procuram. Aquela coisa.... Mas o jovem aqui não participa muito em igreja, não; são poucos os que participam.” [ 23 anos, 2º grau completo – magistério -, empregado, morador na cidade]*

A conversa com este rapaz me alertou para um outro lado das práticas juvenis da cidade, que não poderiam ser generalizadas por aquela visão da igreja toda lotada de jovens no período da Semana Santa, pois, efetivamente, muitos jovens, no cotidiano, não são freqüentadores assíduos da igreja. Porém, também não estão isentos das pressões do próprio coletivo ou, então, da família, para, nos momentos das comemorações oficiais, participarem.

---

<sup>69</sup> Trecho de *Chora Carpideira*, música cantada por Nana Caymi.

Houve *celebração penitencial para os adolescentes, para os adultos e para os casais*, no domingo e segunda-feira santa; procissão do depósito das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores. As imagens saíram da Igreja Matriz e seguiram com seus fiéis em procissão para as Capelas de Nossa Senhora da Saúde, a imagem de Nossa Senhora das Dores, e, para a capela de Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa, a imagem do Senhor dos Passos, na Terça-Feira Santa.

No cortejo de Nossa Senhora seguem apenas as mulheres, crianças e as jovens; no do Senhor dos Passos somente os homens, adultos e jovens, poucas crianças. Na Quarta-Feira Santa, aconteceu a procissão do Encontro das Imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores. As pessoas me diziam assim: *“a imagem de Nossa Senhora sai lá de baixo e a de Nosso Senhor cá de cima e se encontram na Matriz”*. Encontram-se no centro. Alguns homens comentaram em tom de brincadeira: *“as mulheres ficam lá embaixo e os homens vão para cima”*. A geografia da localização das duas capelas os impelia a estes comentários que podem até sugerir um certo tipo de concepção com relação ao lugar da mulher em Chapada.

As mulheres seguem as rezadeiras nas ladainhas religiosas, puxando um *“Salve Rainha Mãe de Misericórdia”*, e os homens *“(...) nos passos que vós destes carregando a dura Cruz como Pai há quem dê-nos, valendo Jesus”*<sup>70</sup>. Iluminam as ruas com suas velas acesas e seus cantos de reza. Os que não participam das procissões, assistem-nas respeitosos de suas janelas. E os jovens? Alguns observam, outros seguem...

Em certos tempos, a rua em Chapada é uma extensão da casa: ambigualmente, o público e o privado se interpenetram. Assim, nos períodos de festejos, quando o espaço público seria o centro, o espaço doméstico não deixa de ter seu papel essencial, pois que, serão nas casas que irão hospedar-se os amigos-visitantes, parentes, pessoas queridas que, na ocasião da festa, são esperadas com certa ansiedade pelos moradores. Espaço público e privado dissolvem-se: entram na casa imantados de rua – vão para rua imantados da casa ou *“... trazer a rua para casa e devolver a casa para a rua...”* (Brandão, 1989: 21), sobretudo nos períodos da principal Festa da cidade.

---

<sup>70</sup> Estes trechos foram cantados para mim por Dona Conceição (76 anos) sentada numa cadeira de rodas, vítima de um derrame.

Rosário: um nome de mulher. Pode ser de qualquer uma, mas aqui Rosário é Nossa Senhora. Padroeira dos negros e dos pobres. Pobres negros, pobre gente das margens do rio... do Vale... do Jequitinhonha. Santa padroeira de Chapada do Norte que lhe pede suas bênçãos – pede a outros santos também -, mas hoje, o dia da Festa, são para ela os maiores pedidos...

Festa de Nossa Senhora do Rosário, “tradição” em Chapada<sup>71</sup> e no Vale que também chama atenção pelo seu artesanato em barro, corda, madeira, couro; seus poetas, músicos e o Coral Trovadores do Vale. São oitenta municípios que, se não a realizam, pelo menos vão para aquele que a está realizando num dado ano para dela participar. Não se discute qual é a melhor festa do Rosário, se a do Serro (no alto Jequitinhonha), se a de Minas Novas ou se a de Chapada. Mas o povo de Chapada diz: *“a festa de Rosário de Chapada é a melhor, é a mais tradicional”*. Como demonstra Moura (1983):

*“A invocação de Nossa Senhora do Rosário esteve sempre intimamente ligada às classes subordinadas urbanas e rurais de Minas Gerais. Sua irmandade, contudo, desde o século dezoito um espaço de convívio de escravos e alforriados, jamais deixou de expressar a condição de instrumento do controle político de Portugal sobre a Colônia, através de uma disciplinação da vida religiosa e social de seus associados”* ( p. 229).

Aires da Mata (1985) fala que quando é tempo de festa *“ ... manda cair a casa de novo, veste garridamente mulher e filhas, renova-se também, e fica esperando a parentela ou os compadres do sertão”* (p.33-34). A casa cheia de gente para o *“tipo autêntico”*, segundo o autor, é sinônimo de prosperidade, pois a hospitalidade do dono da casa significa que este já saldou as suas dívidas.

---

<sup>71</sup> Cf. PORTO, L. de M.,: *“... é um dos principais instrumentos na definição da identidade do grupo – pois, se por um lado ela aponta a predominância negra na comunidade, por outro ela é capaz de reunir a todos em torno de uma irmandade e de uma devoção que não são exclusivas dos negros”*. In Op. cit., 1997, p.81. Festa que acontece sempre, a mais de cento e cinquenta anos, no mês de outubro, quase sempre no 2º domingo. Mas a festa já não é unanimidade no interior do grupo por motivos religiosos. Se existe uma maioria católica que pratica e gosta da festa; existe uma minoria que está mudando de religião, passando para a protestante que não reconhecem mais a festa. Percebe-se rapidamente quando um morador deixou de ser católico, basta perguntar: você participa da Festa de Nossa Senhora do Rosário? Eles fecham o rosto e a resposta é, quase sempre, curta e grossa: “não”.

As festas sempre foram uma forma de confraternização entre os moradores das Minas Gerais<sup>72</sup>. No Vale do Jequitinhonha e em Chapada, não é diferente. Quase sempre retornam os que partiram. Vêm para festejar, reencontrar-se com os parentes, amigos, esposa, namoradas; vem gente de fora também para participar: “... *eis que a festa restabelece laços. Sou eu que se festeja, porque eu sou daqueles ou daquilo que me faz a festa...*” (Brandão, 1989: 09)

Se o homem está *caiando* a casa, a mulher está lavando toda a roupa suja, está preparando um doce para receberem as visitas. A cidade espera os que vêm do café, da cana porque também trazem o dinheiro que circulará no pequeno comércio; que gastarão com os mascates que vêm de Vitória da Conquista – BA (a maioria). Chapada ficou cheia: lua cheia<sup>73</sup>...

“... *Sabe eu senti muito de você não ter ficado na festa, sabe, este ano foi uma das melhores festas para mim. Olha vou ti contar do Mastro, foi muito mais bonito que o ano passado, houve mais fogos, gostaria que você tivesse aqui para que você visse de perto a maravilha dos cavalos, dos cavaleiros e do hasteamento da bandeira. (...)*”<sup>74</sup>

Ouvir, saber sobre a festa levou-me a constatar que não importa qual foi a realidade, sucesso ou fracasso, ela terá sido sempre um sucesso para uma maioria. Como no trecho da carta do jovem que escreveu-me tempos depois de passada a festa, “*aquele ano a festa foi uma das melhores (...)*”. Possivelmente a do ano seguinte será melhor também, porque algo de muito bom irá acontecer durante o período da festa, esta quase sempre é a expectativa daqueles que dela participam. Ou seja, o seu acontecimento já é “o melhor”, pois quando entreguei para alguns jovens o questionário, na pergunta sobre o que eles acham da Festa de Nossa Senhora do Rosário, as respostas foram as seguintes:

---

<sup>72</sup> Cf. BRANDÃO, C.R.: “... *a festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer – e não deve – fora dela. Séria e necessária, a festa apenas quer brincar com os sentidos, o sentido e o sentimento. E não existe nada de mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isso.*” In Op. Cit. 1989, p. 17.

<sup>73</sup> Coincidiu, neste ano de 1998, com os períodos da lua – Cheia no dia 05/10 (início da festa); Minguante no fim da festa, 12/10.

<sup>74</sup> Trecho de uma carta de um jovem morador, 23 anos, da cidade de Chapada do Norte para a pesquisadora enviada em 03/11/98.

“\_ *Eu acho ótima, muita descontração.*” [ 18 anos, sexo masculino, da zona rural morando em república na cidade]

“\_ *Ótima! Há nível cultural, é a única da nossa região que ainda guarda os traços de nossos antepassados.*” [ 18 anos, sexo masculino, da zona rural morando em república na cidade]

“\_ *Uma festa muito importante, isso porque é um ato patrimonial, cultural da cidade. Falam que é a festa mais importante do Vale do Jequitinhonha.*” [ 23 anos, sexo masculino, da cidade]

“\_ *Tem muito tempo que não participo, mas tenho certeza que ela é o máximo.*” [ 22 anos, sexo feminino, da cidade]

“\_ *Entre outras coisas é o que Chapada tem de melhor.*” [ 20 anos, sexo feminino, da cidade]

“\_ *Acho o máximo, é uma grande valorização da cultura de nossa região. Tem também fontes de divertimento. A festa é responsável pelo retorno de muitos chapadenses ausentes.*” [ 21 anos, sexo feminino, da zona rural morando em república na cidade]

“\_ *Acho muito importante, lembra muita coisa do passado.*” [ 22 anos, sexo feminino, da zona rural morando em república na cidade]

É importante observar que, como o rapaz [23 anos] acima citado, muitos outros que entrevistei, se referem ao *Mastro a Cavalo*, aos *cavaleiros*<sup>75</sup> como o mais bonito e importante da festa e, ainda, à *Missa* que a encerra; porém, este dizer, logo é elencado por falas que remetem aos divertimentos noturnos, pois contam com a presença do *Thunder Som*, um “palco” com enormes caixas de som que estrondam na cidade, durante todas as noites da festa, com as mais variadas músicas populares em ritmos dançantes. Uma presença muito recente, a partir de 1993. Anunciando, portanto, as mudanças no interior da própria festa mais “tradicional” do lugar.

O *Thunder Som* (sonorização), provavelmente, é uma forma prática que estes moradores, organizadores da Festa encontraram para incorporar o “novo”, pois representa

---

<sup>75</sup> Cf. MARCHELLO-NIZIA, C., estudos sobre a *cavalaria* que remontam a períodos e lugares mais distantes como a Europa Medieval, século XI ao XV, demonstram que a imagem do *cavaleiro* pode ser interpretada, também, como um símbolo de juventude, vigor, força: “(...) *Ligado a essas noções, precisando-as, aparece todo um conjunto de adjetivos: ‘orgulhoso’, ‘aspirante’ (bachelor), ‘jovem’, ‘ousado’, ‘nobre’, ‘valente’, (...), e igualmente ‘grande’, ‘forte’, além dos termos relacionados à cerimônia de ordenação (adouber e adoubement).*” “A Cavalaria, Uma ética Profana”. in LEVI, G e

uma maior participação dos visitantes das cidades vizinhas que dançando interagem com os moradores do lugar. No entanto, ele é a expressão de que a incorporação do “novo” não está isenta de conflitos. Estes conflitos dizem respeito ao fato de que os mais velhos, pessoas casadas reclamam não participarem deste tipo de divertimento, porque não dançam as músicas que são tocadas, pois remetem-se a um tempo cujas danças eram tradicionais, tais como: “*nove, caboclo, vilão...*”.<sup>76</sup>

Todavia, a sexualidade dos jovens desencadeia os conflitos mais contundentes junto às famílias. Muitos jovens animados pelas músicas do *Thunder Som* e também pela bebida saem de “cena”, procuram lugares mais escondidos para embalarem-se nos namoricos. Se se escondem é porque subentende-se que serão procurados pelos seus pais e/ou pessoas adultas encarregadas de vigiá-los, assim como, uma intenção de resguardarem uma certa intimidade perante os demais. Portanto, no cair da madrugada não faltarão olhares aflitos de pais preocupados à procura de seus filhos, sobretudo as moças.

Neste sentido, dizer que na Festa muitas coisas são “permitidas”, diluídas na diversão, reforça o aspecto paradoxal das ações, pois como coloca Gluckman a “ (...) *suspensão dos tabus e restrições normais serve obviamente para reforçá-los*” (apud Burke, 1989:224). Portanto, o momento de “sonorização na praça” aglutina muitas pessoas, sobretudo jovens. Reunidos, sem nem talvez se darem conta, eles afirmam suas identidades, ficam mais ousados e num protesto contra a ordem social-familiar, liberam suas fantasias, realizam desejos de se enamorar, (nem que seja por uma noite apenas), “ficam”, às vezes, desajeitadamente, sem responsabilidades, sem precauções contra gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

De fato, ao negar tudo aquilo que lhes é “proibido”, “vigiado” durante o ano todo, os jovens, moças e rapazes, confirmam e contribuem para o fortalecimento da “ordem estabelecida” (Burke, 1989), da moral familiar pautada em preceitos religiosos, portanto temerosa pela perda da castidade.

Pelo visto, pensar sobre a “teoria da festa como válvula de escape” (Burke, op.cit.) é um outro ponto que tem procedência neste caso, pois recorrendo ao texto de

---

SCHMITT, J.C. (org.), **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, v.1., 1996, p. 144.

<sup>76</sup> Cf. PORTO, L. de M., Op. Cit., 1997, p. 189.

Burke que cita exemplos de meados do século XVII do Carnaval italiano<sup>77</sup>, podemos encontrar alguns lastros de semelhança nas atitudes, sobretudo dos jovens que “fortalecidos”, às vezes pela bebida, dão vazão às suas energias sexuais controladas, expressando seus desejos, até de modo incisivo, principalmente os rapazes.

No entanto, ao contrário dos que festejavam o Carnaval na Itália do século XVII, utilizando-se de máscaras para “*se libertarem dos seus eus cotidianos*”, as pessoas, nos momentos do ato carnavalesco da Festa de Rosário, fazem de seus trajes o símbolo da libertação de seus “eus cotidianos”, principalmente os jovens que extrapolam na ousadia e no bom gosto.

Estes trajes, por sua vez, estão carregados de sentidos pois, muitas vezes, é o resultado do dinheiro ganho num período longo de trabalho, seja nas casas de família, (no caso das moças da cidade ou da roça), seja no corte da cana ou nos cafezais, (no caso de moças e rapazes migrantes); ou das mãos generosas de seus pais que contribuíram com o dinheiro, ou do capricho da mãe costureira que fez o modelo mais bonito, que reformou aquela camisa que o pai vestiu no batizado de fulano...

Portanto, o *Thunder Som* dá o tom para o aspecto carnavalesco, profano no interior da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Entretanto, é o momento em que bebendo, comendo, dançando, se divertindo, os moradores de Chapada do Norte celebram a “(...) *própria comunidade na suas habilidades em montar um bom espetáculo, (...) (Burke, 1989:223) e orgulharem-se de si mesmos diante da presença, cada vez maior, de pessoas “de fora”, das redondezas, dando-lhes mostras e comentários de que aquela é a melhor Festa de Rosário da região.*

Deste modo, é importante atentarmos para o que diz Burke (1989) quando observa que “*Claude Lévi-Strauss nos ensinou a procurar pares de opostos ao interpretarmos os mitos, rituais e outras formas culturais.(...)*” (p.212). Assim sendo e, tratando-se pois de um período de confraternização, a Festa de Nossa Senhora do Rosário reúne tudo que se pratica enquanto “tradição” no município, sendo “... *todos os eventos em um evento mais*

---

<sup>77</sup> Cf. BURKE, P.: “(...) *os rapazes podiam expressar abertamente o seu desejo por damas de status social superior, e senhoras respeitáveis podiam andar pelas ruas. O uso de máscaras ajudava as pessoas a se libertarem dos seus eus cotidianos, conferindo a todos um senso de impunidade como o manto da invisibilidade dos contos folclóricos. (...) A expressão dos impulsos sexuais e agressivos era estereotipada e assim, canalizada.*” In “Controle Social ou Protesto Social ?”. **Cultura Popular na Idade Moderna.**

*amplo*” (Porto, 1997:103), podendo, portanto, ser interpretados pelo encontro dos “pares de opostos”.

Os “pares de opostos” são demonstrados pela própria escolha dos festeiros, um rei e uma rainha, um homem e uma mulher, de famílias diferentes. O Compromisso da Irmandade versa que se for eleito uma festeira negra, o festeiro deve ser branco e vice-versa; porém pode ocorrer de serem dois negros, mas não dois brancos. Ou seja, isto significa um modo de manterem o controle da festa nas mãos dos negros justamente em obediência à Santa que é uma entidade protetora dos mesmos..

Porto (1997) indaga que sendo os festeiros um branco e um negro, se isto não poderia ser lido como “*uma instância de afirmação da igualdade entre negros e brancos no interior da festa*”, uma vez que estes disputam em pé de igualdade as doações e participações nos leilões, quem recebe melhor... (Op. cit.). Provavelmente e, mais ainda, é também uma forma de congregar, de trazer para a confraternização “*todos*” os membros da sociedade, indistintamente, os opostos, homens e mulheres, brancos e pretos, novos e velhos.

O período das festas, principalmente a de Nossa Senhora do Rosário, será sempre colocado como o principal e o melhor que a cidade tem para oferecer, porque, ao que tudo indica, é o que eles acham que têm de melhor para atrair o olhar e o interesse daquele que vem de fora; é o que os projeta na região e demais lugares. Neste sentido, não ficar para a festa é, de certa forma, uma “ofensa”, diante das expectativas daqueles do lugar. Quando “não pude” ficar até o final da festa, peguei só o início, os preparativos religiosos como as novenas, a banda tocando no “meio-dia da festa”, um leilão de doces, biscoitos, bolos caseiros, frango assado, enfim, acabei não correspondendo ao esperado. Ora, não corresponder significou redirecionar o olhar para outros pontos, principalmente, após retornar mais uma vez à cidade e àqueles com quem conversei e outros. Ou seja, é também reeducar a maneira de se mostrar - em mão dupla -, não apenas por aquilo que temos, mas por aquilo que realmente somos e fazemos, dia-após-dia.

Inverter o espelho, a partir do cotidiano, é não olhá-los como exóticos, oprimidos ou os que não deram certo e sim, vê-los pelo que os faz humanos, pelas suas faces

contrastadas diante das dificuldades que lhes imputam a vida, sendo a Festa, portanto, não o eixo principal da atenção, mas uma ação complementar, também contemplada.

Ao conversar com um dos organizadores da festa, membro da Irmandade do Rosário numa de minhas visitas, em fevereiro de 1999, ou seja, quatro meses depois, encontrei-o preocupado em resgatar as práticas “antigas” da Festa que, segundo ele, estavam se perdendo, inclusive, acrescentou-me, por causa do atual padre.

Segundo ele, e conforme está no estatuto da Irmandade, não há obrigatoriedade em fazê-la com a participação do padre do lugar, por isto estavam pensando em trazer um outro padre, de fora, para realizar a missa se fosse o caso. Preocupados também com a não-participação dos jovens, este adulto me informou que já tinham conseguido oito jovens que entraram para Irmandade. Pelo que parece, e ele concordou, os festejos de Nossa Senhora do Rosário têm seus altos e baixos, momentos de decadência e exaltação.

O fato, portanto, não contradiz o que disse-me o jovem no trecho da carta já citada, mas também, não enfatiza o mito de que a festa foi e é sempre uma maravilha, porque, muito provavelmente, reinventam o significado da festa para os que a fazem – inclusive os que vêm de fora -, e para os que dela participam, que a organizam. Contudo, a Chapada de festa e organização, de povo no meio da praça: buscando a Santa no rio; coroando rei e rainha; fartando-se do angu; participando das novenas, da missa, dos leilões, do mastro a cavalo, dos divertimentos noturnos...<sup>78</sup> demonstram a perpetuação, nem sempre inovadora – encontros entre sagrado e profano -, a celebração de algo que faz parte da história identitária dessa população como um tempo de utopias, “*tempo de fantasias e de liberdades, de ações burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade*” (Del Priore, 1994:09).

O festejar, reencontrar, confraternizar é também uma forma de ruptura com a mesmice do cotidiano, uma negação da cidade enquanto local de trabalho anônimo, coisificador (Moura, 1983), um momento de fartura para os que não têm condições de fazer uma refeição completa todos os dias. Trata-se da forma de expressão máxima da cidade. Para os moradores, este período da Festa é o que de melhor a cidade tem para oferecer e é, justamente, o que deve ser visto. Porém, é o momento em que os jovens que

voltam da migração sazonal passam pelo processo de ressocialização, de volta à “grande família”, à família. É o momento em que comem, bebem, dançam, festam: “*antonce se a gente vive lutando, antonce a gente deve se arreuni (...)*”<sup>79</sup>.

---

<sup>78</sup> Cf. PORTO, L. de M., Op. cit., Dissertação (mestrado), UnB, 1997.

<sup>79</sup> Trecho da letra de Chico Maranhão “Arreuni”, cantada por Doroty Marques no disco “Erva Cidreira.

## II

## JOVENS DO RURAL NO URBANO, DO URBANO NO RURAL

## 2. Rural e Urbano: os entrelaçamentos

Um ponto de extrema relevância é que, em Chapada do Norte, ou mesmo na região do Vale do Jequitinhonha, não é fácil uma distinção clara entre campo e cidade, rural e urbano. Se se tem os “coronéis” que se dividem entre suas mansões, ora na cidade, ora na fazenda<sup>80</sup>, também se têm os camponeses<sup>81</sup> expropriados da terra, “*os serviços domésticos, artesãos, mendigos*”<sup>82</sup>. Enfim, pessoas da zona rural que vão para a cidade vender o fruto de suas plantações ou criações (desde animais donde vendem a carne, ao artesanato de enfeites a utensílios domésticos) nas feiras, nos mercados para comprarem produtos industrializados; as moças que trabalham como empregadas domésticas, dormem na casa da patroa e estudam; os migrantes, jovens e adultos, que vendem sua força de trabalho em outras regiões.

*E: \_ Se’u pudesse eu estudava normal, né?...*

*P: \_ E por que você não pode?*

*E: \_ Porque eu trabalho, né, durante o dia todo. De cedo até a tarde ... não tenho condições de estudar, assim normal, a tarde...*

*P: \_ E quanto que te pagam lá?*

*E: \_ R\$ 80,00.*

*P: \_ Oitenta reais?*

*E: \_ Prá fazer de tudo.*

*P: \_ É. Faz muito tempo que você trabalha lá, em casa de família?*

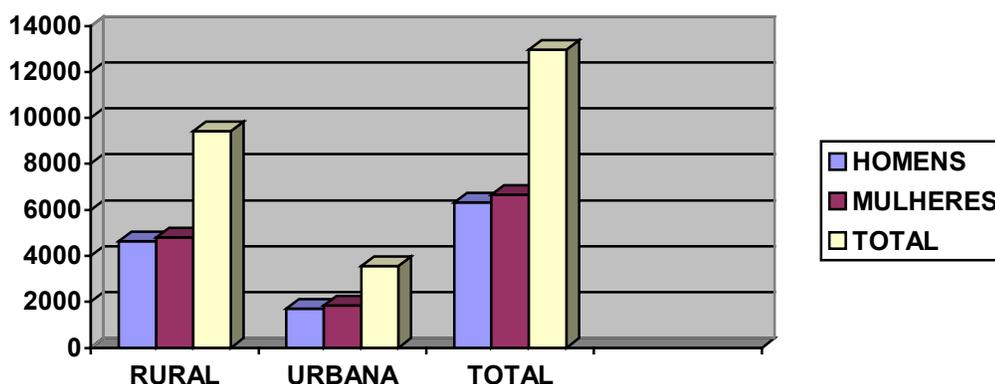
<sup>80</sup> Cf. reportagem “Vale dos Coronéis”. in **Revista Veja**. 22 de maio, 1996. Ano 29, nº 21, págs. 64-65.

<sup>81</sup> Cf. QUEIRÓZ, M. I. P. de, apud FUKUI, L. F. G.: “... as características dos camponeses ‘vistas através de autores variados e em regiões diferentes’. (...) os traços que definem o camponês ‘sejam quais forem os detalhes de regiões diferentes do globo são: economicamente, o fato de o camponês plantar primordialmente para o consumo e, sociologicamente, o fato de colocar-se como camada social subordinada, seja a uma elite senhorial, seja a camadas urbanas’. (...)”. In **Sertão e Bairro Rural (Parentesco e Família entre Sitiantes Tradicionais)**. São Paulo, Editora Ática, 1979, p. 80.

<sup>82</sup> Cf. MOURA, M.M. **Camponeses**. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 14.

E: \_ Fez um ano... vai fazer um mês agora.. um ano e meio”. [16 anos, sexo feminino, 7ª/8ª série no projeto “Acertando o Passo”<sup>83</sup>, moradora da zona rural, trabalha e estuda na cidade]

Pela geografia, rural e urbano se distinguem, e, neste caso, o rural se sobrepõe, em termos populacionais, ao urbano, pois, é neste que está a maior concentração populacional do município. Portanto, poderá ser observado pelos dados quantitativos do CENSO de 1996 (IBGE), distribuídos segundo o sexo e os grupos de idade, a situação do domicílio (urbano e rural). Estes dados fazem parte da *Contagem População – 1996/ Sistema de Recuperação de Informações Municipais* cuja concentração de homens e mulheres, na zona rural, aparecem da seguinte forma: *Homens: 4.632; Mulheres: 4.794, totalizando 9.426 habitantes.* Na zona urbana, *Homens: 1.700; Mulheres: 1.849, totalizando 3.549 habitantes.*



**Fonte:** Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 1996

Assim, esta população majoritária está distribuída pelas 50 (cinquenta) comunidades rurais<sup>84</sup>. Pesquisa realizada por Fukui (1979) demonstra que o conceito de

<sup>83</sup> Trata-se de um projeto da Secretaria de Educação do Estado que tem por objetivo recuperar alunos que estão “atrasados” nos anos letivos. Será tratado mais adiante.

<sup>84</sup> Cf. informações obtidas junto a ACHANTI (Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância). A associação atende a 34 (trinta e quatro) comunidades. O uso da denominação “comunidade” é feita, principalmente por aqueles que estão ligados a ACHANTI, prefeitura. Mas, é mais comum ouvir dos moradores, o chamar pelo nome do que “comunidade tal...”. Por exemplo: “Moro em Batiero” e não “Moro na comunidade de Batiero...”

comunidade é heterogêneo e, portanto, impreciso, de tal maneira que dificulta a abordagem “sobre a realidade social no meio rural brasileiro” (p. 81).

Com base nas análises de Cândido, a pesquisadora demonstra que existem “dois conteúdos diversos no emprego do termo. Um designativo ‘exprimindo contorno dos agrupamentos mais sua área geográfica’; outro ‘com conotação explicativa que se fundamenta na dualidade comunidade-sociedade, primitivo-civilizado, rural-urbano’. Tanto um quanto outro compreendem, concretamente, universos que variam desde uma fazenda, uma vila, uma cidade de 5.000 habitantes, até um município inteiro” (1979). Assim, o que se pretende não é fazer uma separação abrupta entre dois universos – o rural e o urbano -, e sim, tentar demonstrar, no ir e vir dos sujeitos investigados, até que ponto rural e urbano se interpenetram e quais os pontos de confronto/conflito.

Nesta medida, a família rural tem papel importante porque a ela, profundamente, em todos os aspectos, estão ligados os jovens (dos 15 aos 25 anos), sujeitos em questão. Família esta, de pequenos produtores ou agregados rurais, portanto, com uma produção de subsistência que, com o passar do tempo, encontram-se, hoje, reféns das transformações ocorridas nesta região<sup>85</sup>. Foi o que encontrou Amaral (1988) ao pesquisar numa das comunidades rurais de Chapada do Norte. Neste sentido, a pesquisadora levantou algumas distinções que foram feitas entre eles; ou seja,

*“... Os pequenos proprietários são aqueles que possuem casa e terras próprias e dispõem de alguma terra para efetivar o rodízio de cultura e o descanso necessário a sua fertilidade; todavia, segundo as necessidades de complementar a produção para obter a despesa, podem manter uma parceria com um outro dono de terra, que pode ser ou não um ‘fazendeiro’. O agregado, sem terras para plantar – ‘fazer a roça’ – ou construir sua casa, vê-se constrangido a morar em terras de ‘outro’ e a cultivar a lavoura de subsistência no sistema de parceria, entregando a terça parte da colheita ao proprietário destas terras. Na área de pesquisa não foi registrado, por exemplo, nenhum caso em que*

---

<sup>85</sup> Cf. MOURA, M.M.: “...Trata-se de impor bases diretamente capitalistas ao uso da terra, valendo-se de relações de produção não especificamente capitalistas, excluindo frações camponesas da roça de milho e feijão, já não tem casa de morada. O pequeno sitiante está cada vez menos presente nas fazendas. E os falsos fazendeiros, por interesse próprio ou como prepostos de empresas multinacionais, invadem áreas habitadas por posseiros. (...)”. In “O Vale do Jequitinhonha: números e rótulos. **Os Deserdados da Terra – A lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 07.

*o agregado ou sua família subordina sua força de trabalho ao dono da propriedade, mantendo, assim a sua autonomia no processo de trabalho.*”<sup>86</sup>

Estas adaptações têm trazido muitas famílias para a cidade, mesmo mantendo sua casa na zona rural. Ao iniciarem-se no processo da migração, chefes de família, com seus filhos jovens, vão acumulando dinheiro e compram um lote na cidade e aí constroem.

Ter uma casa na cidade significa criar condições de viver nos dois universos, principalmente, quando os períodos de longa estiagem não deixam nenhuma alternativa para quem cultiva a terra. Solução, também, para os jovens que podem ficar na cidade e desfrutar dos bailes nas danceterias, participar das bebedeiras nos *trailers* ou ficar à toa, enquanto aguardam o tempo de migrar novamente.

Outros abandonam de vez o campo, vendendo sua terra para comprar e construir nova casa na cidade. Foi o caso de um migrante que entrevistei, pai de nove filhos, alguns jovens que o acompanham na migração. Na ocasião dessa entrevista, a família toda tinha voltado de uma migração para a *panha* do café, no sul de Minas Gerais:

P: \_ *O senhor morava na roça?*

E: \_ *É, morava na roça.*

P: \_ *Que roça o senhor morava?*

E: \_ *Óia, morava no Córrego do Rocha (...)*

P: \_ *Córrego do Rocha. (...) Por que que o senhor deixou a roça e veio para a cidade?*

E: \_ *Porque acontece o seguinte, igual eu tô dizendo o lugar que'u morava era um lugar difícil, até prá poder dar ao menino um estudo, né?*

P: \_ *A terra era do senhor?*

E: \_ *Era, agora onde é que'u fui criado, onde é que'u morei quando eu era pequeno, não, mas depois eu tive um terreno aqui, tive um terreno aqui, perto de Chapada, mas até lá era difícil, porque, prá mandar prá cidade já não era fácil, né? Prá soltar esses meninos na cidade. Então na escola... na roça não tinha escola. Então prá poder conseguir dar um pouco de estudo prá eles, tinha que vir prá cidade, mesmo.(...) Quando é que'u peguei e comprei aqui, fiz essa casa, aí eu mudei para cá faz 15 anos”. [46 anos, sexo masculino, 1º ano da 1ª série do 1º grau, migrante sazonal, morador na cidade]*

---

<sup>86</sup> Op. cit., 1988, p. 184.

Portanto, é comum a circulação de moradores e/ou ex-moradores da zona rural na cidade: comercializando os produtos trazidos da roça ou feitos em suas próprias casas na cidade, neste caso me refiro às *quitandas* que são vendidas na porta do mercado, muitas vezes, por mulheres que vieram da zona rural; famílias que vêm com seus filhos para que continuem seus estudos ou jovens, rapazes e moças, sobretudo estas que vêm trabalhar nas casas de família e estudar, depois retornam aos seus lares na roça ou, enfim, jovens que moram em repúblicas para continuarem seus estudos. Deste modo, acabam por magnetizar o cotidiano citadino de Chapada com seus modos de ser, de ver... entrelaçando os dois universos, o rural e o urbano. No entanto, vêm-se na condição de também se adaptarem à nova realidade que por mais que não lhes seja distante, acaba impondo obstáculos muitas vezes fruto da própria convivência.

## **2.1. Socialização, educação e assistência**

### **2.1.1. Os “rurbanos” e a escola**

No cotidiano dos moradores de Chapada do Norte pude observar que quando perguntava sobre os jovens, para os adultos, alguns além da observação de que “*eles não têm nada na cabeça*”, falavam sobre questões que estavam relacionadas à sexualidade: namoro, casamento, virgindade. Estes assuntos, por sua vez, me foram relatados, na maior parte das vezes, no interior de suas casas.

Na cidade, observei que as relações funcionam como se todos os adultos fossem um pouco pai e mãe de todos os jovens e todas as crianças. O controle das ações dos jovens ocorre nas ruas porque é nesta que eles se mostram. É imperativa a obediência aos mais velhos, pelo menos é de muita importância, assim como, na zona rural.

Certo dia presenciei um adulto repreendendo uma jovem que andava, aparentemente, sem nada para fazer, dizendo-lhe que não deixasse seu irmão menor andando pelas ruas. A jovem não gostou e ignorou o adulto que gritou com ela para que todos ouvissem. Ela o ignorou e ele gritou novamente. Desta vez ela, mesmo sem olhar para ele, fez um gesto afirmativo com a cabeça, demonstrando que iria fazer o que ele disse, mas seguiu em frente, rua abaixo sem lhe lançar um olhar. A situação foi vivida

por uma moça de, aproximadamente, quinze anos. Se a moça não está na escola, deve estar em casa cuidando dos irmãos menores para que sua mãe possa trabalhar ou então, dividindo com esta os demais afazeres domésticos; já sobre os rapazes há maior flexibilidade quanto ao estar “à toa”.

Na roça, por sua vez, o trabalho quase sempre é duro e distribuído entre todos os filhos maiores: às moças cabem as tarefas de limpar a casa, arrumar a cozinha, cozinhar e cuidar dos irmãos menores; aos rapazes ficam as tarefas de cuidar da criação, dar ração, tirar leite das vacas, colocar os bezerros pequenos para mamar; trabalhar na roça, plantando ou colhendo, de modo que o controle realiza-se no ter sempre o que fazer. Entretanto, como prolongamento dessas preocupações por parte dos pais, percebi que a escola acaba tendo outra função: a de ocupar o jovem, evitando que ele fique sem fazer nada.

Com base no “Plano Municipal de Educação” (Ano 1997/2000), o município de Chapada do Norte possui (01) Escola Estadual urbana com, aproximadamente (815) estudantes; (06) Escolas Estaduais nos distritos com, mais ou menos (2.056) estudantes; (43) Escolas Municipais com (1.569) estudantes, mais (01) Creche Municipal com aproximadamente (44) crianças de 0 a 05 anos de idades.

Todavia, a baixa frequência escolar está, justamente, na faixa etária dos 15 aos 29 anos, segundo as tabelas do IBGE<sup>87</sup>. Tabelas estas, que serão consideradas para demonstrar os números levantados sobre os jovens que *frequêntam* e os que *não frequêntam* escola, de modo que se possa compreender o que permeia, o que se espera e o que acontece na realidade desses jovens.

## TABELA 1

### FREQUÊNCIA ESCOLAR DA POPULAÇÃO RURAL ENTRE 15 E 29 ANOS

---

<sup>87</sup> Os dados do IBGE incluem indivíduos até os 29 anos de idade, considerando que a faixa etária aqui definida é dos 15 aos 25 anos; portanto, é impossível precisar o dado, mas é de se esperar que a grande maioria esteja abaixo do limite máximo considerado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Entretanto, é importante ressaltar que não se pretende congelar os dados da realidade social nos dados estatísticos.

Idade	Frequente				Não frequente				Total	
	feminina		masculina		feminina		masculina			
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
15 a 19 anos	243	8,4	175	6,1	362	12,5	505	17,5	1285	44,5
20 a 24 anos	43	1,5	10	0,3	400	13,8	477	16,5	930	32,1
25 a 29 anos	6	0,2	2	0,1	364	12,6	305	10,5	677	23,4
<b>Total</b>	<b>292</b>	<b>10,1</b>	<b>187</b>	<b>6,5</b>	<b>1126</b>	<b>38,9</b>	<b>1287</b>	<b>44,5</b>	<b>2892</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 1996.

Entre os que *frequêntam* e os que *não frequêntam* escola os dados começam a desequilibrar na faixa dos 15 a 19 anos – 20 a 29 anos com os que *não frequêntam*. Como o maior número populacional concentra-se na zona rural, poderá ser observado que nesta faixa etária, o número dos que *não frequêntam* escola - tanto para moças, quanto para rapazes - é muito maior. Ou seja, totalizando são, entre moças e rapazes desta faixa etária dos 15 aos 29 anos, 479 jovens que *frequêntam* escola e 2.413 jovens que *não frequêntam*, num total de 2.892 jovens em idade escolar da zona rural.

Pelos dados na divisão por sexo pode-se observar, também, que das moças que estudam, a permanência na escola é muito maior quando comparada com os rapazes que estudam. Muito provavelmente pelo fato de não migrarem tão rapidamente como os rapazes, permanecendo em casa. Entretanto, a soma dos que *frequêntam* a escola não superam os números dos que *não frequêntam*.

Em contrapartida, a permanência no lar talvez se deva a sua necessária presença para ajudar a mãe no trabalho doméstico e o cuidado com os irmãos mais novos. Quando resolvem deixar a escola, uma boa parcela destas moças interrompem os estudos porque ficam grávidas e/ou se casam. Todavia, a migração precoce mais o rebaixamento da auto-estima desencadeado pelas repetências podem ser dos fatores principais da evasão escolar.

As tabelas seguintes apresentam dados sobre jovens (moças e rapazes) da cidade que *frequêntam* e *não frequêntam* escola.

## **TABELA 2**

### **FREQÜÊNCIA ESCOLAR DA POPULAÇÃO URBANA ENTRE 15 E 29 ANOS ANOS**

Idade	Frequente				Não frequente				Total	
	feminina		masculina		feminina		masculina			
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
15 a 19 anos	170	14,6	121	10,4	69	5,9	104	8,9	464	39,9
20 a 24 anos	50	4,3	19	1,6	161	13,8	169	14,5	399	34,3
25 a 29 anos	19	1,6	7	0,6	129	11,1	145	12,5	300	25,8
<b>Total</b>	<b>239</b>	<b>20,6</b>	<b>147</b>	<b>12,6</b>	<b>359</b>	<b>30,9</b>	<b>418</b>	<b>35,9</b>	<b>1163</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 1996.

Conforme os dados, se pode constatar que a maior concentração da população do município está na zona rural; por outro lado, mesmo com esta larga diferença populacional entre rural e urbano, na cidade também se poderá observar que os estudantes, moças e rapazes nesta faixa etária dos 15 aos 25 anos de idade, os que *não frequentam* escola é um número maior do que os que *frequentam*; assim como, entre estes jovens, as moças são as que permanecem por mais tempo na escola.

Portanto, na cidade ou na roça, os rapazes, muitas vezes filhos de “ex” ou ainda pequenos proprietários rurais iniciam-se na prática da migração tal como seus pais. Outros jovens, filhos de famílias que sempre estiveram na cidade também migram, pois muitas vezes, esta é a única saída para o sustento da casa e/ou a possibilidade de sair para conhecer outros “mundos”, para ganhar dinheiro e adquirir bens materiais que são seus sonhos de consumo.

Todavia, na zona rural entrevistei um jovem de 17 anos que nunca migrou, mas que também abandonou a escola na 4ª série do 1º Ciclo. Foi uma entrevista truncada pois o rapaz ficou muito envergonhado, tanto pela minha presença quanto pela presença dos pais. Tão grande era a vergonha, que nem pude saber qual a cor de seus olhos... Pude sim, saber que as sucessivas repetências desencadearam uma queda da auto-estima e, portanto, de pouca motivação para os estudos, principalmente, com a família reforçando este sentimento.

Perguntei ao rapaz por que havia deixado a escola, ele ficou em silêncio e em seguida deu um suspiro. Este suspiro, talvez pelo constrangimento provocado pela

pergunta, pareceu como um lamento ou as duas coisas. A resposta, porém, surgiu neste misto de vergonha e repreensão por parte de seus pais, que insistiram em acompanhar nossa conversa. Da porta da casa, o pai gritou para o filho: *“explica!”*. A mãe impaciente, não lhe deu alternativa: *“... parou por que ele não tava saindo da escola, então ele cresceu demais...”*. Acrescenta o pai: *“Ficou grande.”* E a mãe finaliza: *“Ficou com vergonha.”*

No entanto, depoimentos de outros jovens da zona rural que estão estudando reforçam que quando a família incentiva o jovem a persistir nos estudos, estes acabam superando a frustração da reprovação. Entrevistando estes jovens percebi que a condição financeira dos pais, no contexto desta região, é um pouco melhor que a dos demais, pois estes podem financiar para que seus filhos continuem nos estudos, fazendo-os avançar, portanto, para o 2º grau (ou conforme o novo Estatuto da Educação) para o Ensino Médio. Para tanto, estes jovens saem de suas casas para irem viver na cidade, morando em repúblicas com outros jovens.

Fiquei hospedada numa dessas repúblicas de jovens da zona rural na cidade. Tratava-se de uma casa mista, com 03 rapazes e 02 moças. Ao dar um breve questionário para que estes moradores da casa respondessem, pude constatar que a repetência era um dado comum entre eles. Dos cinco jovens, quatro dos que responderam ao questionário, foram reprovados. Os rapazes disseram:

– *“fui reprovado na quarta série. Eu mi senti muito triste por ter perdido o ano.”*

[ 18 anos ]

– *“Na 2ª série do 1º grau. Foi bom pois eu não estava preparado para uma 3ª série, se eu tivesse passado a força com certeza eu encontraria dificuldade.”* [ 18 anos ]

As respostas das moças foram as seguintes:

– *“Na 7ª . Me senti péssima a pior de todas.”* [ 22 anos ]

– *“Na 4ª série; fiquei muito triste, me senti um fracasso.”* [ 21 anos ]

Portanto, todos eles experimentaram o sentimento de frustração, de inferioridade com relação ao desempenho no estudo, mas não desanimaram e nem abandonaram a

escola, muito provavelmente porque não foram desmotivados por seus pais. O depoimento da mãe de uma dessas moças, na zona rural, evidencia que tanto ela quanto seu marido, faziam questão de que seus filhos avançassem o máximo nos estudos. Quando eles repetiam o ano, a mãe não era condescendente. Ela assim comentou:

*“E: \_ ... fiquei muito triste e até briguei muito, pedi ela, que é vergonha reprovar. (...) Agora ela mesmo, ela foi reprovada [referindo-se a uma das filhas] esse ano, ela mesmo tomou consciência que perdeu tempo, que ela tá com idade de saber das coisas, ela tá muito interessada, esse ano ela não vai reprovar, se Deus quiser ela vai passar de ano. Eu fico muito feliz quando meus meninos todos passam de ano.” [45 anos, 3º ano do primário incompleto, moradora na zona rural]*

No questionário perguntei o que eles acham da escola que têm. Como poderá ser constatado nas respostas, todos, independente das condições da escola, da qualidade do ensino, consideram a escola boa, excelente... :

\_ *“Eu acho muito boa porque tem professores de ótima qualidade. [sexo masculino, 18 anos]*

\_ *“boa.” [ sexo masculino, 18 anos]*

\_ *“excelente.” [ sexo feminino, 22 anos ]*

\_ *“Eu acho ela um pouco desorganizada mal estruturada. E ao mesmo tempo acolhedora” [ sexo feminino, 21 anos]*

Portanto, independente de estarem ou não na escola, os jovens entrevistados, disseram-me que a escola é um lugar bom, muito bom, excelente... Entretanto, os dados estatísticos do IBGE contradizem esta afirmação. Então, se a escola é boa, muito boa por que não estar lá dentro? Por que desistir...? Um dos motivos é o descompasso da idade ocasionado por repetências ou desistências com o ano escolar. A Secretaria de Estado da Educação desenvolve projetos que visam reintegrar estes estudantes à escola. Um deles, o Projeto *“Acertando o Passo”* destina-se àqueles que pararam ou estão atrasados nas séries do 2º Ciclo do Ensino Fundamental.

Os depoimentos de estudantes que participam deste projeto educacional, assim como, os de professores demonstram que esbarra na própria realidade a que se destina. O distanciamento gerado entre a proposta e as necessidades reais da população colocam novamente em questão o debate sobre educação e cultura. Se o contexto social desta população jovem está marcado pelas relações familiares, a educação informal tem significativo valor. Neste sentido, quando a escola não consegue trabalhar nas salas de aula com os valores, e a problemática que perpassam as vidas desses jovens, ela fica cada vez mais distante do universo dos alunos. É o que o Projeto “*Acertando o Passo*” vem demonstrando.

### **2.1.2. O descompasso do passo**

O Projeto “*Acertando o Passo*” da Secretaria Estadual de Educação tem como principal objetivo fazer com que alunos “atrasados” e desistentes concluam a etapa do ensino fundamental de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série. Ouvindo professores, diretor(a) e jovens estudantes comentarem sobre sua experiência junto ao projeto, constatei que os depoimentos refletem a insatisfação devido a sua inadequação à realidade.

Esta realidade, por sua vez, é marcada pela dificuldade dos jovens de acompanharem regularmente os períodos letivos devido aos muitos problemas, dentre eles os ocasionados pela seca, no caso dos jovens da zona rural que partem para a migração sazonal; desistências e afastamentos escolares para trabalhar na lavoura que vão gerando, o “atraso” e a não assimilação dos conteúdos; o cansaço devido ao trabalho em outras atividades; a baixa auto-estima, a vergonha por serem repetentes, enfim, questões centrais que não são consideradas neste projeto.

Partindo do próprio nome do projeto, “*Acertando o Passo*”, podemos pensar que o aluno que dele está participando foi aquele que “errou” na marcha rumo à alfabetização, portanto, precisa “acertar o passo”, num movimento repetitivo. Por isso, a analogia com a marcha remete ao pensamento de que o básico deve ser efetuado, esquerda, direita, esquerda, direita... Passos alternados e rápidos pois eles, alunos reprovados, estão atrasados.

Sendo assim, *grosso modo*, estes alunos levam um empurrão para que entrem e se acertem na marcha dos futuros “alfabetizados”, pelo menos no ensino fundamental.

Quando estes jovens terminam o ensino fundamental, reduzido dois anos; ou seja, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> (em um ano) e depois 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série (mais um ano), portanto, cada série em apenas seis meses; chegam para o ensino médio com uma carga de informação mínima que, dependendo da escola em que estejam, não lhes possibilitará avançar para lugar algum. Conforme o depoimento da jovem,

*“E: \_ ... Participação assim, eu tenho que dar conta de aprender as matérias em 6 meses, a 8<sup>a</sup> série mesmo, eu já saí, agora, em agosto eu terminei e estou fazendo o 1<sup>o</sup> ano. Posso falar a verdade? Eu vou lá uma vez na escola. Algumas coisas eu aprendo, só que é o tipo de coisa passa aluno sem saber. Eu mesmo fiz prova de matemática, mas a professora falou: ‘ por seu comportamento, por isso e por aquilo, você já está passada eu já estou no 1<sup>o</sup> ano. Muitas pessoas também, lá foi do mesmo jeito.’ [ 20 anos, 1<sup>o</sup> ano do ensino médio, empregada, moradora na cidade]*

Perguntei para esta moça se ela achava que o conteúdo dado era muito num curto espaço de tempo, mas ela respondeu-me que não era porque era muita coisa, muita matéria e sim a falta dela. A jovem acha que o que eles aprendem é muito pouco.

*“E: \_ É, simplesmente eles fazem uma pincelada naquilo que eles sabem que vai cair no 1<sup>o</sup> ano, não aquilo que eu teria que estudar que... se caso um dia vai cair no vestibular. Só o que vai cair na próxima etapa que eu vou fazer, então eu vi isso, então eu sei. Aí eu saio da escola, eu me formei, chego no vestibular, eu nunca vi isso. Sabe que pequenas coisas que a gente perde... eles pega assim, as principais para a gente chegar nos principais, a gente tem que passar pelos pequenos, né? Então, aqueles pequenos eu não conheci, quando eu chego lá eu toco naqueles pequenos e sei... porque as principais, é pouca. E o muito mesmo, que era aquelas pequenas coisas que a gente vai juntando, que a gente ia juntando aos poucos durante o ano todinho, até chegar no final do ano, eu não vejo. Então é isso, eu acho errado. Aí um dia o diretor falou assim comigo: ‘ você não pode, você assinou um termo de compromisso’. Eu falei assim: eu assinei um termo de compromisso, uma, eu não conhecia o projeto direito, eu aceitei o projeto porque pensei, pelo que eu ouvi falar era bom, todo mundo achou que era bom; mas quando a gente aprofundou dentro do projeto, eu, pelo menos, eu vejo que não é. Eu tenho 20 anos, eu não estou tão velha assim, não. Aí ele falou assim:’ não, mas se vim com 20 anos o*

*governo já não quer mais você na escola, quer que você saia da escola.’ Eu falei, eu sei que ele não quer gastar comigo, eu estou sabendo que ele não quer gastar comigo. Mas ano que vem eu vou entrar no 1º ano regular. Ele falou assim: ‘só se for durante o dia.’ Eu falei assim: não, se tem o 1º ano regular durante a noite, por que eu vou estudar durante o dia? ‘É porque você não pode, não sei o que...’ Eu falei assim: não, eu sinto muito, eu não fico, não. Eu prefiro 3 anos estudando...” [idem]*

O longo relato da jovem entrevistada demonstra os inúmeros problemas que, na prática, o projeto possui. O enxugamento do conteúdo a ser passado para os alunos tem sido apontado como o principal deles. Assim mesmo, com pouca assimilação do conteúdo porque não sabem qual o começo, tão pouco conseguem amarrar sobre o fim daquilo que lhes está sendo transmitido, estes jovens e adultos-jovens marcham para mais uma série, conforme o depoimento de uma professora de Matemática na zona rural:

*“E: \_ Esse projeto eu... quer saber mesmo o que eu penso do projeto? É um projeto que ele funciona assim, prá quem é responsável. Mas é um projeto onde você condensa... eu mesma tive que condensar é... o programa de Matemática... O programa de Matemática que veio para mim de Diamantina, eu... eu não usei ele, não. Realmente foi um programa que estava... estava... não era a realidade do pessoal daqui de Chapada. Eu fiz umas mudanças e tive que condensar o programa inteiro! O que você vê em um ano, está na sala fazendo atividades, é diferente do que você vê em 100 dias letivos. 100 dias letivos não dão para o aluno, principalmente de Matemática que é uma matéria que requer raciocínio, é... você tem que fazer muito exercício e isso em 100 dias era muito corrido. E esse projeto proibia, no caso, levar atividades para fazer... atividades extra-classe. (...) Só que é o seguinte, vão alunos cansados que trabalham o dia todo, é... na prefeitura, trabalharam, assim, serviços gerais. Vão mais alunos assim que trabalham em marcenaria; trabalham na zona rural com enxada mesmo; mães de família que têm 6, 7 filhos em casa, largam os filhos, vão para escola. Chegam na sala uns cochilam, outros... (...) e é muito difícil, muito difícil trabalhar mesmo. Não tem rendimento.”*

[ 26 anos, professora de Matemática na zona rural, moradora na cidade]

Entretanto, “condensar” o conteúdo das matérias é problemático tanto para o professor que acaba “tendo” que fazê-lo, pois fica também acuado perante o tempo

reduzido que tem para aplicá-lo, como para o próprio projeto que propõe o nivelamento das matérias, “exigindo” que se dê apenas o básico. Portanto, pode até ser que este projeto tenha obtido “sucesso” em outras regiões do estado mineiro mas, o caso de Chapada do Norte aponta para um insucesso. Como me disse a professora [26 anos], estes alunos não estarão...

*E: \_ Cientes dos direitos, então tem que ser participativo, crítico, apto para exercer a cidadania dele, cê está entendendo?*

*P: \_ Hum, hum...*

*E: \_ E um aluno que está sendo... está sendo...*

*P: \_ Empurrado?*

*E: - Empurrado e sendo ensinado, grosso modo, passado! Tipo um intensivão...*

*P: \_ É!?*

*E: \_ Pré-vestibular. [silêncio] Esse aluno... o que ele vai ser na sociedade? Ele vai criticar o quê? [silêncio] Sinceridade, isso é a mesma coisa que aconteceu antigamente... eles, ó, a gente tem liberdade de expressão, mas ele vai expressar o quê? (...) Eu acredito que... isso vai atrapalhar um tanto na vida deles, sim. Esse projeto foi um projeto que... eu, assim.. pro Governo foi bom demais(...)*

No entanto, se compararmos a fala da moça entrevistada [20 anos] já citada, com a fala da professora acima poderemos perceber que os jovens (pelos menos alguns) já estão cientes de seus direitos, já reconhecem que podem obter mais da escola, porém, são frustrados diante da impossibilidade de verem seus direitos reconhecidos.

Por um outro lado, também devemos considerar que existem os jovens cujo baixo nível de instrução dos pais associado às dificuldades de sobrevivência impõem-lhes uma espécie de sina, de tal modo que muito provavelmente eles reproduzirão, à medida que a sociedade avança, as mesmas dificuldades que seus pais tiveram para manterem-se na escola, assim como os filhos que estes jovens vierem a ter.

Portanto, a questão é saber por qual premissa o governo se pauta na hora da elaboração dos tais projetos para a diminuição do analfabetismo. A de que existe uma população desinteressada e com pouca capacidade para o aprendizado formal, voltada apenas para adquirir um diploma? Ou a de que existe uma população interessada no

estudo apesar das inúmeras dificuldades que têm, mas que nem por isso, devem ser estigmatizados *a priori* nas suas capacidades de aprender.

Todavia, as iniciativas governamentais através de projetos educacionais que visem minimizar problemas tão arraigados como o analfabetismo e a evasão escolar acabam mais por corroborar a infinita falta de perspectiva, sobretudo profissional, que estes jovens alimentam quando olham para sua realidade. Por sua vez, inserir projetos que não privilegiem o contexto da região não poderá assegurar a cidadania para estes através do estudo, pois serão apenas números positivos que amenizam as estatísticas do analfabetismo e evasão escolar, mas não devolverão à eles o sentimento de que são pertencentes a uma sociedade, com iguais direitos de obterem um ensino “inteiro e não pela metade”.

Mas como fazer, se o próprio professor considera que é preciso “condensar”, dar pouco conteúdo porque eles não têm condições de aprender?, poderíamos perguntar. Em contraposição, também poderíamos levantar a questão: mas não é sugestão do projeto o condensamento das matérias, de tal modo que os alunos façam uma 5ª série em seis meses, depois a 6ª série, a 7ª série, a 8ª série, concluindo o seu 2º Ciclo do Ensino Fundamental em dois anos, quando o curso normal seria em quatro anos?

Ao que tudo indica projetos como o “*Acertando o Passo*” só vêm para confirmar um sistema educativo que subestima a capacidade de aprender, de perceber e apreender das camadas populares, sobretudo dos jovens, principalmente quando em seus relatos direta ou indiretamente dizem que não são ignorantes e que poderiam aprender mais do que lhes é oferecido.

Quando a educação formal não consegue romper com os modelos<sup>88</sup> estabelecidos para enfrentar o fato de que também tem que aprender a se transformar, pois nivelar por baixo o ensino a ser oferecido para esta população, é considerar que eles querem apenas diploma, alguém poderá indagar: e não é? Responder afirmativamente a esta pergunta é o que vem fazendo ou acreditando, o próprio sistema de educação que se pauta

---

<sup>88</sup> Cf. CALVINO, I.: “(...) O modelo é por definição aquele em que não há nada a modificar, aquele que funciona com perfeição; ao passo que a realidade, vemos bem que ela não funciona e que se esfrangalha por todos os lados; portanto, resta apenas obrigá-la a adquirir a forma do modelo, por bem ou por mal.” In “O modelo dos modelos”. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 98.

teóricamente pela igualdade, porém trata desigualmente os indivíduos quando não os considera nas suas diferenças culturais, sejam elas regionais ou locais.

Assim sendo, parece-me que há uma grande dificuldade em se fazer projetos no âmbito do ensino formal que avaliem a realidade, que partam de dentro para fora. Não seria o caso de se pensar numa escola alternativa que privilegiasse a experiência, os valores, os hábitos, os modos de pensar e de fazer do grupo em questão, de tal sorte que estes projetos poderiam ter maiores chances de sucesso na luta contra o analfabetismo, a repetência e a evasão escolar? Por outro lado, projetos assistenciais que trazem no bojo aspectos educativos não-formais podem sinalizar como uma saída para suprir deficiências do aprendizado formal.

Em Chapada do Norte, um exemplo é o projeto da ACHANTI (Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância) em convênio com o Fundo Cristão Para Crianças. Este projeto é voltado para a assistência às famílias rurais, de tal modo que estas possam permanecer na roça, diminuindo também a desnutrição infantil e problemas como falta de creches para crianças das mães que trabalham e junto aos jovens, com programas que lhes ensinem algum trabalho técnico e orientem quanto a sexualidade.

No entanto, será que estes aspectos educativos não-formais também não são passíveis de conflitos, pois assim como as propostas dos projetos do ensino formal que partem de um modelo com vistas a enquadrar toda e qualquer realidade, estes também não fariam o mesmo através de seus programas assistenciais?

### **2.1.3. “O pouco com Deus é muito... ?”**

Para compreendermos um pouco melhor sobre estes programas assistenciais é importante conhecermos a origem desta organização filantrópica denominada “Fundo Cristão Para Crianças”.

O “*Christian Children’s Fund*” ( Fundo Cristão Para Crianças) foi fundado, inicialmente, para amparar crianças vítimas de guerra. A gênese foi a ação de um casal em resposta às cartas de vários missionários chineses que solicitavam dinheiro e ajuda para os órfãos. Este casal funda então, “*China’ Children Fund*” (Fundo Para as Crianças

da China) em setembro de 1938. O método utilizado foi o de apadrinhamento individual da criança.

Em meados da década de 60, o enfoque começou a mudar: passa-se dos órfãos de guerra aos carentes dentro de suas próprias famílias. Sendo assim, quatro anos depois, em 1964, expandiram o programa para o Terceiro Mundo. No ano de 1971, foi instalado o primeiro Escritório Regional no Brasil, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. O segundo escritório foi em Fortaleza, Ceará.<sup>89</sup>

Numa conversa com a assistente social e coordenadora da ACHANTI (Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância) não pude deixar de relacionar a seguinte informação: aproximadamente cinquenta, entre crianças e jovens, seriam desligados do Programa de Apadrinhamento pelo Fundo Cristão, pois eles não se encontravam no município, tão pouco estavam na escola... Onde estavam? Com suas famílias trabalhando. Conforme entrevista com a coordenadora, isto já havia sido alertado pois...

*“E: \_ ... a criança que vai para São Paulo, ela tem que ser desligada em três meses, em três meses ela tem que ser desligada, não é? [ pergunta para confirmar com um outro funcionário da associação ] Isso é uma coisa assim que eu acredito que tem que ser revista pelo Fundo Cristão da nossa própria região, eu estou falando de mim enquanto pessoa, tá? Não enquanto funcionária. As famílias que vão para fora são as pessoas que mais precisam e elas voltam em seis meses. Voltam, então as famílias voltam e perdem o apadrinhamento, por que não estão participando do programa. Para elas estarem apadrinhadas, elas têm que estar utilizando a verba. Só que choca com a realidade da região, você está entendendo? É meio complexo”. [ 26 anos, assistente social]*

Para que se possa compreender melhor ainda este “complexo”, é importante sabermos dos critérios para que uma criança seja cadastrada no Programa de Apadrinhamento do Fundo Cristão, bem como, quais as participações deste nesta associação. Ou seja, antecipando a resposta, o depoimento da própria coordenadora:

---

<sup>89</sup> Cf. “Manual de Comunicação Criança-Padrinho”. **Fundo Cristão Para Crianças – Brasil**. É importante ressaltar que este tipo de apoio não se restringe a crianças e famílias carentes da zona rural, mas a núcleos variados de carência tanto no espaço urbano quanto no rural.

*“90% aqui é Fundo Cristão. Nós não somos funcionárias do Fundo Cristão, nós somos funcionárias da associação (...)”*[idem].

Esta associação é um projeto que mantém convênio com o Fundo Cristão, há mais ou menos 16 anos, é composta por uma diretoria, cujos diretores são pais de crianças apadrinhadas pelo Fundo Cristão. A gestão dura dois anos. Concluído este período, formam-se chapas para concorrerem à nova diretoria. Estas, na maior parte, compõe-se de diretor, vice, tesoureiro e conselho fiscal. Os funcionários da associação constituem-se numa equipe encabeçada por uma coordenadora, três monitores, mais auxiliares, uma pessoa na cantina, motorista e funcionárias para seis creches que atendem crianças de onze meses a seis anos, mais ou menos.

Assim sendo, a Achanti para selecionar a criança que será apadrinhada, aplica os seguintes critérios: *“A gente faz pelo nível socioeconômico. A gente tem uns critérios que é ser cristão, renda per capita é R\$50,00, que é a criança até 12 anos, não é isso? Até 12 anos e tem uns critérios, né? Tem que ser em zona rural. São esses critérios, né... A gente faz um levantamento, pega as crianças mais carentes e para inscrever tem que ser até doze anos. Agora, ela pode ficar no programa até dezoito, né. (...) E quando o padrinho quer continuar, mesmo que faz dezoito, se o padrinho quiser continuar, aí continua... Aí no caso é o padrinho, né?”*, disse-me a coordenadora.

O padrinho manda, mensalmente, a quantia de R\$ 26,00 (vinte e seis reais) sendo que destes são recolhidos para o Fundo Cristão, R\$ 9,00 (nove reais) que, conforme informou-me o funcionário da Associação são para a manutenção, gastos administrativos: comprar equipamento, mandar cartilha, ferramentas... enfim, chegando da sede do Fundo Cristão (em Belo Horizonte-MG) para a Achanti (Projeto) R\$ 17,00 (dezessete reais). Ou seja, existe a doação de uma quantia fixa que é transformada em programas de assistência às famílias através do Programa de Apadrinhamentos que é o que dá retorno para a mesma.

Caso a família não tenha nenhum filho apadrinhado, ela não deixa de receber indiretamente os auxílios da associação, desde que pertença a uma das roças a que esta dá assistência. Sendo assim, beneficiam-se dos programas de treinamentos que orientam mães para o acompanhamento de pesagem e nutrição das crianças. Elas são voluntárias e,

conforme depoimento da coordenadora, atualmente, são 47 (quarenta e sete) mães treinadas pela Achanti que realizam este trabalho junto às famílias.

O fato desta Associação localizar-se em Chapada também deve ser enfatizado, pois acaba criando um elo entre rural e urbano uma vez que, os pais, quase sempre deverão dirigir-se até a cidade e vice-versa, cada vez que necessitarem de sementes para plantio ou algum remédio. Portanto, o fato dos funcionários da Achanti transitarem entre o rural e o urbano, seja para obterem alguma informação sobre uma criança apadrinhada ou entregarem alguns presentes, acaba tirando-os do isolamento e da falta de informação, sobretudo as roças mais distantes da cidade.

Junto aos jovens apadrinhados desenvolvem trabalhos sobre agricultura, orientando-os quanto ao plantio e formação de apicultores, assim como, tentativas de orientações à respeito de prevenção da gravidez e exames preventivos. Perguntei para a coordenadora e funcionário da associação se há muitos casos de gravidez entre os jovens na zona rural. A resposta foi afirmativa e ainda acrescentou que falar sobre assuntos relacionados a educação sexual é muito difícil pois, disse-me,

*“... se tiver um homem, as mulheres não ficam, se tiver uma mulher, os homens não ficam, tem que ser separado ainda... ainda é separado. (...) Se vem uma enfermeira dar uma palestra, né sexual, vamos dizer assim, homem não entra, se o homem entra a mulher fica calada, né? Inclusive a pouco tempo agora, foi no começo do ano, nosso presidente é cabeça aberta, vamos dizer assim, então ele entrou, né, foi na reunião e fez uma pergunta lá, não me lembro qual, foi uma polêmica no município inteiro. Nossa, diziam: ‘isso é falta de respeito...!’”.*

Neste sentido, quando acontece de uma jovem apadrinhada ficar grávida, manda o regulamento do Programa de Apadrinhamentos do Fundo Cristão que esta moça deverá ser desligada. Todavia, fica ao critério do padrinho se continuará no programa e se vai querer apadrinhar então, o filho da jovem.

Deste modo, retomo uma das perguntas que fazia inicialmente sobre as famílias acomodarem-se com estas doações e/ou até desejarem que seus filhos permaneçam por mais tempo na escola rural mesmo com sucessivas repetências, prolongando assim, o

compromisso do apadrinhamento que vai até dezoito anos, bem como, a permanência do filho(a) junto aos seus, somente para obterem o auxílio mensalmente. Isto não ocorre. O dinheiro que vem é transformado em assistência às famílias, ou seja, ao coletivo. Porém, muitos padrinhos mandam, quando eles podem, para seus apadrinhados, presentes que poderão vir, quase sempre, na forma de um cheque. Este, por sua vez, muito mais valorizado pelos pais do que as doações para o programa.

Todavia a realidade da região demonstra que as dificuldades são tantas, que é preciso migrar para complementar aquela pequena quantia doada ao programa, transformada em benfeitorias às roças. Fato é que estas famílias, quase sempre, não têm a outra metade em dinheiro para pagarem o que necessitam. Em contrapartida, não é intenção da Associação dar dinheiro, tão pouco os remédios, sementes, etc. A Achanti divide, entrando com uma parte e a família com a outra.

Por outro lado, se se têm a parte deste dinheiro para, por exemplo, comprarem as sementes, o quê fazer com elas quando o período é de seca? Conforme o trecho da redação<sup>90</sup> de uma jovem cujo tema era a seca da região e a migração para São Paulo,

*“No tempo da seca todos os emigrantes saem de suas casas para irem para S. P. trabalhar, porque eles não conseguem emprego em épocas de seca, eles saem geralmente no mês de Abril e só voltam para casa no fim de novembro e início de dezembro. (...)”* [1º ano do 2º Ciclo, moradora na cidade]

Quando chove, porém, como esperar que a família toda, principalmente os maiores, os jovens não sejam chamados a participarem do preparo da terra para a plantação? Pois, conforme diz o trecho de outra redação: *“(...) já no fim de ano e início do outro que chove, eles plantam suas próprias roças para ajudar um pouco, porque o dinheiro que eles ganham não dá para tanta coisa. O pouco que eles plantam já ajuda*

---

<sup>90</sup> Agradeço a professora do 1º ano do 2º Ciclo da Escola Estadual “Monsenhor Mendes” por ter me cedido as redações.

Sobre o uso destas redações como “documentos pessoais” dos sujeitos investigados, “... o critério para chamar ao material escrito documentos pessoais é de que é auto-revelador da visão que a pessoa tem das suas experiências”. Cf. BOGDAN, R.C. e BILEN, S.K. In “Os textos escritos pelos sujeitos”. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora Ltda, 1994, p. 177.

bem...”. Na seqüência, a jovem reitera sobre o período da seca, portanto de, novamente, migração:

*“ ... depois chega a seca, eles saem novamente para S.P. deixando suas famílias, muitos levam a família para ajudar porque eles sozinhos não dão conta, outros já passam o ano quase todo em S.P. e suas mulheres e filhos ficam em casa tentando ajudar no que pode porque na época da seca, praticamente sem serviços porque falta água e não tem como reproduzir sem água. (...) [idem]*

Como não considerar que uma região predominantemente de camponeses, não privilegiem a pouca oportunidade que têm para plantar, quando a perspectiva de um futuro, principalmente através do estudo, é tão pequena? Quando as ilusões com relação as ações governamentais para beneficiá-los, já não existem mais? Conforme escreveu uma outra jovem em sua redação:

*“O que precisa ser feito é investimento na terra do pequeno agricultor, como arado, irrigação, etc. (...) os projetos feitos para beneficiar os pequenos agricultores do Nordeste acabam beneficiando apenas os grandes proprietários de terra, ou seja, o problema seca-imigração sempre vai existir, pois os pequenos proprietários sempre vão vender suas terras para irem a São Paulo para tentar mudar de vida, pois jamais serão beneficiados com os projetos feitos para o Nordeste.”*

Então não deveriam existir programas como estes? Não se trata disso, trata-se sim de questionarmos as bases em que se constróem programas filantrópicos deste tipo, muitas vezes, distantes da realidade daqueles que dele “necessitam”, pois adotam critérios que, muitas vezes, não consideram as peculiaridades da região. Desta feita, desligar os apadrinhados de seus programas assistenciais porque estão tentando “melhorar” suas condições de vida, não os fazem menos necessitados, pelo contrário, não muda a realidade. Exigir que permaneçam, famílias inteiras, dependentes da doação para um numa soma, na maioria das vezes, de cinco, seis, nove filhos quando a fome, as privações de toda ordem batem à porta, não seria aprisioná-los ainda mais na condição de

dependentes e miseráveis? Não seria o caso de se repensar e reavaliar que, no caso desta região, “o pouco com Deus ainda é pouco”?

Também, não acrescenta condicionar os jovens à escola, bem como, ao campo, de tal maneira que se vejam “vigiados” ou “obrigados” a neles permanecerem para que continuem sendo apadrinhados, quando a escola rural que têm concorre para que a deixem o mais cedo possível. Como diz Brandão (1990), a meta da escola rural é “*sempre*” produzir algum resultado, mesmo que precariamente, de geração a geração. Por isso, num nível mais amplo, ela mais contribui para alimentar anseios do que saber, impulsionando o “*jovem trabalhador rural para abandonar o campo por um emprego (ou subemprego) na cidade* (p.175).

Contudo, mesmo com a existência destes programas assistenciais que têm um caráter educativo junto às famílias rurais, é necessário ressaltar que nisto há conflitos, sobretudo, para os jovens rurais apadrinhados que acabam tendo mais um componente para que sejam vistos de maneira enviesada pelos jovens da cidade; ou seja, o de carentes, enfim, pobres.

## **2.2. Sociabilidade, lazer e experiência**

### **2.2.1. Olhares enviesados**

Para muitos moradores da cidade, o povo da roça é diferente também porque é muito mais conservador, principalmente, com a criação de seus filhos. Por isso, existe uma certa tensão entre o campo e a cidade, em Chapada do Norte, embora estejam tão próximos fisicamente, muitas vezes tão longe um do outro. A tensão com relação aos jovens da cidade para com os da zona rural é um desses momentos. Perguntei para uma moça entrevistada, da cidade, se jovem da cidade se mistura com jovem da zona rural. Disse-me então:

*“E: \_ Mais ou menos, não são todos, não. Eu acho que pelos jovens da zona rural, entendeu, misturaria... só que os jovens daqui de Chapada sempre está separado, querendo, assim... foge!*

*P: \_ Querendo distância... Existe preconceito? Você acha que existe?*

*E: \_ Existe, porque lá (...) na Danceteria Santana, a gente freqüentava lá, entendeu, tinha som todo sábado e domingo e falta assim... o pessoal, os jovens daqui de Chapada, o pessoal que estudavam, beleza, nunca iam. Só que agora, os jovens da zona rural vêm os finais de semana para entrar também, entendeu? Ai já o pessoal daqui de Chapada já não vão mais (...), falam que o pessoal da ro... da zona rural tomaram conta. Então eles têm um preconceito, sim. E isso é... fica mais difícil, entendeu, um certo entendimento entre os jovens daqui e tem a grande diferença é essa, acho que é mais o preconceito.”*  
[23 anos, solteira, 2º ano do 3º grau, moradora na cidade, estudando fora]

Outro depoimento de um rapaz da cidade que, mesmo tendo amizade com jovem da zona rural, disse-me que o jovem da roça é diferente do da cidade porque o da roça é mais agressivo:

*“E: \_ Eu tenho amizade com muita gente da roça... muito pessoal da roça. O pessoal aqui tem aquela certa distância, não por mim, mas por muita gente, tem... talvez até por mim, também. O pessoal da roça fica mais, assim, na deles; o pessoal da cidade, não entrosa muito com o pessoal da roça. (...) Agora, o pessoal da roça daqui de Chapada, eles são mais assim... parece que são um pessoal mais agressivo; tudo deles é na base da ignorância [risos] e isto distancia eles, um pouco, do pessoal da cidade. (...)”* [ 21 anos, 2º grau completo, morador da cidade, estuda fora]

Se existe uma tensão entre jovens da cidade e jovens da zona rural, esta, também, pode ser percebida com relação à escola. Por quê? Parece-me que um dos fatores seja o de compreender a escola como a segunda casa desses alunos, logo, uma extensão da família.

*“E: \_ ... Quando falta merenda todo mundo grita: ‘ê, não vai ter merenda?!’ ô, mas ele não sabe por que? Se tem um porquê. Por isso que ele levou o Conselho de Classe lá, chamar os pais e tudo. Toda vez que tem o Conselho de Classe, ele expor o assunto que foi discutido lá com os alunos, para eles estar por dentro, que aluno vai lá estudar... eles faz bagunça, eles quebra carteira, eles faz isso... Tem uns que vai lá só para passear. Então esses aluno deveria abrir espaço para quem tá ali mesmo para estudar. Porque a escola é uma família. Bem que eles fala: ‘são os professores nossos segundos pais’.*

*Estão educando nós o tempo todo. Porque o pai lá da nossa família tá dando amor, educação... tudo isso. Só que na escola a gente tem uma educação que é formar uma pessoa para sociedade. Então por isso eu acho que a escola devia ser assim... ter respeito com os alunos e os alunos participar mais sobre a direção da escola” [19 anos, sexo feminino, estudante – 7ª série do 1º grau – moradora na cidade]*

Quando esta jovem me diz que “... a escola é uma família...” e que “são os professores” os seus “segundos pais” presumo que nestas informações existam, no mínimo, duas faces de uma mesma moeda: os pais que orientam para o respeito à escola e aos professores como a si mesmos<sup>91</sup> e os professores que, por sua vez, não sendo os pais destes alunos, os preparam para um universo formal do aprendizado. Ambos, pais e professores correspondem às faces da mesma moeda: o processo de socialização; porém, uma face é informal e a outra formal.

Talvez nisto tenhamos a tensão entre família e escola que, podem mais do que convergir, divergir entre si uma vez que existe a possibilidade do filho distanciar-se daquilo que os pais gostariam que esta contemplasse, sobretudo um aprendizado para a vida. Este, por sua vez, refletiria no cotidiano dos jovens, com resultados mais imediatos requeridos pela própria necessidade de sobrevivência das famílias.

Existe a possibilidade, talvez, de que, nesta sociedade, a família dispute espaços de dominação na educação dos seus filhos, crianças e jovens, com a escola. Esta “disputa” pode aparecer muitas vezes como um desinteresse por parte dos pais na continuidade dos estudos dos mesmos. Ainda está presente nos universos rural e urbano, talvez mais no rural, o raciocínio de que “se meu pai e/ou minha mãe chegaram até aqui sem estudo prá que qu’eu vou me preocupar?” ou “por que que com meu filho vai ser diferente?”. Porém, esta “disputa” e desinteresse por parte de algumas famílias já diminuíram bastante, conforme o que me disse uma professora que leciona na zona rural:

“P: \_ Você acha que esse pensamento é uma minoria?”

---

<sup>91</sup> Visitando uma escola municipal da comunidade de São João (do meio), enquanto me apresentava para um professor e pedia para que ele me concedesse uma entrevista, algumas crianças que chegavam para a aula da tarde, 2ª série do 1º grau, antes de entrarem para a sala de aula pediam bênção ao professor estendendo-lhe as mãozinhas com dedinhos todos juntos, com olhos e cabeça baixos.

*E: \_ Minoria... minoria, apesar que todos vão prá escola. Mas você vê que tem meninos que às vezes vai prá escola, não na minha escola lá, mas eu já sei de professores aí que os meninos faltam demais, às vezes quando vai falar com a mãe e o pai, fala vai se quiser. Então se a mãe não tem domínio em casa, a gente na escola assim não tem recurso. Você vai falar com o pai, ele diz: 'eu não tô dando conta. Não tem jeito que faz'; outros falam: 'vai se quiser'; já outros apertam prá ir: 'tem que ir'. Então existe sempre, só que já diminuiu muito, muito mesmo. Isso é minoria..."*

[ 35 anos, casada, professora na zona rural, mora na cidade]

Mas talvez o que fique mais latente no campo das preocupações dos pais, portanto, dos adultos com relação aos jovens é a questão da sexualidade e que, muitas vezes, são refletidas na própria sala de aula. Perguntei para a mesma professora já citada [35 anos], se suas alunas faziam perguntas para ela, em particular ou na sala de aula com relação a sexualidade:

*"E: \_ Assim... perguntam...*

*P: \_ Indiretamente?*

*E: \_ ...Mas têm assim um certo receio. Eu também confesso que tenho um pouco de receio prá falar, mesmo porque na sala de aula, tem esse problema de ser... tem meninos e o nível de pressão dos pais também...*

*P: \_ Tipo, se você falar alguma coisa pode ser repreendida pelo pai, por exemplo?*

*E: \_ Porque você já pensou que para o pai, pelo filho, qualquer concepção que eles vêem, quer dizer, a maioria, principalmente da zona rural, é que escola é prá aprender a escrever, aprender ler, então isso é um assunto que se for um caso de chegar em casa e o pai saber '(...) que o professor tá ensinando bobagem...'*

*P: \_ Bobagem para o filho, porque a partir dali já vai aguçar a cabeça dele e aí ele vai atrás?*

*E: \_ Exatamente.*

*P: \_ É isso que eles pensam?*

*E: \_ Não, é pura ignorância mesmo!"*

Por outro lado, estes alunos, segundo esta professora, também têm dificuldades quando se tenta abordar algo relacionado sobre prevenção de doenças ou mesmo matérias

sobre o corpo humano porque, salvo exceções, os pais, principalmente da zona rural, não têm a prática de conversar sobre qualquer assunto relacionado à sexualidade do rapaz ou da moça. Se o fazem, na maioria das vezes, é separado e em tom de advertência: a mãe conversa com a filha e o pai com o filho; porém, mesmo assim ainda existe o tabu em torno das conversas sobre o corpo, sobre sexo. Este tabu é manifestado pela vergonha, silêncios, risos, sobretudo quando rapazes e moças encontram-se num mesmo espaço, como a sala de aula.

*“ E: \_ É difícil... é, às vezes eu falo meio superficial, tal mas... igual o tema da AIDS. Aí quando a gente começou a falar, aí uma menina olhou prá outra e riu, sabe... aquele tipo de coisa assim, que você fica até meio constrangida de falar... porque eles acham que é bobagem. Quando eu falei sobre a AIDS, que... falando que esses adolescentes que tão saindo do café, e ali eles vão pro café e então eles ficam ali no meio de muito bolo, muita gente, e outros que vão prá cana, e acha que... então ensinando, como é que previne AIDS, como é que pega AIDS..*

*P: \_ Hum, hum...*

*E: \_ Então um olha pro outro, ri, sabe? Assim, como se aquilo fosse coisa do outro mundo. Às vezes pega um livro, um amigo sentado com um livro de Ciências da 4ª série que a irmã tem, então aquelas figuras que falam da parte do corpo humano...*

*P: \_ Humano, tudo...*

*E: \_ E tudo aquilo ali, nossa! serve de gozação, um olhando pro outro, um mostra ao outro, aí eu falei assim: ‘gente que é isso que vocês estão olhando?’, ‘Nada não, Mitinha, nada não. Isso é um desenho que nós tamo querendo fazer’. Sabe, então tem... não é um assunto aberto prá elas...”*

Efetivamente, até aqui, parece-me que a zona rural é a que oferece maiores obstáculos, onde a tensão família-escola fica mais evidente porque ainda há a permanência de certas regras, valores que dizem respeito ao que é esperado como comportamento de homens e mulheres, rapazes e moças diante da sua sexualidade, o adulto que se espera que o jovem venha ser, num primeiro plano; depois, sobre a própria expectativa perante a vida e em quê a escola lhes ajudará a enfrentar suas dificuldades - quando ela própria, não passa a ser mais uma dessas dificuldades -, sobretudo para o

jovem que se vê cobrado a desempenhar atividades produtivas muito cedo, sem ou nenhuma perspectiva de trabalho.

Na cidade, porém, esta tensão família-escola dilui-se porque espacialmente esta oferece maiores oportunidades de sociabilidade entre os jovens, os adultos de maneira geral. A questão da sociabilidade aparece na fala da moça entrevistada: “(...) *tem uns que vai lá só para passear...*” [ 19 anos, estudante da 8ª série do 1º grau]; bem como, na de um rapaz: “... *Porque homem, realmente, tem aquela coisa, não interessa muito em escola. (...) Tem uns que tem aquele dom, aquele forte. Mas tem outros que não tem, leva aquilo como se fosse um lazer também, né*” [ 23 anos, 2º grau-magistério, empregado, morador na cidade], no tocante ao espaço da escola e também, no dia-a-dia dos jovens, no após a aula.

Ir para a escola, portanto, também pode ser o instante de reencontrar os amigos, continuar bate-papos, revelar segredos, fazer novos amigos... Enfim, criar e reafirmar os laços de amizade talvez, tão importantes quanto os conteúdos das matérias de sala de aula e que continuam ocorrendo em outros espaços.

Quando saem da aula, à noite, os jovens da cidade poderão ser vistos nos bancos da praça da Matriz iniciando, muitas vezes, seus namoricos, ou apenas trocas de confidências entre amigos, amigas, conversas... ou ainda, nos escurinhos, atrás da igreja para trocarem beijos e abraços com receio de que algum adulto conte para seus pais.

*E: \_ ... igual a esse padre, chegou aqui, aí não podia namorar, aquela pressão toda. Ali não podia, ali atrás da igreja não podia, então aquela coisa. Só que aqui a gente, igual às vezes a gente está com a menina, não que a gente talvez está levando a coisa séria com elas, mas a gente quer estar num lugar mais..., né. Talvez a gente até fique em lugares mais...*

*P: \_ Hum, hum ... se conhecer...?*

*E: \_ A gente quer ficar num lugar mais parado, num lugar mais calmo, onde a gente pode se conhecer melhor. Então é isso. E tem aquela coisa, aquela encheção de saco dentro de casa, tem mesmo, realmente tem.*

*P: \_ Família fica cobrando...?*

*E: \_ Família fica cobrando, fica falando: ‘olha como faz isso, aquilo e aquela coisa’... Sempre pressionando. Mas não é por isso também que não deixa de acontecer*

*porque...*”. [23 anos, sexo masculino, 2º grau completo-magistério, empregado, morador da cidade]

Para os jovens da cidade é preferível que os encontros, as conversas aconteçam nos espaços públicos porque o encontro em casa é namoro, e namoro tem que ser sério e para casar. Já com as famílias da roça, algumas das preocupações com seus filhos jovens repousam no instante em que estes vêm para a cidade, o que não quer dizer que na zona rural eles não encontrem tempo para exercitarem sua sexualidade. Mas a cidade aparece como “ameaça” para o desvirtuamento; é o que os “pode pôr a perder”. Talvez seja por isso, que os pais que têm filhos estudando na cidade ficam muito nervosos e temerosos quando estes não voltam para casa nos finais de semana<sup>92</sup>.

Assim, a sexualidade, no campo e na cidade, aparece como um “problema” criado, uma espécie de “bode expiatório” para que o controle e a vigilância sejam bastante acirrados, conseqüentemente impedindo que haja mudanças<sup>93</sup>, principalmente uma mudança na mentalidade que zela pela moral e pela castidade e neste caso, a ênfase recai sobre as mulheres.

Por sua vez, sobra muito pouco espaço para o universo do jovem que já deixou de ser arrastado pelo braço, por seu pai e sua mãe para ir à missa; tomar banho; cortar as unhas; pedir a benção aos mais velhos. O jovem não deixou de ter respeito, mas este respeito que outrora ele tinha que ter para com os adultos, agora ele sabe que pode exigir também. Como respondeu-me o rapaz entrevistado sobre o que significava ser jovem para ele: *“Ser jovem é participar de todas as atividades na sociedade, respeitando para ser respeitado”* [ 18 anos, 2º grau incompleto, estudante, morador da zona rural vivendo em república na cidade].

É importante ressaltar que, muito embora a população de Chapada seja, na maioria, católica, portanto, com uma maioria de jovens “seguidores” desta religião, esta não é hegemônica. Existem outras religiões. Dentre elas, a Protestante poderia ser

---

<sup>92</sup> Pretendo abordar melhor sobre a presença das repúblicas de jovens da zona rural que vêm para cidade para continuar os estudos. Foi um dado novo de que eu não tinha conhecimento. Também é importante ressaltar que este é um dado novo, principalmente porque é em número muito pequeno.

<sup>93</sup> Cf. CÉSAR, M. R. “O resgate da felicidade perdida”. In **A Invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da UNICAMP, 1998, p. 115.

identificada como a segunda religião no município, tanto no rural como no urbano<sup>94</sup> e que também envolve princípios quanto a comportamentos esperados e valores.

Mas se existe o olhar enviesado dos moradores da cidade, em particular dos jovens para com os jovens moradores da zona rural, soube através de alguns jovens entrevistados da cidade que há uma demarcação de território para os namoricos, mas principalmente para as amizades. Há os de baixo e há os de cima. Os de baixo, seriam os que moram abaixo da praça e, os de cima, seriam os que residem nas ruas que circundam a igreja de Nossa Senhora do Rosário, da rua Bom Jesus para cima. Um não combina com o outro. Mas não é uma regra geral, alguns jovens não dão muita importância para isto.

*E: \_ “...de não entrosar muito, principalmente as meninas. Não gostam muito de entrosar com as de cima”.*

*P: \_ Eu não entendo. Eu ouvi isso e não entendi. É rua de cima, rua de baixo!... [risos]*

*E: \_ “Praça já é de baixo!”*

*P: \_ As meninas da rua de baixo são como?*

*E: \_ “Não, sabe...eu não sei te explicar. Eu sei que tem, quer dizer eu num... na verdade eu não entro muito nessas brigas, nesse rolo não, sabe? Eu, prá mim tanto faz, pode chover... pode acontecer o que quiser... que eu não tô nem aí, eu tô na minha e tá beleza. Graças a Deus não tenho dificuldade nenhuma prá assim... me entrosar com as pessoas. Qualquer um que chegar é bem aceito. Eu tô numa boa, mas... que tem, tem. Agora tá menos, né. Mas antes tinha”. [ 23 anos, jovem-mãe-solteira, 2º grau completo, moradora da cidade]*

O termo utilizado por esta jovem entrevistada ao referir-se nesta separação entre as outras jovens, “*entrosar*”, está intimamente relacionado às dificuldades que têm em fazer amizades, até porque, muitas vezes são jovens muito reclusos em suas casas, vigiados pela família, e os desafetos e temores dos pais quase sempre acabam

---

<sup>94</sup> Numa visita que fiz à família de jovens da zona rural que estudam e moram em república na cidade, observei que dos nove filhos do casal, havia uma jovem [12-13 anos] que estava seguindo a religião Protestante, quando, a família é católica. Soube que a jovem frequenta, a pouco tempo, a outra religião mas, algumas regras que tem que seguir já estão causando pequenos conflitos domésticos, como “guardar” o sábado.

influenciando nos relacionamentos de seus filhos<sup>95</sup>. Temores estes que podem estar associados à relação que fazem da “rua de cima”, rua esta reconhecida pelos moradores como sendo de negros, com o feitiço e com aqueles que participam da Festa de Nossa Senhora do Rosário (Porto,1997).

Porém, se os lazeres e as sociabilidades dos jovens são os momentos que deixam abertos espaços para que possam exercitar, descobrir sua sexualidade e fazer novas amizades, também podem se estranhar. Quando estão expostos em espaços públicos, como na praça da Matriz ou em frente do trailer significa que se trata de um grupo seletivo de amigos e, cujos segredos, conversas informais não são abertos para qualquer pessoa. Foi o que me disse um morador provisório na cidade, um “filho adotivo” pois estava em Chapada apenas a trabalho:

*“E: \_ Quando você chega num grupinho que está conversando, logo vai saindo um, depois outro e quando você vê eles te deixam sozinho e vão cada um prá um lado”* [ (+ ou -) 38 anos, sexo masculino, empregado, 2º grau completo, morador provisório na cidade]

Assim sendo, estes jovens vivem, implícita ou explicitamente os confrontos com a socialização informal da “grande família”, portanto, desconfiam das aproximações de adultos mas também são suscetíveis aos alertas dos pais quanto às amizades que devem ou não ter. Abrindo novamente o foco da lente, Hobsbawn (1995) diz que:

*“A revolução cultural de fins do século XX pode assim ser mais bem entendida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais. Pois essas texturas consistiam não apenas nas relações de fato entre seres humanos e suas formas de organização, mas também nos modelos gerais dessas relações e os padrões esperados de comportamento das pessoas*

---

<sup>95</sup> Conversando com uma moradora da cidade [ 39 anos, 3º ano do 2º Ciclo do Ensino Fundamental], perguntei-lhe se havia esta distinção entre moradores da “rua de cima” e da “rua de baixo” e por que, ela então me disse que existe, sim: “... é como água e gordura não se mistura, mas não é questão de inimizade, de rixa mas é que não se sentam juntos, não comem juntos num ambiente de festa... é algo que vem de muito longe, de uma criação e que ninguém sabe de onde veio, como é que começou.” Esta moradora me disse que inclusive tem dois times de futebol na cidade, formados por moradores da “rua de cima” e moradores da “rua de baixo”; também acrescentou que os casamentos da cidade, na maioria da

*umas com as outras; seus papéis eram prescritos, embora nem sempre escritos. Daí a insegurança muitas vezes traumática quando velhas convenções de comportamento eram derrubadas ou perdiam sua justificação; ou a incompreensão entre os que sentiam essa perda e aqueles que eram jovens demais para ter conhecido qualquer coisa além da sociedade anômica” (p. 328).*

Neste sentido a citação acima coloca-nos uma questão que está posta para a sociedade global: o triunfo do indivíduo sobre a sociedade. No entanto, sugere uma marcha à ré no tempo quando se propõe pensar realidades como esta apresentada neste trabalho em que o coletivo, o grupo social exercem hábeis poderes sobre o indivíduo, principalmente, jovens e crianças; porém, esta sociedade, tardia e lentamente, começa a sentir os anúncios desta revolução cultural da qual o autor refere-se. Sendo assim, parece-me que paira sobre as cabeças dos indivíduos a incrível sensação de que a qualquer instante, eles, os adultos-chefes-de-família, perderão seu poder de influenciar e direcionar naquilo que julgam ser o melhor para seus filhos, para os “outros filhos”...

Portanto, em Chapada do Norte, em vários momentos do cotidiano se poderá verificar o exercício do poder pessoal para a manutenção de um coletivo. A necessidade das atribuições de defeito para as pessoas que não estejam correspondendo ao “sistema” ou “jeito” do lugar dá significado às fofocas, boatos . Por sua vez, dizer que fulano saiu dos padrões através da exaltação do defeito deste, parece mais uma intenção de trazê-lo de novo para o “sistema” do lugar; para impedir que se desestabilize, mude um determinado tipo de comportamento, mude as regras do lugar.

Não é por acaso que se costuma dizer no lugar que *“toda janela tem uma fresta para poder ouvir o que se fala ou o que se está fazendo”*. Disseram-me, em entrevistas, que é prática de muitas pessoas ficarem atrás das janelas ouvindo ou espionando o que aquele que está nas ruas até tarde diz ou faz. Conhecem-se tanto que quem está atrás da janela é atraído(a) pela voz que ouve do lado de fora, aguçando seu interesse. Se desconhecem é necessário que se conheçam, que se saibam quem é.

Deste modo, os jovens inspiram nos adultos o medo da mudança; estes, por sua vez, traduzem-lhes uma realidade trágica, cuja idéia de destino, sina, cotidianamente,

---

vezes, são entre pessoas pertencentes ou a “rua de baixo” ou “de cima”, misturado é raro.

fazem-se presentes em suas ações, na “criação” dos filhos que deverão ser o que seus pais foram ou são. Portanto, se a sexualidade juvenil gera medo, preocupação das famílias em desmoralizar-se perante o grupo, caso filho ou filha não correspondam aos cânones morais, defendendo-se, eles, pais negam a realidade, enquanto que ela se afirma opostamente ao desejado; ou seja, a sexualidade é inerente e visível no corpo do jovem. Assim, as relações entre campo e cidade vão além do controle sobre o outro porque supõe um campo de tensão e conflito.

### **2.2.2. O novo e o velho: eterno conflito**

Num contexto mais amplo, Hobsbawn (1995), refletindo sobre a Revolução Cultural toma a família e a casa “*através das estruturas de relações entre os sexos e gerações*” no que julga ser “*a melhor abordagem*”. Ele demonstra que a maioria da humanidade partilhava características comuns, tais como: “*a existência de casamento formal com relações sexuais privilegiadas para os cônjuges (o ‘adulterio’ é universalmente tratado como crime); a superioridade dos maridos em relação às esposas (‘patriarcado’) e dos pais em relação aos filhos, assim como às gerações mais jovens; famílias consistindo em várias pessoas; e coisas assim. (...)*” (p.314-15). Mas estes arranjos começam a mudar com bastante velocidade a partir de meados do século XX, principalmente nos países ocidentais “*desenvolvidos*” e, como chama atenção, “*de forma desigual mesmo dentro dessas regiões*”.

Primeiramente começam a crescer os índices de divórcios, com uma redução do desejo de procriação. Diz o autor: “*a crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação. Eram tanto oficiais quanto não oficiais, e a grande mudança em ambas está datada, coincidindo com as décadas de 1960 e 1970*” (1995:316). Estas mudanças foram mais acirradas nos países cuja moral era mais impositiva, como a dos católicos. Portanto, no plano oficial verifica-se um período de liberalização para os heterossexuais, para as mulheres, e, principalmente, para os homossexuais. Houve uma maior difusão do uso das pílulas anticoncepcionais com maiores informações sobre o controle de natalidade (idem, op. cit.).

Fechando o foco desta lente, vê-se Chapada do Norte, no sertão mineiro. Fechando-a mais ainda, vêem-se os jovens entre eles, jovens-mães casadas e solteiras confrontadas por uma realidade que lhes é paradoxal. Esta juventude, vivendo numa sociedade moralmente severa, católica com traços do modelo arcaico-colonial, depara-se com as influências de um mundo moderno que lhes chega através dos aparelhos de televisão, rádio, presentes na mais longínqua comunidade rural, inclusive com antena parabólica<sup>96</sup>. Hobsbawn (1995) lembrou ao falar sobre a época:

*“ (...) por mais fortes que fossem os laços de família, por mais poderosa que fosse a teia de tradição que os interligasse, não podia deixar de haver um vasto abismo entre a compreensão da vida deles, suas experiências e expectativas, e as das gerações mais velhas”* (p. 323).

Em Chapada, dia após dia, o padrão “da criação” tenta ser passado dos pais para os filhos. Esta “criação” é uma mescla de intenções de que o filho(a) constitua família, principalmente as moças. Para elas as orientações são: casar, engravidar só depois de casada, cuidar dos filhos, do trabalho doméstico e, quando necessário, do comércio dos produtos caseiros para complementar a renda familiar e a migração.

Esta educação informal-familiar<sup>97</sup> dá-se, basicamente da seguinte forma: uma vez moça (dependendo da quantidade de filhos menores, as responsabilidades iniciam-se muito antes) suas responsabilidades são de ajudar a mãe com os irmãos menores, dividindo as tarefas domésticas; estudar e enfrentar os olhos vigilantes dos pais para que não saia de casa durante à noite... Toda vigilância é para que não fique exposta aos moços, aos namoros fora de casa ou que não ande com ”más” companhias. Mas isto, quase sempre sofre relaxamentos mediante insistências.

Na zona rural, este padrão de educação para as moças é mais freqüente; na cidade, por sua vez, encontram-se outras variáveis que possibilitam maior flexibilidade na vigilância dos pais: a escola ou o trabalho no pequeno comércio ou em casas de família.

---

<sup>96</sup> Oportunamente, lembrando a letra da música do cantor da MPB, Gilberto Gil, que diz: “*Antes mundo era pequeno/ Porque Terra era grande/ Hoje o mundo é muito grande/ Porque Terra é pequena/ Do tamanho da antena parabólicamará (...)*”. In GILBERTO GIL. (CD) – **Parabólicamará**.

<sup>97</sup> AFONSO, A., Op. cit., 1992.

Muitas (os) jovens que estudam à noite, após término das aulas, arrumam tempo para estenderem-no como tempo de lazer, ir para praça, para o “trailer”.

Nestes momentos eles conversam entre amigos, paqueram, namoram... divertem-se bebendo, cantando... Soube de um caso de uma moça de 21 anos, moradora da zona rural, mas residindo na cidade, em república, para estudar (à noite), durante o dia trabalhava num pequeno comércio. Por ocasião da Festa de Nossa Senhora do Rosário, o trabalho foi oportuno porque lhe possibilitou participar de todos os dias da festa, sem precisar voltar para roça. Se ela não tivesse que trabalhar, só poderia ter participado da festa caso sua família fosse<sup>98</sup>.

Numa de minhas visitas a Chapada, acompanhei alguns bailes realizados para angariar fundos para os formandos do ensino do primeiro e segundo grau naquele ano. Estes foram promovidos pelas oitavas séries e a turma do terceiro ano. Chamou-me atenção o cartaz de divulgação do baile da turma da oitava série “B”.

***“Venha Participar!***

***1º Baile do Pó***

***Você:***

***Pó dançar a noite inteira***

***Pó tomar quantas cervejas quiser***

***Pó paquerar com quem você quiser***

***Pó beijar à vontade***

***Pó tomar uma cerveja de um só gole e ganhar um prêmio***

Obs: Ganhará o concurso, quem tomar a cerveja mais rápido. E não se esqueça: você pode e vai se divertir à vontade

Local: *Danceteria Santana*

*Ingresso Antecipado: R\$ 1,00*

Data: *25-09*

*Horário: 21:00 hs”*

<sup>98</sup> Depois soube que sua família foi para participar da festa.

Nesta danceteria, vi chegarem moços e moças da cidade e alguns da zona rural. A timidez inicial é comum entre eles. Olhavam. Encontravam-se com amigos, amigas. Aos poucos, iam formando pequenos grupos ou pares. Entravam e saíam da danceteria. Logo a danceteria já havia tomado a rua. Sobre eles, deito o meu olhar...

### **2.2.3. O baile do Pó. Outros bailes: lazer e sociabilidade**

Os jovens que do “baile do pó” participaram eram tanto da cidade quanto da zona rural. Num primeiro olhar, dificilmente se distinguia quem era de qual universo, rural ou urbano pois, por várias razões, fui percebendo que os jovens da zona rural, principalmente, tentam vestir-se e comportar-se, gradativamente, como os jovens da cidade. Suponho que isto se deva, principalmente, a vontade de serem aceitos no meio urbano. Abramo (1994) citando Mello e Souza (1987) diz que “... *a vestimenta oferece-se como um campo rico para a articulação das estratégias de mobilidade entre grupos, através das possibilidades que apresenta como instrumento de simulação de status social diferente.(...)*” (p.70).

O jeans, as camisas por fora, camisetas, tênis compunham, na maioria, a vestimenta dos moços. As moças desfilavam com suas minissaias, blusinhas coladas e com alcinhas bem fininhas e decotes que deixavam-nas atraentes para todos os presentes. Muitas vinham com calças jeans bem agarradas também. Como não podia deixar de ser, no baile, havia muita cerveja e, depois de um copo e outro, o salão estava super lotado. Quentes, eles já haviam vencido a timidez inicial e a dança era a expressão máxima dos corpos.

Comecei a notar que as moças da zona rural que moram, provisoriamente em repúblicas na cidade, adotam vestimentas mais ousadas que valorizam mais seu corpo, assim como, exageram no batom e nos sapatos altos. Na cidade e longe do olhar dos pais, as moças da roça, gostam de decotes e blusinhas colantes que, quase sempre, usam nos períodos de festas e/ou bailes. Não se trata pois, de uma regra. Também não é regra para as moças da cidade que, nos bailes ou festas, vestem-se até mais discretamente. O comum entre elas, moças da cidade e da zona rural, é valorizar as formas, o corpo. Em contrapartida, isto é muito valorizado pelos rapazes também. Estes, por sua vez,

mostraram-se arrumados, perfumados e, quando iam perdendo a timidez inicial, quase sempre em pequenos grupos, iniciavam a bebedeira.

A observação de um momento de lazer fora do período de festejo “tradicional”, como o da festa de Nossa Senhora do Rosário e outros, permitiu perceber a articulação do que Machado Pais chamou de “*campos simbólicos e pragmáticos como princípio da vida quotidiana*” (1993:143) que, também oficial, mostrava-se como afirmação juvenil e espaço para as relações e interações destes jovens.

Para que estes jovens possam mostrar-se uns aos outros, identificando-se, estabelecendo contatos, a indumentária, tais como, roupas, sapatos traduzem-se nestes “*campos simbólicos*” que, pragmaticamente são assegurados, na maior parte das vezes, pelo dinheiro obtido nos trabalhos nas migrações sazonais dos próprios jovens ou dos pais.

Entretanto, estando eles inseridos num contexto de vigilância, estes momentos de diversão – nos bailes - são de relativa flexibilidade por parte dos adultos-pais, uma vez que há o respaldo da escola por trás. Ou seja, aqueles jovens que divertiam-se até tarde da noite também o faziam para angariar fundos para sua festa de formatura, término de um ciclo letivo, motivo de orgulho para os pais. Por trás estavam, portanto, a escola e a família. Com isto, a liberdade era menos vigiada e os moços e moças, por sua vez, permitiam-se os namoricos em torno da praça e/ou paqueras mais ousados.

Alguns jovens (rapazes) da zona rural moradores em repúblicas, no período deste baile, não participaram diretamente, ficaram pelos cantos ou com poucas pessoas e não dançaram. Depois, quando lhes dei um pequeno questionário para que respondessem algumas perguntas, foram respondidas da seguinte maneira sobre, *o que é ser jovem em Chapada do Norte?*:

- “*Não é muito bom, pois não temos uma juventude unida*” [sexo masculino, 18 anos, 2º ano do 2º grau, morador da zona rural]

- “*Não é totalmente legal, pois tem um pessoal complicado*” [ sexo masculino, 18 anos, 1º ano do 2º grau, morador da zona rural]

No ano seguinte ao baile e ao questionário, os jovens acima estavam mais à vontade com o contexto da cidade, e, possivelmente com amizades muito mais sólidas. Um deles, o segundo rapaz, nos seus momentos de lazer e vida social, estava muito mais desprendido, tanto no visual quanto nos hábitos, ele já participava das bebedeiras.

Na cidade, quase sempre é no “trailer” improvisado que se oferecem lanches, bebidas e um lugar para tocar violão e cantar, durante à noite, após as aulas. Participar das bebedeiras confere ao rapaz uma certa masculinidade e que, quase sempre, regula-se pela quantidade de bebida ingerida, ou seja, beber bastante – sem dar vexames – é sinônimo de masculinidade. Como diz Machado Pais (1993) para o caso português entre os jovens:

*“As ‘pielas’ (grandes bebedeiras) e as ‘pauladas’ (grandes doses de droga) são instrumentos de afirmação varonil. (...)”* (p.161).

Contudo, a música, a dança fazem parte do lazer dos jovens de Chapada, sejam da roça, sejam da cidade. Preferencialmente, a música é o componente mais presente, pois, se não freqüentam *bailes*, ouve-se o rádio que, praticamente, quase todas as casas têm. Portanto, ela é motivo de encontros, conversas, de *curtição* nos momentos em que se está sozinho. A música também poderá ser ouvida na voz das mulheres, jovens, mães que vão para a beira do rio Capivari, lavar suas roupas.

Durante o dia, o mesmo rio, em cujas águas, mãos esfregam a roupa suja, moradores, nas horas de lazer, refrescam-se do calor insuportável. Mas existe uma distinção sobre as partes do rio que são freqüentadas e por quem. Dizem que na barragem só vão os jovens que gostam de fumar “maconha”... por isso, famílias não freqüentam esta parte da barragem. Porém, se são as crianças que vão nadar não há comentários, mas se são os rapazes, as moças haverá sempre um olhar desconfiado-indagador sobre o “fazer ou não fazer” uso da “maconha”...

Deste modo, o nó nas relações entre jovens e adultos, pais e filhos está marcada por um conflito entre o novo e o velho no que diz respeito aos costumes e normas do lugar, da família. Este conflito, portanto, esbarra nas questões da sexualidade, nas relações marido e mulher refletidas na educação dos filhos, o predomínio de uma relação

de hierarquia que, salvo exceções, a mulher está abaixo do marido, sendo que esta hierarquia também vale para a educação das moças que são, na maioria das vezes, chamadas às responsabilidades muito mais do que os moços.

Num país como o Brasil, marcado por inúmeras desigualdades sociais, as relações de gênero estão sujeitas a problemas que vão desde as dificuldades na comunicação entre homens e mulheres à própria questão da dominação masculina sobre estas, mas sobretudo, são questões que passam “*ao nível das representações*” que, por sua vez, indicam as “*condutas aceitas para os homens e os comportamentos admitidos para mulheres*” (Saffioti, 1993:160), tal como em Chapada do Norte.

Por outro lado, as relações institucionais entre família e escola têm significativa importância na vida dos jovens, pois significa que experimentam influências contraditórias e complementares, oriundas do processo de escolarização e do sentimento familiar que, por sua vez, geram uma expectativa sobre o lugar que estes ocuparão na sociedade adulta (Peralva, A., 1997:16).

No entanto, o problema fundamental que se coloca diz respeito em saber sobre o que está em jogo para esta sociedade. É a manutenção da família, da tradição, dos costumes, portanto de uma certa ordem? Ou será que pelo fato de, numa série de famílias da camada popular, os jovens não encontrarem na vida familiar uma preparação, um apoio de modo que este seja um prolongamento e uma integração à vida escolar - até mesmo porque muitos pais não têm formação para tal -, estes acabem também, cedo, se desinteressando pela escola?

A escola para estas famílias pode representar o “novo”, o moderno, pois “... *mediante o que ensina, luta contra o folclore, contra todas as sedimentações tradicionais de concepções do mundo, a fim de difundir uma concepção mais moderna...*” (Gramsci, 1995:130), o que significa dizer que tudo aquilo que passa pelo fantasioso, pela concepção de mundo baseada na natureza deverá ser substituído por formas mais científicas. Neste sentido, à medida em que os jovens avançam nos estudos tendem a distanciar-se, mais ainda, de uma “igualdade” em relação aos seus pais no modo de verem o mundo.

Assim, no presente contexto fica afastada a idéia de unicidade nas relações de gênero ou de complemento nas relações entre escola e família. Pensar em igualdade entre

os sexos, assim como, entre as gerações é chegar no seu contrário, no múltiplo e contraditório. Ao mesmo tempo, parece ser a condição de jovem um fator que mostra existir (pelo menos aparentemente) entre homens e mulheres alguma afinidade e semelhança exposta pela conduta nos diferentes espaços da cidade: na praça, nos bailes ou nos “traillers”, ou mesmo pelas roupas. No entanto, é ilusório o adulto pensar que quando evoca suas experiências passadas, sua juventude tomando com referências aquilo que lhe foi transmitido por seus pais, seus avós poderá “*compreender a juventude atual*” (Mead, M. apud Peralva, A., 1997: 20).

Por isto, refletir sobre a dimensão da “sociabilidade democrática” é compreender a igualdade e a diferença como duas faces desse mesmo processo. Como diz Saffioti: “*Não somente a tolerância em relação à diferença, como também sua vivência prazerosa, só ocorrem num contexto social de igualdade*” (1993:162). No entanto, este contexto social de igualdade ainda nos acena apenas como possibilidade.

### **2.3. Culturas juvenis sertanejas?**

Todavia falar sobre o conceito de juventude não tem sido nada fácil, principalmente, quando este se confunde ou é sinônimo da denominação-conceito de “*adolescente*”. Como salienta César (1998): “*(...) as pesquisas que tomam a ‘adolescência’ como um ‘objeto natural’ assumem como ponto de partida uma idéia extemporânea, datada e localizada, demarcada por conceitos e metodologias oriundas de uma configuração específica do saber ocidental: o positivismo científico do século XIX e suas derivações, tais como a medicina higienista e a eugenia*” (p.02). Portanto, não se pretende trabalhar com o conceito “*adolescente*” porque este não corresponde a realidade dos jovens pesquisados.

A juventude, enquanto construção social tem sido vista como uma “*fase da vida*”. Fase esta, marcada por instabilidades, incertezas que são relacionadas a “*problemas sociais*” (Machado Pais, 1993), principalmente os do universo urbano. Problemas estes, que derivam da dificuldade de inserção do jovem no mercado de trabalho, chamando assim, atenção dos pesquisadores.

Por outro lado, a juventude rural, por muito tempo, tem passado despercebida das pesquisas acadêmicas e projetos voltados para o universo rural (Carneiro, 1998). Não

obstante, esta categoria vem se impondo aos olhos dos pesquisadores, como a mais afetada pelas transformações que o campo vem sofrendo, oriundas de processos econômicos que deflagraram na desestabilização da agricultura familiar. Assim, Carneiro(1998) diz que

*“... a juventude rural salta aos olhos como a faixa demográfica que é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, combinada com o agravamento da situação de falta de perspectivas para os que vivem da agricultura” (idem, p.97).*

Entretanto, se a juventude rural tem sido pouco pesquisada, quando surgem pesquisas *“... referem-se ao jovem apenas na condição de aprendiz de agricultor no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho no seio da unidade familiar, o que os tornam adultos precoces já que passam a ser enxergados unicamente pela ótica do trabalho” (idem).* O que podemos falar então, dos jovens do sertão? Pouco ou quase nada.

Por isto é que o olhar desta pesquisa pretende ser o mais atento possível a estes jovens sertanejos de Chapada do Norte. Jovens estes, que passam despercebidos quando são incorporados a esta *“divisão social do trabalho no seio da unidade familiar”* ou *“aprendiz de agricultor”*, portanto, diluídos num processo sociocultural e econômico mais amplo.

Neste caso específico, o que *“salta aos olhos”* e que , nesta pesquisa, faz parte do contexto - é o processo da migração sazonal para o mercado da agroindústria nos municípios paulistas e do sul mineiro onde, os jovens aparecem como migrantes sazonais, comumente vistos como um grupo homogêneo, com gostos e interesses afins. Porém, nem todos os jovens de Chapada do Norte são trabalhadores migrantes e, nem se trata de dizer se são maioria ou não. Trata-se pois de salientar que , conforme diz Machado Pais (1993)

*“... a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bourdieu, o facto de se falar dos jovens como uma ‘unidade social’, um*

*grupo dotado de ‘interesses comuns’ e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação” (p.24).*

Este autor chama atenção de que é preciso, antes de mais nada, compreender a juventude para além de suas *“possíveis ou relativas similaridades”*; compreendê-la nas *“diferenças sociais”*. Com isto, está considerando que os grupos juvenis são diferentes e podem se identificar como tal. Mas é no laço familiar tão estreito<sup>99</sup>, que o jovem vai moldando sua personalidade, construindo sua identidade e sua maneira de se ver e de se auto-representar.

Construção esta, que se dá num emaranhado de ambigüidades e conflitos, pois o jovem vê-se apegado a família, por sua vez, à “tradição”, porém também pensa na possibilidade de ganhar dinheiro e ter uma vida melhor. É um projeto individual-coletivo, um momento em que se reconhece e é reconhecido como “homem” (Bourdieu, 1983).

Entretanto, há que se considerar que falar sobre juventude é o mesmo que falar sobre um universo oscilante, impreciso e variável. Deste modo, na presente pesquisa, o plural da juventude terá o seu enfoque porque ao longo do processo foram surgindo grupos de jovens que se diferenciavam entre si, no que diz respeito a sua inserção social, bem como a sua origem familiar.

É importante observar que dentre as investigações que têm sido realizadas sobre a juventude/juventudes, as pesquisas de Spósito (1999) têm demonstrado que *“(...) ocorrem formas diversas de ingresso no mundo adulto, desde aquelas marcadas pela antecipação de algumas práticas (sexualidade e trabalho para alguns grupos de jovens) como a desconexão entre elas(...)”* a *“(...) emergência de necessidades apontada pelos segmentos juvenis não só voltadas para projetos futuros mas cada vez mais marcadas pela especificidade do momento presente. (...)”* (p. 08).

---

<sup>99</sup> Cf. CARNEIRO, M. J., que pesquisou jovens rurais na “colônia italiana” na região de Nova Pádua (Caxias do Sul - RS): *“(...) O compromisso moral com a família é ainda muito forte, proporcional ao reconhecimento pela ‘ajuda’ familiar, o que cria uma situação de dívida jamais quitada”*. In SANTOS, et al. *“O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais”*. **Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 101.

No caso de Chapada do Norte, o extremo nessa relação familiar também deve ser considerado: é quando o jovem querendo romper com este laço, ao migrar, conseguindo constituir família, nunca mais volta ou, quando muito, manda apenas notícias...

Portanto, há uma quebra da “referência temporal” para o ingresso na vida adulta que varia conforme a “*origem social, étnica, religiosa ou regional e as relações de gênero (...)*”(op. cit.), de tal maneira que para as populações mais empobrecidas, há uma tendência, cada vez maior, à antecipação da vida adulta, sobretudo no meio rural.

Spósito (1997) demonstra que há uma tendência cada vez maior, no conjunto da sociedade brasileira, de se antecipar o início da vida juvenil para antes dos 15 anos de idade, determinado justamente pelo grande contingente em situação de pobreza.

No caso de Chapada do Norte, acontece a combinação da “*antecipação*” da “*sexualidade, trabalho*” e “*emergência de necessidades*” que demarcam o “*momento presente*”. Os jovens deixam a escola pois, muitas vezes, vêm-se num processo de sucessivas repetências, seja porque têm que migrar para completar a renda familiar; ou, porque a escola que têm não lhes oferece perspectivas de futuro profissional, justamente nesta fase de entrar no mercado de trabalho, de pouca ou quase nenhuma oferta, tanto no campo quanto na cidade; seja pelo fato de uma gravidez precoce. O que significa dizer que o projeto individual de futuro vai ficando cada vez mais longe.

Então os jovens desse município, diferenciados enquanto grupo e enquanto membros de famílias distintas, tanto no rural quanto no urbano, vão construindo uma identidade pela frustração? Uma resposta afirmativa para esta questão deve ser relativizada, pois ao que tudo indica, o sentimento de frustração está diretamente relacionado com a falta de trabalho, de possibilidades para uma vida profissional digna. Sentimento este que coloca um desafio para os jovens: o de tentar superá-lo.

Portanto, os diferentes movimentos e as diferentes trajetórias construídas para tais intentos e entre diferentes sujeito, constituem possíveis culturas juvenis sertanejas. Não uma, mas variadas formas de ser, sentir, agir e pensar. Mas que culturas são essas, se até aqui falamos de uma cultura que se expressa através de uma “tradição” que demarca as relações sociais deste município? Uma *cultura juvenil* em oposição a uma cultura adulta vigente?

As discussões em torno do conceito de *cultura juvenil* colocam em questão os limites entre juventude e a velhice ou onde começa uma e acaba a outra; porém, como salienta Bourdieu: “(...) *somos sempre o jovem ou o velho de alguém*” (1983:113), o adulto de alguém. Sendo assim, trata-se de discutirmos não o caráter de antagonismo

dessas culturas, adulta e juvenil, mas sim, a sua complementaridade enquanto espelhos reflexos uma da outra ou uma para a outra. Neste sentido, o autor diz que “(...) *as relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas*” pois chama atenção para as “leis específicas” de cada grupo e o determinismo destes, conforme os seus interesses específicos; ou seja, “(...) *mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; ...*” (idem). Portanto, considerar a juventude como uma “*unidade social*” configura-se numa total manipulação.

Deste modo, os jovens de Chapada do Norte não estão isolados do processo social, portanto de socialização que lhes remetem a valores, costumes com os quais aprenderão a conviver. Entretanto, é nesta convivência cotidiana que os jovens vão reelaborando valores, normas que lhes são passadas pelo grupo familiar-social, de tal maneira que determinados significados poderão ser ou não compartilhados por estes de forma semelhante ao grupo.

Nestas negociações entre jovens e adultos dá-se um “*processo*” de “*socialização*” e “*juvenização*”. A passagem para a vida adulta “*o processo de socialização*” tem papel importante pois, segundo o autor este é um processo de “... *influências sociais, orientado para a integração dos jovens num dado sistema de relações e valores sociais, (...)*”; em contrapartida, este será alvo das “...*influências dos jovens sobre a sociedade, embora também seja possível falar de uma ‘socialização da juvenização’.* (...)” (Machado Pais, 1993:60).

Assim, é importante que se façam ressalvas quanto a intensidade deste processo de “*juvenização*” nesta sociedade, pois trata-se de uma pesquisa sobre jovens do sertão; portanto, de jovens que estão inseridos num contexto “tradicional”, porém, sendo eles dinâmicos, transitam entre o rural e o urbano comunicando suas releituras desses dois universos no que culmina num ideal de vida “*rurbano*”<sup>100</sup>.

Entretanto, este ideal “*rurbano*” é aqui relativizado, pois não se trata de uma realidade com novas perspectivas e alternativas de trabalho para os jovens do rural mediatizadas por experiências com o urbano; mas sim, de uma realidade em que os

---

<sup>100</sup> Cf. CARNEIRO, M. J.: “(...) *Abrir novas alternativas de trabalho no campo é um projeto que surge em função da perspectiva de estreitamento dos laços com a cidade, favorecido pelas facilidades dos meios de comunicação. É nesse contexto que os ideais da juventude rural apontam para uma síntese, que definimos como projeto de vida rurbano*”. In Op. Cit. 1998, p.113.

jovens transitam entre rural e urbano assimilando, portanto, valores de outras sociedades que serão reinterpretados a partir dos modelos tradicionais da sua sociedade local. O que significa dizer que poderão influenciar numa “reconstrução cultural”, lenta e gradual ou poderão apenas assimilar bens de consumo e conviverem no sistema dos valores do lugar, o sistema dos mais velhos, pois tudo vai depender da criação<sup>101</sup>.

---

<sup>101</sup> Cf. CARNEIRO, M. J.: “Contudo, quando observado a partir de perspectiva das sociedades com forte referência à ‘tradição’, (...), esse processo supõe também, como resultado da relação de alteridade, a reafirmação de valores e modos de vida locais – sobretudo os que são elaborados no interior do universo familiar. Disso resulta a afirmação da sociedade local a partir de definições e redefinições de identidades sustentadas não mais na homogeneidade de padrões culturais, mas na diversidade e, principalmente, na maneira específica de combinar práticas e valores originários de universos culturais distintos, o que identificamos como rurbanização.” In Op. cit., p.115.

### III

## SOB OS OLHOS DA FAMÍLIA

“ (...) *Há sempre uma fazenda, uma família  
entrelaçadas na conversa:  
a mula & o muladeiro  
o casamento, o cocho, a herança, o dote, a aguada  
o poder, o brasão, o vasto isolamento  
da terra, dos parentes sobre a terra.*”  
( Carlos Drummond de Andrade, 1987:662)

### 3. “...*Minha família é o centro de tudo.*”<sup>102</sup>

A família em Chapada do Norte é como sinônimo de um pacto silencioso entre homem e mulher: de comunhão, compreensão, de resignação através do olhar para as gerações mais antigas. Mas também, para as mais recentes, pelo menos as da cidade, os olhares, os significados são sinônimos de mudanças e os desencontros já acontecem... É falar de transição de uma geração para outra, de conflitos.

Mas o traço comum entre os jovens, tanto do rural quanto do urbano é o valor e a importância atribuídos à família. Num questionário que dei para alguns jovens da zona rural que estavam morando em repúblicas na cidade, perguntei: a sua família é importante para você? As respostas dos rapazes foram:

\_ “*Sim*” [ 18 anos ]

\_ “*Sim é muito importante porque traz felicidade e alegria para mim*” [ 18 anos ].

As moças responderam:

\_ “*A coisa mais preciosa*” [22 anos]

– *“Sim. Porque a minha família é o centro de tudo; mesmo que eu me torne independente eu ainda continuo dependendo dela. Ela que me dá todo apoio e atenção, etc”* [ 21 anos]

Mas o contexto tem se revelado numa seqüência de adaptações do modelo de família “tradicional” cujas relações estavam intimamente ligadas às de trabalho, aos tempos atuais, cuja, modificação do trabalho, antes nas grandes fazendas e/ou na pequena propriedade, hoje, muda-se para a migração rumo às usinas paulistas, ou, ao café, no sul mineiro:

*“Gracindo Ferreira, 19 anos, veio junto com o pai, e os dois acham que só retornam no final do ano, depois de ter o suficiente para passar mais seis meses com uma ‘folga’. Uma parte do dinheiro vai agora pelo banco, ‘mas é sempre bom ter uma reserva’. Entre a cana e o café, asseguram, o coração não balança, pois vale mesmo é agradecer a Deus por qualquer lugar onde possa ganhar o pão.”*<sup>103</sup>

Houve um tempo em que se tinha trabalho. Agora há um tempo de escassez, portanto, de busca do trabalho através da migração temporária ou sazonal:

*“ (...) Somente do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, para Ribeirão Preto, São Paulo, movimentam-se anualmente, em migrações temporárias, cerca de 100 mil camponeses, segundo a pesquisa que realizamos em 1991. A mesma pesquisa constatou que muitos destes trabalhadores migram para esta região há mais de vinte anos. Recuperando a história migratória familiar, observou-se que muitos dos pais dos atuais migrantes faziam o mesmo trajeto desde os anos 50. Este dado é importante para o questionamento destas migrações. Na verdade, trata-se de uma migração temporária que permanece.”*

104

A população predominante de Chapada do Norte é da zona rural, o que se pode

<sup>102</sup> Cf. resposta de uma jovem [22 anos, 2º grau incompleto, moradora da zona rural, morando em república na cidade] sobre qual a importância de sua família.

<sup>103</sup> Cf. WERNECK, Gustavo. “No fio do facão”. **Jornal Estado de Minas**, Belo Horizonte-MG, 07 de junho de 1998, (domingo). Caderno GERAIS/ ESPECIAL, p.26.

<sup>104</sup> Cf. SILVA, M. A. M. In “Em busca de um tempo perdido e de um lugar perdido”. **Revista Trimestral da Central Única dos Trabalhadores**. Ano 02. Nº 03. São Paulo: março/abril, 1994, p.55-56.

observar é que, em termos de família, o que predomina são as uniões baseadas no respeito entre homem e mulher, nos deveres de um para com o outro e nas atividades cotidianas do trabalho doméstico. Se o homem viaja, a mulher cuida da casa, dos filhos, das criações, tudo fica sob sua responsabilidade:

*“Quando meu marido vai embora, fico cuidando dos filhos, da casa, das roças e das criações. Quando o marido vai embora, é uma carga muito pesada... Eu mesma, no ano passado tive uma cabeça quente com um filho doente. Levei três vezes ao médico e ele falou que era para sair com ele fora daqui, e eu nunca tinha saído de casa. Eu escrevi para o meu marido e ele estava internado também e não pode vir. A minha vida era só chorar. Eu fiquei pensando nas coisas prá cuidar e o menino doente. Sei que quando o marido vai embora é uma cruz muito pesada prá mim. Tive também dificuldade de água longe e meu menino doente. E eu fiquei esperando dinheiro do meu marido e nada de mandar. Eu agradeço meu pai, que eu estava mais ele, do que em casa. Eu já estou amolada de ficar sozinha, só com as crianças.”*<sup>105</sup>

A mulher espera. O homem parte em busca do dinheiro que lhes possibilitarão, dentre outras coisas, a compra dos produtos industrializados, pois:

*“A família é o lugar onde a solidariedade nasce de si mesma, a partir da relação mãe-pai-filhos, e onde se impõe a partir do amor, do respeito e até do culto prestado à mãe e ao pai. O culto da família alimenta-se do culto dos parentes mortos. (...)”*<sup>106</sup>

Portanto, a mulher desempenha um papel muito importante nas relações familiares, pois garante os laços de solidariedade entre os demais, assegurando a lembrança daqueles que se foram, reafirmando cotidianamente os deveres de cada um, enquanto ela própria é o exemplo de amor, de respeito e solidariedade.

### **3.1. Mulher, terra e trabalho**

<sup>105</sup> In **Deus Abençõe Quem Fica e Quem Parte: cartas de cá e de lá**. Pastoral dos Migrantes – Sazonais, 1992, p. 17.

<sup>106</sup> MORIN, E. “A ética da comunidade”. In **Os Meus Demônios**. Publicações Europa- América, 1994, 1995, p.87.

Quando se toca na família, nas Minas Gerais, deve-se considerar o recorte de gênero. Esta forte presença feminina que, desde os primórdios do período da mineração, tentou-se ocultar. Devemos ressaltar que, para isto, um dos maiores fatores foi o olhar direcionado que a história, de um mundo masculino, fez questão de contar porque as mulheres sempre existiram, desde que o mundo é mundo e, neste caso, desde as descobertas do ouro e diamante, na região do Vale do Jequitinhonha.

*“... a originalidade da presença feminina em Minas deve ser captada no olhar que passeia em outras direções. Ante a exclusão que atravessou o além-mar e as escarpas montanhosas do sertão colonial, tais segmentos contrapunham a força de sua resistência e a persistente capacidade de definir novos papéis para as mulheres, em atitudes de resistência cotidiana, na luta pela ampliação dos espaços de sobrevivência, na promoção da sociabilidade dos grupos. Basta olhar nas entrelinhas um pouco misteriosas e um tanto fugidias da memória dissimulada na documentação oficial, para que se encontrem as outras dimensões da atuação das mulheres”<sup>107</sup>.*

Na região das minas, no período colonial, a presença das mulheres esteve sob os olhos vigilantes da Igreja Católica que, contrapunha sua existência entre santas e demônios. Hábeis no comércio, na sociabilidade, as mulheres muitas vezes foram encobertas pelos balcões das vendas, pelos tabuleiros, pelas gamelas, pelas bateias, fogões, pela terra. Ou pelo codinome de prostitutas. Porém, nos dias atuais, o que se deve enfatizar é justamente a habilidade para o comércio e a sociabilidade das mulheres nos municípios da região do Vale do Jequitinhonha, assim como, no município em questão.

Nas feiras de sábado e domingo realizadas no mercado municipal das cidades do Vale ou mesmo, nas feiras realizadas nas ruas o que se vê são, em grande maioria, as mulheres comercializando seus biscoitos de goma, suas panelas e enfeites caseiros feitos com o barro, enfim, seu artesanato; as verduras das colheitas das hortas; a farinha de mandioca, de milho, moída e torrada, quase sempre, por elas.

Encontrei-me com as mulheres que vendem *quitanda* no mercado de Chapada do Norte: biscoito de goma, requeijão, doce de leite, pé-de-moleque, café, rosquinha e

queijo. Uma destas mulheres havia voltado da migração sazonal para o café com seu marido e filhos. Perguntei-lhe: como foi? Ela respondeu-me: “*Ói, foi bom. Distraí*” [46 anos, primário incompleto, moradora na cidade]. Sua filha de 14 anos fazia-lhe companhia, enquanto aprendia a negociar.

Observei que as mulheres que vendem *quitandas* feitas por elas, a maioria fica do lado de fora do mercado; dentro, estão os homens que vendem o fumo de corda, farinha de mandioca e as carnes. Estas ficam penduradas e são fatiadas na hora para o freguês. Também vendem a carne de sol, mas precisa ser encomendada. No sábado, vendem legumes e verduras; porém, estes, em períodos de seca, são escassos.

Os homens, raramente, vendem o que as mulheres produzem, ou que estejam diretamente ligados ao universo feminino: artesanatos, comidas e/ou enfeites; mas as mulheres transitam por atividades que seriam consideradas dos homens; ou seja, elas pesam e dão o preço da carne. Os homens, por sua vez, reconhecem o conhecimento das mulheres para os números, porque, na maioria das vezes, elas têm mais estudo do que eles, mas, em contrapartida, aumentam suas responsabilidades no trabalho.

Neste sentido, observei uma outra mulher que cuidava, também, de sua mesinha na porta do mercado com suas *quitandas*. Tinha os olhos atentos para dentro do mercado: seu irmão vendia a carne de porco trazida da roça. Ela me disse que fica preocupada com o irmão porque: “*ele deixa passar do peso certo e aí perde dinheiro, não é?*” Explicou-me que o irmão ainda está aprendendo a mexer com a balança.

Esta vendedora tem casa na roça e na cidade. Realidade esta, que vem se tornando comum neste município. Muitos já conseguem ter duas casas.

Uma explicação para este tipo da mulher comerciante é resultante de duas correntes convergentes: uma de influência africana; outra de influência portuguesa. A corrente africana baseia-se nas sociedades tradicionais cujo papel da mulher era exclusivamente o da alimentação e distribuição de gêneros alimentícios. A outra corrente culmina na transposição dos valores portugueses para o mundo da colônia. Valores estes, que estavam embasados de uma:

---

<sup>107</sup> Cf. FIGUEIREDO, L. **Mulheres nas Minas Gerais**. “Ausências”. In DEL PRIORE, M. (org.), **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 143-144.

*“divisão de papéis sexuais vigentes em Portugal, onde a legislação amparava de maneira incisiva a participação feminina. Às mulheres era reservado o comércio de ‘doces, bolos, alféloa, frutos, melaço, hortaliças, queijos, leite, marisco, alho, pomada, polvilhos, hóstias, obreias, mexas, agulhas, alfinetes, fatos velhos e usados’”*<sup>108</sup>

Portanto, se existiu um tempo em que a mulher vendia e o homem ficava com o dinheiro, confirmando a herança de um imaginário positivista presente no ato de “tomar conta” deste para que a mulher não se “contaminasse”<sup>109</sup>. Nos tempos atuais, esta sociedade dita patriarcal demonstra toda a sua fragilidade enquanto modelo padrão arrastado do período colonial cuja visão se baseava na classe dominante.

*“... Novas pesquisas indicam que a família patriarcal não pode mais ser vista como a única forma de organização familiar do Brasil colonial e sugerem que a colocação da figura do homem no centro de uma unidade doméstica, como regra, parece ser também uma ilusão”*.<sup>110</sup>

Um modelo de família patriarcal que serviu para as camadas mais abastadas; porém, isto não foi e não é um traço generalizante, principalmente entre as famílias populares de baixa renda.<sup>111</sup> Portanto, mesmo em se tratando de uma família de “tipo patriarcal” em que a figura do pai ou patriarca predomina enquanto “autoridade”, esta visão, mesmo lá no período colonial, já tem sido demovida.

<sup>108</sup> **Edital de 8 de novembro de 1785**, “Repertório geral ou índice alfabético das leis extravagantes no reino de Portugal ordenado pelo desembargador Manoel F. Thomaz, 1843.” apud Op. cit., 1997, p. 144.

<sup>109</sup> LOMBROSO, C. **La femme criminelle et la prostituée**. Paris: Félix Alcan, 1986, p. 115. In. “Trabalho feminino e sexualidade”. apud RAGO, M., Op. cit., 1997, p. 592.

<sup>110</sup> Cf. CORRÊA, M. “Repensando a Família Patriarcal Brasileira – notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil”. In ARANTES, A. [et al.] **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, p.34-35.

<sup>111</sup> Cf. FUKUI, L. F. G.: “ (...) Antonio Candido, em ‘The Brazilian Family’, caracteriza a família brasileira como um vasto grupo de parentes, compreendendo dupla estrutura: uma legal, regida por padrões de interesse e voltada para a conservação do patrimônio; outra regida por padrões afetivos, regulando a vida de um vasto grupo doméstico que inclui, além de pai, mãe e filhos, parentes, empregados, escravos e mais uma larga periferia de trabalhadores livres, ligados pelo trabalho à vida da fazenda. Trata-se de uma família extensa de tipo patriarcal, isto é, na qual predomina a autoridade do pai ou patriarca(...)”. In “Os Estudos de Família no Brasil”. **Sertão e Bairro Rural (Parentesco e Família entre Sitiantes Tradicionais)**. São Paulo, Editora Ática, 1979, p. 38.

*“Nesse sentido, não podemos nem sequer imaginar a possibilidade de escrever a história da família brasileira, mas apenas sugerir a existência de um panorama mais rico, a coexistência, dentro do mesmo espaço social, de várias formas de organização familiar, a persistência desta tensão revelando-se não naquela ‘quase maravilha de acomodação’ que é para Gilberto Freyre o sistema da casa grande e da senzala, mas na constante invenção de maneiras de escapar ou melhor suportar aquela dominação”*<sup>112</sup>.

Este modelo de sociedade patriarcal baseado na classe dominante, no Vale do Jequitinhonha, possivelmente, começou a ruir a partir do processo de ocupação e exploração que, por sua vez, legou à região, até o presente, a imagem da “estagnação” e “atraso”. Para tanto, alguns fatores foram imprescindíveis: a ascensão e a queda do ouro; a geografia que dificultava, e ainda dificulta o acesso a determinadas partes do Vale.

Fatores que contribuíram para que houvesse uma política dos governos federais e estaduais, entre as décadas de 1960/70, que pretendeu romper com o estigma para elevar o Vale ao “progresso”. A partir daí, empresas nacionais e estrangeiras passaram a compor o cenário do lugar. Portanto, instaurou-se, como diz Ribeiro (1993): *“um conjunto de transformações significativas associadas ao processo de desenvolvimento capitalista no Brasil – a partir dos anos 1950”* (p.54).

A partir do momento em que transformações provocadas pelo desenvolvimento do capitalismo: *“... a expulsão do agregado do interior da fazenda, a compressão e supressão das permissões para plantar na fazenda, dadas a pequenos sitiantes, e a invasão da posse camponesa por falsos fazendeiros. As fazendas, que antes eram estabelecimentos agropastoris, agora tendem ao pastoreio extensivo puro e simples. (...)”*<sup>113</sup>; ou seja, o trabalho nas grandes fazendas começam o seu declínio: os pequenos proprietários das áreas das grotas se vêem expropriados pela presença das reflorestadoras com a exploração da madeira, e, depois com o plantio de eucaliptos (Moura, 1988) e com o agravamento da seca, foi preciso que o “chefe” da casa partisse: a migração.<sup>114</sup>

<sup>112</sup> Op. cit., 1994, p. 37.

<sup>113</sup> Cf. MOURA, M. M., Op. Cit., 1988. p. 03.

<sup>114</sup> Cf. CANDIDO, A.: *“... as mudanças que se vão acentuando no plano econômico e técnico repercutem em todos os setores da cultura; por isso, também nela já se verifica um afastamento acentuado entre as formas antigas e as atuais. (...) Porém, podemos dizer que ainda se encontra mais próxima aos padrões patriarcais do que qualquer outra; mas de padrões patriarcais ajustados ao tipo de vida de grupos*

Assim sendo, as mulheres assumem o papel de “chefes temporárias” da casa sem ser-lhes dado, na região este título, recebendo, porém, o título de “*viúvas de marido vivo*” pois que, casadas, ficam por um longo tempo sem a presença de seus maridos.

O que se tem observado, principalmente em Chapada e na zona rural, é que a terra fica nas mãos da mulher, sob sua responsabilidade; bem como, outras iniciativas de comercializar suas produções domésticas. A mulher é quem toma conta de tudo nos períodos em que seu marido e filhos mais velhos estão fora. É justamente a permanência da mulher na terra que faz com que continue existindo pequenas propriedades rurais em Chapada do Norte; que permite que estas famílias permaneçam no campo porque são elas que cuidam da terra e, vez ou outra, vão à cidade comercializar pequena parte destes produtos. É nesta permanência da mulher na terra e sua infinita carga de responsabilidades que repousam outras formas para olharmos as relações familiares, entre homens e mulheres em Chapada do Norte.

Neste sentido, a ênfase nestas mudanças não recai sobre o viés econômico, o que não quer dizer que o desconsidero, mas para que pretendo chamar atenção já foi aventado no artigo de Corrêa (1994), pois

*“... nada indica que as formas de organização familiar sigam mecanicamente as linhas mestras do desenvolvimento econômico e social de uma região...” e “o que parece ficar sempre entre parênteses neste tipo de argumento é o fato de que um maior esfacelamento nas relações de trabalho poderia redundar numa maior necessidade de apoio comunitário em outras esferas, inclusive familiar, e não no contrário. Isto é, a uma série de processos econômicos de um determinado período histórico pode corresponder uma série de processos sociais de natureza diferente: sua identidade não é automática. Quem sabe redes mais extensas de relações, familiares ou outras, não são respostas mais adequadas às pressões do mundo capitalista? (...)” (op. cit. apud Laslett, p. 35).*

Contudo, mesmo “reféns” de um capitalismo desenvolvimentista, estas populações em suas organizações familiares obedecem a ordens e códigos locais muito

---

*situados aos níveis inferiores da pirâmide social e, portanto, desprovidos do halo com que aparecem nos estudos consagrados à vida das classes dominantes.”* In “A Vida Familiar do Caipira”. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas

específicos e que fogem, quase sempre, ao controle de uma ordem mais globalizante. Para compreendermos as relações do cotidiano dessas gentes, talvez devêssemos considerar que em Chapada do Norte não estejamos diante de um tipo único de família que, por sua vez, confronta-se com o sentido mais amplo de uma “grande família”, portanto, as formas de relacionar-se, larga ou estreitamente, são muito apreciadas pelas pessoas, mais ainda, são fundamentais para a ordem da existência possível em sociedade.

É por esta razão que a mulher é última a se iniciar no processo de migração, antes os atingidos são pais e filhos (jovens e adultos), o que “*significa o início de um processo de abandono da terra, pois esta já não garante mais as possibilidades de subsistência. Este momento representa o último esforço de resistência à proletarização definitiva*” (Silva, 1988:13). É assim que se compreende a resposta do rapaz: “*A mulher, aqui na nossa região, a mulher é tudo! É o pai, é a mãe...*” [ 21 anos, 2º grau completo, estudante, morador da cidade]. Por isto,

*“Dos significados criados no domínio familiar – locus principal da produção simbólica entre estes lavradores – emanam as coordenadas culturais para os diversos níveis desta realidade social, fornecendo o código principal para as diversas relações e atividades”* (Amaral, 1988:92).

Portanto, os ensinamentos passados para os filhos estão enraizados nestes códigos morais: *respeito, solidariedade, desinteresse, proteção, consideração, sabedoria* (Amaral, Op. cit.) que, por sua vez, são exigidos pela coletividade implícito ou explicitamente. Mesmo na cidade, poderá ser percebido, principalmente, nos moradores mais velhos que, estes códigos permeiam suas ações e são estes que buscam passar para seus filhos. Porém, na maior parte das vezes, eles ficam a cargo das mulheres-mães, presença marcante na constituição da identidade juvenil, principalmente, junto às filhas.

Assim, o cotidiano de Chapada, neste recorte, é feminino. Existe um tipo de mulher que é esperta e dedicada; dona de casa e negociante. Como em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, Fabiano se vale da mulher ladina (esperta) que sabe somar como ninguém, *Vitória*, que alia o sentir com o saber. Neste caso *Vitória* é o cérebro da família,

é aquela que faz a ponte entre o mundo de fora, o letrado, e o mundo rude e sem leitura de *Fabiano*. Porém, a relação hierarquizada, entre homem e mulher, deve ser ressaltada para que possamos ir exemplificando-a, aos poucos.

Na zona rural, também observei mulheres que falam mais e que têm mais estudo do que seus companheiros. Dados recentes do último censo do IBGE – 1996 – demonstram que as mulheres jovens permanecem por mais tempo na escola do que os homens jovens (tanto na zona rural quanto na urbana). Por outro lado, são os rapazes quem se iniciam no processo de migração, muito antes que as moças. Estas, na maior parte das vezes, interrompem seus estudos porque ficaram grávidas e/ou para se casar. Porém, entrevistando uma professora da escola estadual de 2º grau “Monsenhor Mendes” da cidade, esta me alertou para o fato das moças que estão deixando o estudo para irem trabalhar em casas de famílias, nas capitais de Belo Horizonte, São Paulo. Retornando só no final do ano.

Mesmo nas gerações anteriores, pude observar através de algumas conversas informais ou numa entrevista mais dirigida, que as mulheres, quase sempre, sabiam mais do que seus maridos. São elas, mães, quem intercedem, acompanham a criação e educação dos filhos que, por sua vez, devem igual respeito e temor aos pais.

*“E: \_ ... o pai dela mesmo (referindo-se ao seu marido) não teve escola, num teve escola quase nada. Depois que casei sabia mais que ele; eu fazia carta prá ele escrever, fazia o nome dele, escrevia o nome dele, fazia cartinha: bola, boi, burro, bezerro e a noite sentava mais ele: como é esse nome aqui? Esqueci. Foi aprendendo um pouquinho, depois minha prima dava aula na escola Mobral que tinha aqui, já ouviu falar nessa escola? E então ele pegou de noite na escola, hoje ele soma, passa a mão na calculadora e faz conta que precisa de ver, soma tudo. Hoje é bom na calculadora e quando nós casou ele não sabia, sabia só assinar o nome” [45 anos, sexo feminino, moradora na zona rural, 3º ano incompleto, 1º grau]*

As mulheres mineiras, hábeis negociantes, desde os tempos da colônia, são herdeiras de um longo tempo de “ausências” e perseguições: o Estado, a Igreja Católica. Com seus tabuleiros fartos de quitutes, água ardente e outras iguarias podia-se complementar a renda, bem como, desviar muito ouro das mãos portuguesas.

*“O destaque da presença feminina no comércio concentrava-se nas mulheres que eram chamadas de ‘negras de tabuleiro’. Elas infernizaram autoridades de aquém e de além-mar. Todos os rios de tinta despejados na legislação persecutória e punitiva não foram capazes de diminuir seu ânimo em Minas e pelo Brasil afora”<sup>115</sup>.*

Com a mesma entrevistada da zona rural [45 anos, casada, 3º ano incompleto, 1º grau] dona de casa, mulher da roça, temos mais um exemplo de mulher comerciante.

*P: \_ A senhora vende muitas coisas que a senhora produz aqui? Queijo, a senhora vende?*

*E: \_ É.*

*P: \_ Vai vender lá em Cachoeira?*

*E: \_ Às vezes eu chego lá e tem 60 reais de queijo, outra vez eu chego e tem 100.*

*P: \_ Verdura, ovo a senhora vende também?*

*E: \_ Um pouquinho porque não acha quem compra. Prefere comprar aquelas verduras que vêm estragadas de Belo Horizonte do que chegar aqui e comprar da minha mão. Cê sabe como que é, a frescura que o povo tem, né. Muitos compra e muitos não quer comprar ou... ah, eu não quero não. Inclusive lá em Cachoeira mesmo eu já levei alguma vez prá vender mas só vende 1 real”.*

Mas o discurso, ainda, é de uma dominação patriarcal de garantir o *status* masculino. Na maioria das vezes, em situações de pouca relevância pude ouvir o marido referir-se ao trabalho da mulher e ao seu respectivo ganho, como uma ajuda: *“ela trabalha fora e que ainda me ajuda um pouco, senão...”* [ (+ ou - ) 42 anos, casado, 1º grau incompleto, morador na cidade]. Ou seja, a mulher ajuda o homem, mas o homem não ajuda mulher, salvo exceções...

A originalidade das relações sociais em Chapada coloca uma relativa flexibilidade nas ações e opiniões. Logo, o dia-a-dia é sempre reinventado de tal modo que, para que

<sup>115</sup> Luis R. B. Mott. “Subsídios à História do pequeno comércio no Brasil”. **Revista de História**, 1976, v. 53, nº 105, p. 81-106; Liana Marrai Reis. “Mulheres de ouro: as negras de tabuleiro nas Minas Gerais do século XVIII”. **Revista do Departamento de História**. CNPQ – Departamento de História – FAFICH-UFMG, nº 8, p. 72-85; Maria Odila da Silva Dias. “Nas fimbrias da escravidão urbana: negras de tabuleiro e de ganho”. *Estudos Econômicos*. São Paulo, nº 15, p. 89-100, 1985. apud Op. cit., 1997, p. 145.

ocorra resignificação deste, criam-se obstáculos para as mudanças ou para esta ou aquela pessoa, situação que signifique mudança ou ameaça para o que “é assim” do lugar <sup>116</sup>.

Neste sentido abre-se à perspectiva de um familiar que já não é tão familiar aos mais velhos e que, portanto faz o “jeito do lugar” parecer ameaçado, principalmente pelos jovens e sua sexualidade. Como exemplo falam da “liberdade” que estes têm com relação aos namoros e, conseqüentemente os casos de gravidez para reportarem-se aos tempos de antigamente quando as moças casavam-se virgens e as de hoje, não.

---

<sup>116</sup> Cf. CASTORIADIS, C.: “(...) Como na ‘passagem do somático ao psíquico’, há emergência de um outro nível e de um outro modo de ser e nada é, como social-histórico, se não é significação, tomada por e referida a um mundo de significações instituído. A organização deste mundo apóia-se em determinados aspectos do primeiro estrato natural, nele encontrando pontos de apoio, incitações, induções. Mas não somente ela é pura e simples repetição ou reprodução; ela não pode sequer ser descrita como uma ‘triagem’ parcial e seletiva. O que é ‘selecionado’ só o é em função e a partir da organização do mundo estabelecido pela sociedade; só o é sendo **formado** e **transformado** na e pela instituição social; e, finalmente e sobretudo, esta formação-transformação é **efetiva**, figurada-presentificada nas e pelas modificações do ‘mundo sensível’: de tal maneira que, **aquilo mesmo sobre o que** existe apoio é **alterado** pela sociedade pelo próprio fato do apoio existir – o que, estritamente, não tem nenhum equivalente no mundo psíquico. Pois a instituição do mundo das significações como mundo social-histórico é **ipso facto** ‘inscrição’ e ‘encarnação’ no ‘mundo sensível’ a partir de que este é historicamente transformado em seu ser-assim.”. In “As significações imaginárias sociais e a realidade”. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 399-400.

## IV DA BRINCADEIRA AO SÉRIO

*“... se dona Maria soubesse  
que o filho pecava e pecava tão lindo  
pegava o pecado e jogava de lado  
e fazia da Terra um estrela  
sorrindo.”*<sup>117</sup>

### 4. Brincar de seduzir...

Enquanto na cidade os moços têm maior flexibilidade quanto às “traições” nos “namoricos-paqueras”<sup>118</sup>, podendo, inclusive, manter uma amizade após saber que sua namorada “ficou” com seu amigo, na roça esta não é aceita com muita naturalidade. Segundo uma moça entrevistada da cidade, os moços da roça são mais fiéis. Disse-me: *“...se você fica com outro o pau come! Eles cortam é de facão”* [19 anos, estudante].

Junto aos jovens da cidade, a fidelidade diz respeito muito mais às amizades, entre os moços, do que na relações de namoros. Quando o assunto é “namoro” parece-me que estes jovens, moços e moças, brincam de seduzir, experimentam sua sexualidade, seus poderes de sedução de tal modo que, para os moços, pode servir para se auto-afirmar diante do grupo, em especial, o seu grupo de amigos. Para as moças já teremos a *“roubança de namorado”* e outras disputas.

A relação de hierarquia entre homem e mulher, sobretudo na roça, já pode ser percebida mesmo no namoro. Ao acompanhar futuros noivos, na época ainda não sabia que aqueles jovens que tentava entrevistar iriam casar-se, pude perceber que durante uma conversa aquele moço que estava enamorado daquela moça tentava direta e indiretamente desprezá-la: não lhe dirigindo a palavra; não mencionando que eram namorados; vez ou outra andando na frente, deixando-a para trás ou vice-versa. Quando a irmã da moça brincou dizendo que eles iriam casar-se, o moço logo negou. Quatro meses depois fui ao casamento dos dois.

---

<sup>117</sup> Trecho da composição de Itamar Assumpção e Paulo Leminski, *“Filho de Santa Maria”*, cantada por Zizi Possi no CD, **Mais Simples**.

Parece-me que na roça o afeto é para dentro, fica entre os enamorados. Por outro lado, na cidade, pude perceber que o enamoramento também passa pela “negação”, principalmente, por causa da família da moça e/ou pelo constrangimento diante dos amigos que vigiam o rapazes ao perceberem tal intenção.

Fato interessante aconteceu durante uma entrevista com um jovem da cidade [23 anos, empregado, 2º grau completo] quando lhe perguntei se ele tinha namorada, de pronto, ele disse: “*Não*”. Como estávamos sentados no banco da praça, ocorreu de sua “namorada” tentar aproximar-se e, ao notar minha presença, disfarçou e ficou nas escadarias da igreja Matriz. Logo percebi seu olhar inquieto e com preocupação disfarçada. Perguntei-lhe: “*é sua namorada?*”. Ele deu um sorriso e não pode mais negar. Quis saber porque ele não me disse. Ele então disse-me: “*é que a família dela não sabe... se souberem vou ter que namorar em casa*”. Ou seja, aí o namoro ficaria sério e ele não queria. Em contrapartida, os pais têm medo de que suas filhas engravidem antes do casamento, portanto, namorar em casa significa que poderão “tomar conta”.

Por sua vez, “tomar conta” significa por sob controle a sexualidade e garantir as normas e regras postas pela tradição que permite aos adultos repor as expectativas próprias de seu mundo, o mundo da “ordem” mas, para os jovens nem sempre é assim...

#### **4.1. Quando ela chega de surpresa...**

A gravidez, na cidade, pode acontecer do “ficar” descompromissado de finais de festas e/ou namoricos, quase sempre escondidos, também sem muito compromisso ou durante namoros mais duradouros. A pergunta é: por que, nestas circunstâncias de pouco envolvimento, as moças engravidam? Principalmente considerando que, na cidade, elas têm muito mais acesso às informações anticonceptivas, sobretudo através da televisão.

Existem casos de gravidez em que as moças são mais velhas do que os pais de seus filhos, pressupondo-se que elas deveriam, portanto, estar melhor preparadas para evitar a gravidez quando esta não é desejo comum. Será que é um desejo inconsciente de ser mãe? Ou a gravidez, intimamente desejada, surge para dar outro sentido à vida, quando a que se tem está sem motivação?

---

<sup>118</sup> O termo diz respeito àqueles envolvimento que ainda não estão solidificados, tanto por parte do rapaz quanto por parte da moça. Eles ainda estão em dúvida quanto à continuidade do namoro.

Muitos rapazes, quando sabem da gravidez da moça, na maioria das vezes, não desejam se casar. Às vezes, assumem a criança, até porque são obrigados por lei, registrando-a; mas casar, pouco provável, até porque o nascimento de um filho significaria a consciência da responsabilidade, por um lado. Por outro, os pais-rapazes percebem que são muito novos e que não têm condições de sustentar o (a) filho (a), tão pouco de casar. Alguns nutrem pelas jovens-mães de seus filhos terríveis rancores, fazendo com que poucos falem destas, ou, quando isto ocorre, quase sempre, não são elogiosos, pelo contrário.

Há casos, porém, em que os moços levam um susto ao saberem que serão papais e a reação é recuar, o mais distante possível, daquela que é ameaça para sua liberdade: a futura jovem-mãe. Mas existem exceções entre os jovens da cidade: os que assumem a criança, não apenas no papel, e dão para ela apoio e atenção, porém não se casam.

O caso abaixo refere-se a uma jovem, [23 anos, 2º grau completo] que após um namoro prolongado, com algumas interrupções, engravidou-se de um jovem-adulto e exemplifica esta exceção.

*“E: \_ É... eu mais [p.d.c.]<sup>119</sup> tem uma história muito velha...*

*P: \_ Nossa. Jura...?*

*E: \_ ... ele vinha cá de férias, passar as férias aqui, ele sempre ficava assim querendo ficar comigo só qu’eu num gostava, [incompreensível] aí quando ele veio prá morar (...), aí falou qu’ele vinha, comecei ficar com ele, um dia... no outro dia não queria ficar mais, sabe? [ ri ] Aí, foi indo, foi indo...depois, não... mesmo lá, continuou vim prá cá e nós começamos paquerar. Ficava um tempo... terminava, voltava de novo. Depois ficamo de novo... ficamo uns quatro meses, terminamo. Aí passou um tempo, voltamo de novo. Aí ele veio prá cá. Quando ele veio prá cá, começamos namorar. Aí ficamos... [faz contagem estalando os dedos ], dois anos assim. Aí depois terminamos, brigamos, terminamos. Ficamos um tempão (...), aí terminano de novo, depois tornamo voltar [ risos ]. Aí, essa cachorrada. Depois ficamos sete meses sem conversar. Eu nem olhava prá cara de [ p.d.c.], de tanta raiva, eu nem olhava prá cara dele. Depois ele me procurou... foi aí qu’eu engravidei...*

*P: \_ Recaída?*

*E: \_ Hum, hum, na recaída, aconteceu”.*

Na época desta conversa, os “ex”-namorados ainda não tinham reatado, mas segundo a jovem-mãe,

*“E: \_ ... graças a Deus tenho o apoio de [p.d.c.]... me dá apoio, não deixa faltar nada; dá muito carinho pro [fala o nome do filho]. Então é como se tivesse junto dando amor prá ele junto, porque ele é apaixonado com [fala o nome do filho]. Tem aqueles, né, pais que não estão nem aí com filho, não querem saber, não querem ver... Não, esse não é o meu caso.”*

Ao pesquisar a realidade portuguesa Gusmão observou que,

*“entre os luso-africanos, as meninas se tornam mães muito cedo, com ou sem companheiros, porque adquirem aí um lugar social - com o jovem isto não significa muito -, mas há um valor no fato de ser mãe que lhes dá uma dimensão de reconhecimento e assim, engravidam logo, sem perderem a condição e a ‘irresponsabilidade’ de jovem: passeios, danças, namoros, etc...”<sup>120</sup>*

A observação da pesquisadora soma e contrasta com a conversa que tive com uma jovem-mãe-solteira [ 23 anos, 2º grau completo, desempregada, moradora da cidade ]:

*“P: \_ Como é que é... essa coisa da responsabilidade?”*

*E: \_ Ah, eles cobram demais! [ fala baixinho ]*

*P: \_ Como é que eles falam? é.. mãe de filho? moça?*

*E: \_ Moça, também...assim, eles deixam... as pessoas na sociedade deixam de ter assim, um... um certo valor, sabe? Nessa sociedade, principalmente. [ silêncio ] A partir daí, você tem que andar na linha, senão... Andar na linha, prá eles, é assim não ficar com ninguém, sabe? Não ficar com outra pessoa... acabou. Viver só pro seu filho, senão aí o bicho pega, os comentários vêm por cima disso [ incompreensível ] Porque eu lembro uma amiga minha, era assim. Ela teve um menino, né e depois disso ela saía, ela paquerava, ela levava a vida dela normalmente! Não, porque pelo fato dela ter um filho não quer dizer que ela tenha que parar, não é? a vida dela. E saía, namorava, tudo. Aí o pessoal começou a falar: ‘nossa, [ incompreensível ] tá namorando!?’; ‘que isso! que coisa feia, olha você vê deixar o filho em casa!’ Quer dizer, eles não sabem nem o que a pessoa faz, nem se a pessoa cuida direito, se... prá sair. Quer dizer já vai supondo... julgando o que a pessoa tá fazendo e sai falando sem saber se é... de fato verdade”.*

Ou seja, pelo social, ela é duplamente cobrada em suas responsabilidades de mãe, como se tivesse, portanto, de abdicar da sua mocidade ainda por ser vivida. As cobranças que se fazem para uma jovem-mãe-solteira em Chapada do Norte, nos remete para um

---

<sup>119</sup> As iniciais “p.d.c.” querem dizer “pai da criança”, pois seguem com a opção de não citar nomes e salvaguardá-los de qualquer constrangimento.

<sup>120</sup> - Observação feita durante as reuniões de orientação para a elaboração do texto desta dissertação de Mestrado.

tempo mais remoto, talvez um tempo em que a maternidade é sagrada e a sexualidade banida. Como diz Alves (1999):

*“(...) Naquele tempo, como agora, mãe é mãe, coisa bonita e sagrada. Mas o que está por detrás da mãe, a mulher que ama e faz amor, isso era vergonhoso. As igrejas exaltam a maternidade: os católicos adoram a mãe de Jesus, no céu, e os protestantes, sem mães nos céus, adoram as mães, na terra: foram eles que inventaram o ‘Dia das Mães’. Mas fazem silêncio total sobre a fêmea, na cama, fazendo coisas impensáveis. Ser mãe é lindo, ser fêmea é vergonhoso (...)”* (p.105).

Sendo assim, em Chapada do Norte, parece-me que o cotidiano das mulheres, jovens e adultas, casadas e não casadas mas, mães, é marcado pela compreensão de que a maternidade é “sagrada”, portanto, a finalidade do sexo seria, antes de mais nada, para consumir o casamento tendo filhos, procriando.

Segundo esta jovem [23 anos, moradora da cidade] quando a moça tem um filho, ela amadurece bastante e julga isto muito importante, inclusive porque dá um significado à vida.

*“E: \_ De repente você não quer casar, mas quer ter o filho, e daí? Não quer ter ninguém, mas quer ter um filho, não é? [ pequena pausa ] Muito pelo contrário, a pessoa amadurece muito depois de ter um filho. Muita coisa muda na sua vida; muita coisa que você fazia ou que você faria, você não faz mais... eu acho que é até melhor, a pessoa fica bem mais responsável.*

*P: \_ Você acha que também contribuiu para dar um significado na sua vida?*

*E: \_ Com certeza.*

*P: \_ Por isso que, na maior parte das vezes, se prefere ter um filho?*

*E: \_ É. Exatamente”.*

Mas não é exatamente. No caso desta jovem, o filho surgiu como um sentido para sua vida<sup>121</sup> e por isto ela reconhece e assume as responsabilidades para com ele.

<sup>121</sup> Cf. FRANKL, V. E.: *“(...) Isto porque o sentido da vida difere de pessoas para pessoa, de um dia para outro, de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento.(...)”*. “O sentido da vida”.

*“E: \_ Não, exatamente, não é só porque prefere... igual no meu caso, aconteceu, né? Eu nem esperava isso, aconteceu... né, então eu assumi e vamos tocar a coisa prá frente. E prá mim, já aconteceu, eu... prá mim está sendo uma experiência ótima, sabe!? Prá mim está sendo maravilhoso. Se eu soubesse que era assim, eu teria dado um jeito de ter an... de ter a muito tempo”.*

Porém, existe uma ambigüidade vivida pelas jovens-mães-solteiras que aparece tanto na fala da jovem entrevistada [23 anos], como na realidade vivida: são mães e são reconhecidas por isto, mas em contrapartida, pelo grupo social, não são mais reconhecidas enquanto jovens pois a gravidez implica, também, assumir o *status* de adulto<sup>122</sup>. Portanto, “perdem a condição e a ‘irresponsabilidade’ de jovem: passeios, danças, namoros...” , contrastando com o que foi observado pela pesquisadora Gusmão junto aos jovens luso-africanos.

Existe um nó que diz respeito não a uma perda da juventude em detrimento da gravidez e sim, a forma como ela foi concebida, ou seja, sem o casamento ou um compromisso mais sério. Todavia, existe em Chapada do Norte, sobretudo, na zona rural uma antecipação à vida adulta que se consolida com o casamento ou com o nascimento de um filho.

No rural, a gravidez entre os jovens também é freqüente: *“...os meninos eles, a maioria, tem menino na roça de quatorze, quinze anos... (...) começa com quinze, dezesseis anos... já vai, acha que tem que ser...(...) Esses dias mesmo, eu estava no ponto de ônibus, esperando o ônibus, eu tava vendo uma mocinha com um menino e um menino pequenininho. (...) Aí achei que era o irmão dela (...), aí eu falei assim: ‘você tá indo prá onde com esse menino?’, ela falou assim: ‘eu tô levando ele (...) porque ele tá doente’. Aí, assim, indiretamente eu perguntei prá ela, ela falou: ‘não, é meu’. ‘Quantos anos você tem?. ‘Quatorze’. Uma criancinha com outra criança”* [ 35 anos, professora de 1ª a 4ª série na zona rural, casada, moradora da cidade].

---

In **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 2. ed. São Leopoldo, Editora Sinodal; Petrópolis, editora Vozes, 1991, p.98.

<sup>122</sup> Cf. CÉSAR, M. R. de. A.: *“(...) a jovem grávida deixaria para trás uma promessa de felicidade, na medida em que assumiria um status adulto”*. Op. cit., 1998, p. 116.

Existe, porém uma “expectativa” por partes dos pais e adultos próximos, principalmente, da zona rural, de que os casamentos, as uniões, quando elas acontecem, sejam logo coroadas com o nascimento dos filhos: entendido como um sentido para a vida do casal. Com as dificuldades que vêm na seqüência, principalmente por causa da seca, estes filhos surgem também como braços para ajudarem nos afazeres domésticos, na roça e, por conseguinte, são bocas para alimentar.

Por outro lado, tanto na cidade quanto na roça, as jovens-mães-solteiras que conseguem uma certa harmonia dentro da casa dos pais, obtendo inclusive o apoio destes para ajudar a criar seu filho, seguem sua vida normalmente, divertindo-se, enfim... tentando recomeçar com outra pessoa, buscando um companheiro e/ou um trabalho, rumando para a migração nos interiores paulistas ou capital, para o sul mineiro para sustentar seu filho<sup>123</sup>.

Para a jovem-mãe-solteira [23 anos], acima citada, pude perceber que, apesar de gostar das diversões, com uma certa dosagem, ronda o sentido de que ser mãe é “bonito” e “sagrado”, pois ela reconhece as suas responsabilidades para com a criança, de tal maneira, que estas devem estar acima dos divertimentos.

*E: \_ ... Você só vai saber o dia que você tiver. [ para a pesquisadora]*

*P: \_ Não sei, talvez, um dia, quem sabe? [ risos ] Eu não sei... talvez, um dia quem sabe...?*

*E: \_ Ah, coisa mais boa do mundo, nó! É bom demais. Lógico que você deixa também de fazer algumas coisas, né? Sua vida também transforma neste sentido. Você deixa de curtir mais, aproveitar. Isso prá quem tem responsabilidade, porque tem pessoa também que não muda muito a vida dela, não. As coisas não mudam muito prá elas, não. Não estão nem aí. Prá ter responsabilidade você deixa de... fazer algumas outras coisas, prá viver em função, né... do filho”.*

---

<sup>123</sup> Cf. reportagem: “(...) Cida, de apenas 21 anos, sabe o que é isso. Quando desembarcou na mesma rodoviária, tinha apenas 15 anos, nenhum documento, um bebê recém-nascido, que deixou com a mãe, e garra. ‘Só vim a saber o que era um ginecologista aqui em São Paulo, depois de já ter um filho. Na minha cidade não tem médico\*. Achei que devia conhecer o mundo, já que o mundo não ia chegar lá em Chapada do Norte”. In HARAZIM, Dorrit. “A Solidão do Não Saber”. **Revista Veja**, Especial. Edição 1541, ano 31, nº 14, 8 de abril, 1998, p. 89.

Quis saber como os rapazes vêm, tratam a jovem-mãe solteira:

*“P: \_ E os rapazes, como é que eles tratam-nas?”*

*E: \_ Essa questão aí, eu não sei, porque nenhum me interessa, sabe? Então essas coisas aí eu não observo. Mas só que, mais ou menos, eu acho que não dá muita importância, prá isso, não. Por que essa amiga minha, ela ficava com os caras e prá eles tudo bem... normalmente... Acho que hoje em dia isso é muito comum. Não é porque você tem um filho que você é vagabunda, né?”<sup>124</sup>*

Parece-me que existe uma mudança de consciência para as jovens solteiras da cidade que têm filho, pois vêm que é possível namorar, ter sexo e ser respeitada, sem os complexos de culpa e/ou vergonha, advindos, principalmente, da religiosidade. Entretanto, no universo dos rapazes, homens adultos nota-se que, cedo ou tarde, será verbalizado contra a mulher que, porventura, venha consigo casar-se, levando o filho de um outro homem.

Um rapaz da cidade, em seu depoimento disse-me que para as moças solteiras que têm filho (s), é muito mais fácil arrumar um “pai”: *“... Porque (...) a moça de hoje em dia, mesmo que ela engravide antes, ela tem a possibilidade de casar depois. Eu conheço uma mesmo, que é até minha vizinha, ela engravidou antes. Hoje, ela tem um relacionamento beleza com outro rapaz. Ele gostou dela, se interessou, não vai casar, mas vai tentar viver junto. Então, isso é bom.”* [ 23 anos, 2º grau completo-magistério, morador da cidade]

Mas na seqüência de nossa conversa, ele apresentou-me sob quais condições esta moça poderá casar-se ou encontrar um novo parceiro que irá “assumí-la”, bem como, ao seu filho, dizendo: *“Porque prá ela ficar aí sem casar, só se ela for um tipo de moça,*

---

\*[grifo meu] Não havia médico, mas, atualmente, há, porém, o atendimento e alcance às populações que moram nos povoados são muito mais difíceis.

<sup>124</sup> Neste sentido, novamente, as palavras de Rubem Alves são oportunas para refletirmos sobre o que escreve para pais e adolescentes urbanos, para não dizer, de uma classe média urbana, neste livro quentinho, saído do forno, diz: *“É por isso que as mulheres de respeito se vangloriavam de nunca ter qualquer prazer no sexo. Quem tem prazer é vagabunda. Mulher séria deixa o marido fazer, enquanto examina a pintura do teto ou reza o terço. O espaço, assim, se dividia em ‘zona de respeito’ – lugar do sexo por obrigação, sem prazer, com a recatada e respeitável esposa. E ‘zona de pouca-vergonha’ – lugar do sexo por prazer, com as alegres e desrespeitáveis prostitutas”*. In *“O pudor sujo”* \*(publicada

*assim que não... não tentar voltar e... como é que fala? ... resgatar as raízes. Agora, se for aquela moça que quer voltar e tentar resgatar aquelas raízes lá, com certeza, ela vai ter um outro tipo de relação que possa levar a conhecer uma outra pessoa que ela possa conviver.”* Ou seja, a moça tem que estar disposta a viver conforme a “moral” do grupo se fazendo respeitar, novamente.

Perguntei para a jovem-mãe-solteira [ 23 anos], se havia bastantes casos de jovens grávidas em Chapada e ela me respondeu:

*“E: \_ Não, aqui é assim... as coisa acontece com uma... não acontece com uma só, não. Na verdade uma puxa a outra [ risos ] vai puxando, sabe?”*

*P: \_ Tem bastante casos pelo visto... pelo pouco que eu soube.*

*E: \_ É, tem meninas que engravidaram, que paquerou com o cara e engravidaram e... o cara não quer assumir ou elas também não querem que o cara assuma e... aqueles que nem tomam satisfação dela com o filho, sabe? Igual aquelas que tiveram, também... assim, por um deslize, se tiver, aconteceu a gravidez e... o cara não quer assumir mesmo, não dá assistência nenhuma, aí é complicado... mas teve casos. [ silêncio ] Aí é ruim porque você não curte, né? não curte a gravidez, o filho. Vive angustiada. Não tem, uma educa... não pensa assim, nem numa vida melhor pro filho. A cabeça não dá prá pensar. Aí a obrigação é maior, é tão, tão... é difícil, né? Ela acaba não tendo, é... graça, sei lá... prá vida!”*

Acompanhando algumas conversas na cidade, estas me fizeram refletir sobre o extrapolar dos valores da masculinidade. Ao se constituírem em críticas, sobretudo, pelos homens adultos e adultos-mais-velhos, aparecem como um relembrar dos seus tempos de mocidade e que, portanto, avaliados nos dias de hoje, para eles, podem ser abusivos. Ouvi de um morador, que na sua época, por exemplo, os rapazes eram mais respeitosos, mas, em contrapartida, acrescentou-me: *“as moças de antigamente não andavam se oferecendo para os rapazes, não andavam com essas blusinhas tão apertadas mostrando as tetinhas... assim os rapazes não agüentam...”*. Ou seja, para ele, as moças são culpadas, elas é que dão em cima dos rapazes e/ou incentivam-nos.

Já, o mesmo rapaz, entrevistado acima [23 anos], disse-me que acha que as moças têm que tomar iniciativa, também, principalmente quando o assunto é marcar encontros: “... *Em algumas partes o homem é quem tem que determinar, né. Em algumas partes... (...) Mas eu acho que a mulher tem que tomar atitude, também*”. Ressalto, porém que, mesmo este “...*acho que a mulher tem que tomar atitude, também*”, é relativo.

Relativizar, portanto, o comentário deste rapaz é considerar que, mesmo entre eles (moças e rapazes) poderá ser encontrado um certo grau de conservadorismo que, por sua vez, está muito ligado ao núcleo familiar ao qual pertencem. Perguntei para uma moça [24 anos], moradora na zona rural e migrante, o que que ela acha da história dos mais velhos dizerem que os jovens “não têm nada na cabeça”, se acha que é verdade? Ela me respondeu: “*É verdade porque muitos deles não tem, mesmo...! porque eles não pensa, né... As coisas que é errada, as coisas que é certa.*”

O certo e o errado, para ela, diz respeito ao ter ou não ter “juízo”. O ter “juízo”, por sua vez, quer dizer não fazer “bobagens”(= não ficar grávida, não desobedecer aos mais velhos). Perguntei-lhe, então, se ela achava que as moças de Chapada do Norte estão muito sem “juízo”: “*Ái, do jeito que os mais velhos falam e a gente também está vendo... muitas delas não estão pensando nada disso! Nem que tá errado, nem se tá certo, nem se tá ruim, nem se tá bom... Só quer saber se elas tá usando aquilo ali... E já prá mim, nos meus pensamentos, eu não quero uma vida dessa... Deus me livre. (...) Eu não quero mexer com isso, não [risos].*” [24 anos]

Contudo, o que sobressaiu dessa nossa conversa foi a idéia de que a gravidez, para ela, assim como, para os mais velhos, deve ser a consolidação do casamento, da união de um homem e uma mulher. Esta moça, mesmo não querendo me dizer abertamente sobre seus planos para casamento, deixou uma porta entreaberta para confirmar que, em Chapada do Norte, sobretudo, na zona rural existem jovens que desejam, que vêm como projeto de vida a sua realização através do casamento, de constituir uma família, pois como diz a canção: “*(...) nós ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais.*”<sup>125</sup>

#### **4.2. Casamento com sol quente**

---

<sup>125</sup> “Como Nossos Pais”. Letra de Antonio Carlos Belchior. Eternizada na voz da cantora popular Elis Regina.

“... O amor é firme, o rabicho é forte  
o amor perfeito  
casamento é sorte...”<sup>126</sup>

O noivo com 23 anos e a noiva com 24 anos. Estes, pela idade, podem ser considerados exceção nas uniões da zona rural, principalmente a moça, pois, conforme um jovem entrevistado da cidade, “... na zona rural mesmo, a maioria das moças casam novas, casam de 14 anos, 16 anos. A maioria das moças da zona rural casa de menor, praticamente. Agora aqui, não; aqui a gente vai enrolando o tempo, vai levando aquela coisa, né... (...)” [23 anos, 2º grau-magistério, empregado, morador da cidade].

Subiram ao altar na Igreja Matriz de Santa Cruz, num domingo ensolarado. Trata-se de jovens migrantes que havia entrevistado quatro meses antes do casamento. No período da entrevista, nenhum dos dois falou sobre namoro ou coisa parecida, principalmente quando lhes perguntei. Mas não falariam para uma estranha... Não falaram. Fala-se muito pouco sobre os afetos, na roça.

Ambos são moradores de uma mesma comunidade rural. A família do noivo, como outras, tem duas casas, uma na roça e a outra na cidade. Familiares e amigos dos noivos dirigiram-se para a igreja às 14:00 horas. Fazia muito calor. Após sermão e benção do padre houve uma cantoria das mulheres. Em seguida, os noivos caminharam cerimoniosos em direção à porta da igreja. Pude fazer várias fotos, acompanhando-os até a casa de parentes, onde a noiva jogou o buquê de rosas brancas naturais e depois, teve sua grinalda retirada respeitosamente por seu noivo, sob os olhares das mulheres mais velhas: “... *Coisas prateadas espocam: somos noivo e noiva*” (Prado:1995). Depois deste ritual público, comunicando aos demais que a partir dali eles eram marido e mulher, desceram para a casa dos pais do noivo no início da rua do Ouro, onde esperavam os convidados e moradores da roça para seguirem para o jantar comemorativo do casamento.

---

<sup>126</sup> Trecho da música “Ainda Bem Não Cheguei”, recolhido pelo **Coral Trovadores do Vale** – domínio popular – Informante: *Filomena Maria de Jesus*.

Na roça, o casamento acontece com o ritual religioso na igreja Matriz de Santa Cruz. Muitos noivos vêm a cavalo da roça formando então, um cortejo de padrinhos e convidados, parentes e amigos para assisti-los. Neste casamento que presenciei não houve o cortejo a cavalo porque os noivos tinham casa na cidade.

Após a cerimônia, retornam à roça montados a cavalo ou alugam um ônibus, como foi o caso deste casamento, ou, dependendo da distância, padrinhos, parentes e noivos caminham até o local onde os convidados serão recepcionados com uma janta ou almoço seguido do tradicional forró de sanfona, triângulo e pandeiro. Pode acontecer também do forró ser animado pelo toca-discos mesmo. Mas o forró é opcional.

Depois do festejo, marido e mulher estão prontos para seguir a rotina da vida de casados. Vida para a qual, desde então, vinham sendo preparados, sobretudo as moças, demonstrando que quando forem esposas-mães e seus maridos migrarem, trabalharão na terra, garantindo assim, a possibilidade de novo plantio, quando a estiagem cessar, ou zelando, para que o que já foi plantado, vingue; a criação não morra e a família que se inicia, dê frutos baseados no amor, no respeito e solidariedade.

*“P: \_ E como que é sua vida aqui na roça? Quais são os seus afazeres? Você também quando está aqui você trabalha na sua casa, ajuda a sua mãe? O que você faz?”*

*E: \_ Limpo a casa, lavo roupa, às vezes, vou trabalhar na roça...”* [16 anos, sexo feminino, 7<sup>a</sup>/8<sup>a</sup> série no projeto *Acertando o Passo*, trabalha e estuda na cidade, moradora da zona rural]

Não há rigidez quanto ao desempenhar das tarefas para as moças. Fazem os afazeres domésticos e, também, dependendo das necessidades, trabalham na roça como os rapazes. Portanto, o casamento na zona rural, talvez, possa ter a função de preenchimento do tempo, dar significado para aquele (rapaz ou moça) que já assumiu todas as responsabilidades de trabalho e cuidados com outrem, pois as moças desde cedo já “exercitam” a responsabilidade de cuidar dos irmãos menores, da casa e outros afazeres.

Todavia, em Chapada, na cidade e na roça, soube de casos de casais que oficializaram seu “casamento” através da coabitação. De dois casais de jovens soube da seguinte história: num deles, o rapaz e a moça vieram de outras regiões. O outro, a mulher é da zona rural e o homem é migrante sazonal. No casal que vive na roça, o marido disse-me que vivem juntos a sete anos e que agora estão pensando em casar: “... só não casamos ainda porque a mulher disse para esperar melhorar a situação econômica” [ 30 anos, “gato”, morador na zona rural].

Alguns moradores referem-se a estes casais como os que “têm outra cabeça”, pois uniram-se sem passar pelo ritual da cerimônia na igreja. O padre possivelmente não aprova, mas o grupo, a comunidade, contraditoriamente, os reconhecem como marido e mulher. Sendo assim, esta contradição nos remete aos tempos coloniais quando a Igreja Católica barrava muitos casamentos oficiais devido ao excesso de burocracia e rigidez que, por sua vez, atingiu, substancialmente, a população sem recursos, ou seja, a maioria. Com isto, acabou impulsionando as uniões “ilegítimas” que resistiram às suas pressões, bem como, às do Estado, criando a sua própria “instituição”, baseada nas realidades locais.

Recorrendo à História, no período colonial, fossem quais fossem as legitimidades das relações homem-mulher, abençoada pela Igreja ou “clandestina” aos olhos desta, estas estavam plenamente consolidadas, nas Minas Gerais, a partir do instante em que a mulher passasse a administrar a casa, pois “(...) a administração do domicílio representou de fato um ritual importante na demarcação da solidez da relação” (Figueiredo, 1997:181). Para este tipo de união davam o nome de “família fracionada”. Família esta que para manter suas uniões, baseadas no afeto e na solidariedade dos parceiros, abriam mão, muitas vezes, de coabitarem sobre o mesmo teto para não serem excluídos da Igreja.

Nos dias atuais, isto não mais ocorre, porém permanece a tolerância e a solidariedade do grupo para com aqueles que assumem suas relações através do “morar junto” quando então, o homem passa a respeitar aquela mulher como sua esposa e esta, por sua vez, passa a administrar o lar respeitando-o como marido. Casar, portanto, pode ser sinônimo de apenas seguir a “tradição” e constituir família. Mas pode ser a confirmação do mais profundo amor.

### 4.3. Relações de gênero, ontem e hoje: as uniões

“(...) *Janela sobre o mundo aberta, (...) por onde vi  
meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai:  
minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis (...)*”<sup>127</sup>

Certa noite, conversando com uma moradora [casada, 35 anos, 1º grau incompleto, residente na cidade] esta me falou sobre a sua vida de mulher casada e de como foi e, segundo ela, ainda é, esta passagem de moça-solteira-para-mulher-casada. Segundo ela, é imprescindível para os moradores do lugar, independentes de serem da roça ou da cidade, a virgindade da moça. No caso dela, o casamento veio depois, porque antes, ela e seu marido haviam fugido. Fugiram para que seus pais pensassem que ela já tivesse perdido a virgindade e, deste modo, não se opusessem ao casamento: “*Tanto qu’eu não me casei de branco*”, confidenciou-me, insistindo que era virgem antes de casar.

Disse-me que o homem de Chapada não faz o seu prato de comida. A mãe dos rapazes fazem assim, as mulheres quando casam, têm que fazer também. Logo depois que ela se casou, disse que além de pôr comida no prato, também tinha que deixar todas as peças de roupa do marido em cima da cama, pronta, para assim que ele saísse do banho: “*cueca, uma camisa, meia e calça comprida*”. As camisas eram sempre engomadas. Com o passar dos anos, ela foi modificando o jeito dele, disse. Mas mesmo assim, o casal briga muito porque ela disse que não “*enverga*”, e o marido, por sua vez, ainda prefere o jeito como era tratado na casa de sua mãe.

Por outro lado, ela me assegura e se vangloria de não ter, na cidade, uma pessoa para dizer uma coisa ruim da pessoa dela, pois ela é uma mulher direita que não se mete na vida de ninguém e não dá motivo para que falem dela. Mas ela me disse que existem casos de que o homem que casou com moça que não era mais virgem, quando brigam, depois de casados, logo joga na cara da mulher que “*ela deveria dar graças a Deus por ele ter aceitado casar com ela, pois ela não prestava mais*”.

Estas são considerações que passam no âmbito fechado das relações marido-mulher e que podem permear o universo das focas no cotidiano das pessoas. Portanto, estão numa esfera inferior cujo aspecto a ser enfatizado é o pacto social presente nestas relações. Por isto, este enfoque pretende não cair nas armadilhas das conotações ideológicas e polêmicas da chamada revolução feminista, para então, adentrar a dada realidade onde: se por um lado os homens têm privilégios primários, como o de ter a comida posta no prato pela esposa, ele está intimamente ligado àquela que o serve.

As relações do espaço doméstico estabelecem o campo dos domínios. Se é o homem quem “traz a comida”, é a mulher quem a prepara, portanto, os domínios da casa estão em suas mãos, porque é ela quem a administra; quem regula a quantidade dos alimentos que vão nos pratos de cada um dos membros da família: ora para assegurar os pedaços prediletos de cada um; ora para cuidar que a comida dê para todos.

Por outro lado, no domínio público, estarão enfatizadas as virtudes daquela mulher com relação a sua família, seu marido, o trato com sua casa e a criação dos filhos. Poderão ser ouvidos comentários do tipo, Fulana é muito caprichosa; dona Sicrana é a melhor rezadeira, ou ela é uma pessoa que cozinha muito bem ou, até mesmo, o contrário poderá ser enfatizado dentro da coletividade.

Os comentários estarão intimamente interligados com o aspecto social e moral do lugar que, por sua vez, ganham visibilidade paradoxal, mas que não estão separados, pois que repousam no como se pensa (valores, idéias) e no que se faz concretamente (as ações, práticas diárias). Por isto mesmo, poderá se conviver com a mulher que defende e reproduz o discurso patriarcal e machista do lugar, talvez até porque esta mesma mulher desconheça qualquer outro. Vem, como eles costumam dizer, da “criação”, da maneira como ela foi educada.

É a favor desta virtude que pais e mães, principalmente mães saem em defesa para salvar o nome, a moral familiar. Portanto, entrevistando uma mãe da zona rural, pude confirmar que a preservação da virgindade da moça ainda é muito importante para o grupo familiar, de um modo geral, independente da realidade não corresponder às suas

---

<sup>127</sup> PRADO, A. “Janela”. In **Chorinho Doce**. Poemas; Maureen Bisilliat, imagens. São Paulo: Alternativa, 1995.

expectativas. Deste modo, tanto no rural quanto no urbano, as famílias convivem com a gravidez precoce, antes do casamento.

*“E: \_ Inclusive eu tenho uma sobrinha que estava com 15 anos e estava com um neném no colo. Meu marido é tio dela, ela é sobrinha minha por causa que ela é sobrinha legítima do meu marido. Então meu marido ficou muito triste, achou que aquilo era uma coisa absurda, uma menina nova, uma menina bonita e ficou grávida, não é nem de um sujeito que presta; um perdido, um moleque à toa, não dá vontade nem de olhar na cara dele de tão sem fé que ele é, (...), um trem à toa, um carinha que não vale nada, um pé de chinelo rapado, mesmo.(...)” [ 45 anos, sexo feminino, casada, 3º ano do primário incompleto, moradora na zona rural].*

Na zona rural, a educação para as moças é para que respeitem a figura do pai, para que não o desonrem, deitando-se com um rapaz antes do casamento e engravidando:

*“E: \_ Então o meu marido quer que as minhas filhas, quando elas respeitar ele, ele tem vontade de dar a elas de tudo, né; dar roupa, dar calçado. Outro dia mesmo ela ligou e falou: ‘olha fala pro papai trazer para mim um chinelo, um chinelinho de correia’. Eu falo e ele tráz com maior prazer. Aí outra fala: ‘fala pro pai trazer o óculos de sol’. Ele riu, falou que vai lá mesmo e compra presente para levar, a família é grande e tem que ter paciência. Ele fala assim: ‘enquanto vocês me respeitar...’, ele fala assim, ‘como pai, eu dou para vocês toda a coisa, se vocês cair no erro e não me respeitar ceis não contam comigo mais, não’; assim que ele fala, ‘que não conta com ele mais, não; que não dá ajuda de mais nada, não; desiste e fale que hoje não vou depender de pai...’.” [idem].*

A mãe, por sua vez, tem o papel de guardiã dessa honra, é aquela que orienta as filhas para que não fiquem com qualquer rapaz ou engravidem.

*“E: \_ (...) Eu tento falar bastante: ó, a vida mudou, hoje a moça esperar para casar é tão bonito, mesmo se ela não casar, mas se ela arrumar uma pessoa de confiança, uma pessoa de caráter, de prestígio, porque a moça hoje cair no erro com um bandido é muito feio, o pai e a mãe fica doido do coração.*

P: *\_ Fica muito desgostoso?*

E: *\_ Fica desgostoso. Eu peço a Deus, todo dia e toda hora para minhas filhas não fazer nenhum desgosto. É muito sistemado, demais da conta” [idem].*

A entrevistada reclamou que as moças de hoje em dia estão muito avançadas, estão “... *adiantadas demais*”. Disse-me que alerta suas filhas porque muitos “... *rapazes falam que ‘estão me tratando de frouxo’*. *Muitas vezes acontece muitos casos que as moças é que estão agarrando os rapazes. Isso não está saindo tanto só dos rapazes, não, as moças também estão muito sem vergonha, estão muito adiantadas*”. Perguntei para a entrevistada se ela achava que este “avanço” era por causa da televisão: “*Não sei o que elas estão pensando, não. Não acho que é televisão porque você vê uma coisa, mas o cara é o que ele quer, cê não acha?*” [idem].

Ao reportar-se para o seu tempo de mocidade, recorda que o namoro era discreto e sob os olhos severos dos pais. O beijo e o abraço foram só depois do casamento.

“E: *\_ (...) Eu casei com 22 anos. Eu não tinha ainda..., graças a Deus, casei virgem, nem meu marido tinha agarrado ele, não. A lei era uma lei seca, pai mais mãe não deixavam e eu também não tinha coragem, não tinha coragem, não tinha aquele namoro agarrado que usa hoje, aquele negócio de ficar beijando na boca, não tinha aquilo, não. O beijo e o abraço era só depois do dia de casado.*

P: *\_ E namoravam em casa?*

E: *\_ Em casa, não tinha aquele negócio de ficar agarrando.*

P: *\_ Sentavam no sofá, um do lado do outro?*

E: *\_ É. Ou senão o rapaz sentado aqui e moça inté lá, ó! [indica o outro extremo do sofá] [idem].*

Se naquele tempo havia muito respeito nos namoros, pelo que pude constatar, nos dias atuais em Chapada, os rapazes, sobretudo, da cidade utilizam-se do boato, da falação, da fofoca para exercerem o seu poder, para afirmarem a sua masculinidade perante o grupo (principalmente o de amigos). O rapaz que por (in)felicidade não concretizou suas intenções de prazer: *ficar* mais do que o *ficado* com uma moça, sai contando para os demais colegas que *ficou*, que namorou, que transou sem ter, muitas vezes, feito nenhuma destas coisas. Na quietude de sua mente, portanto, acontecia o *não-fato*. Conforme o que me disse uma moça da cidade:

*“E: \_ ... os homens de Chapada têm um defeito: a língua. São muito conversador, são machistas, prá frente...”* [ 19 anos, 1º grau incompleto, empregada]

Outra jovem com quem conversei [ 23 anos, jovem-mãe-solteira, desempregada, 2º grau completo, moradora da cidade] reforçou-me isto e, ainda acrescentou, dizendo que o fato dos rapazes falarem das moças está ligado a sua “criação”, além do machismo<sup>128</sup>.

*P:\_ Uma coisa que eu achei...que eu tenho notado também, assim (...) mas eu tento compreender, é a postura, a relação dos rapazes com as mulheres do lugar, com as moças...?*

*E:\_ São machistas!*

*P:\_ São de... um machismo, uma coisa maldosa...?*

*E:\_ Maldosa. É criação, mesmo!*

*P:\_ Você acha que reproduz muito, né, tipo: se a moça não for com ele, não quis ficar com ele, ele sai falando do mesmo jeito?*

*E:\_ É, do mesmo jeito.*

---

<sup>128</sup> Cf. GOMES, Z.: “... quão difícil é a vida da mulher nesta sociedade! A mulher que descobre que é gente precisa se valorizar e lutar consigo mesma para não ceder aos caprichos do machismo que impera entre nós, mesmo quando parece ser essa a única alternativa. Não me digam que é exagero, pois todos sabem que é assim e quando uma mulher quer trabalhar, precisa de apoio e quer isso com dignidade é muito chocada e decepcionada, pois a primeira ajuda que recebe é a procura, é a exploração do sexo pelo sexo. É lamentável descrever tantas vezes essa dura realidade mas é a verdade nua e crua, não disfarçada como aparentemente se nos apresenta. Como mulher fui vítima do que estou falando, desde que me agarrei ao trabalho para sobreviver aos 14 anos”. in **Cofre de Lembranças: uma trabalhadora rural**

P: \_ *E se “ficar”, fala mais ainda, né?*

E: \_ *Justamente, é exatamente isso.*

P: \_ *Você acha que é o tipo “não ficou comigo, não vai ficar com mais ninguém” ou sei lá, o que que você acha? Você acha que ou eles querem se auto-afirmar diante dos outros...rapazes?*

E: \_ *Ah, eu acho que é por aí.*

P: \_ *É né? Quer dizer: eu sou o bom, também, né?*

E: \_ *É justamente: “Ah, eu pego todas”. “Aquele ali, ó, é minha”!*

Estas armadilhas do cotidiano chapadense, especificamente na cidade, distrai-nos, pois poderiam apontar para um mero disse-me-disse, o típico falatório de cidade pequena. Porém, penso que estes acontecimentos da fofoca têm relevância, pois se mostram constantes neste contexto. Assim, apontam para questões cuja base, possivelmente, repouse na dificuldade do homem, do jovem-homem do sertão, deste município em relacionar-se com esta mulher, com esta jovem-mulher que está presente no seu dia-a-dia e que é de carne e osso<sup>129</sup>. Dificuldades estas que podem muito bem estar relacionadas a “criação”, a maneira como são educados pelos pais, mas antes, na dificuldade de relacionar-se com o conflito gerado entre o desejo e a frustração.

Ou seja, correspondendo enquanto “*instrumento de conservação social*”<sup>130</sup>, sacralizando instituições como a família e a igreja, parece-me que as ações ditas como machistas buscam reafirmar, antes, a hierarquia do homem sobre a mulher, o patriarcado; o *status* masculino nesta sociedade que, contrariamente, tem um cotidiano feminino.

Por outro lado, este cotidiano feminino também exerce seu poder para “tentar” corresponder ao conjunto de normas, de tal modo que estas instituições estejam sendo asseguradas, pelo menos no imaginário, no estágio da preservação da pureza, da

---

**do Jequitinhonha conta sua história/Zelita Gomes.** Prefácio: Pierre Sanchis. Belo Horizonte: editora Canoa das Letras, 1997, p. 19-20.

<sup>129</sup> Dificuldades que estão presentes também, na literatura produzida por escritores negros quando vão retratar a mulher negra pois, conforme Gusmão: “*O escritor negro considera a mulher concreta, porém a revela enquanto parte das forças criadoras da natureza. Em jogo o processo de sua formação no qual, as mesmas forças encontram-se mediadas pela presença feminina. A mãe que lhe dá a vida e o legado de uma raça, a negra que ama e lhe dá tesão, a branca que pode representar sua ascensão e aceitação no mundo dos brancos.*” In GUSMÃO, N. M. M. de, “Mulher Negra: A Ressonância de um Olhar”. **Cadernos CERU**, nº 6, série 2 – 1995, p. 125.

castidade: lembrete constante na educação da moças, bem como, o de ser trabalhadeira, caprichosa, conhecedora das prendas domésticas. Na educação dos moços, ela aparece, mas não com o sentido de castidade, mas com o sentido das boas virtudes, tais como: ser honesto, ter respeito pelos mais velhos, ser trabalhador.

Em algumas situações de entrevista ou conversas sobre namoro com rapazes da roça, estes demonstraram desdém, tímida indiferença por aquela com quem, muito provavelmente, estava enamorado ou prestes a se casar... Pois bem, recorrendo a literatura rosiana temos em *“A Hora e a Vez de Augusto Matraga”*, *Nhô Augusto*, o exemplo de marido infiel, que trai sua esposa, muito embora não queira de jeito nenhum perdê-la, principalmente, se for para outro homem: *“(…)dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. (...)”* (1967:346). Sua esposa, *Dona Dionóra*, é o exemplo da boa esposa, *“que tinha belos cabelos e olhos sérios”*, e que contraria a família para casar-se como *Nhô Augusto*.

Os adjetivos utilizados pelo autor, *“belos cabelos”* e *“olhos sérios”*, aproximam-se de componentes muito valorizados pelos homens do sertão, não menos de Chapada: beleza (ou correspondentes) e seriedade (confiabilidade), na escolha da futura esposa. Costumam ainda dizer que as *“feinhas”* só servem para se divertir, assim como o personagem do sertão rosiano: *“Beleza não tinham: Angélica era preta e mais ou menos capenga, e só a outra servia. (...) A das duas raparigas que era branca – e que tinha pescoço fino e pernas finas, (...)”* (idem, p. 341-2)

Os personagens masculinos do sertão rosiano tendem a demonstrar valores próprios dessa masculinidade e que estão em torno de: gostar das farras, das bebedeiras e diversões com “mulheres públicas”, “mulheres da vida”, bem como, das brigas. Destes valores, nos rapazes de Chapada do Norte, no urbano predominantemente, persistem a bebedeira, o cigarro e as “aventuras sexuais” ou o brincar de seduzir, de tal modo que constituem um dos “campos pragmáticos” (Machado Pais, 1993) destes que freqüentam os “trailers” da cidade.

No entanto, é importante ressaltar que para os rapazes da zona rural, sobretudo os que pensam em constituir família à semelhança de seus pais, predomina o que nos fala

---

<sup>130</sup> ROUANET, S. “A deformação da percepção externa”. In **A Razão Cativa – As ilusões da consciência: de Platão a Freud**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1985, p. 145.

Woortmann quando se refere ao seringueiro, dizendo que tal qual o camponês, este se orienta pela “*ética/estética*” para a escolha de sua futura esposa. Ou seja, buscam uma “*mulher forte*”, isto é, *sadia, ‘a que não teme o trabalho não; é trabalhadora, faz de tudo’*” (1998:185).

Valorizam mais a capacidade da mulher de trabalhar, ter e cuidar dos filhos do que a beleza. A pesquisadora também chama atenção para o fato de que “*mulher forte*” não significa que sua personalidade seja forte, mas o contrário, pois apreciam aquela mulher casada que se mantém resignada tanto diante das dificuldades da vida quanto para as traições do marido “*namorador*” (idem).

Todavia, num dos “trailers” da cidade observei o exercício da masculinidade por um rapaz vindo de “fora”; ou seja, de um outro município do Vale do Jequitinhonha, de tal modo, que pareceu-me não ser um traço apenas dos rapazes de Chapada, perceber na jovem-mulher a obrigatoriedade de corresponder às suas manifestações de paquera/flerte mesmo que não se trate de uma “jovem leviana”, mas que estando “pública”...: um aspecto de mão única da sedução masculina do lugar, pelo menos entre os rapazes.

Sentados estávamos na mesa do bar (trailer) eu, uma jovem de 21 anos de uma das comunidades rurais, morando em república para cursar o 2º ano do Ensino Médio; outro protagonista neste episódio, um rapaz de 26 anos, não morador de Chapada, mas de um município do Vale, um visitante prestando serviços. Tratava-se de um negro-mestiço ou, moreno, como alguns do lugar o chamam e noutros também o chamariam, o tipo charmoso; mais uma outra jovem de 26 anos, de fora, mas residente na cidade a trabalho. Outras pessoas que em nossa mesa sentavam-se e saíam como borboletas.

Num ambiente de descontração e informalidade fazia duplo papel, porque além de divertir-me, observava-os<sup>131</sup>. Com um flerte sutil, indireto, o rapaz tentou demonstrar seu “domínio” numa mesa cuja maioria era de mulheres, portanto, o charme era para todas. Este “domínio” tinha muito mais a ver com a comprovação de sua masculinidade perante os outros rapazes presentes, do que, propriamente, interesse pela moça, embora fosse

---

<sup>131</sup> Nestes momentos de descontração e informalidades, percebi que também estava exposta às investidas, aos flertes, ainda mais tratando-se de uma jovem pesquisadora que não trazia estampado na testa que estava ali pesquisando... Assim, julguei ser muito melhor para o bom andamento do trabalho, não cair nas armadilhas daqueles que “brincam de seduzir”. Mas estaria sendo hipócrita se não deixasse registrado que este caminho também despertava o interesse daquele jovem e talvez de outros...

uma bela moça... ela era da zona rural, estudando na cidade e ele um rapaz de fora, já comprometido.

Foi portanto, neste ambiente que pude captar melhor a essência do que os flertes, as paqueras significam para muito dos rapazes: uma brincadeira. Os rapazes, quase sempre estão “brincando de seduzir”, por uma noite, um instante apenas... Por outro lado, as moças, com mais expectativas, ficam desiludidas quando, no dia seguinte aquele rapaz com quem trocou alguns beijos ou carícias mais ousadas, envergonhado, nem lhes olha no rosto, tampouco, lhes dirige a palavra.

Entre a seriedade do namoro com ou sem compromisso de casamento, os rapazes da cidade pendem mais para as paqueras, o “ficar” sem compromisso, e, muitas vezes sem responsabilidades, o que também lhes é pouco cobrado, pois enquanto homens têm mais liberdade para as descobertas sexuais, enquanto que às moças é exigido mais recato. Em contrapartida, estas experimentam a terrível sensação de oscilação entre serem recatadas e não agradarem os rapazes que, por sua vez, já avançam nas descobertas de sua sexualidade, e a excitação decorrente do contato com o seu oposto, de descobrir também a sua capacidade de “brincar de seduzir”...

Na prática, porém, muitas moças descobrem a incompreensão do grupo social, sobretudo dos próprios rapazes que, automaticamente lhes estigmatizam reafirmando, novamente a moral do lugar que separa as moças que são “para casar”, das que não são.

## V

**DE SONHOS E FRUSTRAÇÕES: PADECENDO NO PARAÍSO...****5.1. O jovem e seus espaços****5.1.1. Repúblicas: a casa provisória.**

Para os jovens da zona rural cujas famílias têm condições financeiras um pouco melhores, a solução encontrada para que continuassem seus estudos foi a de deixar, provisoriamente, suas residências na roça para então assumirem novas moradas na cidade. Estas são chamadas de repúblicas.

As repúblicas de jovens que vêm da zona rural não são permanentes, são anuais, ou seja, quando termina o ano letivo elas são desfeitas. Eles entregam a casa alugada, para não terem o compromisso de continuarem pagando aquele aluguel durante as férias, e também terem liberdade para escolherem outras pessoas com as quais irão morar e dividir as despesas, no ano seguinte.

Dependendo do ano, existem mais ou menos três ou quatro repúblicas, em média, na cidade, sendo que estas são mistas. Como dependem de uma boa convivência para continuarem morando juntos, estas repúblicas estão sujeitas a mudanças. Por isso, os jovens poderão estar optando por repúblicas só de mulheres ou só de rapazes. Alguns jovens que concluem o 2º grau, aventuram-se para outros lugares.

Entretanto, existem outras repúblicas (em menor número) que são de pessoas, jovens, que vieram de outros municípios para trabalharem na cidade, no caso, no hospital, na prefeitura, na associação (Achanti) e outros. Estes moradores, quase sempre, permanecem na cidade durante a semana e, aos finais, retornam para suas casas, suas famílias.

Numa de minhas permanências em Chapada, fiquei hospedada em uma república. Esta experiência possibilitou-me o primeiro contato direto com aqueles que pretendia investigar, os jovens. Tratava-se de uma casa cujos moradores eram todos procedentes da zona rural e dentro da faixa etária que pretendia conhecer, dos 15 aos 25 anos. Era uma moradia mista, com três moças, comigo quatro e, três moços. Convém ressaltar que uma

destas três moças era uma recém chegada na cidade para trabalhar na associação do lugar. Esta jovem de 26 anos passou a ser uma amiga-informante, bem como, um exemplo para observar e acompanhar como é a inserção de uma “filha adotiva” no lugar, ainda mais sendo mulher e solteira.

Conviver com outras pessoas que não fazem parte da sua família pode significar um reaprendizado, um exercício de socialização e de sociabilidades pois, acaba-se tendo de criar e aprender novas regras para um convívio tranqüilo, o que é quase impossível, tratando-se de jovens diferentes e com outras “criações”... E quando estão sozinhos, longe dos olhos dos pais, iniciam um novo caminho: vêm-se “livres” para colocarem em prática os seus modos de pensar e agir diante das coisas.

Tomemos exemplos ocorridos nos domínios da casa: a louça sempre ficava para as moças lavarem. Eternamente as mães poupam seus filhos homens dos afazeres domésticos, por sua vez, estes jovens, mesmo tratando-se de irmãos – três dos cinco jovens da zona rural -, os outros rapazes não se sentiram constrangidos em não colaborarem com a limpeza. Até o dia em que a moça [22 anos], já predisposta para os afazeres domésticos pois, na rotina de sua casa na roça, todas as mulheres cuidam da casa realizando todo o serviço, rebelou-se. Chamou um dos rapazes (que não era seu irmão) e disse-lhe poucas e boas. Mas com seu irmão, nada falou.

Em contrapartida, sua irmã mais nova [de 21 anos] que trabalhava como ajudante de cozinha num bar que oferece refeições na cidade, dizia-me que sua irmã era boba de ficar fazendo todo o serviço da casa. Filhas dos mesmos pais com atitudes e posturas diferentes. Conviver na república, para estes jovens então, estava colocando outras formas de relacionar-se e, portanto, outros tipos de regras iam, lentamente, impondo-se. Foram percebendo que o som do rádio não poderia ficar muito alto enquanto alguém estivesse estudando – mas percebi que os rapazes não respeitavam muito esta regra – mas, que também podiam ouvir música quando desejassem; que se os copos e pratos não fossem lavados não teriam outros para uso; que quem fizesse festinha tinha que deixar a casa limpa no dia seguinte.

Acordavam, cada um com seus afazeres: a jovem de 21 anos seguia para seu trabalho; o jovem de 18 anos colaborava na Achanti (Associação Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância) realizando trabalhos com as

correspondências para os padrinhos; a jovem de 22 anos ficava em casa e, logo cedo, fazia o café preto para todos – às vezes o jovem de 19 anos fazia o café e esta jovem reclamava porque era doce demais - ; outro jovem de 18 anos ficava, quase sempre, o dia todo em casa e não trabalhava fora – recluso em seu quarto: estudando, ouvindo música... – quando não estava no quarto estava diante da televisão. Sua voz ? Ouvia-se muito pouco. O programa da TV? Esportes ou aos finais de tarde, “Malhação”<sup>132</sup>. Quando ele assistia a este programa, pude notar que se divertia.

Mas, todos os dias, a comida e a casa ficavam por conta da jovem de 21 anos. Talvez porque ela não suportasse ver a casa suja, mas também, porque ela se sentisse na obrigação, uma vez que não trabalhava fora. Também de sua casa vinham as verdura e legumes, pois sua mãe mantém uma farta horta na roça. Os outros moradores, no caso dois, pois três dos cinco eram de uma mesma família, não colaboravam com o fornecimento da “mistura”, mas comiam todos os dias. Colaboravam com a compra dos cereais, arroz e feijão e com a divisão do aluguel.

O dia-a-dia impôs distanciamentos com os rapazes, e afetuosa aproximação com as meninas. Quase todos os finais de tarde, antes de irem para escola, as irmãs (de 21 e 22 anos) dirigiam-se até o quarto em que estava dormindo para que eu penteasse seus cabelos: longos, finos, castanhos-escuros. Ou então, pediam-me emprestado o batom, o perfume, até os chinelos: um *havaiana* preto (sem nenhum atrativo aparente). Já com os rapazes, o misto de silêncio-timidez-receio exigiu-me outras formas de abordagem e a paciência de não “forçar a barra”.

Convivendo com estes jovens durante uma semana, pude perceber que a experiência de morar fora da casa dos pais, morar numa casa mista era um misto de tentar reproduzir os padrões das casas dos seus respectivos pais mais a oportunidade de estarem “distantes” de seus olhares cuidadosos e severos, no que refletia na condição de estarem livres para novas descobertas. Em outras palavras, percebi a ambivalência da própria condição de jovem em transição para a vida adulta.

O medo e o receio de fazerem algo que pudesse chegar aos ouvidos de seus pais pairava no ar. Às vezes, ficavam estampados nos seus olhares tímidos e arregalados

---

<sup>132</sup> Trata-se de um programa exibido pela TV Globo, cujo cenário é uma academia de ginástica e os personagens principais são os adolescentes.

diante de qualquer situação que suscitasse suspeitas. Mas no caso desta república havia um componente que relaxava a vigilância dos moradores do lugar sobre eles: o fato das moças estarem morando com seu irmão. Mesmo morando com outros rapazes, a figura masculina do irmão assegurava-lhes a idéia de que ele, além de estudar, também estava ali para cuidar de suas irmãs. Porém, é importante lembrar que entre irmãos tudo dependerá da relação que têm entre si, se forem amigos e cúmplices se protegerão, senão... sigilosamente terão suas paqueras, seus namoros secretos que, em última instância, confiarão o segredo a uma amiga ou amigo íntimo.

Todavia, nas festinhas para comemoração do final do ano letivo... Os olhares dos moradores da cidade, sobretudo o dos vizinhos ficam mais vigilantes, pois nas festas se reúnem, animados pela música e bebidas, moças e rapazes da classe, os amigos do irmão, aquele rapaz mais cobiçado pelas demais moças: possibilidades de paqueras, início de namoros, trocas de beijos.

Assim, entre reproduzir o instituído pelo social, pelo mundo da família ocorre também de ir ao encontro do “novo”, a descoberta de si no outro, o mundo dos afetos que, por sua vez, irá mais tarde consolidar o caminho de cada um e todos de reproduzir o “velho” modelo: casar, ter filhos, constituir a própria família porque, muito provavelmente, (para lembrar a canção), sabem que quem lhes deu a *“a idéia de uma nova consciência e juventude está em casa, guardado por Deus, contando vil metal...”*.<sup>133</sup>

### **5.1.2. Dos jovens que estudam fora, de uma mãe que se empenha o máximo**

Conheci dois jovens que estão fora. Vivem em Diamantina, cidade no Alto Vale do Jequitinhonha, distante de Chapada uns duzentos e poucos quilômetros. Trata-se de dois irmãos que moram em casa alugada na referida cidade. O rapaz faz cursinho para entrar na faculdade de direito; a moça cursa a faculdade de letras e deseja continuar e fazer pós-graduação.

Através deles, soube que existem, aproximadamente, trinta jovens que estão fora do município, estudando. Desse número de trinta jovens, de dez a quinze, estão cursando faculdade e, os demais estão, ou fazendo cursinho ou terminando o segundo grau. Por

---

<sup>133</sup> Trecho da canção *“Como Nossos Pais”*, já citada.

esses dados, esse contingente revela uma face pouco conhecida do Vale: o dos que superaram o insucesso escolar. A razão parece ser, uma vez mais, a família.

A história desses dois irmãos torna-se mais interessante quando começamos conhecer sua família. Terceiro e quarto filhos – de quatro irmãos, três mulheres e um homem -, estes dois jovens contam com a presença e incentivo vital da mãe: vital para eles, mas muito mais vital para ela que fez da escolarização dos filhos sua razão de viver. Sua primeira vitória veio quando, uma das primeiras filhas concluiu a faculdade de matemática. Em visita à sua casa, esta mãe de 52 anos mostrou-me o vestido que comprou para a formatura da filha. Este, guarda até hoje, enrolado numa toalha.

Ao contar-me todas as dificuldades que teve para conseguir tal intento e ajudar seus filhos, percebi que falava-me de um sonho que estava se realizando porque nem ela e nem seu marido tiveram muito estudo, apenas a terceira série do primário. Contou-me que ao casar-se havia dito que gostaria de ter quatro filhos e que todos eles iriam estudar. Os obstáculos que se apresentavam, tais como: falta de um livro ou dinheiro para pagar mensalidades ou comprar material escolar foram sendo vencidos através de sua perseverança para não se deixar vencer.

Certa vez, sua filha necessitava de um livro para estudar para o vestibular. Em Chapada não havia tal livro e comprar ou mandar buscar não podia. Deslocou-se para a cidade de Diamantina e foi até a biblioteca da Faculdade de Direito, onde soube da existência do livro. Implorou para que deixassem-na tirar um xerox. A bibliotecária informou-lhe que o livro não poderia sair. Então ela colocou em suas mãos todos os seus documentos mais o dinheiro da passagem como garantia de que iria voltar e devolver-lhe o livro. Um telefonema da bibliotecária e esta mãe conseguiu xerox e encadernação do livro pela metade do preço. Hoje, sua filha faz o curso de letras.

O exemplo desta mãe é o de um sonho realizando-se: seus filhos estão estudando, foram à faculdade e, no que depender dela, farão pós-graduação. Assim, com maior ou menor intensidade, esta família aparece como uma exceção, cujo incentivo e o sucesso dos filhos nos estudos, também estão marcados por grandes esforços que passam, inclusive, pela privação das necessidades básicas, da economia do dinheiro para poder investir naquele objetivo.

Portanto, este exemplo demonstra que pesa a influência da família, e muito, na permanência e continuidade dos estudos. Por outro lado, não podemos generalizar, tampouco afirmar que não existem exceções num contexto como este de Chapada do Norte. Exceções estas que, muitas vezes, somem frente aos índices estatísticos de semi-analfabetismo, evasão escolar que, ainda, são maiores.

Contudo, o esforço desta família, especificamente, desta mãe, é reconhecido por seus filhos que, em seus depoimentos, deixaram claro que pensam em ter um futuro melhor para, justamente, poderem retribuir àqueles que lhes ajudaram.

*“E: \_ ... então, assim, foi isso que me fez sair, sabe Vanda, não dá, você vê as dificuldades dentro de casa, você esperar tudo por seu pai, por sua mãe... meus pais estão ficando velhos, eu sei que eles não vão poder me sustentar e questão de família, também, que ’u quero ter, mas eu quero ter uma família com estrutura...”*[sexo feminino, 23 anos, 3º grau incompleto, moradora da cidade, estuda fora]

No trecho do depoimento desta moça, fica claro que sua família é importante, mas que constituir uma família, também. Morando em outro município e experimentando novas descobertas e possibilidades, esta jovem deseja casar-se, ter filhos e uma profissão que lhe possibilite a segurança financeira. Assim, defende que se o jovem quiser mudar sua condição de vida deve sair, estudar, ter uma profissão, dizendo: *“... essa caminhada minha, me fez crescer, amadurecer...”*. Assim como ela, outros jovens foram percebendo que deveriam tentar fazer um 2º grau melhor, profissionalizante, sendo esta, a procura da maior parte dos jovens que estão fora.

*“E: \_ Justamente, acho que devem ter umas 30 pessoas, sabe, e isto tá acontecendo de uns 3 anos prá cá. Que antes, entendeu, é igual eu te falei, ninguém corria atrás, estava muito acostumado com a vida parada daqui de Chapada, então foi vendo as dificuldades; foi vendo que não ia dar para continuar só com o 2º grau, não ia dar... que a vida tava ficando difícil, o dinheiro difícil, o emprego difícil, então, assim... perceberam, entendeu, caíram na real que, para se ter um bom trabalho, entendeu, deve ter uma boa vida, não é uma boa vida, mas conseguir uma vida normal, entendeu, tem que estudar, tem que ter um bom estudo para um bom trabalho.”*

Um outro fato interessante, narrado pela moça foi que, sua volta, seu interesse pelos estudos aconteceu, simultaneamente, com a sua mudança religiosa. Ou seja, antes, ela estava parada e desinteressada de continuar os estudos, bem como, desligada da igreja Católica pois, conforme me disse *“... eu ajudava, sempre ajudei, eu dei catecismo e tudo, mas eu era mais desligada, depois eu vi, quando eu passei para a Adventista, eu senti o choque, entendeu? As coisas ficaram muito mais claras para mim, as leituras bíblicas, eu lia e, às vezes, eu não entendia muito...”*

Porém, a moça, ainda não se batizou na igreja Adventista, apenas freqüenta: *“... então eu peço à Deus força para eu conseguir abrir mão de muitas coisas que eu não devo fazer, entendeu(...)”*, diz. Mas, em seguida, parece-me que seu comentário alerta para o fato de que ela não se submete, totalmente, aos desígnios da igreja: *“... eu acho que a gente tem que fazer o que a gente quer, o que o coração tá sentindo, e por enquanto eu estou bem, sabe, em termos de religião.”* Portanto, se sente à vontade, muito provavelmente, porque não lhe fazem cobranças mais rígidas.

Contudo, esta família exemplifica uma minoria mas, muito provavelmente, ela represente a possibilidade de ser também mais um modelo a flexibilizar os contextos familiares presentes em Chapada do Norte, flexibilizando, portanto os sonhos de outros jovens. Abrindo outras portas.

### **5.1.3. De campo a campo: jovens migrantes sazonais**

Muito embora a circulação, gente da roça e gente da cidade seja um dado freqüente e a maioria da população de Chapada esteja na zona rural, entre os jovens de um outro espaço, existe um distanciamento nos significados e modos de verem-se uns aos outros.

A cidade para as pessoas da roça, predominantemente os pais, ainda é um espaço mais propício às transformações e influências do mundo de fora, pois nesta as coisas são diferentes. E a migração sazonal não oferece elementos para a transformação dos jovens? Também. Então, como se elaboram estas informações na cabeça dos jovens (rapazes e moças) migrantes nesse constante ir e vir?

Uma resposta possível estaria centrada no trabalho. Ou seja, a migração surgiu como uma forma que as famílias de lavradores encontraram para suprir as dificuldades que têm de produzir em sua própria terra, principalmente devido aos longos períodos de seca. Portanto, este processo de “migração temporária-circular”(Silva, op. cit.), que significa sair da terra camponesa e ir para a terra capitalista, é a possibilidade de resgatar o sonho de um tempo em que se tinha fartura e liberdade, através do trabalho assalariado. Este, por sua vez, é a garantia da manutenção da infra-estrutura com capital de fora, porém em contato com a terra. Sem quebrar os vínculos família-terra-lugar.

Muitas vezes, famílias inteiras deixam suas terras nos tempos de estiagem e vão trabalhar no interior de São Paulo ou Sul de Minas: nas plantações de cana-de-açúcar ou de café. Para muitos pais, a migração é também, um processo de aprendizado (informal) para os filhos, pois pressupõe o trabalho na terra, portanto, um ofício que passa de pai para filho. Por outro lado, é uma forma dos filhos aprenderem como “lidar” com o mundo, com outras situações que, muitas vezes, pressupõe malícia e esperteza e disposição para trabalhar.

Conforme foi relatado por um pai de família que acabara de voltar do café, no Sul do Estado de Minas Gerais para onde havia levado todos os filhos:

*“E: \_ (...) Levei quatro filhos mais eu, levei duas moças e dois rapazes. Os dois rapaz, um está com 17 anos e o outro com 15 anos. E as moças está com 20 anos e outra está com 19 anos” [ 46 anos, 1ª série do 1º Ciclo do Ensino Fundamental, ex-morador da zona rural, casado, morador da cidade].*

Este pai de família fez questão de deixar claro que não estava tirando os filhos da escola, que quando voltam do café, aqueles que estão estudando retornavam à escola. A mãe, porém, me disse que os rapazes não gostam muito de estudar, já a moças, essas, sim, gostam. Procurei então saber o que buscavam passar para seus filhos, que ensinamentos e ele, pai, me respondeu:

*“E: \_ Huum... vamos supor um outro serviço... porque gente.. porque a pessoa assim, você dá o estudo, você não pode dar só o estudo, é por isto que eu levo eles porque*

*assim, através do estudo você precisa aprender fazer alguma coisa, porque talvez tem o estudo e talvez, você... às vezes a pessoa aprende o estudo até uma altura... até um 2º grau, mas acontece que às vezes não acha algum serviço pelo estudo que ele tem. Então precisa aprender também a lidar com qualquer tipo de serviço, né?(...) Então ele precisa de estudar e precisa de trabalhar, precisa saber que o seguinte que de toda maneira ele aprendendo a trabalhar, ele não vai seguir... passar necessidade muito porque se ele... ele estudou, se ele achar algum serviço numa escola... prá poder dar aula na escola, tudo bem; se ele não achar qualquer boca ele tem coragem de enfrentar, né, que ele pode enfrentar um café, pode enfrentar uma cana, pode enfrentar qualquer um outro tipo de serviço. Então é a maneira que eu pego dou a escola e levo também pro serviço, né, e nós enfrenta qualquer tipo de serviço... eu jogo junto mais eles. Éh...nós não tem esse negócio de ficar escolhendo serviço, não. Tudo nós estamos ganhando, nós enfrenta qualquer serviço!” [idem].*

Portanto,

*“(...) Nenhuma migração pode ser compreendida exclusivamente como um deslocamento geográfico. As migrações representam também uma movimentação no universo social(...). Uma família que se muda não vai apenas morar em outro lugar – vai morar com outras pessoas. Desse modo, a movimentação é definida freqüentemente antes pela alteração nas relações sociais que pela modificação do lugar geográfico de residência” [Durham (1978:136) apud Dawsey, J. (1997:194)].*

Assim, a família em Chapada do Norte prima pelo aprendizado para a vida. Neste sentido, através da educação informal, os pais ensinam aos filhos outras maneiras para enfrentarem as dificuldades, sobretudo quando, com o estudo que têm, estes jovens não conseguem trabalho. Concorrendo com a escola, o aprendizado marca a iniciação na vida adulta enquanto que interrompe ou retarda o processo da escolarização.

A escola também pretendeu preparar os indivíduos para a vida, buscando *“(...) desenvolver em cada indivíduo humano a cultura geral ainda indiferenciada, o poder fundamental de pensar e de saber se orientar(...)”*, a esta escola se denominou “humanista”; porém, paralelamente foram criando as *“escolas particulares de diferentes níveis, para inteiros ramos profissionais ou para profissões já especializadas e indicadas*

*mediante uma precisa individuação. (...)” (Gramsci, 1995:117). Movidos, porém pelas dificuldades de sobrevivência do lugar, bem como, em se conseguir trabalho, sobretudo através do estudo, os pais acabam por influir ou determinar as prioridades para os jovens do lugar, ensinando-lhes, desde cedo, a terem iniciativa para fazer todo tipo de serviço. Logo, fica aberta a questão: qual escola daria conta dessas demandas sociais, culturais e econômicas?*

O propósito de ganhar dinheiro é o que coloca muitos jovens na estrada. Entrevistando uma moça migrante [ 24 anos ] ela me disse que saiu mais para “(...) *ganhar dinheiro, mas aí você vai conhecendo outros lugares, também*”. Quis saber se ela ficava cansada de ficar parada e ela de pronto me disse que não e acrescentou, na sua resposta, que há uma distinção entre ficar parada (= sem fazer nada) e ficar “parada” (= trabalhando sem ganhar): “ *mas aqui a gente fica parado, mas negócio de trabalho, não tem jeito de ficar parado. Fica parado assim porque trabalha e não arruma dinheiro. O serviço, acho que é o dobro, porque lá a gente faz uma coisa só e aqui, não é uma coisa só que a gente faz.* ”

Portanto, parece-me que a migração, para os jovens, têm uma função paradoxal, pois ao mesmo tempo que representa trabalho como mão-de-obra barata, ganho do dinheiro para ajudar a família e um aprendizado, - aprendizado este que se dá, inclusive, através do contato destes jovens com outras pessoas, jovens vindos, muitas vezes, de outras regiões -, também representa a garantia de uma realização através do consumo.

Os jovens que migram para somente adquirir bens de consumo, nem sempre são vistos com bons olhos, sobretudo, por aqueles que continuam estudando. Foi o que me disse uma moça sobre ex-colegas de escola que migram, temporariamente:

*“E: \_ (...) pior esses menino vai prá esses corte de cana tudo, aí chega tudo ‘boyzim’. Todo de tênis, roupinha bonitinha e tudo mais. O dinheiro eles vai e investe em som, aparelho de som, essas bobagens. Hoje eu vi lá, o outro de lá de cá, ainda tá pensando: ‘nós vamos comprar um tênis não sei o quê; nós vamos comprar isso não sei que lá mais... nós vamos ter um aparelho de som...’ É isso que eles pensa... uma moto. Viu a cabeça... abandona tudo por causa de umas coisas como essas!” [ 19 anos, 4º ano do 2º Ciclo do Ensino Fundamental, estudante, empregada, moradora da cidade ].*

Na zona rural também constatei a presença de muitas motos conduzidas por jovens, assim como, aparelhos eletrodomésticos, principalmente televisão. Esta, quase sempre acompanhada de uma antena parabólica. Falta água, falta comida, falta... mas estes bens de consumo, não. Então, eles têm sede de quê? Eles têm fome de quê? Muito provavelmente de não serem esquecidos, de não se sentirem isolados do mundo, mesmo porque a exclusão que vivem diz respeito a uma inclusão perversa, que os marginaliza ao mesmo tempo em que pela TV, rádio, revistas lhes vende sonhos, ilusões, a possibilidade de fazerem parte de relações sociais privilegiadas.

O pesquisador Dawsey (1997) que acompanhou o viver dos “bóias-frias” nos canaviais de São Paulo, bebeu na fonte de DaMatta para tecer uma analogia entre a “casa” e a “rua”, porém, com a intenção de verificar como tempo e espaço enquanto “*noções contrastantes se inserem em relações estruturadas*”.

Neste sentido, cabe a análise de que o “isolamento”, principalmente dos moradores da zona rural de Chapada do Norte, com a migração temporária diminui, pois se vêem novamente entre a “casa” e a “rua”, no seu sentido mais amplo. Portanto, vão para “rua” (= outras terras, outras raízes, público) imantados da “casa” (= terra, raiz, privado). Entretanto, esta perspectiva não os isenta dos conflitos, da discriminação entre eles e pelos patrões. Os códigos da “casa” são confrontados com os da “rua”.

Portanto, os deslocamentos da subjetividade colocam para estes migrantes, sobretudo, os jovens, situações em que suas imagens oscilam, às vezes, se decompõem e, às vezes, se afirmam numa contra-imagem cheia de tensões e sentimentos não resolvidos. Desejos, sonhos e frustrações.

Estas situações estão direta ou indiretamente ligadas às ações lúdicas do jovem, pois ele representa o corte num cotidiano de trabalho duro; representa os momentos de descontração quando irrompem meio-meninos, meio-homens e correm para refrescar-se nas águas de algum rio perto do canavial... Mas também, são situações que dizem respeito a sexualidade deste, nos momentos em que se desviam de suas “*ruas*’ (*fileiras de cana*)” para também caírem nos “*ninhos de amor*” (Dawsey, 1997). No caso dos pais, na roça ou na cidade, perto e longe, a experiência da sexualidade diz desse momento, diz de um jovem em transição.

Então como ressalta Dawsey “cair na cana”, migrar pode significar, às vezes, o momento em que muitos jovens iniciar-se-ão num outro tipo de ritual de iniciação; ou seja, o da sedução, da paquera, dos enamoramentos. Neste sentido, os risos, as trocas de olhares, os tons coloridos das roupas de moças e rapazes chamam também, a atenção dos demais que, por sua vez, nem sempre verão com bons olhos esta possibilidade da realização de ter “prazer” e trabalho, juntos. Isto se estende tanto ao campo dos afetos quanto do lúdico.

O conflito acontece, justamente quando a noção do espaço em que se está, terra para produção agro-industrial, portanto, terra em que o trabalho é vigiado, controlado e assalariado, se choca com a lembrança da terra que ficou lá atrás, a da “casa” onde se poderia travessamente driblar os olhares vigilantes dos pais para, então, divertir-se correndo atrás de algum animal, olhando à distância, a moça que passa do outro lado da porteira ou então, correndo com ela para algum esconderijo...

Não, nas terras da produção agro-industrial não há espaço para a vida na sua conjugação mais equilibrada; o tempo é de “*ganância*” e exploração, não é tempo para, como aponta Dawsey (1997), “*vagabundagem*” e “*putaria*”. Sim, muitos jovens, moças e rapazes migrantes, vez ou outra, na certa ouviram estas denominações tão pejorativas.

Talvez isto explique por que, nas entrevistas com jovens migrantes quando lhes perguntei sobre namoros, paqueras nos barracões, as respostas que me deram foram silêncios, um “não me lembro de nada, não”, “ah, isso eu não sei...”. Enfim, provavelmente com receios de não serem vistos com bons olhos ou de passarem uma imagem negativa de si ou daqueles que, porventura, se enamoraram durante o período de trabalhos nas fazendas de cana-de-açúcar ou café. Explica também por que certa vez ouvi de uma mulher, na época moradora da cidade, comentários rancorosos, quase como um desabafo público: “*São Paulo é que veio até nós*”.

Estávamos na calçada em que muitos esperam o ônibus da Viação Rio Doce para partirem. Foi então que, sem mais nem menos, ela começou a falar. Em sua fala, queixou-se dos homens que voltam da migração para São Paulo, dizendo que se antes, as pessoas do lugar diziam que as mulheres que também saíam para outros lugares, inclusive São Paulo, iam para lá e se “perdiam”, querendo dizer que perdiam a

virgindade, ficavam grávidas... Agora, “São Paulo é que veio até nós...”, disse-me, porque já não é mais preciso migrar e “cair na cana” para engravidar.

Para esta senhora, os rapazes que migram quando voltam, chegam mais maliciosos e, em contrapartida, com o dinheiro e/ou bens de consumo adquiridos e incorporados a sua “nova” imagem, tais como, tênis coloridos e de marcas “diferentes”, calças *jeans*, camisas de tecidos “finos”, rádios portáteis e outras coisas, tornam-se atraentes para as moças do lugar. Logo, elas vêem a possibilidade de um namoro, uma paquera e nestas investidas, vez ou outra, pode acontecer da moça ficar grávida porque conforme o que me disse esta mulher: “*a menina fica moça, ela já tá pronta, logo ela tá pronta*”.

Todavia, quando se usa termos tão pesados para discriminar e alertar a moça que migra, dizendo que ela vai “se perder” ou engravidar, talvez o que esteja por trás dessa repreensão moral seja a idéia da “perda da virtude”. Cria-se, portanto uma expectativa negativa diante da iniciativa da moça que sai e vai trabalhar em outras terras, longe, às vezes, de seus pais ou irmãos, pois esta iniciativa desestabiliza, também, o costume de que anteriormente se via de mulheres à “casa” e homens ao mundo, à “rua”. Ao migrarem sozinhas, portanto, essas moças dizem e reafirmam para o grupo social ao qual pertencem que elas também vão à “rua”, ao mundo. Por outro lado, hoje, se tais fatos ( perda da virgindade, gravidez precoce) acontecem, também com aquelas que não migram, talvez isto signifique uma grande mudança no “*sistema do lugar*”<sup>134</sup>, no modo correto de ser do ponto de vista do adulto, principalmente dos mais velhos.

#### **5.1.4. Achanti: cartas, substantivo generoso, “generoso”...**

Se as questões relacionadas com a sexualidade dos jovens de Chapada do Norte provocam-lhes sabores e dissabores, também é fato o conflito que vai sendo gestado pelas fantasias silenciadas, quase sempre frustradas pela impossibilidade de vê-las realizadas. Por outro lado, existe a possibilidade de fazer uso do poder da imaginação e migrar sem sair do lugar... Refiro-me às experiências de jovens apadrinhados no Programa de Apadrinhamento do Fundo Cristão através da Achanti (Associação

---

<sup>134</sup> Cf. GODOI, E.P. de, Op. cit.

Chapadense de Assistência ao Trabalhador Rural e à Infância) por meio das correspondências que são trocadas por crianças e jovens com seus padrinhos estrangeiros.

As cartas dos jovens e crianças apadrinhados no Programa de Apadrinhamentos do Fundo Cristão Para Infância junto à Achanti aparecem como uma forma “generosa” de agradecimento, de “dar” satisfações sobre o que se faz com o dinheiro que este padrinho remete para aquela criança ou jovem, mensalmente ou em aniversários. Ou seja, todo mês os apadrinhados são “obrigados” a escrever ou copiar uma carta para o padrinho e/ou madrinha.

As cartas, todas, têm um padrão que, independente do apadrinhado estar melhor ou pior alfabetizado, acaba não saindo da repetição. Os que são menores e/ou estão com dificuldades para escrever copiam as cartas que são, padronizadamente, escritas pelos funcionários da Achanti ou pelas mães que saibam escrever. Assim, criança e jovem fazem uma cópia do texto sem ter, muitas vezes, conhecimento do que está copiando. Eles sabem que têm que agradecer o presente e/ou dinheiro que usam para a sua compra; dizer que estão indo bem na escola, mesmo que não estejam; que gostam de estudar.

Por isto, parto para um mergulho que rompe com as barreiras do espaço e do tempo para adentrar as esferas de uma interlocução que chamarei de generosa, porque tem o caráter de estreitar laços afetivos, matar saudade, enfim; e, de “generosa”, porque tem o aspecto duplo, contemplando o primeiro, portanto, mas assinalando laços de dependência e sutil subordinação, pois que tratam-se de interlocuções “obrigatórias” como parte deste programa de apadrinhamentos que, por sua vez, exerce um efeito perverso junto àqueles que assiste, subordinando-os enquanto sujeitos dependentes e carentes. Em outras palavras, hierarquizados pela filantropia, ocupam o lugar dos que estão abaixo, enquanto que o padrinho é aquele que está acima e distante.

Estas correspondências aparecem com conteúdos direcionados e dirigidos, porém, não isentas de subjetividades, expectativas... Abaixo, duas cartas que me foram lidas por suas autoras, duas jovens, ambas da mesma comunidade rural, a primeira com quinze anos de idade e a segunda, com treze anos:

Carta (A)

“Chapada do Norte, F.H.P.

*Saudações*

*Querido padrinho, nós aqui, até o presente momento que escrevo, eu e toda minha família estamos todos bem. Eu já estou estudando a oitava série do primeiro ciclo, e também fiquei muito feliz com o começo das aulas. Adoro estudar, porque é com estudo que nós aprendemos o sentido da vida.*

*Padrinho eu fiquei muito feliz com o presente de natal de 5 dólares que na nossa moeda corresponde a R\$ 7,98. Com este dinheiro eu vou comprar uma sandália. Muito obrigada por este presente. Desejo tudo de bom para você e toda a sua família.*

*Um feliz ano de 1999.*

*Um abraço,  
sua afilhada”.*

*Carta (B)*

*“Chapada do Norte, F.H.P.*

*Queridos padrinhos*

*É com muito prazer e carinho que eu escrevo esta cartinha para dar a todos vocês notícias minha e de toda minha família.*

*Em primeiro lugar eu estou muito bem de saúde e a minha família também. Estou na sétima série do primeiro ciclo. Gosto muito de estudar, prefiro mais inglês pois é uma língua muito diferente. O que eu mais quero na minha vida é conhecer vocês e novas línguas. Recebi o presente de natal de 10 dólares que na nossa moeda corresponde a R\$ 15, 95. Vou comprar livros escolares e uma mini-blusa, pois aqui está fazendo muito calor. A falta de água aqui é muito comum pois a seca está muito brava.*

*Te agradeço muito.”*

Perguntei para uma funcionária desta associação, se os apadrinhados, à medida que vão crescendo, aumentam a sua afeição pelo padrinho. Ela me disse que depende da comunidade, mas no geral, quando eles vão crescendo vão ficando mais afeiçoados ao padrinho e o importante é ter um padrinho para se corresponder, querer conhecer o país, a cidade do padrinho. O fato dos padrinhos estarem longe aguça a curiosidade dos apadrinhados, alguns até começam ler mais mapas para poderem descobrir onde está o seu padrinho.

Quanto ao dinheiro que lhes são endereçados mensalmente, perguntei-lhe se este é o maior interesse dos pais e ela me disse que estes estão interessados no dinheiro também, mas acha que é mínimo, pois o interesse maior é pelo padrinho, manter a relação com quem está distante. Ao que tudo indica os jovens esperam, algum dia, que o padrinho lhes convide para conhecer seu país, sua cidade, enfim, à medida que vão crescendo a esperança de sair do lugar com tantas dificuldades, também, vão sendo alimentadas. Os pais, por sua vez, esperam que o padrinho continue ajudando seu(s) filho(s) e, muitas vezes, a família também.

Uma outra carta, agora de um padrinho, me foi lida pela funcionária da associação no dia em que a entregou para a irmã do jovem apadrinhado. Esta lhe informou que seu irmão não se encontrava na comunidade, pois estava em São Paulo. A funcionária lhe disse que isto não podia porque ele tinha que estar na comunidade e estudando. A irmã disse que ele estava lá estudando, não estava parado. Então ela pediu-lhe para entrar em contato com seu irmão, para entregar a carta e escrever outra, contando ao padrinho que está fora da comunidade mas que está estudando. Estudar é condição “*sine qua non*” para que a criança/ jovem continue sendo apadrinhado.

*“Querido [nome do apadrinhado]*

*Saudações de Natal para você e sua família*

*Espero que esta estação de paz encontre todos vocês bem. Tudo está bem comigo. Eu vou passar este natal na Malásia. Eu estou tentando colocar em dia todas as minhas correspondências, o que significa que eu tenho muito para fazer, porque o ano passado foi muito apertado para mim, e eu não pude escrever o tanto quanto eu deveria.*

*Meu maior projeto foi ter o vice-presidente dos Estados Unidos vindo na Malásia para encontrar com outros 21 líderes de Estado. Como eu trabalho na Embaixada aqui, a minha responsabilidade foi cuidar de toda a carga e passagem de avião. Nosso vice-presidente não viaja sem proteção; ele precisa de mecanismos de comunicação especial; carro blindado e muitos e muitos conselheiros.*

*Eu fiquei ocupado durante dois meses só preparando as coisas e tinha muitas mudanças para cuidar. Estou contente porque tudo terminou agora, portanto, eu posso relaxar nestes feriados. Você tinha mencionado antes que você não tinha chuva suficiente, ainda está assim. A Malásia teve muitos problemas o ano passado. Kuala Lumpur, a capital*

*onde nós moramos agora, teve que racionar água durante seis meses. A selva nas ilhas que ficam envolta da Malásia ficou tão seca que ela começou a queimar e durante três meses a cidade ficou coberta de fumaça. Não foram tempos divertidos aqui.*

*Espero que a chuva chegue em breve prá vocês para que você não tenha, também, que passar por estes problemas. Como sempre eu fico contente por saber que você está tirando boas notas. Eu também fiquei contente por saber que você gosta de geografia e história. Como geógrafo eu tenho me considerado de muita sorte porque eu estou vendo muitos lugares. Além dos Estados Unidos, eu morei na Alemanha, Japão, Inglaterra, Coréia e agora na Malásia. Tem sido muito divertido e eu tenho aprendido muito.*

*No próximo mês eu vou começar a lecionar uma aula de geografia mundial na Universidade de Maryland que tem uma cidade universitária em Kollum. Como eu gosto muito de geografia eu acho que é divertido lecionar também. Estou também contente por saber que você gosta do seu trabalho. Eu acho que é muito importante gostar daquilo que faz. Sua vida será mais feliz assim. Eu tenho sido abençoado porque eu tenho tido sempre trabalhos interessantes e excitantes.*

*Eu ficaria honrado em experimentar o seu mel, mas não tenho certeza se é possível mandá-lo para mim. Talvez nós possamos tentar. Eu vou mandar um dinheiro através do Fundo Cristão Para Crianças para a tarifa do correio do mesmo modo que eu mando seus presentes de natal e aniversário. Se for possível mandar o mel pelo correio, você pode mandá-lo para o meu endereço nos Estados Unidos que ele vai chegar para mim na Malásia. Um quilo de mel deve ser muito para mandar, portanto, mande uma quantidade razoável e se for muito difícil para mandar, eu vou entender. Mas agradeço por tentar. Embrulhe bem para proteger o mel, ele tem que fazer um longo caminho.*

*Eu desejo a você e sua família uma abençoado ano novo.*

*Se padrinho, [nome do padrinho]”*

Esta carta do padrinho coloca para o jovem apadrinhado muitas informações que, indiretamente, o mantém ligado àquele mundo, o de seu padrinho, de tal forma que aquele lhe possa ser muito mais interessante, pois, sempre lhe darão margens à comparações e asas à sua imaginação. Isto significa que os apadrinhados sonham com a possibilidade de “outra” migração e migram, desde já, para outros mundos sem saírem do seu lugar.

As projeções que o jovem faz através da influência do padrinho, ou seja, gostar de disciplinas que correspondam à profissão do padrinho, geógrafo – uma tentativa consciente ou inconsciente de maior aproximação e empatia possível -, também pode ser percebida na carta do padrinho. Acrescenta ainda, sobre uma atividade profissionalizante que a associação desenvolve, a apicultura. Atividade esta, que desperta interesse junto aos jovens.

Assim sendo, as passagens das cartas acima, principalmente das moças apadrinhadas, são exemplos de uma “generosidade” ambígua. Porém, as correspondências mais do que comunicar, têm o poder de fazer chegar ao Outro um pouco do que se armazena no peito, um pouco de suas emoções, de seu carinho e de seus sonhos.

Sonhos que retornam também em trechos de cartas de jovens para a pesquisadora. Trata-se, neste caso de utilizar-se de *documentos pessoais* dos sujeitos investigados, de tal modo, que possamos conhecer através da e na primeira pessoa, seus pontos de vista, suas inquietações dentro deste contexto investigado ou fora dele. Portanto, “o *critério para chamar ao material escrito documentos pessoais é de que é auto-revelador da visão que a pessoa tem das suas experiências*” (Allport apud Bogdan e Biklen, 1994:177). Sendo assim, o que se observa no conteúdo destas cartas é a ênfase no termo-sentimento saudades...

*“Chapada do Norte*

*Saudades*

*Oi Vanda ! Tudo bem contigo. Estou te escrevendo pois estou morrendo de saudade  
estou sentindo muito a sua falta.*

*Espero que você volte logo*

*aqui ninguém esqueceu de você, (...)*

*Todos nós sentimos muito a sua falta. Estamos te esperando.*

*(...)*

*Lembrança de (...)*

*É só.*

*Beijos!*

*Ass: Eu”<sup>135</sup>*

*“Chapada do Norte*

*Oi amiga Vanda;*

*Tudo bem com você, espero que sim. Espero que ao você receber estas simples palavras você esteja mergulhando em mar de rosas de felicidade.*

*(...) Na quinta que você foi embora que a banda começou a tocar que o som começou a funcionar lembrei-me como você iria gostar da festa.*

*Me sinto uma pessoa muito feliz hoje devido as boas amizades que tenho e a pessoa que eu amo que é minha namorada que é difícil resistir a sua ausência.*

*olha desejo que você seja muito feliz, isto porque a felicidade consiste em se fazer aquilo que gostamos de fazer.*

*(...) Sinto saudade sua.*

*de Seu amigo”<sup>136</sup>*

Ao receber as cartas destes sujeitos-investigados não pude deixar de ficar contente com os sentimentos que, por mim, foram despertados. Sentimentos estes, que, nas entrelinhas querem demonstrar o fio tênue entre a amizade e o amor. Principalmente no trecho da segunda carta que diz, “(...) *me sinto muito feliz hoje devido as boas amizades que tenho e a pessoa que eu amo que é minha namorada que é difícil resistir a sua ausência. (...)*”. De que amor fala este narrador: do amor entre um rapaz e uma moça que está ausente? Ou do amor projetado em alguém que está longe, um amor platônico que somente ele, o narrador, tem conhecimento? Ambos são plenamente possíveis.

Tanto na carta da jovem [ 22 anos ] quanto na do rapaz [ 23 anos ], o sentimento da saudade gerou ação, projetou-os ao que está longe. Diz Saramago,

*“... a verdade é que sentimentos de ausência, de necessidade do que está longe, qualquer ser humano que ame ou que tenha uma relação sentimental forte sente. Porque, no*

<sup>135</sup> Trata-se da carta de uma moça entrevistada [ 22 anos, 2º ano do 2º grau ], enviada em 17/11/1998, que mora em república para poder estudar. Aos finais de semana, volta para sua casa na zona rural.

<sup>136</sup> Este, um rapaz entrevistado [23 anos, 2º grau completo – magistério, empregado] morador da cidade

*fundo, eu penso que isso a que nós chamamos saudade é uma forma de tristeza, não trágica, não dramática, uma espécie de tristeza doce. (...)”*<sup>137</sup>

Conforme coloca DaMatta (1992) saudade é um conceito que abarca uma experiência universal, pois é comum a todos os homens em todas as sociedades. Neste sentido, a saudade irrompe como categoria social dando-nos a “*concepção específica de tempo*”, pois traz em si a “*experiência universal da passagem, da duração, demarcação e consciência reflexiva do tempo*”.

Neste sentido, diz o pesquisador que a saudade fala aos homens do “*tempo por dentro*”. Ela nos faz refletir sobre a experiência da temporalidade à qual reversivelmente atribuímos alguma qualidade. Portanto, quando sentimos saudades estamos invocando e dialogando com “pedaços de tempo”, diz ele. Estes podem ser bons ou ruins, mas na maioria da vezes, é com os bons tempos que se quer reencontrar, recordar. Para ele,

*“ (...) a saudade nos foi dada coletivamente. Ela está dentro e fora de nós, como estamos todos dentro de uma imensa saudade coletiva que nos engloba e que nos faz hesitar e desconfiar de visões muito positivas do futuro,(...). De confrontarmos sempre negativamente passado e futuro, discutindo pouco o lugar do presente e o presente como lugar (...)”* (1992).

Por isto, o ontem se inscreve como percepção do como a vida foi boa ou do como se foi feliz e o amanhã, como um outro dia. Ou seja, quando um pesquisador passa pela vida, se insere no cotidiano das pessoas, entrevistando-as, partilhando e compartilhando de particularidades um do outro, isto é uma forma de interferir no presente, no hoje destas pessoas. Não é diferente, com o padrinho que nunca se viu, mas que está em seu mundo, tanto quanto o mundo que ele representa.

Portanto, quando se parte se deixa a lembrança do que houve, e, de certa forma, sempre fica algo de bom dessa relação pesquisador-pesquisado; padrinho-apadrinhado ou, simplesmente do que foi lembrado, do que foi trazido à tona através das entrevistas e ou das cartas; fica a expectativa de que haverá uma volta, no caso da pesquisadora; um

---

<sup>137</sup> Trecho da entrevista de José Saramago concedida à Jair Rattner. In **Caderno Mais!**. Jornal Folha de S.

encontro, no caso do padrinho distante, se não... isto também já bastou, pois o que fica é a relação, o retorno àquele ontem ou à possibilidade do amanhã... Mas, é este sentimento saudade, comum entre todos, que marca também o cotidiano dos moradores de Chapada, sobretudo após os períodos de festa quando filhos, parentes e amigos partem...

### 5.1.5. O teatro: instrumento de transformação, de recuperação da auto-estima

“&

*O fio do sonho é apenas um cabelo.*

*Mas se ele pinta na cabeça*

*é bom deixá-lo crescer.”*

(Eudoro Augusto, “26 Poetas Hoje – antologia”, 1998:173)

Se, para alguns adultos, os jovens rurbanos de Chapada do Norte “*não têm nada na cabeça*”, para outros<sup>138</sup> e para os próprios jovens, eles têm, sim:

*“E: \_ Eu acho que tem, tipo, pelo menos, em termos de cultura.... porque assim, teatro, aqui em Chapada tinha muito teatro; tinha, não, tem um grupo de teatro que era só do pessoal mais jovem, só do pessoal. Tinha muito menino no teatro, a maioria era... crianças de menos de 15 anos, poucas pessoas até 25 anos...”*

*P: \_ Sei ?...*

*E: \_ Tinha uma rádio, aqui na cidade, um grupo de teatro que era só gente jovem, pessoa de 20 anos...*

*P: \_ Acabou? ...*

*E: \_ A rádio?*

*P: \_ É!*

*E: \_ A rádio ela não acabou. Tem aquela parte... Mas é o seguinte, para uma rádio funcionar não é só chegar, apresentar e deixar o pau quebrar, não. Falta de incentivo. Nós começamos com a rádio, tem muito tempo aí com a rádio, ninguém punha anúncio na rádio, não tinha comercial, não tinha, nada. Nós fechamos a rádio. Tinha essa rádio, tinha um grupo de teatro, tinha um movimento de cultura aqui em Chapada que acabou,*

---

Paulo. Domingo, 28 de junho de 1992, p. 6-7.

<sup>138</sup> Cf. entrevista com uma professora da cidade, perguntei-lhe se ela achava que o jovem *não tem nada na cabeça*: “*Não! [risos] Eu acho que ele tem, alguma coisa ele tem.(...) Tem jovem que está aí prá fazer*

*também, só de pessoas jovens... e esse pessoal mais idoso, o que que eles fazem? Fazem nada.*

O jovem entrevistado chama atenção para os muitos feitos que os jovens da cidade, organizados, conseguiram, deixando subentendido que estes foram e são importantes para o lugar<sup>139</sup>.

Neste sentido, é importante conhecermos, brevemente, a história do grupo Teatral Curutuba. Este nasceu da iniciativa de um animador cultural, com larga experiência adquirida no município de Pesqueira- PE, sua terra natal. Portanto, a história deste grupo/projeto está entrelaçada à vida deste homem, médico, chamado por todos de doutor Joaquim.

*“Grupo Teatral Curutuba, é uma entidade cultural registrada oficialmente, cartório de Minas Novas – MG, cadastrada na Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais, Federação de teatro de Minas Gerais, pertencente ao movimento teatral Ziriguidum Art. Circus – Pesqueira – Pernambuco – Chapada do Norte – MG.”<sup>140</sup>*

A questão posta como projeto de formação do grupo teatral diz respeito à valorização da cultura local, através da iniciação de crianças e jovens no ato de representar, antes, conscientizados de sua origem africana, defendidas por este fundador, doutor Joaquim. Ou seja, para ele, o teatro surge como agente de transformação e conscientização, uma vez que, visa resgatar as raízes afros. Segundo ele, este município teria sido um ex-quilombo e, portanto, seus descendentes trariam um passado de luta que reporta-os à mãe África, então, capturados e vendidos como escravos aos colonizadores. O resgate deste passado ou desta cultura primeira, “original” é que defende com convicção.

Grande parte desta convicção é difundida pelo grupo cuja formação é de jovens e crianças, na maior parte, negros, filhos de famílias com renda mínima. Deste modo, a

---

*alguma coisa. [idem] Eu acho que basta incentivo, alguma coisa assim. O jovem tem muita coisa...* [sexo feminino, 36 anos, professora de história de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série na cidade, casada, moradora da cidade]

<sup>139</sup> Tão importante que, foi através de um informativo do grupo de Teatro Curutuba, distribuído em um dos *Festivales* (Minas Novas, 1993) que fiquei sabendo sobre a cidade.

<sup>140</sup> Cf. documento/informativo do grupo.

função do teatro seria justamente de desinibí-los e orientá-los para valorizar sua própria cultura. Melhor ainda é a definição de uma moça, membro do grupo de teatro, sobre qual o papel do teatro:

*“E: \_ ... Mas prá quem quer ver o teatro da forma de viver, aprender com a vida ou passar alguma coisa, alguma mensagem... pelo menos isso. Pelo menos o grupo de teatro é isso. Ele tenta é... não solucionar tudo, mas ele tenta fazer com que a pessoa... desperta alguma coisa na pessoa prá tentar [incompreensível] solucionar.”* [sexo feminino, 19 anos, 8ª série do 1º ciclo, estudante, empregada, moradora da cidade]

No entanto, a postura deste animador cultural gera polêmicas, tanto entre investigadores, quanto entre moradores mais antigos da cidade. Para os primeiros, a controvérsia já começa pelo fato de que não existem dados históricos que comprovem que o município teria sido um quilombo e, basear-se apenas no fenótipo negro de seus moradores para justificá-lo, também não satisfaz. Em contrapartida, para os moradores mais antigos, divergem deste, principalmente, nas suas participações na Festa de Nossa Senhora do Rosário quando tenta modificar práticas mais antigas, tais como, no *Mastro a Cavallo*, no *Tambor* e/ou modos de vestir dos *reis*.<sup>141</sup>

Controvérsias à parte, é inegável a influência deste animador junto ao grupo de Teatro; influência esta que extrapola a condição de simples diretor. Ela se faz presente, principalmente, na formação destes jovens. Neste sentido, assume, muitas vezes, o papel de um pai, orientando-os, principalmente, quanto a sexualidade, conforme o que me disse a jovem entrevistada [19 anos]:

*“E: \_ (...)O Dr. Joaquim é assim... se tem uma pessoa que eu poderia chamar de pai, é ele.(...) Que ele [incompreensível], educação sexual, moral, sabe, vida? Ser uma pessoa assim, sabe, de espírito limpo, bom. Ele sempre falava, não adianta a pessoa ter ganância, não adianta a pessoa ser má, maltratar as outras pessoas, a pessoa tem que ser é boa. Sabe, tudo, tudo, tudo ele falava! (...) Ele era pai, era tudo... Sabe, tudo ele fazia!” [idem]*

Não desconsiderando o papel de “pai”-educador, é importante salientar o trabalho de recuperação da auto-estima que o teatro, assim como aquele que o organizou, desenvolveu (e vem desenvolvendo) junto aos jovens e crianças, assim como, às pessoas que fazem parte do grupo de Congada. Usando o discurso de recuperar uma cultura africana, portanto, berço da identidade destes moradores, o fez de modo que não se vissem apenas na condição de escravos, submissos, animalizados... enfim, mas como, descendentes de nações, de reis e rainha.

---

<sup>141</sup> Cf. PORTO, L. de M. Op. cit., 1997, p. 126-129.

Entretanto, o convívio destes jovens, principalmente, das moças com o coletivo está marcado por policiamentos, desconfianças que se dão, inicialmente, no interior dos próprios lares. Ou seja, os pais, quase sempre, desconfiam desta atividade que, para eles, lhes parecem desviadoras das boas condutas morais. Conforme o que me relatou a jovem entrevistada [19 anos]:

*“E: \_ No início, minha mãe falava: ‘não, o teatro é prá prostituta, o teatro é prá veado, o teatro é prá doido...’, tudo mais. Eu bati o pé, briguei com mãe, briguei bastante, mas eu viajo. Eu já tomei tapa na cara, assim, ó [demonstra], antes de eu sair para viajar com o Dr. Joaquim, por causa disso. Mãe bateu em mim porque eu queria ir pro festival, primeira vez que eu participei do festival, aí, ela não queria deixar... porque ela acha assim, a gente sai, eu vou aprontar uma, a gente vai ficar grávida, a gente vai fazer isso, sabe?”*

*P: \_ Hum, hum...*

*E: \_ Ela acha que é cachorrada. Mas aí depois ela foi entendendo, foi entendendo. Aos poucos, você sabe, prá mudar a cabeça de uma pessoa que... é assim, já viveu bastante, é difícil prá atualizar ela no que a gente vive hoje. Até hoje, ela fala, ela fala assim: ‘ah, cê ganha mais dinheiro indo no mato buscando coisa de lenha, do que cê ficá, aí, ó! ...’ Eu falo, assim: ‘ô mãe, não é de lenha que a gente vive não, mãe. Ela fala assim: ‘você é preguiçosa.’ Eu não sou preguiçosa, não. (...)” [idem]*

Perguntei para a moça se os moradores da cidade, de maneira geral, percebem o grupo de teatro com esta mesma mentalidade. Ela me disse que não, mas, ao relatar-me uma experiência vivida com um morador, a contradição fica evidente:

*“E: \_ Eu acho que não, com essa mentalidade, não. Mas qualquer coisa que aconteça com algum elemento do grupo, eles atiram pedra, atiram, atiram. Grupo prá eles, sabe assim, eu já ouvi uma pessoa chegando perto de mim e falou assim: ‘ô, não é querendo falá alguma coisa pro cê, não...’ e me perguntou: ‘você é virgem?’ Eu falei: por que você está me perguntando isso? ‘É porque o cara... cê passou, o cara falou, assim: é, essa menina dessa é que aproveita nessas viagens.’ Eu senti uma coisa tão ruim, assim. Eu falei assim: nossa, ‘putsgrila’, prá que isso? Aí eu virei e falei: quem falou? Ele falou*

*assim: ‘não, eu não vou falar pro cê, não, porque não vale a pena.’ Eu falei assim: eu gostaria de saber prá mim poder explicar a ele o que é teatro, realmente. (...)”*

No âmbito escolar, porém, a atuação do grupo, pelo menos junto a escola estadual da cidade, *Monsenhor Mendes*, busca trabalhar com os alunos, conscientizando-os de sua cultura local, da problemática da migração para o trabalho no corte de cana-de-açúcar, *panha* do café, segundo a entrevistada. Com isto, a encenação surge como mais um instrumento didático no aperfeiçoamento do aprendizado. Assim sendo, frente aos demais jovens do segmento estudantil, o grupo teatral Curutuba acaba ganhando respeito e reconhecimento.

Contudo, constatei que estes jovens, membros do grupo de teatro, posicionam-se diferentemente de uma grande maioria juvenil que, envergonhados, muitas vezes, omitem suas opiniões, pois, quase sempre, não se sentem capazes de elaborar suas idéias. Não que ser membro do grupo, os fazem melhores do que os demais, não se trata disso. Trata-se de demonstrar que, mesmo numa sociedade que se mostra, nos vários momentos, fechada, conservadora, a existência deste segmento artístico-cultural anuncia brechas, fendas pelas quais passam luzes que clareiam, que anunciam novos, outros horizontes. É na diversidade dos modos de ser, viver e sentir, em diferentes espaços que moças e rapazes expressam a condição de serem jovens em Chapada do Norte.

#### **5.1.6. Ser jovem é...**

Através dos questionários as moças, (a) moradoras na zona rural vivendo em república na cidade e (b) moças da própria cidade, me responderam sobre o que é ser jovem:

– *“Uma ótima, é uma fase da vida que deve ser mais aproveitada.”* [ 22 anos, (a) ]

– *“Ser jovem é ter liberdade, é saber que esta é a melhor fase de nossa vida. É também saber que em nossas vidas temos direito de pensar, de questionar, etc. Mas principalmente, em saber também que temos deveres a cumprir.”* [ 21 anos, (a) ]

\_ *“É a fase mais empolgante e interessante na vida de um ser”* [19 anos, (b)]

\_ *“É viver intensamente cada dia e cada instante”* [ 21 anos, (b)]

Já os, (a) rapazes moradores na zona rural vivendo temporariamente na cidade em repúblicas e (b) um rapaz da cidade, responderam da seguinte maneira:

\_ *“É participar de tudo aquilo que é bom; fazer tudo aquilo que deve ser feito, curtir a juventude.”* [ 18 anos, (a) ]

\_ *“Ser jovem é participar de todas as atividades na sociedade, respeitando para ser respeitado.”* [ 18 anos, (a) ]

\_ *“É conhecer de todas as maneiras o mundo, corrigir a si próprio, é viver no ritmo social uma parte das coisas.”* [23 anos, (b)]

Tanto as moças da zona rural que moram em república quanto as moças da cidade encaram positivamente esta fase, pois percebem que esta é para “aproveitar a vida”, “ter liberdade”, “viver intensamente”, “curtir a juventude”, enfim é para elas uma “ótima fase” que deve, portanto, ser vivida com liberdade. Assim, as respostas dos rapazes também não se distanciam das respostas das moças, mas acrescentam outras informações: o desejo de ser respeitado a partir do próprio ato de respeitar (resposta do rapaz da zona rural vivendo temporariamente na cidade, 18 anos) e a consciência do aprendizado a partir do conhecimento do mundo, mas dentro do ritmo (= limites) do grupo (resposta do rapaz da cidade, 23 anos) o que significa que existe para eles a necessidade e a vontade do reconhecimento do grupo. No entanto, estas respostas pareceram-me a tradução de um significado de ser jovem que é o esperado, mas será que é o vivido?

Deste modo, quando lhes perguntei como é ser jovem em Chapada do Norte?, as respostas destes rapazes foram estas:

\_ *“ Não é muito bom pois não temos uma juventude unida.”* [ 18 anos, (a) ]

\_ *“Não é muito legal pois tem um pessoal complicado.” [ 18 anos, (a) ]*

\_ *“Alguns são considerados chefes cabeças, devido a maneira de existir e exigir, ou por eles não se convém, ocupa o tempo a beber, como se não houvesse nada para levar adiante.” [ 23 anos, (b)]*

Portanto, quando o assunto diz respeito ao “como é” ser jovem em Chapada do Norte, os rapazes demonstraram nestas respostas o lado negativo desta fase vivida no lugar. Em contraste com as respostas das moças para “o que é” ser jovem, estas completam-se como as duas faces de uma mesma moeda – ser jovem -, mas automaticamente se contradizem no que revelam o que é desejado e o que é vivido.

Também é interessante ressaltar que as respostas dos dois primeiros rapazes (da zona rural vivendo temporariamente em república) refletem as dificuldades que muitos encontram, inicialmente, para relacionarem-se com os outros rapazes da cidade. Estes, por sua vez, são mais desinibidos, enquanto que os da zona rural, ainda tímidos vêm-se na condição de tentarem vencer a timidez para, então, serem incorporados em algum grupo. Isto demanda tempo, às vezes até o período de um ano letivo.

Já, das duas moças moradoras da zona rural vivendo em república na cidade, somente uma me respondeu sobre “como é” ser jovem em Chapada do Norte:

\_ *“É algo de muita importância, pelo fato da gente poder carregar na bagagem da vida histórias de muitas dificuldades da nossa cidade, que poderão ser no futuro usadas como experiência de vida.” [ 21 anos, (a) ]*

Depois entreguei o questionário para duas moças da cidade que responderam o seguinte:

\_ *“Bom, usando um ditado popular para expressar melhor é: ‘ser jovem em Chapada é padecer no paraíso.’” [19 anos, (b)]*

– *“Não sei explicar muito bem, pois a minha juventude não foi exatamente em Chapada. Mas o pouco que vi e vivi deu para perceber que o mundinho dos jovens daqui é bem pequeno e que eles devem sair e conhecer o mundo lá fora.”* [ 21 anos, (b)]

Para a moça da zona rural [21anos, (a)] ser jovem em Chapada significa conviver com as dificuldades, de tal modo que estas resultem em experiência (=aprendizado) que lhe servirá no futuro. Então, para ela, o futuro não é imediato e, portanto, talvez exista um projeto mais ambicioso de vida.

No entanto, a primeira resposta dada pela moça moradora da cidade [19 anos] deve ser enfatizada como o reflexo dos muitos contrastes entre o dito e o não-dito, o desejado e o vivido por estes jovens, da cidade ou da roça, de Chapada do Norte. É tão mais significativo ou semelhante à imagem de alguém que “morre de sede frente ao mar”, pois se existe a possibilidade do mergulho, também existe o medo diante dessa mesma possibilidade.

O teor metafórico alude sobre as vantagens de se sentir seguro junto aos seus e ser preparado para seguir o que é esperado pelo grupo – seja um bom casamento, para moças e rapazes; uma boa profissão, sobretudo para o rapaz – versus a falta de perspectiva que os desilude da escola como meio a prepará-los para uma profissão; assim como, um legado de horizontes restrito oferecido pela própria família, como consequência de uma vida também de privações.

Deste modo, o ímpeto (muitas vezes forçado) de partir rumo às novas descobertas, outras frentes que dizem respeito, inclusive, mudar de cidade, procurar um centro maior para prosseguir nos estudos, ter uma profissão qualificada, se colocam. Mas tudo fica tão longe: a geografia se impõe; os sentimentos de afeto, os laços familiares, as amizades sinceras e fortalecedoras marcam os rumos, as escolhas desses jovens.

Assim, ao conviver com estes jovens da zona rural vivendo em república na cidade tive a medida desses conflitos, pelo menos de uma parte; das iniciativas e das pequenas, mas significativas transformações que são oriundas do próprio processo de amadurecimento de cada um deles, cada um a seu tempo.

Portanto, no ano seguinte (1999), quando fui visitar as moças que haviam me hospedado na república, soube por uma delas [22 anos] que a formação anterior havia

sido desfeita. Sua irmã [21 anos] concluiu o 2º grau e foi embora para São Paulo, trabalhar como vendedora numa das lojas de uma tia<sup>142</sup>. Ela [22 anos] juntou-se com outras moças e somente seu irmão foi junto para a nova república. Um outro morador da antiga república estava com outros rapazes em uma casa alugada, muito próxima desta em que esta jovem reside atualmente. Em média, tem um circuito de repúblicas que acabam sendo, quase sempre, perto umas das outras.

É importante lembrar que na república em que fiquei, moravam cinco jovens da zona rural. Houve um rapaz que recusou o gravador e também o questionário, pois não me devolveu. Mas conseguimos conversar, de maneira até que fora dos padrões da casa, em se tratando de um rapaz, pois estes não falavam muito<sup>143</sup>, ainda mais com uma moça de fora e, ainda por cima, pesquisadora. Quando a música começava a tocar... corria e aumentava o volume. O trecho desta música que era de sua preferência é significativo, pois fala da existência do sonho apesar das dificuldades. Diz o refrão: “...*Mas ela diz que apesar de tudo ela tem sonhos/ Ela diz que um dia ainda há de ser feliz/ Se Deus quiser ! (...)*”<sup>144</sup>

Este jovem [19 anos] trabalhava como agente sanitário na prefeitura. Falou-me com bastante orgulho de ser filho de seu pai que, segundo ele, goza de um certo prestígio no lugar e por isso as coisas para ele eram mais fáceis, inclusive arrumar emprego. Disse-me: “*é só você falar de quem você é filho e as portas mais ou menos se abrem*”. Seu pai cria gado e planta cana-de-açúcar para fazer ração e rapadura. Assim, tem uma certa renda que lhe possibilita mantê-lo estudando. Mas reconhece que “*antigamente a terra tinha valor; gado tinha valor, hoje terra tá custando pouco, tem pouco valor*”.

Contou-me: “*o velho lá em casa sempre passou prá gente respeito, educação*”. Mas disse-me que seu pai teve muitas decepções com seus irmãos mais velhos: a irmã foi estudar fora para fazer o 2º grau e no 2º ano engravidou, acabou casando; o irmão,

<sup>142</sup> Este é um exemplo, mas também existem os jovens que vêm para a cidade estudar, concluem o 2º grau e depois voltam para a zona rural e distanciam-se das amizades estabelecidas na mesma.

<sup>143</sup> Cf. MARTINS, J. de S. (coord.): “(...) *Em suma, há outra diferenciação social cuja relevância não é pequena: há os que falam e há os que silenciam e falam por meio do silêncio. São os que foram calados, excluídos e marginalizados das tribunas da vida, obrigados a dissimular o seu dizer no gesto e na metáfora* (Martins, 1989<sup>a</sup>: 117-118). (...)”. In “Regimar e seus amigos – a criança na luta pela terra e pela vida”. **O MASSACRE DOS INOCENTES – a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 55.

<sup>144</sup> Da música “Janáina” cantada pelo grupo de rock nacional **Biquini Cavado**.

também morando fora em república, envolveu-se com mulheres, drogas: *“as festinhas que eles faziam estavam estragando a casa do cara...”*. O seu pai quer que ele continue os estudos, mas ele disse que não quer porque está desanimado e prefere trabalhar. Só que não vai ser exercendo a profissão do magistério, pois não tem jeito para lidar com crianças. Foi fazer porque o científico estava muito difícil, confessou.

Perguntei-lhe se ele tinha algum sonho? Ele respondeu: *“Fazer Direito, mas é difícil de conseguir porque estou muito desanimado”* [19 anos]. Depois, soube que ele havia terminado o magistério e tinha ido embora. Na seqüência apresento os sonhos dos outros rapazes da zona rural moradores em república na cidade:

\_ *“Sim. Formar em odontologia construir um futuro bom para minha família e ser feliz com uma pessoa que seja feliz comigo”* [18 anos]

\_ *“(..) ter uma boa profissão e ganhar um bom salário”* [ 18 anos].

As moças responderam o seguinte sobre seus sonhos:

\_ *“Sim. Ser feliz, casar com um homem bonito”* [ 22 anos ]

\_ *“Sim. Meus sonhos são: me formar, terminar os meus estudos trabalhar, ter o meu próprio dinheiro e ser uma pessoa realizada, ser muito feliz”* [ 21 anos]

É importante ressaltar que ao perguntar para estes jovens se eles tinham algum sonho, as respostas foram associadas diretamente com a possibilidade da realização profissional e pessoal; ou seja, são sonhos que projetam um ideal de futuro no presente, pois traduz a consciência de que este depende do que se está plantando, agora.

Os depoimentos revelam também, a expectativa que estes jovens têm de serem pessoas respeitadas, de serem cidadãos com perspectivas de trabalho e respeito perante a sociedade. Este sonho está traduzido na resposta dada por um jovem morador da cidade: *“Sim e como, o que mais quero é ser uma pessoa que consiga um direito de trabalhar na sociedade como uma pessoa de auto-estima, não que sou, mas em outra fase.”* [sexo masculino, 23 anos].

Mas acima de tudo, todos querem ser felizes, não só individualmente mas coletivamente, pois pensam na felicidade de sua família e isto se traduz na supressão das dificuldades financeiras, predominante. Muitos jovens sentem-se na “obrigação” de retribuírem os esforços que seus pais tiveram para criá-los. Há também exemplos de jovens mais politizados que pensam, inclusive, na possibilidade de transformação da cidade:

*“E: \_ O que eu tenho pensado é... um dia, ah, não sei... Assim, poder fazer alguma coisa para tirar Chapada da situação que Chapada é. Chapada é o seguinte: aqui são...pode-se dizer, são coronéis. Eles mandam. A gente não sabe de nada que acontece na cidade. Só fica sabendo depois que já aconteceu. Eu queria que... é fizesse alguma coisa para que o povo de Chapada não precisasse sair para fora, prá sofrer lá. Que eles tivesse emprego aqui, fixo. Que eles pudesse sustentar sua família. Que o prefeito pudesse trazer retorno para essa cidade, não buscar pessoas de fora para vir para cá prá trabalhar. Para eles ter um pouquinho de pena, de... compreensão com o pessoal da zona rural, por exemplo, o pessoal daqui da cidade (...). Eles acha que não sofre. Só que eles sofre calado, porque eles tem medo de falar. (...) Aí eu tenho um sonho assim de que...sabe, eu tenho uma visão assim de Chapada de uma maneira diferente... o pessoal naquela tradição, naquela cultura, sabe, naquele... todo mundo tá feliz porque tá dando tudo certo, mas isso é um sonho, né. Pode se tornar realidade uma parte do sonho...” [sexo feminino, 19 anos, 8ª série do 1º grau, estudante, moradora da cidade]*

A fala desta moça é oportuna para retomar uma nota de rodapé, lá atrás, que fala sobre a ausência de uma cultura cívica que freqüentemente tem minado toda e qualquer iniciativa que salvasse os direitos civis. Portanto, Carvalho (1991), o autor citado, alude, justamente, sobre esta falta de *espírito cívico* como uma herança da escravidão: uma espécie de contaminação da alma dos brasileiros ( os negros ) que, ao se verem livres, passaram também a escravizar. Neste sentido, os jovens de Chapada do Norte têm uma visão crítica sobre a realidade em que vivem e apontam para o fato de que a frustração é sentimento com o qual também se aprende a conviver:

*“E: \_ Eu acho que todo mundo se sente frustrado aqui, porque por mais que você saia do seu lugar para você estudar, você sabe que você vai sair para estudar, mas você pensa em voltar pro seu lugar, quando você se formar, prá você trabalhar ali, né. Porque aqui... você forma, mesmo você formando, aqui não tem como. Você vai voltar aqui para trabalhar, não tem, não tem muito é...”*

*P: \_ Campo?*

*E: \_ Campo de emprego aqui, né. Isso dá uma certa frustração em todo mundo. Cé tá saindo, cé tá sabendo: eu vou sair, mas eu posso voltar quando eu estiver aposentado e tal... Daqui a muito tempo, né.”* [sexo masculino, 21 anos, 2º grau completo, estuda fora, morador da cidade]

Porém, mesmo com esta visão sobre as dificuldades do lugar, este jovem me diz que pretende se formar e voltar para Chapada:

*“E: \_ Ah, o meu sonho é estar formado , estar tranqüilo, entendeu? ... Eu não sonho muita coisa, não.*

*P: \_ Não !? ...*

*E: \_ Eu quero, assim... formar, ficar tranqüilo, ter um emprego legal, né.*

*P: \_ Hum, hum.*

*E: \_ É isso! ... e voltar prá'qui. [risos] É, trabalhar aqui.*

Não muito diferente deste jovem da cidade, ao entrevistar um rapaz da zona rural, observei que este, mais ainda, ao contrário de desejar ser independente, sair da casa dos pais, ter casa na cidade, deseja não deixar a terra. Provavelmente porque sua família ali está e, a exemplo desta, também deseja formar a sua; porém, contrariamente ao rapaz citado anteriormente, este abandonou os estudos.

*“P: \_ Você tem vontade de morar fora daqui?*

*E: \_ Não.*

*(...)*

*P: \_ Você tem algum sonho(...) que quer realizar?*

*E: [suspira... silêncio]*

*P: \_ Hum...? [insisto]*

E: *\_ Sonho ter minhas coisas...*

P: *\_ Ter suas coisas... que coisas? Ter sua casa?*

E: *\_ É*". [17 anos, 4ª série do 1º Ciclo do Ensino fundamental, nunca migrou, morador da zona rural]

Todavia, muito provavelmente, para os jovens da zona rural quando o sonho de continuar estudando, formar-se e ter uma profissão desmancha-se, a possibilidade de realização, de mudar de vida vem através do casamento. Foi o que ouvi de uma moça [ 24 anos, 2ª série do 1º Ciclo do Ensino Fundamental ] que havia acabado de voltar da *panha* do café no sul de Minas Gerais. Quando lhe perguntei se ela tinha algum projeto para o futuro, algum sonho:

*“E: \_ Tenho uma coisa que eu penso mais. Fosse uma coisa assim que eu pudesse...! Continuar é... a minha escola de novo. Aí eu não queria saber nem de casamento, nem de nada, só queria saber de estudar. [silêncio] Acabou, não tem jeito.”*

Insisti na perspectiva de que aquele sonho poderia se realizar, mas ela não se animou. Disse-me que é difícil, pois: *“se fosse mais perto de casa aí era fácil, mas é muito longe de casa, não dá prá ir e voltar todo dia, também queria estudar à noite, aí o dia trabalhava em casa e à noite ia estudar...”*. Não há ônibus escolares para zona rural à noite, somente durante o dia.

Portanto, os jovens convivem com o conflito: por um lado, o desejo de autonomia que se expressa na possibilidade de irem e virem, de terem seu próprio dinheiro para realizações individuais versus o sonho de realizar-se através do que é o modelo familiar local. Parece-me que para muitos desses jovens, sobretudo, os da zona rural ainda permanece a proposta de serem como os seus pais, enquanto que o projeto de estudo frustrado se justifica pelas dificuldades ou simplesmente pelo desinteresse e desânimo.

Todavia, existem aqueles que desejam expressar-se de modo diferente e também contribuir para que outros jovens possam ter outras alternativas quanto à maneira de pensar, agir e se posicionar diante da sociedade. Dentre estes, alguns são jovens considerados “problema” na escola por não se adaptarem à sala de aula, são os “bagunceiros”. Por sua vez, estes também acabam abandonando a escola para

trabalharem na própria cidade em subempregos como: pedreiro, carregadores de caminhão, ajudantes de pintor. Ou entram para o grupo de teatro da cidade; ou aventuram-se e partem para outros centros, sobretudo, para os municípios e capital do Estado de São Paulo, empregando-se em trabalhos também subalternos, até poderem voltar ou até não mais poderem voltar, pois significa que já venceram a saudades, conseguiram estabelecer-se na nova terra<sup>145</sup>.

O perfil dos jovens de Chapada do Norte traduz que viver no sertão mineiro, significa o desafio de aventurar-se rumo ao desconhecido, saindo, buscando “conhecer o mundo”, muitas vezes incentivados pelos próprios pais, e isto não significa apenas ingressar no processo da migração sazonal. Ou permanecer no lugar e trilhar os passos dos pais, tendo a migração sazonal, portanto, como uma garantia para a permanência na terra; ou ainda, ficar e perseguir o projeto de constituir família, fazer um bom casamento, o que não quer dizer, casar-se com alguém rico ou com posses, tão somente, mas com alguém que tenha um trabalho, que tenha casa própria e/ou condições para vir a tê-la.

No entanto, ficar no lugar é também uma aventura, pois nem sempre as coisas correm conforme o sonhado. Neste caso, estou me referindo, principalmente, às moças mães-solteiras e, em menor grau, aos rapazes, porque são os que sofrem menos com as reprovações do grupo sendo pais-solteiros. Portanto, o acontecimento da gravidez fora do casamento pode representar, num primeiro momento, um obstáculo para a realização do projeto de um bom casamento, gerando outros conflitos.

Assim, este trabalho fala de jovens cuja “criação” determina, em muito, seus modos de “ser, sentir e representar-se”, tanto, que a ruptura dos pais com a condição de criança de seus filhos jovens é mais demorada. Mas também é ambígua esta observação, pois se no espaço público os jovens são tratados como os que “não têm nada na cabeça”, no plano privado, os jovens são encaminhados para assumirem responsabilidades desde cedo, ao passo que, é neste mesmo espaço público que as cobranças das responsabilidades acontecem através dos cuidados, da “vigilância” civil.

Esta afirmativa se faz possível, a partir da experiência vivida quando ao tentar conhecer os jovens – possíveis entrevistados – os adultos se impuseram. Se impuseram

---

<sup>145</sup> Cf. observações de uma professora [ 27 anos, (temporária)] na escola da cidade “Monsenhor Mendes” , estes jovens são, quase sempre, criativos e críticos.

ora curiosos ora inquiridores; ora vaidosos de que pudessem me falar sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário, mas acima de tudo, cuidadosos e receosos sobre a capacidade dos jovens de falar sobre qualquer assunto.

Neste sentido, se ser jovem em Chapada do Norte, como me disse a moça, é “padecer num paraíso”, esta declaração reflete um universo de dúvidas quanto ao próprio futuro, pois ao que tudo indica a juventude é vista, por eles – os jovens - como “uma fase” que logo se antecipa, se precipita à vida adulta, marcada pelas “rédeas curtas” da família nuclear ou da “grande família”, portanto, por uma educação rigorosa, mais ou menos flexível conforme o contexto familiar, seja na zona rural ou na cidade.

Então, a *grosso modo*, esta juventude investigada se caracteriza como *rurbana* dado a possibilidade deste contato, cada vez mais aproximado, de campo e cidade, de tal modo, que os jovens assimilam, cultivam traços, valores da cidade no campo, do campo na cidade; porém, não significa que isto esteja acontecendo num contexto isento de conflitos, ambigüidades e incertezas.

Contudo, a combinação das influências da “criação” familiar, que tem traços singulares, mais o crescente transitar por “diferentes contextos sociais”, demonstrou que ao investigar a juventude rural do sertão mineiro, me deparei com jovens, rapazes e moças, com diferentes maneiras de pensar, de agir e se posicionar (Machado Pais, 1993), de tal modo, que é possível, então, falar de “culturas juvenis” sertanejas.

## **VI – DO “ATÉ AQUI...” DA TRAVESSIA**

Com isto ao recontar aspectos do cotidiano dos moradores de Chapada do Norte, da roça e da cidade, busquei apreender o contexto no qual os jovens estão imersos, a partir do próprio contato pesquisadora e pesquisados, de tal modo que esta imersão no campo me colocasse as falhas, assim como, os rumos que deveria tomar ou rever acerca do próprio objeto de pesquisa.

Neste sentido, a noção de diálogo proposto, sobretudo entre Antropologia e Educação levou-me à tentativa de viver a experiência dos sujeitos investigados, seja pela observação, seja através dos depoimentos, das confidências, do dito e do não-dito presentes no cotidiano; do confrontar-se e ser confrontado - reconhecendo que enquanto

pesquisadores levamos outras informações que mesmo caladas, falam pelo estar, pela nossa presença em nada simples.

Todavia, este constante reaprender que a pesquisa de campo impõe, é, justamente, o ato de remar em busca da “terceira margem do rio...” – da cultura – comum à Antropologia e à Educação, especificamente das “culturas juvenis” sertanejas que se/nos traduz a partir do cotidiano. Sendo assim, o diálogo é importante para compreender contexto tão complexo, marcado por inúmeras dificuldades: o analfabetismo, a repetência e a evasão escolar. Portanto, a Antropologia comunica, desde dentro, para o campo educacional as “rotas” da diversidade desta sociedade.

Ao acompanhar os jovens no seu cotidiano foi possível percebê-los nos seus diferentes “modos de ser, ver e sentir” e comprovar, portanto, a sua heterogeneidade, enquanto um “... conjunto diversificado de modos de vida”, como observou Machado Pais (1993:318) em seu estudo junto a juventude portuguesa. No entanto, as dimensões desta observação, para o caso de Chapada do Norte, devem ser aqui relativizadas, sobretudo, quando comparados num contexto de zona rural e zona urbana do sertão mineiro. Esta comparação considera, portanto, a diversidade no qual se combinam “práticas e valores originários de universos culturais distintos”, identificado como “rurbanização” (Carneiro, 1998:115), de tal modo a influenciar na construção das identidades juvenis.

Portanto, outro desafio nesta pesquisa foi a luta contra o próprio tempo (prazo para a realização do Mestrado) frente a riqueza e complexidade do objeto investigado, de tal modo, que mais do que respostas, este trabalho traz perguntas. No entanto, foi possível chegar a algumas reflexões, respostas aproximadas para as perguntas iniciais. Sendo assim, observo que afirmar que estes jovens estão entre a “tradição” e a mudança implica, justamente, em trazer à discussão a caracterização desta sociedade e da juventude rural, a partir de sua heterogeneidade.

Para tanto, a seguinte digressão inspirada no que escreveu Gasset em 1927 sobre o fato de que “(...) todas as gerações do século XIX aspiraram a ser maduras o mais rápido possível e sentiam uma estranha vergonha de sua própria juventude. Compare-se com os jovens atuais – de ambos os sexos – que tendem a prolongar indefinidamente sua juventude e instalam-se nela como se fosse definitiva. (1987: 243)”, é para refletir sobre

o vivido por estes muitos jovens de Chapada do Norte, principalmente, os que vivem na zona rural.

Deste modo, se impôs o seguinte questionamento: não trariam eles as marcas desse sentimento de serem maduros, adultos o mais cedo possível, seja pelas próprias condições de vida que os chamam à responsabilidade muito cedo, seja pela necessidade de serem respeitados pelos adultos no qual se espelham? Mas também se neste entrelaçamento da zona rural com a zona urbana, o conflito que vai se formando lentamente frente a proximidade dos valores citadinos, forçando a mudanças nos modos, nos usos, nos costumes não estariam, estes jovens, mergulhados numa confusão diante da ambivalência de valores que os ligam às gerações mais velhas frente o “moderno” que se anuncia?

Pensando assim, estaria considerando que mesmo numa sociedade, por vezes, dita conservadora, fechada vê-se brechas de flexibilidade, mais acentuada no urbano menos no rural, de tal modo, a questionar até mesmo se sempre foi tão fechada? Mas se existe esta “luta misteriosa” entre “modernidade” e “tradição”, entre jovens e adultos maduros, de tal maneira, a serem estes os que se dizem incompreendidos pelos primeiros, também é fato, que como coloca Gasset (1987:240) *“masculinidade e feminilidade, juventude e senectude são dois pares de potências antagônicas. Cada uma dessas potências significa a mobilização da vida toda num sentido divergente da sua forma oposta. São como que estilos de vida diversos. (...)”*

Isto significa que cada geração sempre tenderá a arrastar a outra para sua existência. No entanto, em Chapada do Norte, a relação entre jovens e adultos maduros sugere contraste e complemento, pois - pelo observado - a identidade juvenil se firma a partir dos modelos que lhes são transmitidos, mas opõe-se na medida em que também buscam viver sua individualidade, abrindo brechas rumo a uma liberdade desejada, porém, cerceada. Portanto, mesmo que se possa verificar traços que representem uma mudança nos modos e costumes do grupo introduzidos pelos jovens ou a partir deles, existe o peso da família, da “criação” a guiar suas condutas; assim como, nas relações de gênero cuja ênfase dada à hierarquia se conjuga cotidianamente entre homens e mulheres.

Deste modo, quando os adultos referem-se aos jovens como “os que não têm nada na cabeça...”, estão dizendo que “eles” – os jovens – não os compreendem, pois deveriam

seguir seus ensinamentos até assumirem o *status* de adulto responsável. Se os jovens respeitam ou não, os dados não possibilitam tal consideração, mas confirmam sobre uma sociedade que ainda se pauta pela hierarquia e pelas responsabilidades. Mas se ao se falar de “tradição” se pressupõe aquela que é passada de geração à geração, de pai para filho e que se reinventa, que escolhe a morte daquilo que deixou de ter significado, de tal modo, que a flexibilidade garanta sua continuidade<sup>146</sup>, também devemos considerar que nesta existe o conflito, o espaço para a ruptura<sup>147</sup>, para a transgressão.

Portanto, se nenhuma sociedade é totalmente “tradicional” nem totalmente “moderna” haverá aquela em que, numa dessas bases, se estabeleça ou se mesquem nestes dois componentes (Bobbio, Matteuci e Pasquino, 1993:777), “tradicional” e “moderno”. Neste sentido, o que se pensa é que este município de Chapada do Norte, é representativo para se refletir sobre uma sociedade culturalmente em “transição permanente”, tal como diz Eco (1984), pois adota novos métodos de adaptação, se readaptando continuamente, impulsionada, muitas vezes, pelas gerações mais novas e, sobretudo, pelo próprio mundo “moderno”, dado ao processo intensificado da comunicação.

Esta sociedade atrelada a um passado (= “tradição”) que se recicla, mas não se extingue, com seus velhos vivos ou mortos, cotidianamente ressuscitados, é a

---

<sup>146</sup> Para esta concepção de tradição também corresponde a definição de folclore dada por Luís da Câmara Cascudo que diz: “*é a cultura do popular, tornada normativa pela tradição.(...) O folclore inclui nos objetos e fórmulas populares uma quarta dimensão, sensível ao seu ambiente. Não apenas conserva, defende, e mantém os padrões imperturbáveis do entendimento e ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas seqüências ou presença grupal. (...)*”. In **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1988, pp.334.

No entanto, poderemos verificar que Eric Hobsbawn também alude sobre o aspecto não imutável das “tradições” quando observa que “*o termo ‘tradição inventada’ é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez.*” Por isto o autor difere o termo do “*costume*”, vigente nas sociedades ditas “tradicionalistas”. pois entende que o “costume” não é invariável e portanto, ele pode modificar a “tradição”. In HOBBSAWN, E. e RANGER, T. (orgs.) “Introdução: A Invenção das Tradições”. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pp. 09-10.

<sup>147</sup> “*Nietzsche foi sem dúvida o pensador que soube, como ninguém visualizar os conflitos entre tradição e ruptura – tal é mesmo o motivo condutor de toda sua obra. (...) Trata-se do fragmento de número 65 da obra ‘A vontade de poder’: ‘o que hoje mais se ataca é o instinto e a vontade da tradição: todas as instituições que devem a sua origem a esse instinto opõem-se ao gosto do espírito moderno... No fundo não se pensa e não se faz nada que não persiga o objetivo de arrancar pelas raízes esse sentido da tradição. Torna-se a tradição como fatalidade; ela é estudada, é reconhecida (como ‘herança’), mas não se a quer. (...)*”. BORNHEIM, G., “Conceito de tradição”. In BORNHEIM, G. et al. **Cultura Brasileira**:

conjugação de um passado que foi melhor. Assim, é possível fazer um paralelo com o que observa Eco (1984) quando aponta que a *“Idade Média conservou a seu modo a herança do passado não para hibernação, mas para contínua retradução e reutilização, foi uma imensa operação ‘bricolage’ em equilíbrio instável entre nostalgia, esperança e desespero”* (p.99).

Por esta perspectiva de Eco (1984) seria possível indagar: será que os jovens da zona rural de Chapada do Norte tendem mais à continuidade da “tradição”, especificamente a constituição de família, se pensada como fazendo parte de *“... um conjunto de tradições: as crenças, os costumes, as canções, a cozinha, a casa, a família, (...)”*, tal como aborda Carpeaux (1999:199-200)?; a permanecer na terra seguindo os passos da migração sazonal; revalorizar as práticas folclóricas que passam por um distanciamento-afastamento e depois, podem vir a ser assumidas enquanto valor, novamente?

Em contrapartida, ao verificar que para os adultos maduros a sexualidade, a gravidez são questões que os preocupam com relação aos jovens, é verdade que mais do que respostas, emergiram desta investigação perguntas que talvez sejam a bússola para se compreender as mudanças que a “modernidade” nos impõe, não menos em Chapada do Norte.

Portanto ficam as perguntas: qual o peso que, sobretudo a gravidez precoce, fora do casamento tem numa sociedade como esta de Chapada, principalmente na zona rural? Significa a reafirmação, reelaboração dos valores da família, de solidariedade ? Ou da busca de um tipo de liberdade individual descompromissada, então, de acordo com um modelo cidadão? Representa uma “ameaça” à própria idéia de continuidade baseada numa certa moral, uma ética local em detrimento de outra? Qual?

Todavia, a constatação da não existência de um “tipo ideal de jovem” do sertão, reforça a necessidade de um maior aprofundamento frente a sua heterogeneidade cultural, sobretudo, em questões que dizem respeito à transição para a vida adulta. Deste modo, não foi possível saber se o casamento ainda é um marco nesta transição ou se é apenas mais um de um conjunto; se o nascimento de um filho, mesmo fora do casamento, tem igual valor, como status de adulto para o coletivo e/ou para os jovens; o quê a gravidez

fora do casamento representa no contexto familiar sertanejo?; quais os “mecanismos imaginários” para esta passagem de jovem à adulto, tanto para as moças quanto para os rapazes? Então, penso que as trajetórias juvenis do sertão e os seus projetos de vida, requerem ainda maior estudo<sup>148</sup>.

Por fim, até aqui, estas questões de extrema relevância se impõem como uma proposta de continuidade, portanto, num projeto de doutoramento, de tal sorte que seja mais uma contribuição para o conhecimento sobre a juventude no meio rural. Consta como apêndice, o roteiro em prosa poética para algumas imagens dos jovens nos vários momentos de seu cotidiano. Estas imagens resultam num videotexto: um diário imagético do campo e num segundo volume desta dissertação. Deste modo, nesta travessia rumo ao sertão mineiro pretende-se ter dado, com este trabalho, mais um passo.

---

<sup>148</sup> Cf. o que observa CARNEIRO, M. J. : *“Projeto – definido por Schutz como ‘ a conduta organizada para atingir finalidades específicas’ – associado à idéia de ‘ campo de possibilidades’ (dimensão sócio-cultural, espaço para formulação e implementação de projetos) nos ajuda a entender as trajetórias individuais ‘como expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades’ (Velho, 1994:40).”* In Op. Cit. 1998, p. 110.

## VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, H. W. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: editora Página Aberta Ltda., 1994.
- AFONSO, A. J. “Sociologia da Educação não-escolar: Reactualizar um objeto ou construir uma nova problemática?”. In ESTEVES, A.J., STOER, S.R. (orgs.) *A Sociologia na escola – Professores, Educação e Desenvolvimento. Biblioteca das Ciências do Homem*. Edições Aprimoramento. Porto, 1992.
- ALMEIDA, M.W.B. de. “Redescobrimo a família rural”. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*. CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos/ USP) nº 1, vol.1. junho de 1996.
- ALVES, R. *E Ai?: cartas aos adolescentes e a seus pais*. Campinas: Papyrus: Speculum, 1999.
- AMARAL, L. “Do Jequitinhonha aos Canaviais: em busca do paraíso mineiro”. In *Revista Painel de Humanas*, Juiz de Fora, 6(2):87-105, jun.,1991.
- ARANTES, A. A. *O que é Cultura Popular*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_ [et al.] *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1994.
- BARROS, F.B. *Confederação dos Índios Guerens – 1568*. Anais do Arquivo Público e Museu do estado da Bahia. Bahia, Imprensa Official do estado, (4-5): 173-182/232-235.
- BENEDICT, R. “Introdução”, “A Ciência do Costume”. In *Padrões de Cultura*. Trad. Alberto Candeias. Coleção Vida e Cultura. Edição “Livros do Brasil Lisboa, s.d.
- BOBBIO, N., MATTEUCCI, N. e PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Vol. 2. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1993, pp. 774-776.
- BOGDAN, R.C., BIKLEN, S.K. “Os textos escritos pelos sujeitos”. In *Investigação Qualitativa em Educação*. Portugal, Porto Editora, Lda. 1994.
- BORNHEIM, G. “O Conceito de Tradição”. In *Cultura Brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987, pp. 13-29.

- BOSI, A. “Plural, mas não caótico”. In *Cultura Brasileira: Temas e Situações*. S.Paulo: Ed. Ática, 1987.
- BOURDIEU, P. “A ‘Juventude’ é Apenas Uma Palavra”. In *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.
- BRANDÃO, C.R. *A Cultura na Rua*. Papyrus, 1989.
- \_\_\_\_\_ *A Educação como Cultura*. São Paulo: Brasiliense, s/d.
- \_\_\_\_\_ *O que é Folclore*. Coleção Primeiros Passos. S.Paulo: Brasiliense, 1982.
- \_\_\_\_\_ “Cortejos, cantos e danças de negros em festas de Igreja”. In *Festim dos Bruxos: estudos sobre a religião no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Ícone, 1987.
- \_\_\_\_\_ “Cultura camponesa e escola rural”. In *O trabalho de Saber – Cultura camponesa e escola rural*. São Paulo: FTD, 1990.
- BURKE, P. *Cultura Popular na Idade Moderna*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CALVINO, I. “O modelo dos modelos”. In *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMPOS, M.M.M. “Infância Abandonada – o piedoso disfarce do trabalho precoce”. In MARTINS, J. de S.(coord.) *O massacre dos Inocentes – A criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- CANDIDO, A. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.
- CARDOSO, M. “O Mito e A Ciência na Bíblia”. *Revista Veja*. (Religião), ed. 1610, n.º 32. 11 de Agosto de 1999, p. 84.
- CARNEIRO, M.J. “O ideal *rurbano*: campo e cidade no imaginário de jovens rurais”. In DA SILVA, F.C.T., SANTOS, R., COSTA, L.F.de C. *Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- CARPEAUX, O.M. “Terceira Parte: Julgamentos – Tradição e tradicionalismo”. In *Ensaio Reunidos (1942-1978)*. Vol. I. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 1999, pp. 199-204.
- CASCUDO, L.da C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1993.

- CERTEAU, M. “Espaços e Lugares”. In *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CÉSAR, M. R. de A., *A Invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1998.
- CORRÊA, M. “Repensando a Família Patriarcal Brasileira”. In ARANTES, A. A. [et al.]. *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, pp.15-42.
- COSTA, W. N. G. *Os Ceramistas do Vale do Jequitinhonha: uma investigação etnomatemática*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1997.
- DaMATTA, R. *A Casa & A Rua – Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_ “Antropologia da Saudade”. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais! 28 de junho de 1992, pp. 6-4/6-5.
- DAWSEY, J. C. “ ‘Caindo na Cana’ com Marilyn Monroe: Tempo, espaço e ‘bóias-frias’ ”. In *Revista de Antropologia, São Paulo, USP*, 1997, v. 40, nº, pp. 183-225.
- DEL PRIORE, M. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. S.Paulo: Brasiliense, 1994.
- DEMARTINI, Z. de B. F. “O coronelismo e a educação na Primeira República”. In *Educação & Sociedade*. Págs. 45-74. n.º 34. Dez./1989.
- DEMARTINI, Z. de B.F., LANG, A.B. da G. “Considerações a respeito dos conceitos de Educação e de Rural”. In *Educação e Trabalho: um estudo sobre produtores e trabalhadores na agricultura paulista*. São Paulo, CERU e FFLCH/USP, 1983 (Col. Textos, 6).
- DURHAM, E. R. “Cultura e Ideologia”. In *dados – Revista de Ciências Sociais*. Publicação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Vol. 27, n.º 1, 1984, pp. 71-89.
- DURKHEIM, E. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos,; FENAME, 1978.
- ECO, H. “A transição permanente”. In *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 99.
- FERNANDES, F. *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967.

- FIGUEIREDO, L. “Mulheres Nas Minas Gerais”. In DEL PRIORE, M. (org.); BASSANEZI, C. (coord. de textos) *História da Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 141-188.
- FRANKL, V.E. “O sentido da vida”. In *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo, Editora Sinodal, 2ª edição. Petrópolis, editora Vozes, 1991.
- FUKUI, L. F. G. *Sertão e Bairro Rural (Parentesco e Família entre Sitiantes Tradicionais)*. São Paulo: Ed. Ática, 1979.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GODOI, E. P., “O Sistema do Lugar: história, território e memória no sertão”. In NIEMEYER, A. M. de, e GODOI, E. P. (orgs.) *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- GOMES, Z. *Cofre de Lembranças: Uma trabalhadora rural do Jequitinhonha conta sua história*. Belo Horizonte: Editora Canoa da Letras, 1997.
- GRAMSCI, A ., “A Organização da Escola e da Cultura”. In *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 9ª ed., 1995.
- GUSMÃO, N. M. de. “Antropologia e Educação: origens de um diálogo”. In GUSMÃO, N. M. M. de, (org.) *Antropologia e Educação: Interfaces do ensino e da pesquisa*. CADERNOS CEDES, 43. Campinas: Unicamp, CEDES, 1997, p. 8-25
- GUSMÃO, N. M. M. de, *Terra de Pretos, Terra de Mulheres – Terra, Mulher e Raça num Bairro Rural Negro*. Ministério da Cultura – Fundação Cultural Palmares, 1995.
- 
- Fundo de Memória: Infância e escola em famílias negras de São Paulo. In *CADERNOS CEDES, 42. Família, Escola e Sociedade*. Campinas: Unicamp, CEDES, 1997, p. 53-74.
- 
- “Mulher Negra: a ressonância de um olhar”. In *Cadernos CERU – n.º 6 – Série 2*, 1995, pp. 105-136.
- HARAZIM, D. “A Solidão do Não Saber”. *Revista Veja*. Especial. Edição 1541. Ano 31, n.º 14. 08 de Abril, 1998, pp. 86-89.

- HOBBSAWM, E. e RANGER, T. (orgs). “Introdução: A Invenção das Tradições”. In *A Invenção das Tradições*. S. Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOBBSAWM, E. “Revolução Cultural”. In *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 314 -362.
- HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Prefácio de Antônio Cândido. 13<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- IBGE – *Enciclopédias dos Municípios Brasileiros do Estado de Minas Gerais* (1958-59). Introdução e Volumes: XXIV, XXV, XXVI, XXVII.
- \_\_\_\_\_ CD-Rom – *Contagem População – 1996 / Sistema Recuperação Informações Municipais – Minas Gerais*.
- ITURRA, R. “*Vida cotidiana, família y masculinidad*”. In *Sociológica – Vida Cotidiana y sentido común. Enfoques Teóricos y aproximaciones empíricas*. UNAM – México, Mayo – Agosto, 1996
- KRENAK, A. In *Antropologia e Seus Espelhos – A etnografia vista pelos observados*. Seminário Temático Antropologia e seus Espelhos. FFLCH – USP. São Paulo, 25,26 e 27 de maio de 1994.
- MACHADO FILHO, A. da M. *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de S.Paulo, 1985.
- MACHADO PAIS, J. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- MANUAL DE COMUNICAÇÃO CRIANÇA- PADRINHO. “*Breve histórico do Fundo Cristão para Crianças*”. Chapada do Norte – MG.
- MARCHELLO-NIZIA, C. “A Cavalaria, Uma Ética Profana”. In LEVI, G., SCHMITT, J.C. (orgs.) *História dos Jovens*. São paulo: Companhia das Letras. Vol. 1, 1996.
- MARQUES, M. L. et al. *Ser Negra no Vale – Um estudo sobre representações de identidade entre mulheres negras de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha*. 1988-1989 (mimeo).
- MARTINS, J.de S. *Fronteira – A degradação do Outro Humano*, São Paulo: Hucitec, 1997.
- MARTINS, H.H.T.de S. “Técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa: oposição ou convergência?”. In *Cadernos CERU – nº.03 – série II – 1991*.

- MINAS GERAIS – Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais. *Audiências Públicas Regionais 1997*. Região: Jequitinhonha/Mucuri – Contagem Populacional IBGE/1996.
- \_\_\_\_\_ - Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral – Seplan. *Perfil Sócio-econômico da Região de Planejamento IX Jequitinhonha/Mucuri*. Vol. IX, Belo Horizonte, 1994, p. 21.
- MORIN, E. “A ética da Comunidade”. *Os Meus Demônios*. Portugal: Publicações Europa-América, 1945-1995.
- MOURA, M. M. “A morte de um Rei do Rosário”. In MARTINS, J. de S. (org.) *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1983.
- \_\_\_\_\_ *Os Deserdados da Terra*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988.
- PASTORAL DOS MIGRANTES – SAZONAIS. “*Deus Abençõe Quem Fica e Quem Parte: cartas de cá e de lá.*”, 1992.
- PATRIMÔNIO CULTURAL DE MINAS GERAIS – *Chapada do Norte* – Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte, 9(2):81-116, jul. 1980, p.102.
- OLIVEIRA, R. C. “Leitura e Cultura de uma Perspectiva Antropológica”. In *Sobre o Pensamento Antropológico*. Tempo Universitário 8, Rio de Janeiro, 1988.
- ORTEGA Y GASSET, J. “Juventude”. In *A Rebelião das Massas*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1987, pp. 239-248.
- PAMPLONA, G., RODRIGUES, A. “As mulheres de Atenas”. *Revista Isto É*. Cena Brasileira. ed. 1281. 20/04/1994, pp. 64-65.
- PORTO, L. de M. *A Reapropriação da Tradição a partir do Presente: Um estudo sobre a Festa de Nossa Sra. do Rosário de Chapada do Norte/MG*. Dissertação de Mestrado. UnB, Depto. de Antropologia, Brasília, 1997.
- PRADO, A. *Chorinho Doce*, Poemas. BISILLIAT, M., Imagens. São Paulo: Alternativa, 1995.
- QUEIRÓS, M. I. P. de, “I – Reflexão Metodológica – Reflexão Tecnológica: Convergências e Contrastes”. In *Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva*. São Paulo, CERU e FFLCH/USP, 1983. (Col. Textos, 4). 2ª ed.

- RADCLIFFE-BROWN, A. R., 1881. Cap. IV “Os Parentescos por Brincadeira”. Cap. V “Nota Adicional sobre os Parentescos por Brincadeira”. In *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis, Vozes, 1973.
- RAGO, M. “Trabalho Feminino e Sexualidade”. In DEL PRIORE, M. (org.); BASSANEZI, C. (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 45-77.
- RATTNER, J. “Entrevista de José Saramago”. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais! domingo, 28 de Junho de 1992, p.6-7.
- RIBEIRO, R. F. *Campesinato: resistência e mudança – o caso dos atingidos por barragens do Vale do Jequitinhonha*. Tese de Dissertação. FAFICH/ Belo Horizonte, 1993.
- ROMANELLI, O. de O. “Introdução”. In *História da Educação no Brasil (1930/1973)*. Petrópolis, Editora Vozes, 1998.
- ROSA, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- \_\_\_\_\_ “Diálogo com Guimarães Rosa” – Günter Lorenz. In *Ficção Completa*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1995.
- ROUANET, S. “A deformação da percepção externa”. In *A Razão Cativa – as ilusões da consciência: de Platão a Freud*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- SAFFIOTI, E.I.B. “Diferença ou Indiferença: Gênero, Raça/Etnia, Classe Social”. In ADORNO, S. (org.) *A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade. Cadernos de Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia*. Número Especial (1995). Porto Alegre:PPGS/UFRGS, 1993, pp. 159-165.
- SAINT-HILAIRE, A. Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. 2 Tomos. Col. Brasileira (26), Tomo 2. Cia. ed. Nacional, S.P., 1983, p.15. apud SILVA, M.A.M. *Fome: A Marca de Uma História* (mimeo), p. 04-05.
- SAHLINS, M. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- SANTOS, B. de S. “Para uma Pedagogia do Conflito”. In SILVA, L. H. [et. al.] (org.) *Novos Mapas Culturais. Novas Perspectivas Educacionais*. Ed. Sulina, SME. Porto Alegre, 1996.
- SANTOS, J. F. dos. *Memórias do Distrito Diamantino*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

- SANTOS, J. V. T. dos. “A Construção da Viagem Inversa – Ensaio sobre a investigação nas Ciências Sociais”. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, 3 (3), jun./jul. 1991.
- SARTI, C. A. *A Família Como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SCARANO, J. *Cotidiano e Solidariedade – Vida diária da gente de cor nas Minas Gerais – Século XVIII*. S.Paulo: Ed. Brasiliense, 1ª ed., 1994.
- SILVA, M. A. M. “Em busca de um tempo e de um lugar perdido”. In *De Fato* – Revista trimestral da Central Única dos trabalhadores – Brasil, ano 2, n.º 03 – São Paulo, março/maio, 1994.
- \_\_\_\_\_ “A migração de mulheres do vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas a proletárias”. In *Travessia* – Revista do Migrante, Publicação do CEM – ano I, n.º 01, Maio/Agosto, 1988.
- \_\_\_\_\_ “Travessia” – *Revista do Migrante*. Publicação do C.E.M. – ano III. n.º 08. Setembro/Dezembro, 1990, p. 08.
- SPÓSITO, M.P. “Estudos sobre juventude em educação”. In *Revista Brasileira de Educação*. Número Especial – 5 e 6. ANPED. “*Juventude e Contemporaneidade*”. 1997, pp. 37-52.
- \_\_\_\_\_ “Educação e Juventude”. In *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.º 29, Junho/1999, pp. 07-13.
- SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO DE DIAMANTINA (11ª)- *PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – 1997/2.000* – Prefeitura Municipal de Chapada do Norte.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez: autores associados, 1992.
- THOMPSON, P. “Entrevistas”. In *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VALENTE, A. L. F. “Por uma Antropologia de Alcance Universal”. In GUSMÃO, N. M. M.de, (org.) *Antropologia e Educação: Interfaces do ensino e da pesquisa*. *CADERNOS CEDES*, 43. Campinas: Unicamp/CEDES, 1997, p. 58-74.
- \_\_\_\_\_ *O Negro e a Igreja Católica: o espaço concedido, um espaço reivindicado*. Campo Grande, MS: CECITEC, UFMS, 1994.

- VAN DER POEL, Frei Francisco – OFM. *Bibliografia do Jequitinhonha e outras coisas de lá*. Belo Horizonte, 1986.
- VELHO, G. e VIVEIRO DE CASTRO, E.B. “O Conceito de Cultura e o estudo de Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica”. In. *Artefato – Jornal de Cultura*. Ano I, n.º 01, editado pelo Conselho Estadual de Cultura, Rio de Janeiro, 1978.
- WERNECK, G. “No fio do facão”. Estado de Minas, Belo Horizonte, 07 de junho de 1998. Caderno Gerais/Especial. p. 26.
- WOORTMANN, E.F. “Família, mulher e meio ambiente no seringal”. In GODOI, E.P. de, NIEMEYER, A.M.de.(orgs.) *Além dos Territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- ZALUAR, A. *Cidadãos não vão ao Paraíso – Juventude e política social*. SP: Editora escuta; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- \_\_\_\_\_ “A Aventura Etnográfica: atravessando barreiras, driblando mentiras”. In ADORNO, S. (org.). *A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade – Cadernos de Sociologia / Programa de Pós-Graduação em Sociologia*. Número Especial (1995). Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1993, pp. 85-91.
- \_\_\_\_\_ “Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas”. In DURHAM, E.... et al., CARDOSO, R. (org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, pp. 107-125.

#### - Vídeos

**AS ANDORINHAS, Nem lá Nem cá. (fita VHS) De: Maria Aparecida Moraes Silva.**  
Produção: Unesp/Araraquara. Auxílio: CNPq/FUNDUNESP. Duração: 40 minutos, 1991.

**O JARRO. Direção de: Ebraim Foruzesh.** Irã, 1992, color., legendado (fita VHS).

#### - Músicas

- Biquini Cavado. *Janaína*. CD- biquini. com.br. Produzido por: Paul Ralphes e Carlos Beni.

- Coral Trovadores do Vale. *Ainda Bem Não Cheguei*. Araçuaí, Vale do Jequitinhonha – MG. Direção musical: Frei Chico. Regência: Sebastião Roque. Gravado e mixado no Studio Bemol em março/1984. (Disco de Vinil).
- Doroty Marques. *Arreuni* (Disco vinil - *Erva Cidreira*).
- Elis Regina. *Como Nossos Pais* (CD – Álbum)
- Gilberto Gil. *Parabolicamará*. CD - Parabolicamará. Produzido por Liminha. WEA, 1991.
- Zizi Possi. *Filho de Santa Maria*. CD – Mais Simples. Produção PolyGram. Direção Zizi Possi e Rodolfo Stroeter.

# APÊNDICE

## VÍDEO-TEXTO

**“Eles não têm nada na cabeça...”**  
(Duração: 9 minutos e 30 segundos)

Apresento abaixo o roteiro em prosa poética para as fotos que foram feitas durante as idas ao campo, município de Chapada do Norte (zona rural e zona urbana) – região do Vale do Jequitinhonha-M.G., no período de abril de 1998 a outubro de 1999. Este roteiro está costurado por alguns trechos de falas dos entrevistados; trechos de poemas, letras de músicas... As fotos me serviram como registro imagético para o sempre relembrar do campo, das situações vividas quando distante me encontrava. Sendo assim, ao selecioná-las neste inventário de imagens, procuro fornecer ao leitor um pouco mais de elementos, a fim de que possa avaliar e compartilhar desta minha viagem.

### **"Eles não têm nada na cabeça..."**

(Imagens Captadas por Vanda Silva)

Nas águas do Capivari  
 muito ouro aflorou  
 e a notícia se espalhou pelo sertão.  
 Os homens acorreram  
 milhares  
 bateias nas mãos  
 olhos iluminados de sonhos.

O tempo passou  
 ouro não há mais.  
 Hoje são quatorze mil, quatrocentos e oitenta e um habitantes  
 “todos pretos,  
 quase todos pretos”  
 (vieram de um quilombo - diz a lenda -,  
 seduzidos pelo ouro)  
 todos crentes  
 católicos  
 tementes a Deus  
 quase todos migrantes.

No cotidiano  
 na porta do Mercado  
 no pequeno comércio:  
 moça, mulher  
 da cidade ou da roça  
 oferece suas *quitandas*:  
 biscoito de goma  
 queijo

requeijão  
café  
doce [de leite]

*“A mulher, aqui na nossa região,  
a mulher é tudo. É o pai, é a mãe...”*

Na roça:  
uma casa que espera  
o forno aquecido para os biscoitos de goma  
uma chaleira velha  
a garrafa de café  
e a canequinha  
para uma “boca de pito”

É mulher na janela  
pintada de verde (esperança?)  
sorriso sem ilusões

Léguas para caminhar  
E outras léguas

*“Vou dobrar-me  
à regra nova de viver.  
Ser outro que não eu, até agora  
musicalmente agasalhado  
na voz de minha mãe, que cura doenças  
escorado  
no bronze de meu pai, que afasta os raios. (...)”*

Entre os 15 e os 25 anos  
os jovens deixam a escola.  
As moças persistem  
mais um pouco  
enquanto não ficam grávidas  
enquanto não se casam  
enquanto a vida não as leva  
para outro lugar

*“... Ou vou ser – talvez isso – apenas eu  
unicamente eu, a revelar-me  
na sozinha aventura em terra estranha? ...”*

Pequeno vai ficando o sonho:

[quadrinhos sobre desemprego/escolaridade]

Há pouca esperança...

Para os que estudam, porém,  
“Eu acho ela um pouco desorganizada, mal-estruturada, e ao mesmo tempo acolhedora”.

Os que querem continuar  
(se os pais têm dinheiro)  
devem ir para a cidade  
morar em repúblicas  
onde se estuda  
e se ouve música

Nos fins de semana  
a gente volta  
(é assim na roça...)  
“ajudar mãe nos serviços de casa”

É o rural no urbano:

É o urbano no rural:  
alunos e professores transportados  
todos os dias  
motos  
antenas parabólicas  
compradas com o dinheiro  
obtido lá fora  
(a esperança está fora...)

O jovem migrante  
segue os passos do pai  
e busca  
lá fora  
garantias para o seu futuro.

“*Minha família é o centro de tudo*”, diz a moça,  
sonhando já em constituir  
uma nova família.

*“ ... Agora me retalha  
o canivete desta descoberta:  
eu não quero ser eu, prefiro continuar  
objeto de família.”*

“O amor é firme  
o rabicho é forte  
o amor perfeito  
casamento é sorte”

Agora são marido e mulher.

*“De repente você não quer casar, mas quer o filho. E daí? A gente  
amadurece muito depois de ter um filho. (...).”*

Então, Riobaldo:  
*“Viver é um descuido prosseguido” ?*

O Sertão é feminino...

Rosário  
nome de mulher.  
Em Chapada do Norte  
Rosário é nome certo  
nome de Santa  
padroeira de negros e pobres.

Por isso  
quando é outubro  
Festa de Nossa Senhora do Rosário !  
chegam os que estão fora, os das redondezas,  
visitantes...  
o céu se ilumina de fogos  
o sino repica  
o crente “manda cair a casa”

A cidade se prepara  
veste-se moderna  
regozijam-se todos  
Com olhos iluminados  
pelo Mastro a Cavallo  
ou quase todos  
pois alguns já não são católicos...

Dançam, assistem aos shows  
Namoram, divertem-se.

Lazer  
sociabilidade  
bebedeiras  
cantorias  
os jovens brincam de seduzir  
se conhecem  
se reconhecem  
se diferenciam  
divertem-se

Nas águas do Capivari  
liberdade para brincar  
a cantiga que acalenta  
dormir na areia  
sem culpa.

Quando tem água  
a horta fica uma beleza  
e o trabalho não acaba nunca

Pequena é a quota de esperança  
Poucas canções  
nos lábios da lavadeira:

*“Agora que ela tá assim,  
encardida,  
a água do rio tá muito pouca.  
A roupa não fica cheirosa,  
não.”*

Na cidade  
crianças da roça dormem  
enquanto as mães aprendem  
(como melhorar a vida?  
como vencer a desnutrição?)

Do estrangeiro  
vêm cartas muito esperadas,  
dentro das cartas

cheques  
que exigem resposta

“Querido Padrinho,  
Saudações,  
Eu fiquei muito feliz com o presente de Natal de 5,00 dólares  
que em nossa moeda corresponde a 7,98 reais. Com este dinheiro  
vou comprar uma sandália.”

Às vezes  
o Padrinho se materializa  
a pele clara  
os cabelos louros  
diante de olhos curiosos...

E apesar de tudo  
têm sonhos:

*“Meu sonho é ser feliz, casar com um homem bonito”*

*“Eu não sonho muita coisa, não”*

*“Sonho em ser feliz”*

*“Sonho em continuar estudando, me formar, fazer doutorado... ter uma  
estrutura para ajudar minha família”*

*“Eu queria é que se fizesse alguma coisa para que o povo de Chapada não  
precisasse sair para fora, para sofrer lá...”*

Como disse o poeta:

*“O fio do sonho é apenas um cabelo*

*Mas se ele pinta na cabeça*

*É bom deixá-lo crescer”*

### **Citações Obras Literárias:**

*Fim da Casa Paterna*  
(Carlos Drummond de Andrade)

&  
(Eudoro Augusto)

*Grande Sertão: Veredas*  
(João Guimarães Rosa)

**Músicas:***Sertões*

(CD – Patu Fú: “Gol De Quem?”)

*Janaína*

(CD – Biquini Cavado: “biquini.com.br”)

*Ainda Bem não Cheguei*

(Disco – Coral Trovadores do Vale: “Ainda Bem não Cheguei”)

*Acidá*

(CD- Família Alcântara Coral)

*Bate Canela e Determinei...*

(CD – Mônica Salmaso: “Trampolim”)

*Parabolicamará*

(CD – Gilberto Gil: “Parabolicamará”)

**Equipamento utilizado (fotos):** 01 câmera manual - Pentax K1000  
(objetiva: 50mm) – 01 câmera automática – Kodak Advantix (2100 auto)

**Filmes:** Kodak *Gold* e Fujicolor *Quality* (coloridos)